

NAIARA THAIS ALVES DE SOUZA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

“A GENTE QUER DIZER QUE A GENTE EXISTE”: a geograficidade dos colonos da
Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna (Goianá, MG) a partir da relação topofílica com o lugar

Orientador:

Prof. Dr. Altair Sancho-Pivoto.

JUIZ DE FORA

2024

NAIARA THAIS ALVES DE SOUZA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

“A GENTE QUER DIZER QUE A GENTE EXISTE”: a geograficidade dos colonos da
Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna (Goianá, MG) a partir da relação topofílica com o lugar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Dinâmicas Espaciais, linha de pesquisa: Dinâmicas Socioespaciais, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestra em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Altair Sancho-Pivoto.

JUIZ DE FORA

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alves de Souza, Naiara Thais.

"A gente quer dizer que a gente existe" : a geograficidade dos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna (Goianá, MG) a partir da relação topofilica com o lugar / Naiara Thais Alves de Souza. -- 2024.

208 p. : il.

Orientador: Altair Sancho-Pivoto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

1. Colono. 2. Lugar. 3. Fortaleza de Sant'Anna. 4. Lugar de afeto.
I. Sancho-Pivoto, Altair , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO

“A GENTE QUER DIZER QUE A GENTE EXISTE”:
a geograficidade dos colonos da
Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna (Goianá, MG) a partir da relação topofílica com o lugar

Autora: Naiara Thais Alves de Souza

Orientador: Altair Sancho Pivoto dos Santos

Dissertação apresentada e aprovada em 1 de abril de 2024.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Altair Sancho Pivoto dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora -PPGEO -UFJF

Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta
Universidade Federal de Juiz de Fora -PPGEO-UFJF

Prof^ª. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora -FACED

Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus
Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG

JUIZ DE FORA

2024

Dedico este trabalho aos primeiros trabalhadores rurais dessas terras: indígenas, africanos, italianos e seus descendentes. Dedico aos que em Sant'Anna nasceram e se tornaram um "povo novo", o povo brasileiro - como disse, certa vez, o Sociólogo Darcy Ribeiro. E, por fim, dedico esta dissertação de Mestrado aos descendentes de todos esses trabalhadores pioneiros de Sant'Anna, especialmente, aos atuais trabalhadores santanenses.

Dedico este trabalho aos colonos da Fortaleza de Sant'Anna.

AGRADECIMENTOS

Ao povo de Sant'Anna que, material e imaterialmente, continua existindo nos ares, no solo e nas águas desse imenso lugar. Agradeço aos que se foram e aos que seguem existindo. Agradeço às influências dos bons espíritos santanenses, que, amparados pelo desejo de libertação das amarras e do cativeiro, me inspiraram.

À colona Bigó, à colona Fernanda e à colona Iranete Alves pelo apoio de sempre. Ao meu avô, Zezinho, colono que possui uma profunda ligação com a terra e que, por isso, também me inspirou a levar a existência dos colonos para o Mestrado. Obrigada!

Aos entrevistados colonos, mas, também, aos trabalhadores do MST, por terem me possibilitado o movimento de escuta.

Aos meus pais Iranete Alves e Carlos César pelo esforço de me impulsionar. Como filha de colona só pude vivenciar a Fortaleza de Sant'Anna como vivenciei, sem necessitar trocar o lápis pela enxada, graças a vocês. Estou muito grata!

Aos meus irmãos que me apoiaram, entenderam minha ausência e os períodos sobrecarregados com as tarefas do Mestrado. Ao Taiglison Wellerson, que aparecia sempre em silêncio no calar da noite, ou no raiar do dia, para dizer um “oi” enquanto escrevia esta dissertação. Assim, positivamente, sempre me assustava e, para além do susto, sempre vinha uma risada em meio a dificuldade da escrita. À Tainara Nays, que sempre está ao meu lado, nos momentos tristes e, também, nos felizes, sofrendo e se alegrando comigo. E ao meu sobrinho, Yuri Miguel, que, mesmo pequenino, soube respeitar meus momentos de estudos e de ausência.

Aos meus amigos(as) pelo apoio, pela compreensão, pelas dicas, pelas orações. Cada um tem uma participação especial nas entrelinhas dessa dissertação.

Aos meus professores que me proporcionaram momentos de aprendizagens, agradeço a todos e a todas, mas, especialmente, ao meu orientador Altair Sancho, que provocou a reflexão tantas vezes e aceitou o desafio de caminhar comigo nesta pesquisa. Agradeço também, em especial, ao professor Pedro Machado. Esse professor, fazendo o seu ótimo trabalho desde a graduação em Geografia, não somente provocando novos questionamentos, mas trazendo novos problemas e, de certa forma, ensinando a encontrar novos problemas geográficos nesse grande palco chamado Terra, e, que alguns ousam chamar de vida.

Assim como agradeço a esses professores, agradeço também à professora Juliana Maddalena, minha primeira orientadora de pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em Geografia). Ela me apoiou em uma escolha difícil. Precisei optar por continuar o Mestrado ao invés de permanecer trabalhando em um local (CAEd), o qual permaneci por quase oito anos e que, embora tenha sido também uma conquista, chegara ao fim para dar espaço a outro momento de vida.

Agradeço ao professor Leo Carneiro. Esse foi meu professor na graduação e meu orientador na especialização em Comunidades Tradicionais na UFJF. Foi para mim um grande mestre e um exemplo do qual me inspirei e continuo me inspirando. Ele compreendia as vivências no campo, as contradições, os conflitos territoriais e as lutas pela permanência no lugar. Ele dizia que nós pesquisadores não somos detentores do saber e que, possivelmente, em campo, iríamos aprender muito mais com os sujeitos de pesquisa do que nós (sujeitos-pesquisadores) poderíamos oferecer em troca. E, por isso, deveríamos estar abertos ao aprendizado, escutando e respeitando o modo de vida das pessoas sem, com isso, julgá-las. *“Certa vez eu estava triste e desanimado, querendo desistir dessa luta quando tudo parecia injusto, aí veio uma senhora,*

referência quilombola, colocou as mãos no meu ombro e disse: há quanto tempo estamos lutando, Leo? Há quanto tempo resistimos? Lutamos há quase 500 anos. Não será uma dificuldade agora que vai nos impedir de resistir/existir". Em meio a um momento de muita tristeza no Brasil e de tristeza entre seus orientandos/alunos, o Leo, que ouviu esse ensinamento de uma quilombola, decidiu compartilhá-lo conosco e, assim, fez com que saíssemos com esperança daquele encontro final do curso de Saberes Tradicionais. Esse foi o Leo! Continuo seguindo suas orientações, professor. Sua memória está presente em cada um de nós: seus alunos. Também, por isso, o professor Leo Carneiro continua r-existindo. Obrigada, Leo!

Aos colegas pesquisadores da história dos colonos e da Fortaleza de Sant'Anna. Gostaria de agradecer especialmente ao Everton Lage, que, assim como eu, é filho, neto, trineto de colono, e, embora seja um morador urbano, possui suas raízes em Sant'Anna. Obrigada pela ajuda. Sigamos resgatando a nossa história, ela faz parte da nossa geograficidade, do nosso amor pelo lugar.

Aos colegas historiadores que indicaram leituras ou que me ajudaram com informações relevantes para a pesquisa documental: Daniel Bartholomeu e Janaina Almeida (Cúria Metropolitana — Arquidiocese de Juiz de Fora).

À July (Juliana Costa), uma querida amiga bióloga que contribuiu com a escolha dos pseudônimos dos entrevistados. Estes foram "batizados" com nomes de árvores de ocorrência na Mata Atlântica, uma formação vegetal da região da Zona da Mata Mineira que, por isso, ocorre também na Fortaleza de Sant'Anna. Assim como agradeço a ela, agradeço também a outras amigas que direta ou indiretamente contribuíram com o apoio efetivo e emocional para que essa etapa do Mestrado fosse concluída com sucesso. Bianca, Juliana Melo e Dayana Almeida, obrigada!

Aos que me acolheram de modo que concluísse a redação dessa pesquisa. Sendo a Fortaleza de Sant'Anna uma área rural, o acesso à internet é limitado. Neste "mundo" digital, principalmente no pós-pandemia da Covid-19, muitas vezes precisei de ajuda e de "asilo" para as interações virtuais, tais como: pesquisas, reuniões e, até mesmo, para a defesa da dissertação que ocorreu virtualmente. Obrigada, Andrielli Marcos, Alcilene Aparecida (e família), Tainara Nays e Robson Wagner.

Aos colegas discentes de Mestrado, turma 2022, pelas trocas riquíssimas que contribuíram não somente com o meu aprendizado pessoal, mas também com o andamento da pesquisa. Agradeço também aos colegas discentes da turma 2023, sobretudo, aos que fizeram comigo a disciplina Formação Territorial do Sul da Zona da Mata.

Ao Grupo de Estudos GhEnTE (Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência), que contribuiu para várias reflexões diante do meu problema de pesquisa, do objeto de estudos e, sobretudo, dos sujeitos de pesquisa. Essa contribuição, sem dúvida, me permitiu ter outros olhares sobre a escuta na pesquisa em Geografia.

Agradeço ao Arquivo Central da UFJF de Juiz de Fora (Andreia, Marcelia e Brunner, obrigada!) e ao Centro Cultural de Goianá (Obrigada, Aninha!), bem como a todos os locais que guardam informações sobre a história da Fortaleza de Sant'Anna, sejam eles físicos ou virtuais.

Agradeço a CAPES pelo financiamento. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES). Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF pela oportunidade.

Obrigada.

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela.

(TUAN, 1980, p. 108)

RESUMO

Este trabalho enuncia o amor pelo lugar, o vínculo com a terra, a existência dos sujeitos chamados de colonos e os laços afetivos que os conectam à Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. Contudo, além do amor pelo lugar, será apresentado também o medo de o perder. Isso porque, indicando sinais de ameaças nos exercícios de sua territorialidade a partir da inserção de novos agentes territoriais no lugar, os colonos sentiram a necessidade de enunciar a sua própria existência dizendo a frase que intitula este trabalho: *a gente quer dizer que a gente existe*. Nesse sentido, os esforços investigativos dessa pesquisa seguiram a direção de compreender as mudanças nos exercícios de territorialidade e nos sentidos de lugar dos colonos na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna após a ocupação desse território pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2010. Para tanto, foram utilizados referenciais teórico-metodológicos pautados na Geografia Humanista-Cultural a fim de que essas abordagens pudessem contribuir com o entendimento do “ser” e do “existir” dos colonos de Sant'Anna. Nessa busca consideraram-se as experiências socioespaciais e os vínculos identitários e territoriais dos colonos, considerando-se, então, suas práticas materiais e imateriais reveladoras de subjetividades, sentimentos e visões a respeito dos seus lugares na Fortaleza de Sant'Anna. É nesse sentido que os conceitos de lugar, na perspectiva da abordagem Humanista-Cultural da Geografia, assim como, o de topofilia e o de geograficidade, dos geógrafos humanistas Yi-Fu Tuan e Eric Dardel, foram fundamentais para a compreensão da ligação dos colonos com a terra. Foi utilizado, também, o conceito de território (e suas variações) a partir das reflexões de Rogério Haesbaert, a fim de que se pudesse compreender a questão referente aos exercícios de territorialidade dos colonos de Sant'Anna. Metodologicamente, a pesquisa envolveu uma investigação qualitativa e de caráter exploratório, que se apoia em dois pilares fundamentais: o levantamento documental e a pesquisa de campo, esta por meio de entrevistas em profundidade e aquela por meio de pesquisas de fontes primárias a respeito da Fazenda e dos colonos. À vista disso, serão apresentados nos resultados da pesquisa documental “o como” e “o porquê” de os colonos se aproximarem da Fortaleza de Sant'Anna para ali constituírem sua história e sua geograficidade. E, nos resultados da pesquisa de campo, serão apresentados os principais apontamentos dos colonos a respeito de seus lugares de afeto e das mudanças ocasionadas a partir do processo de desapropriação da Fazenda pelo MST. Pode-se concluir que as conexões que os colonos de Sant'Anna têm com essas terras estão relacionadas não só ao seu passado, mas, também, ao passado dos que os antecederam em Sant'Anna. Conclui-se, ainda, que o modo como o MST promove a ocupação, atrelada à postura dos antigos proprietários diante dos seus funcionários na ocasião, provocou a autoafirmação da identidade e o reforço do amor desses moradores pelo lugar no plano da consciência. Ademais, esse marco histórico e territorial para os colonos trouxe mudanças tanto positivas quanto negativas, os quais são um aspecto intrínseco a todo processo de ruptura. Todavia, tais repercussões, positivas ou não, demonstram ter mudado consideravelmente os lugares de afeto desses sujeitos. Foi constatado na pesquisa o surgimento de um lugar de tristeza comum a todos os colonos entrevistados e o risco de um apagamento cultural, ameaçando, assim, a perpetuação da existência desse povo.

Palavras-Chave: Colono. Lugar. Fortaleza de Sant'Anna. Lugar de afeto.

ABSTRACT

This work enunciates the love for the place, the bond with the land, the existence of the subjects called colonists, and the emotional ties that connect them to the Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. However, in addition to the love for the place, the fear of losing it will also be presented. This is because, indicating signs of threats in the exercise of their territoriality through the insertion of new territorial agents in the place, the colonists felt the need to announce their existence by saying the phrase that titles this work: we want to say that we exist. In this sense, the investigative efforts of this research followed the direction of understanding the changes in the exercises of territoriality and the senses of a place of the colonists in the Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna after the occupation of this territory by the Landless Rural Workers Movement (MST) in 2010. To this end, theoretical-methodological references based on Humanist-Cultural Geography were used so that these approaches could contribute to the understanding of the “being” and “existence” of the settlers of Sant'Anna. In this search, the socio-spatial experiences, the identity and territorial ties of the colonists, and their material and immaterial practices were considered, revealing subjectivities, feelings, and visions regarding their places in Fortaleza de Sant'Anna. It is in this sense that the concepts of place, from the perspective of the Humanist-Cultural approach to Geography, as well as topophilia and geographycity, in the conception of humanist geographers Yi-Fu Tuan and Eric Dardel, were fundamental to understanding the connection of settlers with the land. The concept of territory (and its variations) was also used based on the reflections of Rogério Haesbaert so that it was possible to understand the territoriality exercises of the settlers of Sant'Anna. Methodologically, the research involved a qualitative and exploratory investigation, which is based on two fundamental pillars: documentary survey and field research. This one is through in-depth interviews, and the other one is through research into primary sources about the Farm and the colonists. Because of this, the results of the documentary research will present “how” and “why” the settlers approached the Sant'Anna Fortress to establish their history and geographycity there. And, in the results of the field research, the main notes from the settlers will be presented regarding their places of affection and the changes caused by the process of expropriation and occupation of the Farm by the MST. It can be concluded that the connections that the settlers of Sant'Anna have with these lands are related not only to their past but also to those who preceded them in Sant'Anna. It is also concluded that how the MST promotes the occupation, linked to the attitude of the former owners towards their employees at the time, caused the self-affirmation of identity and the reinforcement of these residents' love for the place in the level of consciousness. Furthermore, this historical and territorial landmark for the settlers brought both positive and negative changes, which are an intrinsic aspect of the entire process of rupture. However, such repercussions, positive or not, demonstrate that they have considerably changed the places of affection of these subjects. The research revealed the emergence of a place of sadness common to all the colonists interviewed and the risk of cultural erasure, thus threatening the perpetuation of the existence of these people.

Keywords: Colonist. Place. Sant'Anna Fortress. Place of affection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização da área de estudo – a Fortaleza de Sant’Anna	20
Figura 2 – Núcleo da Fortaleza de Sant’Anna com principais pontos de referência – 2023 ...	21
Figura 3 – Lugares de afeto e de medo – Pré-campo na Fortaleza de Sant’Anna	55
Figura 4 – Perfil dos colonos entrevistados na pesquisa de campo.....	62
Figura 5 – Perfil dos trabalhadores rurais do MST entrevistados na pesquisa de campo	63
Figura 6 – Múmia das terras da Fortaleza de Sant’Anna exposta no Museu Nacional em 2011	69
Figura 7 – As três múmias encontradas na Serra da Babilônia, Fortaleza de Sant’Anna, no século XIX – exposição no Museu Nacional em 2011	70
Figura 8 – Pedra da Babilônia - Goianá, Minas Gerais.....	71
Figura 9 – Localização do Marco de Sesmarias no território que viria a se tornar a Fortaleza do Rio Novo (Fortaleza de Sant’Anna, anos depois), 1811-1815.....	72
Figura 10 – Trecho do requerimento de Carta de Sesmaria a favor de Francisco José Rodrigues ao “pé” da Pedra da Babilônia -1814.....	73
Figura 11 – Lei nº 334, de abril de 1847– Governo da Província	76
Figura 12 – A casa de vivenda da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna retratada em “Viagem ao Brasil: 1865-1866”, no século XIX	80
Figura 13 – Colheita de café na Fortaleza de Sant’Anna retratada em “Viagem ao Brasil 1865-1866”	81
Figura 14 – Caverna da Babilônia e as múmias indígenas.....	83
Figura 15 – Registro de óbito de Augusto “africano” no livro de óbitos da Fazenda em 1894	85
Figura 16 – Secagem dos grãos de café produzidos na Fortaleza de Sant’Anna no século XX	88
Figura 17 – Fotografias do casarão da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna	88
Figura 18 – Incêndio na casa de vivenda da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.....	89
Figura 19 – Localização do antigo casarão pós-incêndio.....	90
Figura 20 – Sistema hidráulico de transporte de café – parte superior da Máquina de Grãos	98
Figura 21 – Interior do cemitério desativado da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.....	98
Figura 22 – Engenho, 1893, e “Igreja” de Sant’Anna, inaugurada em 1930	99
Figura 23 – Máquina de tratamento de grãos	100

Figura 24 – Centro Histórico da Fortaleza de Sant'Anna -indicação dos quatro portões de acesso à área.....	117
Figura 25 – Folha de controle da Fazenda – “A Panha de Café (Sede)” - 1983	119
Figura 26 – Cemitério da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.....	126
Figura 27 – Partes externa e interior da capela de Sant'Anna – Goianá, Minas Gerais – 2023	132
Figura 28 – Eventos na Capela de Sant’Anna: Casamento (1988) e Primeira Eucaristia (2000)	133
Figura 29 – Fragmento de jornal -reportagem sobre a Festa de Sant'Anna	135
Figura 30 – Lugares utilizados para a realização da Festa de Sant’Anna em representação gráfica.....	136
Figura 31 – Término da procissão e churrasco pós-missa – Festa de Sant'Anna.....	138
Figura 32 – Campo de Futebol de Sant'Anna.....	138
Figura 33 – Sede da Fortaleza de Sant'Anna, o salão dos bailes.....	139
Figura 34 – Sem Terra colocam faixa sobre o nome da Fazenda no portão principal em 2015	142
Figura 35 – Rotina dos colonos durante a semana em Sant’Anna, 2023/2024	155
Figura 36 – Centro Histórico da Fortaleza de Sant'Anna – o lugar de tristeza para os colonos	163
Figura 37 – Porta do escritório – casa de colonos, estrutura da antiga Senzala.....	165
Figura 38 – Porta do Escritório e Máquina de grão em 2023.....	166
Figura 39 – Proposta de intervenção de Carvalho na máquina de grãos em 2018.....	167
Figura 40 – Modelo virtual de edificação da casa das máquinas, tulhas de café e oficina proposta por Carvalho (2018).....	167
Figura 41 – Mudanças territoriais no Núcleo da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	168
Figura 42 – Lugares de afeto dos colonos – as casas de colono.....	172
Figura 43 – Lugares de afeto dos colonos com o referencial paisagístico da Pedra da Babilônia	173
Figura 44 – Cachoeira de Baixo em Sant'Anna.....	173

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Quantitativo de entrevistados na pesquisa de campo: colonos, trabalhadores do MST, Presidente e Dirigente da AMS e do MST, respectivamente	61
Tabela 2 – Perfil de entrevistados colonos	118
Quadro 1 – Levantamento bibliográfico de obras relacionadas à Fortaleza de Sant'Anna	48
Quadro 2 – Fontes primárias da pesquisa documental a respeito da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.....	52
Quadro 3 – Quadro de pessoas sepultadas no Cemitério da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna entre 1891 e 1901.	127
Quadro 4 – Mudanças positivas e negativas na concepção dos colonos no pós-ocupação do MST	154

LISTA DE GRÁFICOS E MAPAS

Gráfico 1 -Perfil dos colonos entrevistados: escolaridade por quantidade de entrevistados na pesquisa de campo	102
Gráfico 2 – Ocupação dos colonos na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna antes de 2010 ...	103
Gráfico 3 – Indicação do nascimento do colono mais antigo da Fortaleza de Sant’Anna dentre os entrevistados na pesquisa de campo.....	106
Gráfico 4 – Brincadeiras, brinquedos e atividades que os colonos mais gostavam na infância	108
Gráfico 5 – Lugares de infância dos colonos por meio da brincadeira	110
Gráfico 6 – Os lugares de infância, os lugares despertados pelo sentido da visão (fotografias) e os lugares que os colonos gostariam de mostrar aos visitantes em Sant’Anna	111
Gráfico 7 – Lugar e o paladar na infância dos colonos de Sant'Anna	115
Gráfico 8 – Lugar de medos dos colonos entrevistados na infância.....	128
Gráfico 9 – Costumes e tradições atuais por entrevistados	153
Mapa 1 – Delimitação territorial da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna – 2022.....	20
Mapa 2 – Mapa preliminar do parcelamento de terras da Fortaleza de Sant’Anna para fins de Reforma Agrária – 2015	157

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.	Analfabeto
E.F.	Ensino Fundamental
E.M.	Ensino Médio
E.T.	Ensino Técnico
Séc.	Século
S.d	Sem data
AMS	Associação dos Moradores de Sant'Anna
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
CCU	Contrato de Concessão de Uso

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	19
<i>UM CAMINHO AO REDOR DE UM OBJETO DE PESQUISA</i>	19
<i>CAPÍTULO I</i>	25
<i>DO CONTEXTO AOS TEXTOS: A TERRA É UM TEXTO A DECIFRAR</i>	25
<i>1.1 A perspectiva da Geografia Humanista-Cultural sobre o lugar e sobre a geograficidade</i>	26
1.1.1 O Humanismo: uma abordagem Humanista e Cultural em Geografia	26
1.1.2 A ponte entre a Geografia Humanista-Cultural e o lugar em Sant’Anna: as relações topofilicas com o lugar	30
1.1.3 Os colonos em: a geograficidade de Dardel	35
<i>1.2 Um território em disputa</i>	40
1.2.1 “A gente quer dizer” de uma existência: território e territorialidade em questão	40
<i>CAPÍTULO 2</i>	45
<i>O MEIO PELO QUAL SE CAMINHA</i>	45
<i>2.1 O levantamento bibliográfico de obras relacionadas à Fortaleza de Sant’Anna</i>	47
<i>2.2 A pesquisa documental</i>	51
<i>2.3 O pré-campo</i>	53
<i>2.4 A pesquisa de campo</i>	55
<i>CAPÍTULO 3</i>	64
<i>UMA GEOGRAFIA CHEIA DE HISTÓRIA</i>	64
<i>A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar</i>	64
<i>3.1 Os pioneiros não são os primeiros: o passado indígena nas terras da Fortaleza de Sant’Anna</i>	67
<i>O PRIMEIRO MARCO</i>	70
<i>3.2 A chegada do trabalhador africano em Sant’Anna: a primeira descendência dos colonos</i>	70

<i>O SEGUNDO MARCO</i>	84
<i>3.3 A abolição da escravidão, a chegada de novos trabalhadores e a troca de titularidade das terras em Sant’Anna</i>	84
<i>O TERCEIRO MARCO</i>	87
<i>3.4 A chegada de novos trabalhadores e a troca de proprietários em 1937</i>	87
<i>O QUARTO MARCO</i>	92
<i>3.5 A chegada de novos trabalhadores às terras de Sant’Anna e o processo de reforma agrária</i>	92
<i>CAPÍTULO 4</i>	97
<i>O CAMINHO NO PERCURSO</i>	97
<i>4.1 Os achados do pré-campo e o direcionamento para os lugares de afeto e para os lugares de medo</i>	97
<i>A PESQUISA DE CAMPO: RESULTADOS E DISCUSSÕES</i>	102
<i>4.2 “Eu apresentaria os colonos, diria que são meus irmãos, meus contemporâneos”</i>	102
<i>“PASSADO”</i>	107
<i>O QUE UNE OS COLONOS AOS LUGARES?</i>	107
4.2.1 Lugares de infância e relações trabalhistas.....	107
4.2.1.1 Os lugares de infância dos colonos: entre o brincar e o capinar.....	108
4.2.1.2 O trabalho e as relações trabalhistas na Fortaleza de Sant’Anna	118
4.2.2 Lugar de medo.....	123
4.2.3 Lugar sagrado	130
4.2.3.1 O lugar do sagrado e o lugar do profano na Festa de Sant’Anna	134
<i>“O PASSADO PRESENTE”</i>	140
4.2.4 O choque do primeiro contato (2010–2013).....	141
4.2.5 A necessidade da autoafirmação da identidade e a criação da AMS: colonos e uma territorialidade em questão	146
<i>“PRESENTE”</i>	150

<i>AS MUDANÇAS NOS SENTIDOS DE LUGAR E NOS EXERCÍCIOS DE TERRITORIALIDADE DOS COLONOS PÓS-OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO MST.....</i>	<i>150</i>
4.2.6 Quatorze anos do quarto marco histórico do território de Sant’Anna: o que muda?	151
4.2.6.1 Acordar, levantar, trabalhar e dormir.	155
4.2.6.2 Mudança territorial e territorialidade.....	156
4.2.6.3 A transformação da Tradicional Festa de Sant’Anna: os colonos e os novos agentes territoriais, o MST	158
<i>“FUTURO”.....</i>	<i>170</i>
<i>TUDO ESTÁ ESCRITO NOS RUÍDOS. O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO HOMEM.....</i>	<i>170</i>
4.2.7 “Sant’Anna nunca vai deixar de existir. Meu orgulho ser moradora daqui”	170
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</i>	<i>176</i>
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	<i>180</i>
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE – COLONOS	185
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS – MST.....	187
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS – AMS	188
APÊNDICE D – CADERNO DE ANOTAÇÃO DE CAMPO (COLONOS)	189
APÊNDICE E – CADERNO DE ANOTAÇÃO DE CAMPO (MST E AMS)	190
ANEXO I – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GOIANÁ-MG.....	191
ANEXO II – O CASO DO EMPREITEIRO ANTÔNIO PEREIRA, JORNAL O SUL DA MATA, 2002	192
ANEXO III – A HISTÓRIA EM CHAMAS, JORNAL RIONOVENSE – 2001.....	194
ANEXO IV – A FAZENDA DA FORTALEZA DE SANT’ANNA E SUA HISTÓRIA, JORNAL MUNDO RURAL –2002	195
ANEXO V – A FESTA DE SANT’ANNA, JORNAL O SUL DA MATA – 2002	196
ANEXO VI – DECRETO DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011, TRECHO DO DIÁRIO OFICIAL, Nº 247, SEÇÃO 1 DE 26 DE DEZEMBRO DE 2011	197
ANEXO VII – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	198
ANEXO VIII –SEQUÊNCIA DE FOTOGRAFIAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	199
ANEXO IX - O ANTES E O DEPOIS DO CENTRO HISTÓRICO - O LUGAR DE TRISTEZA DOS COLONOS	204
ANEXO X – CARTEIRA DE TRABALHO DATADA E ASSINADA EM 1937 NA FORTALEZA DE SANT’ANNA – LUIZ PORQUEIRO	208

INTRODUÇÃO

UM CAMINHO AO REDOR DE UM OBJETO DE PESQUISA

Fui criado aqui dentro, tenho amor por um lugar que nunca foi meu, mas tenho amor. [...] Quero ficar na minha terra. Não dá pra adaptar. Só sair, ir e voltar. Sair daqui só se for pra morrer¹.

COLONO DE SANT'ANNA

Essa epígrafe é a transcrição da fala de um camponês. Quando, nessa fala, o trabalhador se diz conectado com a terra por amor, fica evidente o sentimento de pertencimento que o constitui e que conforma sua identidade, ao passo que, o lugar também evidencia em si as marcas de uma significância singular mediada pela ação desse mesmo homem. A relação entre lugar e ser humano, nesse caso, reflete quase uma ideia de prolongamento do ser camponês, de modo que retirar dele o lugar seria o mesmo que findar a sua própria existência.

Esse lugar de que fala o camponês é a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, território que possui sede em Goianá, na Zona da Mata², Minas Gerais, e que é o recorte espacial da presente investigação. Esse território, que foi uma grande extensão de terras privadas e, atualmente, pertence à União, possui aproximadamente 43 km², o equivalente a 6 mil campos de futebol; possui uma elevada importância econômica na região da Zona da Mata Mineira por meio da produção de café no século XIX, e na primeira metade do século XX. Além disso, contribuiu, de certa forma, para o processo de industrialização do município de Juiz de Fora, localizado cerca de 40 km de Goianá (ver mapa 1).

A Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna foi uma propriedade fruto da concentração histórica de terras que tem início com a concessão de algumas Cartas de Sesmarias (século XIX), segundo relatos do inventário de bens culturais, o IPAC 1 (GOIANÁ, 2009). Desde então, sustentando-se ao longo da história por meio da produção agropecuária, em especial por meio da produção de café, essa propriedade passou a ser ocupada também por sujeitos que exerceram nessas terras o seu trabalho. A longo do tempo, esse trabalho permitiu com que as terras também deixassem marcas em seu “ser” e em seu “existir”.

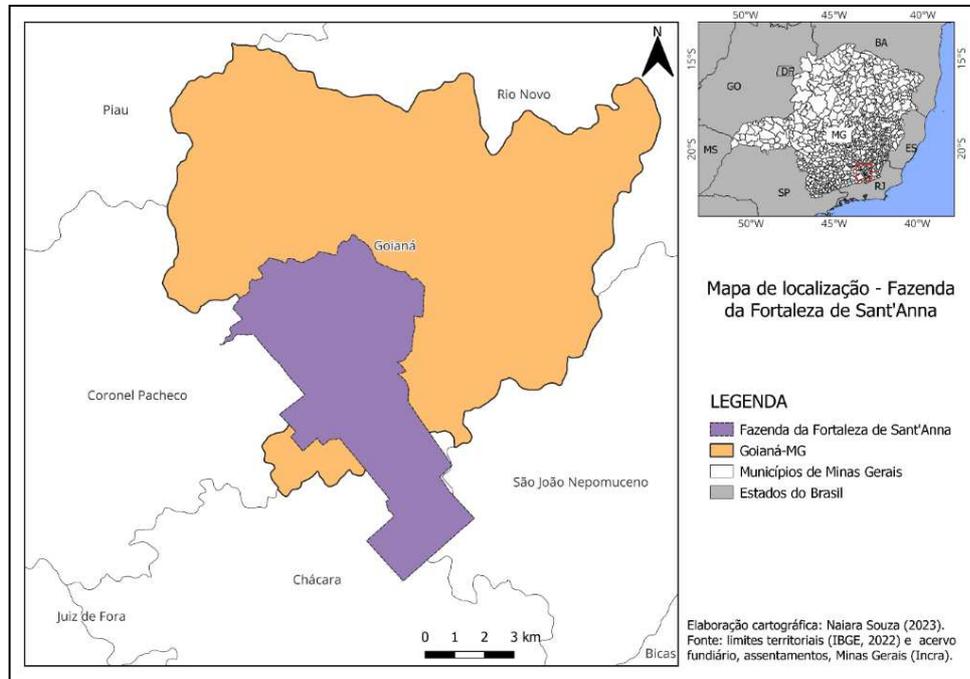
A principal entrada da Fazenda encontra-se entre o perímetro rural de Coronel Pacheco e o perímetro urbano de Goianá, na Rodovia MG-353. Embora tenha uma grande dimensão

¹ Discurso um colono morador de Sant'Anna, retirado de: SOUZA, 2019.

² Agora classificada como Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, desde 2017, com a atualização do processo de regionalização realizada pelo IBGE.

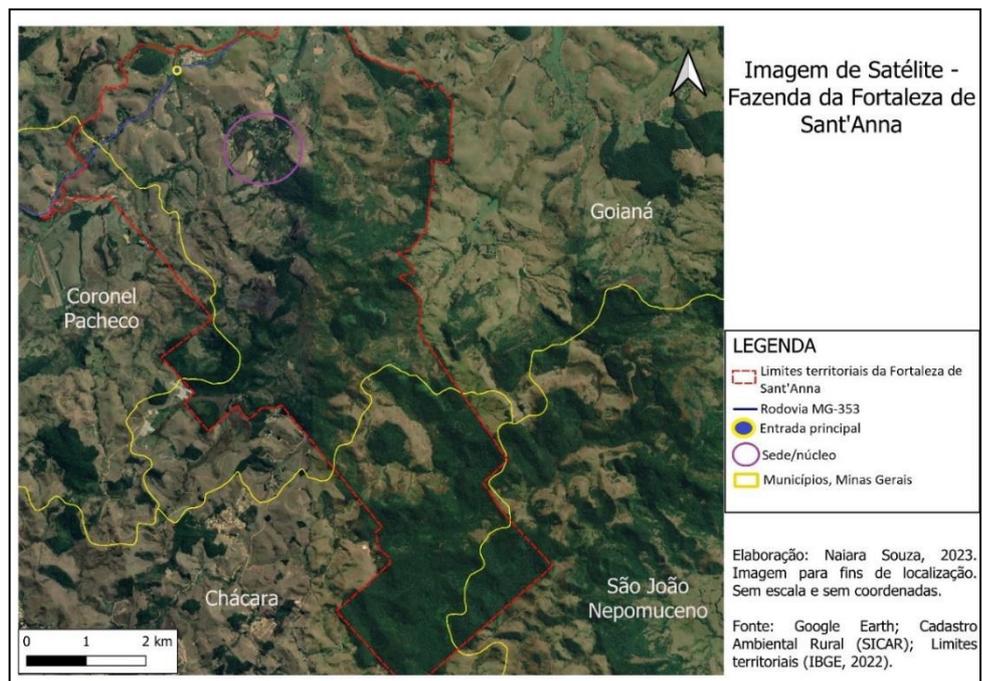
territorial, os colonos remanescentes de Sant'Anna concentram-se nos arredores da antiga sede da Fazenda, sendo, mais precisamente, o recorte espacial dessa pesquisa (ver figuras 1 e 2).

Mapa 1 – Delimitação territorial da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna – 2022



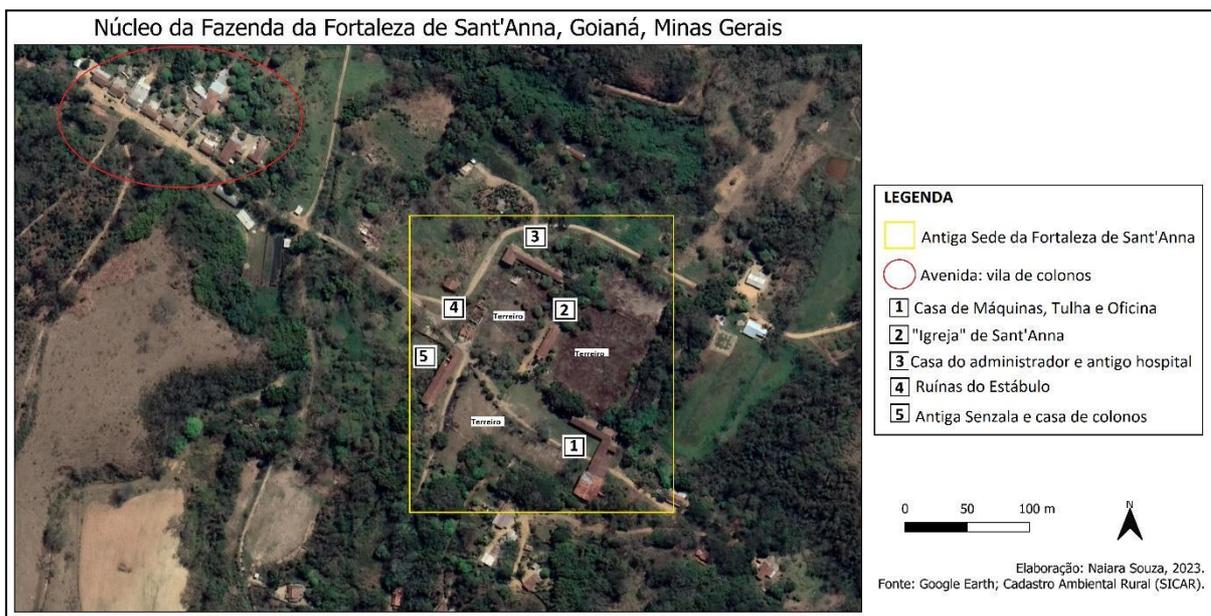
Fonte: Souza e Sancho-Pivoto (2023, p. 182).

Figura 1 – Localização da área de estudo – a Fortaleza de Sant'Anna



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Figura 2 – Núcleo da Fortaleza de Sant'Anna com principais pontos de referência – 2023



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Os colonos de Sant'Anna, ao que parece, também podem possuir traços de descendência de imigrantes de origem africana, ou seja, dos primeiros sujeitos que mantiveram uma relação de trabalho nessas terras na história documentada. Estes se deslocaram forçadamente para o Brasil e tiveram sua mão de obra explorada nas terras da Fortaleza de Sant'Anna. Ademais, os colonos são descendentes, também, de imigrantes italianos que, ao final do século XIX, mantiveram uma relação com Sant'Anna por meio do trabalho, só que, agora, assalariado.

Por gerações, ao longo de sua existência e da história de seus antepassados, os trabalhadores rurais de Sant'Anna passaram por marcos espaço-temporais que envolviam o ordenamento territorial, a mudança das relações trabalhistas e de poder e, também, possivelmente, mudanças nos sentidos de lugar dentro desse mesmo território.

Tais marcos espaço-temporais tiveram como característica o deslocamento de pessoas, seja com movimentos de chegada, seja em movimentos de dispersão. São eles: (1) exploração da mão de obra escrava na produção de café, com a família Pereira de Souza e, depois, com a família Sant'Anna, no século XIX; (2) exploração da mão de obra italiana na produção de café e troca de titularidades das terras, tornando-se propriedade da família Tostes, na primeira metade do século XX; (3) Troca das fazendas anos após o Falecimento de Cândido Tostes (1937), declínio da produção de café e diversificação das atividades agropecuárias, na segunda metade do século XX, ainda com a família Tostes; Por fim (4) a exploração das terras por sujeitos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através do início do processo de assentamento de famílias nessas terras no século XXI, a partir de 2010.

Apesar de serem mencionados como momentos importantes para a história da Fazenda e também para a história dos trabalhadores, obviamente, devido ao recorte temporal deste trabalho (2010–2024), o foco da pesquisa se concentra no quarto marco. Isso porque é a partir dele que a necessidade de autoafirmação da identidade dos colonos se torna latente e, possivelmente, quando é despertado a consciência do amor pelo lugar.

Dessa forma, entendendo a importância do lugar voltada para a análise das relações sociais estabelecidas em determinado recorte espacial e, a partir da necessidade manifestada³ pelos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna de serem reconhecidos pelo Estado e pela sociedade, esta pesquisa tem como tema as geografias e as territorialidades dos moradores colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, em Goianá, e nos arredores dos municípios de Coronel Pacheco e Chácara, a partir de suas relações topofílicas e/ou topofóbicas com o lugar antes, durante e pós-ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

À vista disso, pretende-se responder a seguinte questão com esta pesquisa: de que forma o sentido de lugar, bem como o exercício de territorialidade dos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, é mantido, alterado, ressignificado ou reafirmado diante do processo de ocupação do território pelo MST?

Para tal, sendo uma abordagem que trata das relações entre sujeito em sua forma mais íntima com o espaço, buscar-se-á a contribuição da Geografia Humanista e Cultural a fim de que se possa responder a esse problema de pesquisa; e, também, se alcançar o objetivo de compreender os sentidos de lugar para os colonos; bem como o de identificar e compreender os seus exercícios de territorialidade na Fazenda diante das possíveis repercussões da ocupação do MST.

Por meio de uma abordagem qualitativa de uma investigação com fins exploratórios, foi realizada uma pesquisa de campo com os colonos de Sant’Anna através de entrevistas em profundidade. E, ainda, foram realizados levantamentos e análises documentais de registros históricos e de bibliografias específicas do recorte espacial que corroboraram com a compreensão de quem são os colonos e de como chegaram à Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.

Se as percepções sobre o meio ambiente variam conforme a interação com a natureza através do trabalho (TUAN, 1980), um pressuposto diante da problemática que envolveu esta pesquisa (“hipótese”) foi a de que os sentidos sobre esse lugar assumissem diferentes

³ Necessidade manifestada durante uma pesquisa de campo (2019) para o trabalho de conclusão de curso de especialização em Comunidades Tradicionais (UFJF) que foi realizado em Sant’Anna (SOUZA, 2019).

ressignificações conforme a modificação das relações socioespaciais a partir da entrada de novos sujeitos-agentes na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.

Diante do alcance desses objetivos, espera-se que a presente investigação possa contribuir para o registro da escuta dos sujeitos santanenses que aconteceu, principalmente, durante a pesquisa de campo. Essa escuta permitiu compreender algumas relações desses sujeitos com o lugar, com a Fortaleza de Sant'Anna e/ou assentamento Denis Gonçalves (nome de referência do território para o MST). Assim, essa pesquisa poderá colaborar com a gama de registros históricos sobre o local, mas com o foco nos sujeitos que, ao longo do tempo, manifestaram seus processos de resistência nesse mesmo território e, desse modo, sendo sujeitos espaciais, manifestaram também a sua história e sua geograficidade.

As paisagens de Sant'Anna configuram-se em um espaço de experiências pessoais. Logo, além da relação pesquisador/sujeito/objeto, há uma relação de ser humano integrante desse povo chamado de colono. Nesse sentido, a escolha do tema desta pesquisa deve-se ao vínculo do sujeito-pesquisador com o recorte espacial selecionado.

A dificuldade de muitas vezes separar o pesquisador do sujeito é conflituosa, sob a pena de se enxergar os fatos com parcialidade, mas o investigador que passa por essa dificuldade encontra conforto na Geografia Humanista-Cultural, que valoriza o “ser”, considerando, inclusive, o sujeito enquanto pesquisador. Além disso, Tuan (1983) diz haver uma nítida diferença entre aquele que observa (utilizando o sentido da visão) daquele que vive no lugar. Há uma beleza no turista/pesquisador que vê (observa), porque traz consigo uma percepção nova sobre a paisagem. Mas, de fato, é diferente da visão de quem vive verdadeiramente o lugar.

Há um aspecto valoroso e que, por isso, merece certa atenção. Ele diz respeito aos lugares dos colonos em Sant'Anna e um possível contraponto do neologismo *topofilia* utilizado por Tuan (1980). Se a *topofilia* expressa a relação de afeto entre o sujeito santanense com o lugar, o contraponto também poderia existir, como vem ocorrendo com muitas comunidades tradicionais e originárias, o *topocídio*⁴. Esse outro neologismo é considerado o “assassinato” do lugar a partir de sua severa transformação e do apagamento cultural. É válido ressaltar que o *topocídio* vai além da destruição de uma paisagem por haver seres humanos que

⁴ É necessário fazer uma ressalva no que diz respeito a esse termo, pois, ao contrário de *topofilia*, que já é bem difundido entre autores humanistas-culturais, o *topocídio* não tem a mesma clareza conceitual e possui alguns questionamentos sobre ele, embora já seja usado no meio acadêmico. Um desses questionamentos tem relação ao próprio assassinato do lugar: é possível a destruição integral de um lugar? Logo, no caso dos colonos, chama-se a atenção para o contraponto de *topofilia*, ou seja, as grandes transformações do lugar a ponto de mudar consideravelmente os sujeitos integrados a ele.

holisticamente se relacionam com ela. E, nesse sentido, essa pesquisa tornou-se socialmente relevante, por permitir a produção de uma bibliografia que registre a existência/resistência dos colonos de Sant'Anna, entendendo que uma forma de expressar a existência de um povo se dá mediante registros sobre ele por meio da linguagem escrita. Os trabalhos acadêmicos não asseguram a manutenção da existência de um povo, mas podem contribuir com a permanência dela.

Desse modo, a “existência” dos sujeitos é um ponto fundamental dessa pesquisa, pois ela é a dimensão do *estar-aí* do ser (*Dasein* de Heidegger), que funciona de modo relacional e simbiótico com outros seres, ao passo que esse ser é a essência da existência. O espaço geográfico seria, então, diante desse raciocínio, um elemento que constitui a existência de um ser (MARTINS, 2007). É nesse sentido que o “*A gente quer dizer que a gente existe*” contribui com a ciência geográfica, principalmente no que diz respeito à abordagem cultural. Isso porque o objetivo dessa abordagem é entender a experiência humana no lugar em meio a sua relação social “ali” estabelecida, compreendendo a significação que o sujeito tem sobre o meio e o sentido dado à sua vida (CLAVAL, 2002). Ao mesmo tempo, a pesquisa torna-se relevante para a Geografia Humanista que, ao considerar o mundo vivido do sujeito colono de Sant'Anna, considerará a essência do *ser do ente* e da estrutura perceptiva, da qual trata de estudar em sua singularidade.

Ademais, os resultados dessa pesquisa podem gerar informações de interesse social, de modo que, possam ser compartilhados com a comunidade local, bem como disponibilizados nas escolas dos municípios onde essas terras se encontram: Goianá, Coronel Pacheco, Chácara e São João Nepomuceno.

Desse modo, após passar por um caminho ao redor de um objeto de pesquisa (introdução à relação topofílica entre colonos santanenses com o lugar), será discutido no primeiro capítulo (do contexto aos textos) o quadro teórico de referência, transcorrendo sobre a Geografia Humanista-Cultural e os recortes conceituais de lugar; de geograficidade; de topofilia e de território (e suas variações). No capítulo 2, serão apresentados os caminhos que possibilitaram a construção deste trabalho, elucidando detalhadamente a metodologia para a realização da pesquisa de campo realizada no segundo semestre de 2023. O capítulo 3 propõe um mergulho no passado dos colonos e na história da Fazenda, juntamente, com a história de seus antepassados; e o capítulo 4 traz os lugares de infância, os lugares de afeto, as mudanças territoriais, as aspirações e os medos dos colonos, que também se manifestam nos seus lugares de afeição em Sant'Anna.

CAPÍTULO I

DO CONTEXTO AOS TEXTOS: A TERRA É UM TEXTO A DECIFRAR

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não se percebem da mesma maneira, [...] não associam a ele os mesmos sonhos e as mesmas alterações, não investem nele os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?

PAUL CLAVAL

Se antes o problema fundamental da Geografia girava em torno da tentativa de explicar a diferenciação dos lugares, hoje, diz Paul Claval, a pergunta enunciada na epígrafe pode ser acrescentada ao problema dessa ciência.

Para Marandola, a resposta a essa questão da epígrafe seria a congruência das abordagens Cultural e Humanista em Geografia: “a resposta está exatamente no encontro dessas duas dimensões, que possuem uma diferença escalar que se cruza em dois pontos: no micro (indivíduo) e no macro (coletividade)” (2005, p. 410).

Dessa forma, revela-se aqui a preocupação da Geografia, sobretudo a partir do final do século XX e início do século XXI, em atentar-se às manifestações inerentes aos sujeitos que, nessas duas abordagens, são vistos como essencialmente espaciais desde sua “existência”. E, para tal, seria necessária uma “Geografia” que o compreendesse em sua essência e em sua subjetividade na relação com o ambiente, com a Terra, pois “o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões [...]” (CLAVAL, 2002, p. 10).

Nesse sentido, para compreender a relação entre sujeito-lugar⁵ (objeto de estudo), mais especificamente, para entender a relação do sujeito santanense com a Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, torna-se necessário uma aproximação das Geografias Humanista e Cultural por possuírem, fundamentalmente, ferramentas que contribuam com essa compreensão do sujeito espacial.

Desse modo, antes de debater como os conceitos de **lugar**, topofilia e geograficidade, em Geografia, contribuem para a compreensão do objeto dessa pesquisa, será necessário ressaltar algumas características básicas da Geografia Humanista, em coexistência com a Cultural, por contextualizarem a escolha desses conceitos espaciais. Por fim, será discutido também o

⁵ A relação entre os sujeitos santanenses e o lugar é o objeto de estudo dessa pesquisa de mestrado.

conceito de território, e suas derivações, para ficar claro o porquê de sua utilização para o caso de Sant'Anna, apesar de o lugar ser o conceito geográfico primordial neste trabalho.

1.1 A perspectiva da Geografia Humanista-Cultural sobre o lugar e sobre a geograficidade

1.1.1 O Humanismo: uma abordagem Humanista e Cultural em Geografia

Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente.

YI-FU TUAN, 1980

Conforme a epígrafe, os sujeitos não percebem o meio ambiente da mesma forma, mesmo que todos sejam da mesma geração e possuam uma identidade⁶ intrínseca a ele. Contudo, é possível identificar características dessa relação espacial também na coletividade. Assim, nas escalas individual e coletiva, as abordagens Humanista e Cultural se complementam e, por isso, são necessárias para o estudo da geograficidade dos sujeitos da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna e dos seus sentidos de lugar.

Com relação a essas abordagens, ambas possuem o objetivo de, nas palavras de Marandola (2005, p. 410), “explorar a vivência e a experiência humana na escala social, dos grupos e de seus membros”. Elas são semelhantes por se constituírem como abordagens opostas ao positivismo; por possuírem uma orientação na filosofia; e por buscarem explorar as experiências humanas.

Apesar das semelhanças, essas abordagens também possuem diferenças que se pautam, sobretudo, na escala (individual e coletiva); e no valor (humanismo e cultural), além de, possuírem origens diferentes, “sendo a Geografia Cultural uma renovação de uma corrente tradicional, enquanto a Geografia Humanista surge no contexto da ‘revolução’ dos anos 1960 e 1970, época de radicalismo e novos humanismos” (MARANDOLA, 2005, p. 412).

⁶ Na cultura, parte de processos são inconscientes, mas a identidade é uma vinculação necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. A abordagem do pensamento utilizada neste texto refere-se à identidade cultural multidimensional, que acredita que, sendo uma construção social, ela faz parte da complexidade social, não tendendo a nenhum extremo das dimensões objetivista ou subjetivista da identidade, todavia entendendo que “cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, consoante as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional” (CUCHC, 1999, p. 195).

Assim sendo, a abordagem cultural visa fundamentalmente “entender a experiência do ser humano no espaço. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica” (CLAVAL, 2002, p. 20).

Logo, o geógrafo humanista-cultural, para responder às diversas questões referentes ao sujeito espacial, como àquela enunciada por Claval (retomando a epígrafe da página 25), utiliza-se, dentre outras, da fenomenologia existencial de Heidegger. Sendo a filosofia a busca pela verdade do ser, na procura pela verdade do ser humano, Heidegger critica todo o humanismo, pois ele se baseia em uma Metafísica e, por esse motivo, de acordo com ele, não existiria um humanismo autêntico, ainda que a procura seja por ele. Para atingir tal façanha, é necessário primeiro “re-descobrir a própria Metafísica⁷, pois ela desconhece a questão central da busca do pensamento heideggeriano: a relação do ser humano e a busca da verdade do ser” (MARANDOLA, 2005, p. 396).

Nas palavras de Correia (2006, p. 68), “[...] o que se observa é que a própria manifestação filosófica da concepção fenomenológica se aproxima da natureza epistemológica da ciência geográfica [...]”, sendo o lugar o seu conceito-chave, como conclui Werther:

[...] do método fenomenológico foram apropriados principalmente o conceito de “**mundo vivido**” [...] que na geografia seria identificado como **lugar**. Não houve, no entanto, uma preocupação rigorosa do método proposto por Husserl, considerado de difícil compreensão pelos próprios membros do coletivo (HOLZER, 1997, p. 12).

A fenomenologia de Husserl segue a intuição pura e evidencia, assim, a essência das coisas ao produzir reduções fenomenológicas. De acordo com Marcos Antônio (2006), a contribuição da fenomenologia husserliana ao conhecimento está na sua postura em relação ao ser e ao objeto a se conhecer.

Embora haja certa complexidade no pensamento fenomenológico, entende-se que ele se tornou o principal apoio filosófico do Humanismo em Geografia Humanista-Cultural. Então, para alcançar os objetivos dessa pesquisa, principalmente no que se refere à compreensão nos sentidos de lugar para os colonos, busca-se a leitura de geógrafos que utilizam a corrente do pensamento fenomenológico como uma postura e como orientação, isto é, com o foco na existência do sujeito santanense. Por isso, far-se-á aqui uma explicação de algumas

⁷ A metafísica pode ser entendida como uma área que estuda questões do pensamento filosófico, tais como: existência do ser, o ser, o sentido da realidade etc. A crítica de Heidegger está no fato de que, no pensamento ocidental, há ausência de uma explicação do ser existencial, ou do *ser-aí* (Dasein). Logo, segundo ele, o caminho é a busca por outra metafísica, por uma que interprete o ente em sua totalidade.

características do pensamento da fenomenologia existencial do filósofo Heidegger, a título de esclarecimento do porquê utilizar a Geografia Humanista e Cultural sob essa perspectiva.

O filósofo Martin Heidegger (1889–1976) buscou na hermenêutica⁸ e na fenomenologia “um único e mesmo método de autocompreensão da existência a partir de seu caráter necessariamente fático” (SARAMAGO, 2008, p.33–34) e, dessa forma,

o método heideggeriano vai constituir-se, então, como uma fenomenologia, voltando-se para aquela que ele compreendia ser a fenomenologia mesma: uma fenomenologia não fundada na epistemologia, mas na ontologia⁹. Visando assim atingir seu âmago e levá-la a alcançar suas possibilidades mais genuínas. Para ele, isso só seria possível no âmbito de uma fenomenologia que estivesse fundada não mais na consciência [como defendia Husserl], mas no *Dasein* mesmo, enraizada na questão do ser (SARAMAGO, 2008, p.37–38).

Logo, essa fenomenologia hermenêutica em uma ontologia é compreendida como um método definido no interior da existência (seu objeto). À vista disso, segundo Saramago (2008), a existência é quem elabora o seu próprio método de análise, ou seja, o *Dasein* existindo.

Dasein, ou *ser-aí*, (*Da*, significa clareira; *sein*, ser) é a expressão usada por Heidegger para exprimir a “ex-sistência” humana. Ela é única, própria do ser humano, tendo sido baseada em um Humanismo que busca uma essência humana. A “ex-sistência” de Heidegger é uma dimensão do *estar-aí* do ser e, por ser puramente humana, se difere da palavra “existência”, pois ela também pode se referir ao “existir” de outras espécies (MARANDOLA, 2005). “*Dasein* significa, portanto, o existir em cada caso particular, no *aí*, no “estar-sendo” de cada um [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 29).

Desse modo, ao concluir que o *ente*¹⁰ existe, conclui-se também que ele ocupa um *espaço* e, por sua vez, considera-se o *espaço* uma dimensão e uma forma de existência desse *ente*. Para tanto, as categorias espaciais se fazem tão importantes para compreender o sujeito, visto que fazem parte de sua dimensão existencial na qualidade de *ser* do ente.

O Humanismo em Geografia, então, deveria ser uma postura que transcende às diferentes abordagens e não algo definido em apenas uma corrente teórico-metodológico, embora se saiba que é na Geografia Humanista que se encontra tal postura e orientação, assim como, tem-se procurado abordar tal postura, também, na Geografia Cultural (MARANDOLA, 2005). Posto isso, de acordo com Lígia Saramago (2008, p. 409), no que se refere às categorias espaciais na relação com o sujeito, “a subjetividade está na pauta do humanismo, como traz um enfoque

⁸ Entendendo a hermenêutica como uma técnica de interpretação de discurso.

⁹ A etimologia da palavra aponta para uma origem no grego *ontos* (ente) logia (estudo), seria uma ciência do ser.

¹⁰ Alguém ou algo que existe, não necessariamente real, concreto, mas existe.

fenomenológico, este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade [...]”, ou seja, o lugar seria um conceito geográfico fundamental para a compreensão do vínculo dos sujeitos santanesenses com a terra.

Entretanto, é importante salientar que os conceitos são criados em solos epistemológicos com problematizações específicas de dado momento histórico, isto é, “[...] todo conceito está localizado [...], isso implica que todo conceito opera a partir de um campo teórico-metodológico específico e é a partir dessas referências que os conceitos nos permitem fazer uma leitura-intervenção singular no mundo” (CRUZ, 2010, p. 8). Isso significa dizer que, para o objeto e para os objetivos dessa pesquisa, além de entender as características dos conceitos, devem-se fazer escolhas. E aqui a escolha é pelo conceito geográfico de lugar (além de topofilia, de geograficidade e de território).

Por meio dos autores supracitados, é possível entender que, mais do que escolhas para uma delimitação conceitual em Geografia, necessárias em uma pesquisa científica, são, especialmente, o lugar e a geograficidade os conceitos que se colocam em evidência para o estudo da essência do ser santanense nesta perspectiva humanista. Nesse sentido, é válido o apontamento de Livia de Oliveira (2017, p. 80–81) ao ressaltar a importância da questão espacial atrelada aos sujeitos quando ela diz que nos estudos do Humanismo em Geografia, que já datam meados de 1970, primeiro estão aqueles relacionados ao estudo da Percepção do Meio Ambiente. E essa Geografia, chamada de Humanista, abre caminhos para o entendimento do espaço pelo geógrafo em uma abordagem mais qualitativa que aprofunda o contato com o lugar.

O sentido de pertencimento a um lugar na Geografia Humanista, pautada na fenomenologia existencialista, está atrelado, portanto, ao ato de compreensão da existência (SARAMAGO, 2008, p. 32). Assim, “ex-sistir” implica em experienciar e, segundo Tuan (1983, p.14), “o lugar pode ser experienciado de várias maneiras” ao longo de uma vida. Dessa forma, a Geografia, sendo uma ciência que trata das relações sociais no espaço, se revela como uma ferramenta que ajuda a compreender a importância do lugar para a sobrevivência de um povo. Contribui, então, com o entendimento do modo de apropriação do espaço por trabalhadores e trabalhadoras, que constituem no lugar diferentes significados, símbolos e identidades, assim como os colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.

É nesse sentido que se compreende o fato de a fenomenologia ser um suporte para o entendimento do objeto de estudo da Geografia (o espaço), quando esta se propõe a estudar os sujeitos na sua íntima relação espacial, pois “[...] o espaço só existiria para o ser-no-mundo a partir de sua concretude existencialista, ou seja, ele aparece para nós “em relação”, já

desprovido de seus atributos puramente geométricos e abstratos que o desumanizam” (HOLZER, 2013, p. 21).

Ao compreender a importância da abordagem humanista-cultural para o estudo do sujeito enquanto ser que só existe em uma dimensão espacial, é possível, por conseguinte, dentro dessa abordagem, debater os conceitos de lugar e de geofricidade, apontando como esses recortes conceituais contribuem com a presente pesquisa.

1.1.2 A ponte entre a Geografia Humanista-Cultural e o lugar em Sant’Anna: as relações topofílicas com o lugar

Não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons.

YI-FU TUAN, 1980

O conceito de **lugar**, no âmbito da Geografia, é composto por várias definições que se diferenciam conforme a linha de pensamento e o modo de se construir o saber científico nas diversas correntes dessa ciência. Independentemente da abordagem teórica, percebe-se a grande importância que esse conceito possui na identificação das relações sociais estabelecidas, produzidas e transformadas no e pelo espaço geográfico.

Para os geógrafos cujas pesquisas estavam pautadas pela abordagem positivista, o lugar possuía uma importância secundária, assumindo, no início do século XX, um sentido mais locacional em eventuais estudos cartográficos (HOLZER, 1999). Já para a Geografia Humanista (segunda metade do século XX), que enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas e espaciais, o lugar se tornou um conceito-chave, que carrega a dimensão do “perceber o entorno” e as singularidades das relações socioespaciais que demarcavam a ideia de afetividade. O lugar, de uma simples ideia locacional, passou a ser, portanto, interpretado também como um produto da experiência humana.

Certamente, falar de lugar requer mencionar o espaço geográfico, pois eles, além de estabelecerem a natureza da Geografia, não podem ser entendidos isoladamente (TUAN, 1983). De acordo com Tuan, o espaço geográfico é mais abstrato que o lugar geográfico. O espaço torna-se lugar à medida que o ser humano o experiencia melhor e atribui a esse mesmo espaço um valor emocional. Os geógrafos humanistas entendem o lugar como um recorte espacial mais concreto, complexo e simbólico. Ele pode ser analisado por meio da experiência pessoal de

cada sujeito ou a partir da experiência intersubjetiva, isto é, permite a compreensão da relação entre sujeitos em comunidade que compartilham sentimentos e experiências no lugar. Assim, para que esses espaços sejam dotados de valor, por conseguinte, é necessário um envolvimento emocional profundo, ressaltando dos sujeitos estas características: *identidade e estabilidade* (TUAN, 1983; HOLZER, 1999).

Uma característica importante na relação dos colonos santanenses com o lugar se constitui, então, através dos seus laços temporais com a Fazenda, laços esses que, inclusive, atravessam temporalmente gerações. Essa relação é, portanto, a característica da estabilidade. Em *Espaço e Lugar*, Tuan (1983) diversas vezes pontuou a seguinte expressão: “lugar é pausa”. Ora, se “lugar é pausa”, “espaço é movimento” e o lugar é “pausa no movimento¹¹”, isso significa que, entre outras coisas, para constituir lugares é necessário tempo e envolvimento, ou seja, pausa, estabilidade.

Isso quer dizer que, com a história dos colonos em Sant’Anna, a característica *estabilidade* pode ajudar a compreender a relação do sujeito santanense atualmente com o lugar. As terras hoje ocupadas por essas famílias trazem consigo marcas da apropriação e das relações com esse território há pelo menos dois séculos. Tempo esse que permite ao ser humano a *estabilidade* de Tuan e que permite com que sujeitos identifiquem, no seu referencial espacial mais genuíno, o seu existir, o seu ponto de partida espacial e o seu ponto de retorno.

Tuan (1980) enfatiza que os traços comuns de percepções dos humanos são condicionados pelos sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar, além de outros sentidos sensibilizados (percepção de umidade do ar e senso de direção, por exemplo). O paladar é um importante sentido que aproxima (ou afasta) um sujeito dos lugares:

Ah, lá na Fazenda, eu gostava de comer abil, jalão, goiaba, mexerica, manga, romã, caju, jambo, jabuticaba. Jabuticaba, então, pra mim era só boa se tirada direto do pé, do contrário não tinha o mesmo gosto. Eu adorava também o cheiro de café torrado e moído que meu avô fazia, me lembrava a hora do lanche. O café da tarde, era um café com leite com broa, adorava quando dava algum problema na luz, que azedava o leite do tanque e eles saiam distribuindo o leite. Aí o vô fazia requeijão, comia requeijão com o pãozinho caseiro que a tia Loura fazia. A linguiça que o vô Zezinho colocava

¹¹ É necessário dizer que a estabilidade é apenas uma das características que podem envolver o sujeito no lugar e que, ainda, tal característica pode ser tensionada. Isso porque o inconsciente dos sujeitos não pausa, encontra-se sempre em movimento. Além disso, embora o território seja o mesmo, o lugar pode não ser o mesmo, pois as relações espaciais mudam, se resignificam. Certamente, o terreiro de café não significou o mesmo para os trabalhadores do século XIX, que trabalhavam obrigados e eram castigados nessa mesma porção do território em que crianças do século XXI brincavam. Poderia ter significado um lugar de afeto para esse, enquanto, para aqueles, poderia ter sido um lugar de medo. Mesmo no século XXI há um processo de tensionamento do amor, quando ele é ameaçado, seja com os antigos proprietários, seja com os novos agentes territoriais. O medo de o amor pelo lugar morrer também é um movimento na pausa. Logo, ao falar de estabilidade, é necessário entender que na pausa também há muito movimento.

pra defumar em cima do fogão de lenha. Eu gostava de comer os doces de leite, de goiaba que minha tia fazia. Doce de leite do vô Zezinho que a gente ficava rodeando o fogão de lenha pra ver quem que ia raspar o tacho, a carne de porco da vô Bigó, que ela conservava na gordura de porco. E tinha o angu doce que minha vô fazia. Que a vô Fernanda fazia e assava na brasa, no fogão à lenha. Favo de mel, pé de moleque que a gente insistia pro vô Zezinho fazer. Ai ele falava: “Ah, tá bom, menino! Vou fazer, mas só se vocês ‘dibuiar’ o amendoim” (risos). Ah como era bom! Isso lembra a infância!¹²

(FILHOS DE COLONOS DE SANT’ANNA, 2023)

Essa é uma transcrição da fala de três sujeitos diferente (filhos de colonos). Percebe-se nela uma relação com Sant’Anna, que marcou os sujeitos na infância, não somente por meio do paladar, mas também por outros sentidos. Ao lembrar dos alimentos que mais gostavam na infância, lembram de pessoas e, também, de lugares. Eles sorriem como se pudessem trazer para o presente um “pedacinho” da felicidade ao comer tais alimentos no passado. Dentre esses alimentos, os lugares aparecem nas entrelinhas de suas falas ao citarem as pessoas. Sendo uma área rural, na Fazenda, muitas vezes, os pontos de referência dos colonos são as próprias pessoas. Assim que, por exemplo, quando dizem “lá no Zezinho”, referem-se à casa desse colono. Logo, na transcrição, a casa do Zezinho; da Loura; da tia e da Fernanda; bem como o tanque da produção de leite da Fazenda; e os pomares dos colonos e das áreas comuns na Fazenda são o palco das relações desses sujeitos.

São os sentidos que despertam uma sensibilidade reconhecida no lugar. E, ainda que os seres humanos possam ter como característica fisiológica o desenvolvimento desses principais sentidos, “[...] no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar” (TUAN, 1980, p. 12–13). Nos indivíduos, a percepção é uma atividade constante e, por isso, os órgãos necessitam ser exercitados. O quanto cada sentido será treinado dependerá da cultura na qual o sujeito está imerso.

No sentido da audição, retomando a epígrafe (ver página 30), de acordo com Yi-Fu Tuan (1980), embora o ser humano não tenha sensibilidade muito fina em termos auditivos, ele é afetado muito mais pela audição do que pela própria visão. É o que explica, por exemplo, o porquê de as pessoas se deixarem afetar pela música. Já no que diz respeito ao olfato, o poder do odor pode transportar o sujeito para uma paisagem específica ou, até mesmo, para uma memória afetiva do passado. Isso “pode estar relacionado ao fato de que o córtex, com sua grande reserva de lembranças, evoluiu daquela parte do encéfalo, originalmente relacionada com o olfato” ou ao fato de que “nossos narizes, na infância, não somente eram mais sensíveis,

¹² Essa citação é a transcrição de um áudio apresentada ao PPGEU-UFJF durante a qualificação de Mestrado. Nela, filhos de colonos lembram os alimentos preferidos da infância.

mas estavam mais próximos dos odores emanados da terra dos canteiros, das flores, do capim e dos solos úmidos. [...]” (TUAN, 1980, p. 12).

Em suma, independentemente de quais são os sentidos mais aguçados nos sujeitos, nas palavras de Tuan (1980, p. 12) o “[...] ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos”. Obviamente, o camponês que possui uma relação estritamente particular com o lugar terá uma visão sobre ele distinta de um visitante (turista) do espaço urbano, por exemplo. Ambos possuem diferentes formas de exercitarem seus sentidos que estarão mais ou menos sensíveis às manifestações da natureza. Isso explica, por exemplo, a relação simbiótica dos povos originários com seu território, de modo que conseguem não só o compreender como também sentir as mudanças em seu habitat de uma forma que até mesmo os estudiosos da área não conseguem sentir.

Um espaço se torna lugar com a experiência contínua e cotidiana, tanto ao nível do indivíduo quanto do grupo. Por isso, “o lar, a casa, constitui o centro mais profundo da existência, do viver; é o significado [...]. O lugar possui identidade [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 99). Essa identidade, que é cultural, só pode ser compreendida ao se estudar as relações com grupos vizinhos (CUCHC, 1999).

A partir desses apontamentos, pode-se concluir que a **topofilia**, portanto, é um neologismo, que inclui

[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, e prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa [...] (TUAN, 1980, p. 114).

Embora o conceito-chave para a discussão proposta nessa dissertação seja o lugar, é importante dizer que os conceitos e categorias da Geografia se relacionam em sua complexidade no real. A paisagem é um conceito geográfico que, indissociável do lugar, aparecerá com certa frequência. Como esse é um conceito apropriado por diversas áreas do conhecimento, será necessário demarcar que tipo de paisagem é concebida neste texto quando, por vezes, ela for mencionada em sua relação com o lugar.

O primeiro esclarecimento importante a se fazer é o de que aqui, ao se falar de lugar e sentido de lugar, as paisagens mencionadas nesse texto decorrem de uma abordagem geográfica. O segundo ponto a se mencionar é sobre qual abordagem de paisagem geográfica será aqui utilizada, isto é, na Geografia, a depender da abordagem teórica, haverá diferenças de

concepções sobre paisagem, aqui ela será utilizada em uma perspectiva mais humanista e integradora.

Segundo Ponte (2019, 225), a paisagem seria “a experiência imediata do espaço, sem artificios que a encobriam uma experiência do corpo, dos sentidos”. Isso significa que a paisagem se coloca como um conceito que abrange também a experiência corpórea na totalidade e o sujeito não só pode percebê-la e senti-la como também fazer parte dela. Logo, paisagem pode ser entendida como um conjunto de elementos espaciais capazes de serem captados pelos sentidos humanos.

Em Dardel (2015), é possível reforçar essa ideia de totalidade afetiva, de ligações existenciais com a Terra quando ele diz que “muito mais do que justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos. [...]” (p. 30). Isto é, se é uma totalidade que permite uma ligação concreta de seus elementos (humano inclusive), ela não deve ser considerada algo estático e imutável, pois ela “pressupõe a presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência” (p. 32).

Uma paisagem geográfica teria uma forma física e visual (não somente) a qual é percebida. Embora dificilmente se compreenda todas as experiências de lugar como experiências de paisagem, Relph (2008, p. 31), ao associar lugar e paisagem, diz que as características visuais são uma evidência tangível de atividades humanas e que a aparência (paisagem) é uma característica dos lugares.

Dessa forma, falando-se em paisagens representativas de lugares, a “Igreja”¹³ de Sant’Anna, talvez seja um dos elementos da paisagem que melhor represente a simbologia dessa terra. Mesmo que haja quem não se diga cristão, ou católico, a capela leva o nome da Fazenda, assim como a Fazenda carrega o nome de Ana (avó de Jesus), uma personagem bíblica considerada santa segundo a fé católica. Ela compõe a paisagem, está no cerne das atividades atreladas aos moradores, inclusive em tempos de festa (celebrações, principalmente a Festa de Sant’Anna, e para fins de comunicação com trabalhadores por meio do sino, ou para algum aviso em caso de urgências para reunir todos prontamente).

Os elementos das paisagens da fazenda possuem uma representatividade e um significado nas vivências dos sujeitos habitantes desse lugar. Embora as paisagens residuais¹⁴ simbolizem o suor e o sangue de muitos trabalhadores explorados nessas terras através do trabalho cativo,

¹³ Chamada pelos colonos de igreja, mas que, na verdade, pelas suas características, se constitui como uma capela.

¹⁴ Paisagens com elementos de resquícios do passado (CORRÊA, 1995).

ou mesmo, da superexploração do trabalho assalariado, os colonos parecem ressignificar essas mesmas paisagens.

A comoção dos moradores diante do incêndio que destruiu o Casarão da Fazenda no início do século XXI (casa-sede da Fazenda) é um exemplo disso. Essa casa não pertencia aos colonos, não era de acesso livre aos moradores, mas representou um dia de muita tristeza para todos. Ela estava “ali”, desde sempre, fazendo parte da paisagem e do lugar onde nasceram as pessoas que encontravam com ela todos os dias, por um longo tempo. Portanto, a *estabilidade* e a identidade constituem o indivíduo no lugar, sobretudo enquanto criança, pois “a natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas” (TUAN, 1980).

Utilizando as palavras de Tuan, “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém com todo o significado afetivo da palavra” (1980, p.130). Nesse sentido, se todo ser humano pode possuir esse tipo de relação com um recorte espacial, a topofilia do pequeno agricultor ou camponês, como a dos colonos, pode ser considerada profunda, pois eles conhecem a natureza por estarem diariamente com ela.

1.1.3 Os colonos em: a geografia de Dardel

Eric Dardel é o autor de “*O Homem e a Terra*”, escrito em 1952, com sua tradução para o português em 2011. Ele analisa as experiências mais primitivas do ser humano com a Terra e, para ele, o espaço geográfico tem horizonte, modelagem, cor e densidade, que são características que diferem do espaço geométrico (abstrato e vazio de conteúdo). Essa relação do homem com a terra, de *amor ao solo* (DARDEL, 2015), é chamada pelo autor de **geograficidade**, que pode ser entendida como a cumplicidade entre a Terra e o ser humano. Tal cumplicidade ocorre na concretude espacial, ou seja, no lugar (HOLZER, 2016, p. 72), isso porque, segundo Tuan (1980, p.117), “[...] a região natal (*pays*) tem continuidade histórica e pode ser uma unidade fisiográfica pequena o suficiente para ser conhecida pessoalmente (como um vale, litoral ou afloramento calcário)”. Isso significa que a identidade do ser humano ocorre na relação com o lugar e pode acontecer em diversas formas escalares. É o que Werther Holzer (2013, p.21) chama atenção em seu artigo, ao dizer que “[...] o espaço só existiria para o ser-no-mundo a partir de sua concretude existencialista, ou seja, ele aparece para nós ‘em relação [...]’”.

Nesse sentido, a geograficidade pode também expressar a (i)materialidade do espaço geográfico, pois a existência do ser na relação com o espaço, “é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade que, por sua vez, expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços” (HOLZER, 2013, p. 24).

Sobre a Geograficidade, é essencial retomar o livro *O Homem e a Terra*. Neste livro, em uma escrita poética, o autor fala de existências humanas e do seu ser em sua realidade espacial, em sua geograficidade. Ao enunciar a realidade geográfica, o faz distribuindo unidades de significações espaciais ao longo da obra, que dizem respeito ao espaço geográfico: espaço material, espaço telúrico, espaço aquático e espaço aéreo; e à História da Geografia: Geografia Mítica, Geografia das Velas Desfraldadas, Geografia Científica e uma interpretação Profética da Terra.

Algumas unidades de significação serão de fundamental importância para a realização de algumas conexões entre sujeito santanense e o lugar. No espaço geográfico, um exemplo seriam os espaços que Dardel chama de material; espaço aquático; aéreo; telúrico; e, ao enunciar um atravessamento de uma história da geografia, as concepções de “Geografia Mítica” e “Geografia das Velas Desfraldadas” (expressão de Lucien Febvre). Esta diz respeito à aventura, é, segundo Dardel (2015, p. 78), “[...] um capítulo da geografia heroica, o heroísmo aqui sendo o risco assumido, coragem de planejar uma empreitada e executá-la, a determinação, as individualidades fortes [...]”. Enquanto na Geografia Mítica:

[...] a Terra é a mãe de tudo o que vive, de tudo que é, um laço de parentesco une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, até às pedras. A Montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um exterior, mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. E lá que ele se realiza e se conhece. [...] (DARDEL, 2015, p. 49).

Assim, na íntima relação do ser humano com a Terra, naquela na qual as feições terrestres não são apenas geomorfológicas, mas humanas, o lugar tanto constitui o ser humano na sua relação com essas fisionomias da paisagem, como se torna, também, parte da humanidade. Essa relação, para Dardel, acontecia de modo mais frequente nas civilizações primitivas, no passado da humanidade, pois acreditava que, com exceção de povos originários (e demais povos que possuem extrema relação com a natureza), as civilizações, sobretudo ocidentais, tenham perdido tal relação mágica-mítica com o mundo.

Falar de amor ao solo em uma relação íntima com a Terra requer falar de espaço e lugar. Sendo assim, para Dardel, no que diz respeito à geografia interior,

na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam caminhos para o outro mundo [...] (2015, p. 5).

Na relação entre material e o simbólico há duas categorias espaciais capazes de entrever os aspectos que conectam o “homem e a Terra”: o espaço material e o espaço telúrico. Toda a realidade humana se insere na realidade espacial. Mesmo sem perceber (passividade), o ser humano se relaciona mais ou menos ao espaço natural ou construído, até mesmo na fala, no uso afetivo do vocabulário.

Isso ocorre quando os sujeitos fazem confidências às águas da cachoeira de Sant’Anna, pois elas “ouvem” e “levam” todas as inseguranças humanas para longe em seu constante movimentar. Ou, em seu momento de fúria, as águas movimentam-se mais rápido, levando mais do que tristezas, também alegrias em períodos de cheia, ao varrerem as plantações, por exemplo. As águas da cachoeira trazem para o sujeito renovação, calma e, ao mesmo tempo, insegurança, tristeza e fúria. Assim, o próprio vocabulário manifesta a aproximação com o espaço concreto ao qualificar o que não é humano: a “calmaria”, o “levar inseguranças” e a “sabedoria” das águas da cachoeira de Sant’Anna, bem como, a sua “fúria” diante da fragilidade do sujeito.

Nesse exemplo referente à cachoeira de Sant’Anna, move-se “aí” o espaço material. Ela existe na concretude, no real, mas também, existe no irreal, no imaginário que permite essa interconexão com o sujeito santanense. Contudo, essa relação varia obviamente de um colono para outro.

Opera, nesse mesmo exemplo, o espaço aquático, no que diz respeito ao movimento da água, no qual se insere a alusão do movimento da vida, pois “[...] onde não existe água, o espaço tem algo incompleto, de anormal: o deserto, a superfície árida dos platôs calcáreos, sugerem naturalmente a ideia de morte [...]” [mantida a ortografia original] (2015, p. 19).

Ainda no exemplo da cachoeira, fica claro o espaço telúrico, onde se encontra o espaço para além da materialidade. Segundo Dardel (2015), o espaço geográfico não é apenas matéria, superfície, é também profundidade, que se revela por meio da interpretação pelo intelecto, da percepção encontrada em uma experiência primitiva. Ainda segundo o autor:

A Terra como realidade telúrica não é estática. Nós falamos a propósito da superfície continental, de “movimentos” e de “ondulações” do solo, de terreno “acidentado”, “tormentoso”, “deslocado”. É como se a afeição da Terra respondesse a nossa mobilidade inquieta que espera que o mundo se anime, se mova, se dobre sobre os nossos olhos [...] (2015, p. 18).

No contato com a atmosfera, com o espaço aéreo, as gotas de água da cachoeira salpicam em forma de vapor e revela uma condição de umidade em suas proximidades que não ocorre em outro lugar. A necessidade do respirar nos seus arredores emana para o “ser” uma espécie de satisfação. Como será visto mais adiante, a cachoeira é um lugar de afeto para os colonos, mas também um lugar de medo para outros, que estabeleceram com ela formas diferentes de se relacionar.

Todas essas manifestações do espaço contribuem para a conexão do sujeito com a Terra. Então, sobre as comunidades que possuem uma ligação íntima com ela, é necessário destacar um pensamento de Dardel acerca do “ser” ativo ou passivo diante da espacialização. Isso porque, estar em *passividade* diante do “terrestre” não significa, necessariamente, que o lugar deixe de se conectar com o sujeito, e vice e versa. Segundo Dardel (2015, p. 9):

É importante não se acreditar no erro de que a espacialização geográfica se produz somente em virtude de um comportamento ativo. É o caso onde o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre influência do clima, do relevo, do meio vegetal [...], a natureza geográfica o lança sobre si, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos. [...] ocasionalmente o homem encontra essa passividade. [...]

Atrelado a essas influências físicas mencionadas pelo autor, pode-se incluir aqui a influência da sociedade, do Estado, das forças hegemônicas, pois, sendo o “homem” o ser em relação com a “Terra” e, também, a própria Terra quando ele se faz pertencente a ela, os sujeitos em si podem se encontrar na *passividade* sob a influência de outros sujeitos e, mesmo assim, conseguirem manter uma relação íntima com o espaço.

Talvez possa ser também nessa passividade que o colono se constitui no lugar diante da Geografia das “Velas Desfraldadas” e de uma “Geografia Heroica” e desbravadora de uma elite aristocrática. Esta assume a função de se aventurar na Mata Atlântica ao ocupar as áreas autorizadas pela Coroa; e instaura novas formas de comunicação e de transporte ao abrir caminhos para o escoamento da produção, otimizando o acesso do ser humano aos locais, até então, “não explorados”¹⁵. Assim fez Mariano Procópio¹⁶ com a abertura de caminhos para o escoamento de café na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.

¹⁵ Isto é, pelo homem branco.

¹⁶ Mariano Procópio Ferreira Lage (1821–1872) engenheiro criador da Estrada União Indústria (Juiz de Fora/Petrópolis), empresários, proprietário da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna e diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II e das Docas da Alfândega.

O movimento desses sujeitos “desbravadores” condicionou a relação dos sujeitos camponeses no espaço. Ou seja, em uma relação social em que há medidas diferenciadas de poder, a interferência ou a vivência com a terra é também diferenciada. Essa vivência ocorreu de tal forma que, ao longo do tempo, se aproxima desses sujeitos inicialmente “passivos” uma Geografia Mítica, que se remete à origem, à fonte da vida e à geograficidade dos colonos.

Logo, há geograficidade também na passividade, por outro lado, há geograficidade no ser ativo, ou seja, naquele em que é despertada a consciência da conexão com o lugar. É possível afirmar, com isso, que a condição de passividade pode ser modificada pelo plano da consciência de si enquanto sujeito espacial.

Portanto, conclui-se desse pensamento que a geograficidade, na íntima relação do colono com o solo, não exclui os acontecimentos espaciais, sociais e territoriais dos quais esse sujeito se inseri nos mais diversos contextos escalares. Isso significa dizer que os sujeito santanense que tem em Sant’Anna a sua “pausa”, não está, com isso, desconectado espacial e socialmente das relações que ocorrem nas diferentes realidades escalares, do contexto regional e nacional, por exemplo. É nesse sentido que o conceito de território, mas também o de territorialidade se tornam importantes para complementar essa discussão. Isso porque, uma ação externa aos colonos promove uma abrupta mudança e, essa mudança, introduz uma transição de uma *passividade* para um *ser despertado* no que diz respeito a sua geograficidade e a sua identidade enquanto pertencente a um lugar e a um território.

Logo, para compreender os sentidos de lugar, a manifestação toponímica com Sant’Anna e a geograficidade dos colonos de Sant’Anna, dada a essa mudança da dinâmica das relações de poder até então estabelecidas, é necessário compreender as novas dinâmicas territoriais, que envolvem um novo agente, o MST. Para tal, far-se-á uma breve discussão sobre o conceito de território e de sua relação com o conceito-chave deste trabalho, o lugar.

1.2 Um território em disputa

1.2.1 “A gente quer dizer” de uma existência: território e territorialidade em questão

Sociedade e espaço social são dimensões gêmeas.

ROGÉRIO HAESBAERT

O processo de desapropriação e de ocupação da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna foi um marco importante não só na história de vida dos colonos, como também um marco que altera, de alguma forma, as relações afetivas individual e conjuntamente com seus pares e com o lugar.

Certamente, esse acontecimento desperta uma consciência do amor ao solo, que, reforçando, não significa que os sujeitos santanesenses não tivessem o vínculo e uma conexão com o lugar, muito pelo contrário, mas provoca essa tomada de consciência frente à ameaça da desterritorialização. E, nesse momento, o *ser*, o *estar* e o *existir*, verbos atrelados essencialmente à vida desses sujeitos, são questionados nessa nova dinâmica.

Retomando a epígrafe, em que Haesbaert faz uma conexão entre sociedade e espaço, ele reforça ainda que “[...] o próprio conceito de sociedade implica, de qualquer modo, sua espacialização ou, no sentido mais restrito, sua territorialização [...]. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem, ao mesmo tempo, inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (HAESBAERT, 2021, p. 20)¹⁷. Isso significa que as mudanças das relações sociais e trabalhistas no campo, para o caso da Fortaleza de Sant’Anna, implicam em relações também espaciais, que se manifestam a partir de diferentes dinâmicas de poder, logo, implicam em relações territoriais.

Vê-se, portanto, emergir conceitos e categorias de análise que podem contribuir com o entendimento da nova organização em Sant’Anna, bem como sua repercussão no *ser* e no *estar* dos colonos. Dentre eles, está o conceito de território e, por sua vez, as suas variações.

Então, embora esta dissertação não tenha o território como conceito primeiro, e também não se proponha a uma discussão teórica mais profunda sobre ele, para entender as transformações dos sentidos de lugar dos colonos, é necessário, antes, compreender as novas dinâmicas territoriais que os envolvem. Logo, faz-se justo empreender alguns esforços para

¹⁷ Mantida a ortografia original.

demonstrar o que se entende por território, territorialidade, desterritorialização e (re)territorialização, esforço no qual essa seção se dedicará.

Território é um conceito polissêmico utilizado por outras ciências para além da Geografia. Dependendo da concepção do conceito, possivelmente, suas derivações podem se diferenciar. O território, enquanto recorte espacial delimitado e enquanto mediação espacial do poder, resulta da interação entre as dimensões desse poder, desde a dimensão política à simbólica (HAESBAERT, 2021). Sendo assim, apresenta-se como material, físico, mas também imaterial e simbólico. Com relação ao poder, com base em Haesbaert, lembra-se que ele não é adquirido, mas exercido de inúmeras formas.

Logo, é possível considerar o território como uma dimensão material do espaço; com delimitações físicas; com a presença de fronteiras; e com a apropriação dessa dimensão material pautada pelo direito jurídico, mas também simbólico e econômico, onde há relações internas que implicam no conhecimento espacial e no seu controle, ou seja, o poder que é exercido e praticado espacialmente.

O território aplica-se a todas as escalas geográficas e possui duas grandes dimensões: material e simbólica. Por isso, constitui-se a partir das relações de poder, possui seu sentido mais concreto e funcional (referente à dominação e à apropriação) e, também, um sentido simbólico e subjetivo (RITTER, 2011).

Partindo do entendimento do território numa perspectiva integradora que engloba suas diferentes dimensões e ordens escalares, é possível dizer que se considera por **desterritorialização** um movimento de abandono do território, mas que, indissociavelmente, está relacionado à **(re)territorialização**, ou seja, o movimento de construção ou reconstrução do território. Nesse sentido, no seu processo integrador, a desterritorialização

deve ser aplicada a fenômenos de efetiva instabilidade ou fragmentação territorial, principalmente entre grupos socialmente mais excluídos e/ou profundamente segregados e, como tal, de fato, impossibilitados de construir e exercer efetivo controle sobre seus territórios, seja no sentido de dominação político-econômica, seja no sentido de apropriação simbólico-cultural (HAESBAERT, 2021, p. 313).

Dessa forma, apoiando-se nesse movimento de desterritorialização e de (re)territorialização do qual Haesbaert menciona, pode-se dizer que, ao enunciar o “a gente quer dizer” de uma existência, em algum momento os colonos indicam que seu território e o exercício de sua territorialidade foram ameaçados (desterritorialização). “[...] Se a territorialidade é indispensável à afirmação e à realização das formas de existência e de

identidade coletivas [...]” e, “a identidade deve ser analisada como um discurso que os grupos têm sobre eles mesmos e sobre os outros, para dar um sentido a sua existência” (CLAVAL, 1999, p. 23, 15), claramente, há uma autoafirmação identitária entre esses sujeitos com o lugar-território. Há uma relação topofílica com a terra da qual se reconhece uma identidade e uma estabilidade, mas também uma necessidade de defesa da manutenção dessa relação com a terra por parte dos colonos. Nessa perspectiva, território e lugar se aproximam.

Segundo Werther Holzer (2013), para se discutir território, antes é necessário discutir os lugares. Na sua concepção, **territorialidade** seria expressão do comportamento vivido, englobando também as relações com os sujeitos externos, ou seja, o que está além do território.

Para Candiotto e Santos (2009, p. 321), o conceito de territorialidade

representa os vínculos que determinado indivíduo e/ou grupo social possuem com um ou mais territórios materiais (físicos) ou imateriais [...]. A identidade individual ou coletiva é decorrente do reconhecimento e da valorização das territorialidades, haja vista que estas são fundamentais para a construção de identidades.

Observa-se, então, que o conceito de territorialidade possui ligação com o de lugar, quando ambos refletem a dimensão cultural e identitária dos sujeitos em seu cotidiano (2009, p. 325). Assim, conforme ressalta Haesbaert (2021), a territorialidade aparece ora como um pressuposto para a formação de territórios, ora como um aspecto da dimensão simbólica e identitária do território.

No que diz respeito à dimensão simbólica, a identidade¹⁸ é uma construção importante. O território em si contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade enquanto construção cultural, respondendo a uma necessidade da existência (CLAVAL, 1999, p. 15).

Se território e lugar, nessa perspectiva do simbólico, são conceitos complementares e o lugar traz uma significância topofílica no que diz respeito aos colonos, pode-se afirmar que na eventual ameaça de desterritorialização, os sujeitos são igualmente ameaçados. Por isso, há de se compreender, em primeira instância, esta passagem da fala de Paul Claval:

[...] Os discursos identitários contemporâneos proclamam, assim, a necessidade, para o grupo, de dispor de um controle absoluto do território que ele torna seu. Não lhe é suficiente dispor de um lar simbólico, de um polo de adesão. É necessário isolar os outros (CLAVAL, 1999, p. 22) (adaptado).

¹⁸ Entendido aqui como conjunto de características de um dado grupo social, a essência do ser que o diferencia dos demais.

Apreende-se da fala de Claval que a chegada do MST como novo agente territorial em Sant'Anna, frente aos agentes que já existiam (os proprietários), indica também a inserção de novos discursos identitários e de novas formas de se pensar e de se dispor do poder. Esse novo agente, no seu agenciamento, lança estratégias de apropriação e de manutenção do poder, na tentativa de dispor do controle absoluto do território que toma como seu frente à luta pela redistribuição de terras. Contudo, outros sujeitos com o vínculo extremamente forte com o lugar ficam nesta disputa de poder entre os antigos proprietários e o MST: os colonos.

A ameaçada desterritorialização provocou nos colonos uma tomada de consciência de si e de sua identidade territorial e a procura pela enunciação da sua fixação na terra. Com isso, pode incorrer aos colonos uma espécie de re-territorialização, já que as mudanças provocadas por uma força exterior também manifestam uma nova forma de acesso às terras, agora através de uma possibilidade jurídica de direito de posse, com o reassentamento de suas famílias.

Assim, quando o colono diz “tenho amor por um lugar que nunca foi meu, mas tenho amor, quero ficar na minha terra”, significa que, primeiramente, houve uma tomada de consciência do território colocado em disputa; há um sentimento de pertencimento que revela a identidade do “ser” colono; e, também, há uma possibilidade de mudança na relação com o lugar quando as terras passam da condição de “lugar que nunca foi meu” para “lugar como possibilidade de ser meu”, porém, com transformações que passam pelo físico, com um reordenamento territorial e com mudança das paisagens, e pelo simbólico.

Segundo Haesbaert (2021), existe, pelo menos, três vertentes de território: a política, a cultural e a econômica. Pode-se dizer que o processo de re-territorialização em Sant'Anna esteja atrelado mais à concepção cultural de território. Esta concepção possui a dimensão simbólico-cultural e prioriza mais o subjetivo. Nela, o território é visto na valorização simbólica de um grupo em relação ao seu lugar.

Contudo, isso não quer dizer que não operem as demais concepções de território ao longo do processo de ocupação da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. No passado, por exemplo, o ordenamento do território se deu a partir de forças do Estado, o qual, por volta de 1800, demarcou e cedeu aquelas terras a um grupo específico de pessoas. Por conseguinte, esse grupo, acabou se tornando uma elite aristocrática do café, o que faz essas terras incorporarem uma dimensão econômica onde as famílias proprietárias ditam as relações trabalhistas que modificam o espaço. Ao longo da história da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, ao que parece, tais vertentes — política, econômica e cultural — se sobressaem alternadamente, dependendo da perspectiva de análise da relação do sujeito com o território e de quais sujeitos são considerados nessa relação.

O sujeito camponês, o escravizado, o assalariado, embora tenham o contato com essas terras, a priori, a partir de uma relação econômica, que beneficiava, sobretudo, os proprietários da Fazenda, por meio da *estabilidade* (de Tuan), mantém outra relação com o território que se manifesta por meio da concepção, sobretudo, cultural.

Em vista disso, após explicada a concepção teórica e conceitual de território utilizada neste trabalho (isso porque tal conceito permite a compreensão das novas dinâmicas de ordenamento territorial de Sant'Anna, a partir da inserção de novos agentes territoriais em 2010), possibilita-se explicitar agora os meios pelos quais se optou por percorrer o caminho da pesquisa. Ou seja, o próximo capítulo tratará dos pressupostos metodológicos, para depois, nos capítulos adiantes, se discutir esta questão: de que forma o “ser” colono irá ressignificar sua relação com Sant'Anna a partir das transformações aqui mencionadas?

CAPÍTULO 2

O MEIO PELO QUAL SE CAMINHA

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte, da procura um encontro!*

FERNANDO SABINO

Enquanto um agregado de minerais com componentes sólidos e naturalmente disponível na natureza, a rocha, ou, metaforicamente, a “pedra” de Drummond, pode ser interpretada aqui como um obstáculo, como um problema que se espera ser resolvido para que o meio do caminho não se torne, na verdade, o ponto de chegada. Muitas vezes, essa “pedra” é vista apenas a partir de um olhar negativo e/ou superficial de suas camadas já, então, intemperizadas¹⁹. Esse olhar negativo é comum, pois tal “pedra” promove um desconforto e uma reorganização das estruturas até então estabelecidas no caminho percorrido. Contudo, se considerarmos o lado positivo desse obstáculo, assim como o poeta Sabino o faz brilhantemente na epígrafe, pode-se considerar que essa reorganização das estruturas frente a um problema é a fonte do processo da evolução do conhecimento humano. Portanto, a “pedra”, nessa visão, se torna aquilo que provoca o movimento, que promove a mudança.

Assim como a “pedra” de Drummond, no meio do caminho de uma pesquisa de pós-graduação lato sensu em saberes e conhecimentos de comunidades tradicionais, surgiu uma “pedra” materializada (simbolicamente) pela seguinte frase: “A gente quer dizer que a gente existe!”. Enquanto uma “pedra” gigante, ela trouxe um grande incômodo, tornando-se um obstáculo difícil de ser atravessado, ou apenas retirado do caminho. Procurando enxergar essa “pedra” mais profundamente do que sua camada externa podia enunciar, surgiram camadas de perguntas como, por exemplo, estas: por que um ser humano necessita dizer sobre uma existência já existida? O que tem acontecido no contexto social e espacial desse sujeito a ponto de ameaçar a sua existência e de impulsionar o desejo de manifestar o que disse?

¹⁹ Nome dado ao processo de desgaste das rochas.

Após deixar de olhar tal “pedra” superficialmente, permitindo emergir tais questões²⁰, foi percebido que existia outra pedra anexa a ela, e que se materializa (simbolicamente) na seguinte frase já mencionada outras vezes nessa dissertação: “tenho amor por esse lugar, que nunca foi meu, mas tenho amor. Sair daqui só se for pra morrer”. Ora, um sentimento como o amor, é geralmente associado às pessoas, sendo assim, é possível que se sinta amor por um lugar? Que força é essa que conecta uma pessoa ao lugar? E, qual a relação dessa conexão com a “existência” enfática da primeira “pedra”?

Como se vê, a pedra de Drummond, na verdade, foi um incômodo que despertou um problema²¹ de pesquisa geográfico. Ao estudar formas de resolver o incômodo dessa pedra no meio do caminho, uma possibilidade para isso foi através de uma investigação científica. Buscou-se, nas possibilidades da ciência, abordagens que permitissem, sobretudo, um “olhar” para os sujeitos em sua essência e que permitisse, inclusive, a forma de escrita assumida nesta dissertação. Sendo científica, este tipo de investigação requer um método, requer procedimentos metodológicos e uma seleção de instrumentos e ferramentas investigativas. Portanto, para conduzir a tentativa da “resolução” e do enfrentamento desse problema, a pesquisa seguiu os seguintes passos: foi realizada uma (1) pesquisa bibliográfica com ênfase no estudo do embasamento teórico-metodológico juntamente com o levantamento de obras sobre o recorte espacial (Sant’Anna); (2) uma pesquisa documental, com levantamentos de dados históricos sobre o recorte espacial e sobre os sujeitos de pesquisa; (3) um “pré-campo”, para fins de reconhecimento de alguns lugares dos colonos; (4) E, por fim, uma pesquisa de campo.

A primeira etapa de investigação foi detalhadamente mencionada no capítulo anterior, já os meios pelos quais foram realizados o levantamento de obras sobre a Fazenda/Assentamento serão explicitadas adiante, seguidos das seções a respeito da forma como foram realizadas, respectivamente, a pesquisa documental; o pré-campo; e a pesquisa de campo. Ou seja, este capítulo tratará sobre os caminhos percorridos ao longo da pesquisa de mestrado, que foram reunidos e pontuados nas seções a seguir.

²⁰Durante o Mestrado.

²¹De que forma o sentido de lugar, bem como o exercício de territorialidade dos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, é mantido, alterado, ressignificado ou reafirmado diante do processo de ocupação do território pelo MST?

2.1 O levantamento bibliográfico de obras relacionadas à Fortaleza de Sant'Anna

Os caminhos percorridos nesta pesquisa possuem uma base teórico-metodológica pautada nas Geografias Humanista-Cultural²². Nesse sentido, é possível dizer que, de caráter essencialmente qualitativo e exploratório, essa investigação visa uma aproximação da realidade dos colonos de Sant'Anna. Para tal, no primeiro momento foi necessário um aprofundamento teórico em bases conceituais que foram ao encontro das necessidades da pesquisa, já que o objeto de análise consiste na relação entre sujeitos e o lugar, ou seja, entre os colonos da Fortaleza de Sant'Anna e essa localidade. E, na interface sujeito-lugar, portanto, é necessário considerar as dimensões subjetivas e simbólicas dos sujeitos, tais como: os sentimentos, os sonhos, as aspirações, as vivências, as experiências, que se dão no plano individual, mas também coletivo. Para tal, como a **existência** dos colonos é um ponto fundamental dessa pesquisa, leituras sobre Geografia Humanista e Geografia Cultural pautadas na fenomenologia existencial de Heidegger foram realizadas e mais bem detalhadas no capítulo anterior.

Juntamente com a busca por leituras de base teórica, foi realizado também um levantamento bibliográfico que pudesse se referir ao recorte espacial dessa investigação ou relacionado ao objeto de pesquisa. É válido ressaltar que tal levantamento foi importante, inclusive, para justificar a relevância e a necessidade de execução da presente pesquisa. Desse levantamento bibliográfico conclui-se que, ao contrário do que se esperava inicialmente, houve um número considerável de trabalhos científicos produzidos sobre a Fortaleza de Sant'Anna, especialmente no período pós-ocupação do território santanense pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Para esse levantamento bibliográfico, foi realizada uma pesquisa em um dos sites de busca mais utilizados no Brasil, o *Google*. Este oferece a melhor opção de resultados no que se refere a dados e informações, inclusive nacionais, e tem sido o mais popular. Assim, hoje, os sites de endereçamento de assuntos sobre tecnologia escrevem, frequentemente, sobre o assunto elencando rankings de maiores sites buscadores no país, destes, o *Google* segue à frente, como pode ser observado no fragmento da reportagem a seguir:

A plataforma Hostinger divulgou um relatório sobre o comportamento do público na internet em 2023 com uma avaliação das tendências e a relação dos sites mais acessados do Brasil e do mundo. O levantamento mostra [...] as gigantes de tecnologia, como o *Google* e as redes sociais da Meta [...] (HAAS, 2023).

²² Base teórica foi melhor detalhada no capítulo anterior (ver capítulo 1).

Portanto, a escolha por essa forma de pesquisa justifica-se devido à acessibilidade das pessoas ao procurarem informações através da Internet. De acordo com dados do IBGE, há um crescimento da utilização da Internet no país: de 185,4 milhões de pessoas de 10 anos ou mais, 87,2% (ou 161,6 milhões) já tinham acesso à internet em 2022, ante 84,7% em 2021. Os dados apontam também para o crescimento do uso de Internet no espaço rural, ainda que este tenha um número de acesso muito menor do que o espaço urbano: indicava 33,9% em 2016, passando para 67,5% em 2021 e 72,7%, em 2022 (BELANDI, 2023).

O critério de seleção das informações para o levantamento bibliográfico foi o de selecionar apenas arquivos cujo teor voltava-se à escrita científica. Logo, foram coletados artigos, monografias e dissertações. Assim que, para a busca, foram utilizados os seguintes termos como chave de busca: Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.

Como as informações mais relevantes no site geral de busca apontou reportagens e postagens de redes sociais a despeito da chave de busca, optou-se por também utilizar um buscador mais específico do *Google*, o *Google Acadêmico*. Logo, o quadro a seguir será composto pelos principais e primeiros trabalhos referentes ao recorte espacial aqui tratado. Assim, durante três momentos diferentes no segundo semestre de 2023 (agosto, outubro e dezembro), os trabalhos que apareceram nas primeiras páginas do site buscador foram os listados no quadro 1. Dessa forma, um sujeito, independentemente do objetivo da pesquisa, ao procurar informações sobre a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna nesse período, certamente teve este tipo de informação levantada na pesquisa (quadro 1).

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico de obras relacionadas à Fortaleza de Sant'Anna

Título	Primeiro autor	Tipo	Resumo	Colonos são mencionados?	Colonos: sujeitos da pesquisa?	Ano
Atividades econômicas de roceiros negros em uma região cafeeira (Zona da Mata mineira — século XIX)	Não consta	Artigo	Reconstituir histórias e memórias de roceiros negros na Zona da Mata mineira (Juiz de Fora e Mar de Espanha — século XIX).	Não	Não	S.d
Em terras nobres: fragmentos do cotidiano da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna sob a ótica de um inventário post-mortem — Juiz de Fora — 1870/1888	Rita de Cássia Vianna Rosa	Monografia de Especialização	Estudo de vários aspectos do cotidiano da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, documentados no inventário post-mortem	Não	Não	2001

Título	Primeiro autor	Tipo	Resumo	Colonos são mencionados?	Colonos: sujeitos da pesquisa?	Ano
Aspectos históricos e culturais do município de Goianá.	Wesley Silva	Livro	Compilação de artigos sobre o município de Goianá–MG	Não	Não	2007
Fazenda Fortaleza de Sant'Anna: trilhando um caminho para a conservação	Fundo Brasileiro para a Biodiversidade	Projeto Mata Atlântica	Elaborar estudos prévios, diagnósticos e zoneamento para a criação de uma Unidade de Conservação de proteção integral no remanescente florestal denominado Fazenda Fortaleza de Sant'Anna, assegurando a participação pública e o desenvolvimento social e econômico do seu entorno.	Sim	Não	2011
Epífitas vasculares de um remanescente de floresta estacional semidecídua na Zona da Mata, Minas Gerais, Brasil, Epífitas da Fazenda Fortaleza de Sant'Anna.	Daniel E. F. Barbosa	Quadro com a classificação de epífitas	Retrata imagens de espécies de ocorrência na Mata Atlântica.	Não	Não	2013
Palavra de acampado	Angélica Patrícia de Almeida	Monografia Comunicação Social	Este projeto experimental retrata, por meio de um livro-reportagem, as histórias de vida de nove integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	Não	Não	2014
“Cavernas da Babilônia” Narrativas e Intervenções: Vestígios funerários pré-coloniais na microrregião de Juiz de Fora	André Colombo	Artigo	Este artigo tem por intuito reunir e tornar públicos alguns documentos sobre este sítio, e assim evidenciar sua importância no atual quadro das pesquisas arqueológicas regionais.	Não	Não	2014
Palavra de Acampado: experimentações em jornalismo cidadão	Angélica Patrícia de Almeida	Artigo	a aproximação entre jornalismo, literatura, história oral e cidadania, presente no livro-reportagem-perfil “Palavra de Acampado”.	Sim	Não	2015
Palavra de acampado: experimentações em jornalismo literário	Angélica Patrícia de Almeida	Artigo	Conhecer o perfil dos cidadãos que compõem o cenário em questão e refletir sobre as contribuições e desafios do jornalismo em profundidade.	Não	Não	2015
Etnofarmacologia no Assentamento Denis Gonçalves em Goianá, Minas Gerais	Andréa Esteves Martins	Dissertação de Mestrado em ecologia	Objetivo: realizar estudo etnofarmacológico no Assentamento Denis Gonçalves.	Sim	Sim	2016
Mapeamento digital de solos em assentamento de reforma agrária	Martin Meier	Dissertação de Mestrado	O objetivo do trabalho é o de discorrer sobre o levantamento e mapeamento de solos do Assentamento Denis Gonçalves como subsídio de parcelamento dos lotes.	Sim	Não	2016

Título	Primeiro autor	Tipo	Resumo	Colonos são mencionados?	Colonos: sujeitos da pesquisa?	Ano
Entre Fazenda Fortaleza de Sant'Anna e Assentamento Denis Gonçalves: Projeto de Intervenção no Conjunto Edificado da Sede	Naiara Maira Amorim Carvalho	Dissertação de Mestrado	uma proposta de conservação, restauração e reabilitação do patrimônio histórico de Sant'Anna	Sim	Não	2018
MST, a luta e a conquista da terra: a experiência educativa do Assentamento Denis Gonçalves	Wellington José Cunha de Souza	Dissertação de Mestrado	Análise dos processos educativos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.	Não	Não	2019
Costura da vida: encontros entre a psicologia social comunitária e a educação do campo no Assentamento Denis Gonçalves do MST	Conrado Pável de Oliveira	Artigo	Relata uma experiência em Psicologia Social Comunitária junto à primeira turma de Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do campo do assentamento Denis Gonçalves do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST),	Sim	Não	2021
Fortaleza de Santana, fortuna e infortúnios: a longa duração em uma mega propriedade agrícola no império e república do Brasil (c. 1806–2003)	Luiz Fernando Saraiva	Artigo	Mapear uma das maiores fazendas cafeeiras da Zona da Mata mineira desde a sua origem no início do século XIX até as décadas iniciais da abolição da Escravidão.	Não	Não	2023
Resgate: uma homenagem aos antigos moradores da Fazenda Fortaleza de Sant'Anna	Aline Maria Francisco	Livro	Genealogia de mais de cem famílias moradoras de Sant'Anna. Um resgate da História dos colonos de Sant'Anna.	Sim	Sim	2023
Para gelar a alma dos vivos: lugar de medo na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, Goianá-MG	Naiara Souza	Artigo	Apresentar o lugar de medo de uma colona da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.	Sim	Sim	2023

Fonte: dados da pesquisa (2023).

Como observado nesse quadro, em destaque inseriu-se duas obras, estas não apareceram no site de busca, mas no decorrer do levantamento documental, surgiram como importantes fontes. Logo, foram acrescentadas ao quadro para que se possa ter um panorama das informações gerais sobre a Fortaleza de Sant'Anna.

Contudo, como se pode observar, salvo as menções realizadas em textos históricos, poucas obras trataram especificamente dos colonos de Sant'Anna. As mais recentes, por exemplo, tratam de temas variados, porém abarcam o Assentamento Denis Gonçalves e não a Fortaleza de Sant'Anna. Parece um pouco contraditório fazer essa afirmação, porém, a partir

de um olhar fenomenológico e ontológico é possível enxergar que, embora seja o mesmo território, falar de Denis Gonçalves não necessariamente requer dizer sobre os colonos e a Fortaleza de Sant’Ana enxergada e percebida na ótica dos colonos. Percebeu-se, sobretudo durante a realização da pesquisa de campo, que para os colonos, embora a fazenda (território) tenha sofrido um parcelamento/divisão de suas terras, simbolicamente, Sant’Anna (lugar) continua existindo. Esse argumento é reforçado também quando, embora os autores discutam o mesmo território, os colonos deixam de ser mencionados enquanto os sujeitos que são em sua essência nas obras e, dessa forma, pouco se diz sobre os lugares dos colonos.

Do mesmo modo, os textos históricos, que muito contribuem para o entendimento das relações territoriais e sociais do passado, também não se referem aos “lugares” dos colonos, salvo uma exceção²³, que trata especificamente das famílias de colonos numa perspectiva histórica e genealógica. Certamente, o lugar não é um conceito frequentemente discutido pela História e, claramente, não é o objetivo desses autores fazer tal discussão. Contudo, ainda que não seja o objetivo da obra, o fato de conectar os colonos à Sant’Anna por meio do estudo genealógico das famílias, é um exemplo de obra que dialoga com o tema da presente pesquisa. Talvez esse seja, senão o único²⁴, um dos poucos trabalhos que se referem especificamente aos colonos de forma que sejam eles os protagonistas e os sujeitos de suas próprias histórias.

2.2 A pesquisa documental

Para alcançar um dos objetivos deste trabalho — investigar os exercícios de territorialidade dos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna em uma perspectiva histórica — deu-se início ao levantamento de fontes documentais e históricas sobre a fazenda para que pudessem corroborar com o entendimento de “como?”, “quando?” e “por quê?” os colonos se aproximaram de Sant’Anna para “ali” constituírem sua história e sua geograficidade. Tais documentos foram encontrados no Arquivo Central de Juiz de Fora (UFJF); na Cúria de Juiz de Fora; bem como no Centro Cultural de Goianá; no contato com colegas historiadores, que já estudam a área há algum tempo e que gentilmente forneceram material e apontamentos de caminhos — Carlos Henrique; Wendel Dalitesi Costa; amigos colonos como Everton Lage;

²³ Livro: Resgate: uma homenagem aos antigos moradores da Fazenda Fortaleza de Sant’Anna

²⁴ Isto é, para além do artigo “*Para gelar a alma dos vivos*”, que embora recente, é fruto desta presente pesquisa de mestrado.

Ana Carolina Lage; Iranete L. Alves; e Beto Flauzino. Essas fontes não só contribuíram com documentação física, mas, também, com história oral.

Quadro 2 – Fontes primárias da pesquisa documental a respeito da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna

Tipo	Pesquisa documental	Ano	Fonte	Utilizado ²⁵
Carta	Requerimento de Carta de Sesmaria	1814	Arquivo Público Mineiro	SIM
Processo criminal	Processos Criminais do Período Imperial Ofício 20	1853	Arquivo Central da UFJF — Acervo do Fórum Benjamin Collucci	SIM
Livro	Viagem ao Brasil: 1865–1866	1865	Domínio público (Sites de busca-internet)	SIM
Inventário	Baronesa de Sant'Anna	1870	Arquivo Central da UFJF — Acervo do Fórum Benjamin Collucci	NÃO
Livro	Livro de Batismo	1891	Cúria Metropolitana — Arquidiocese de Juiz de Fora	NÃO
Livro	Livro de Óbito	1891	Cúria Metropolitana — Arquidiocese de Juiz de Fora	SIM
Processo criminal	Homicídio Antônio Pereira de Oliveira	1922	Arquivo Central da UFJF — Acervo do Fórum Benjamin Collucci	SIM
Testamento	Cândido Teixeira Tostes	1927	Arquivo Central da UFJF — Acervo do Fórum Benjamin Collucci	NÃO
Documento de identificação	Carteira de trabalho — 1937	1937	Arquivo pessoal de uma colona.	SIM
Caderno de contabilidade	Caderno de produção de grãos da Fazenda	1980–1985	Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	SIM
Livro	O inimigo Cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil, de Georges Readers	1988	Livro disponível para venda em sebos	NÃO
CDs	Dois CDs Com Fotografias em Montagens	1997	Everton Lage (pesquisador)	NÃO
Jornal	A História em Chamas	2001	Pedro Henrique (pesquisador)	SIM
Jornal	Fazenda Da Fortaleza De Sant'Anna	2002	Pedro Henrique (pesquisador)	SIM
Jornal	Festa de Sant'Anna: tradição centenária que sobrevive a todas as dificuldades	2002	Pedro Henrique (pesquisador)	SIM
Dossiê	Dossiê de Tombamento da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	2008	Centro Cultural de Goianá–MG	SIM
Fotografias	Fotografias de colonos, de paisagens da Fazenda e da Festa de Sant'Anna.	2009	Carlos Henrique, disponibilizadas em rede social; e Everton Lage	SIM
Legislação: decreto	Decreto de 23 de dezembro de 2011	2011	Diário Oficial Da União — Seção 1, n.º 247, P. 165	SIM
Mapa	Incrá	2013	Acervo pessoal dos colonos — Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	SIM
Atas	Atas e pautas de reuniões da AMS	2015	Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	SIM
Fotografias	Acervo pessoal de uma colona	Séc. XX	Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna	SIM
Fotografias	Fotos históricas	Séc. XX	Blog Resgatando o Passado: https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/	SIM
Ação civil	Ação Civil na Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural	2020	Ministério Público Federal	NÃO

Fonte: dados da pesquisa (2023).

²⁵ Utilizado diretamente na dissertação de mestrado.

Dentre os materiais levantados, alguns foram cruciais para a pesquisa como, por exemplo, o Dossiê da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. Ele apresenta uma espécie de inventário dos bens da localidade para fins de patrimonialização já no século XXI, enquanto outros, embora importantes, não foram utilizados por não se enquadrarem nos objetivos da pesquisa. Contudo, enquanto documento de informações primárias, contribuirão possivelmente com pesquisas futuras sobre a localidade, por isso foram mencionados no quadro.

Foi analisada, também, parte de uma obra da segunda metade do século XIX em que a fazenda aparece como um dos locais de visita e de estudos de Louis Agassiz²⁶. Agassiz escreveu um livro intitulado *Viagem ao Brasil: 1865–1866* e nele, há um capítulo com descrições sobre a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, local onde Louis esteve juntamente da Família Imperial Brasileira.

Além disso, as informações contidas nos jornais também foram importantes para compreensão de fatos históricos dos séculos XX e XXI e algumas fotografias antigas foram importantes para a compreensão das mudanças territoriais e mudanças de lugares pontuados por colonos durante as entrevistas. Os processos criminais corroboraram para o entendimento das relações trabalhistas, tanto durante o período de escravidão, como no momento pós-abolição, assim como o caderno de contabilidade da fazenda, contribuiu para o entendimento das relações trabalhistas na fazenda no fim do século XX.

Juntamente com algumas obras de cunho histórico sobre a fazenda, foi possível compreender alguns fatos históricos e contextos de mudança (marcos) na dinâmica estrutural de Sant'Anna que, obviamente, interferiram nos modos de vida dos diferentes trabalhadores que vivenciaram nessas terras ao longo de mais de dois séculos.

As discussões e resultados a despeito do levantamento documental serão melhor aprofundadas no capítulo 3.

2.3 O pré-campo

Nesta seção, será apresentado como foi realizada uma visita de campo para fins de reconhecimento e aproximação de alguns lugares dos colonos de Sant'Anna em um movimento realizado antes mesmo da pesquisa de campo. Tal visita de campo, entendida aqui como um pré-campo de pesquisa, foi realizada no dia três de maio de 2023 durante o período de aula da

²⁶ naturalista que esteve sob a tutela de Alexander von Humboldt (considerado o pai da Geografia moderna) enquanto aprendia geologia em Paris

disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Na “Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata” foi possível realizar não somente uma imersão no recorte espacial delimitado como, também, experienciar os lugares de infância de uma colona.

O objetivo desse tópico, portanto, é o de relatar como foi planejada e realizada a visita de campo. A visita coletiva no recorte espacial da presente pesquisa funcionou como uma espécie de pré-campo, já que a pesquisa de campo é uma etapa metodológica que ainda não havia sido executada por ainda, naquele momento, aguardar o parecer do comitê de ética.

Dentre as atividades da disciplina de “Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata”, a proposta prática foi a de um reconhecimento de campo de todas as pesquisas dos discentes e, dentre os campos, ocorreu a visita à Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. A proposta era de que, *in loco*, o professor e os discentes da disciplina pudessem contribuir de alguma forma para o processo de estudo dos recortes espaciais de todos os mestrados da turma.

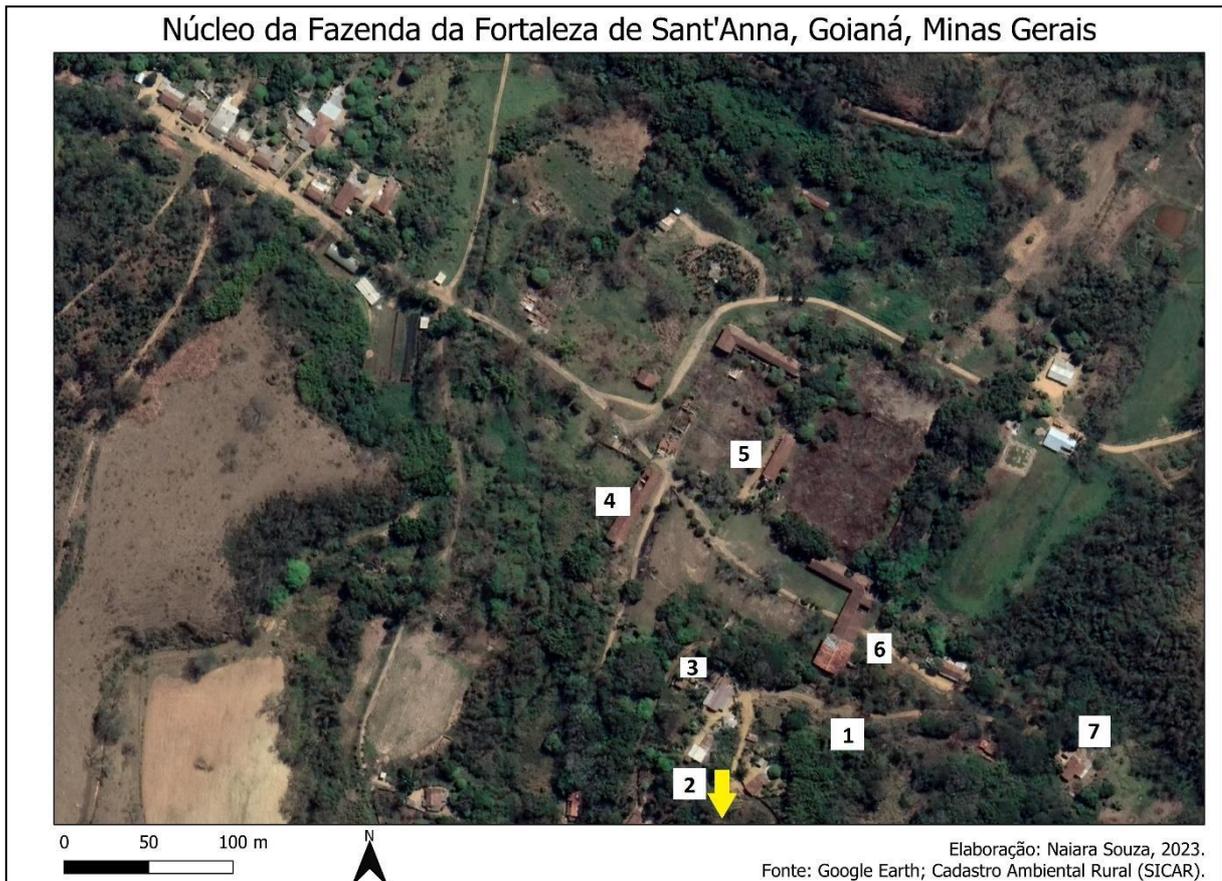
Nesse sentido, cada discente ficou responsável por preparar sua apresentação do recorte espacial para a turma, atentando-se para o tempo, que teria a duração de uma aula (4 horas).

Dada a extensão territorial da Fazenda (43 km²) e diante da impossibilidade de se percorrer os vários pontos importantes para a pesquisa em apenas 4 horas, nesta visita de campo, mais do que visitar um recorte espacial, foi apresentado para a turma os lugares de uma colona a partir do seu próprio olhar.

Dessa forma, alguns lugares de afeição e, também, de medo durante a infância foram visitados pelos estudantes, isso por acreditar que, nesse período da vida, as relações entre sujeitos e lugares possam se fortalecer mediante às sensações proporcionadas pelos estímulos sensoriais, tal qual mencionou Tuan (1980).

Então, antes mesmo do dia 3 de maio, a colona em questão pensou nos seus lugares de afeto e de medo e, pensou também, em um percurso na Fazenda para caminhar com os estudantes. A ideia é que ela não contasse os seus lugares até o dia do campo. E assim, a pedido dela, o percurso começou na sua própria casa, com paradas no (1) tanque de café; (2) no cemitério desativado da Fazenda; (3) no antigo engenho, (4) na antiga Senzala, (5) na “igreja”, (6) na casa de máquina de grãos e terminou novamente (7) em sua casa (ver figura 3). Os resultados do pré-campo são detalhadamente mencionados no capítulo 4.

Figura 3 – Lugares de afeto e de medo – Pré-campo na Fortaleza de Sant'Anna



Fonte: elaborado pela autora (2023).

2.4 A pesquisa de campo

[...] encontro na palavra e na Geografia da Escuta a possibilidade de compreender a experiência humana em seus diferentes tempos e lugares.

JULIANA M. T. DIAS

Escutar geograficamente e, fazer, de fato, um movimento de não apenas ouvir²⁷ é um desafio para o geógrafo, mas um caminho possível. Isso porque as relações com o espaço muitas vezes permanecem invisíveis, todavia não em silêncio. Durante a pesquisa de campo, foram utilizados instrumentos anteriormente pensados e estrategicamente organizados, contudo, a observação enquanto pesquisadora das relações espaciais humanas foi, se não, a mais importante, uma parte fundamental na pesquisa. Em campo, a palavra (nem sempre proferida,

²⁷ Ouvir refere-se a processos de audição, à captação de sons. Na escuta, o que se é ouvido também é assimilado. É na escuta que se interage o ouvir com a compreensão do que se foi ouvido.

mas escutada) veio ao encontro do olhar geográfico a partir da escuta (nem sempre apenas das palavras verbalizadas).

Como seres de linguagens, também nos expressamos por meio do que Juliana Trifilio Dias chama de *palavrar*. Assim, como um verbo, o *palavrar* pressupõe uma ação não só do entrevistado, mas do pesquisador que necessita criar condições para as palavras serem pronunciadas e, também, ouvidas. Segundo Juliana (2022, p.46), as experiências vividas podem ser alcançadas ou enunciadas pela palavra de modo que, por meio dela “podemos nos aproximar da geograficidade de cada um de nós [...]”. Sendo assim, é preciso que o pesquisador se permita estar em presença durante as entrevistas e deixar as “palavras escutadas ecoarem em nosso fazer da pesquisa [...]” (DIAS, 2022, p. 58).

A pesquisa de campo foi realizada nesse sentido, atentando-se para “onde” (e “quando”) determinada questão provocava o entrevistado a ir, observando os gestos; as lágrimas; os sorrisos; os suspiros ao dizerem, por exemplo, “... que saudade!”; os semblantes de revolta diante do que lhes parece injusto; as gargalhadas quando vinham à memória lembranças que lhes pareciam engraçadas etc. É necessário dizer, contudo, que não há aqui uma romantização do que foi dito, mas uma observação de detalhes (não menos importantes) que, por vezes, não são comumente considerados em pesquisas científicas de outras abordagens. Ora, as relações dos sujeitos com os lugares se dão também através de sentimentos, sentimentos são expressos, então, enquanto pesquisadora pautada na abordagem humanista-cultural, não poderia deixar de observar as relações espaciais e sociais que se tornam “visíveis” ao se analisar todo o contexto. Ou seja, quando se considera mais do que apenas foi dito, observando o “como” é dito e, inclusive, como algo não é dito verbalmente e, ao invés disso, “dito” através do modo de um olhar do sujeito, das interjeições onomatopaicas²⁸, de suspiros, de traços no rosto que demonstram aprovações ou reprovações etc.

Para contribuir com essas observações em campo, tal pesquisa utilizou como instrumentos metodológicos *roteiros específicos* (disponível em Apêndices) para a realização das entrevistas com cada grupo de moradores de Sant’Anna/Denis Gonçalves. Dentre os sujeitos entrevistados estão: (a) os moradores que se identificam como colonos — os sujeitos investigados nessa pesquisa; (b) os moradores vinculados ao MST; (c) o atual presidente da AMS; e (d) uma dirigente do MST.

Visando compreender o processo de assentamento do MST na Fazenda e suas repercussões nos exercícios das territorialidades e nos sentidos de lugar dos colonos, foi

²⁸ Entendidos aqui como sons que se criam com a boca, tais como: Ah! Hum! Oh! Nossa! Nu! Nó! Ué! etc.

necessário, escutar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Também se escutou o representante dos colonos na AMS. Nesses casos, sendo esta uma pesquisa qualitativa, a escolha foi por mediar o contato por meio de entrevistas com questões abertas e estruturadas previamente, contudo, não possuem em si os gatilhos e as estratégias das Entrevistas em Profundidade realizadas com colonos.

A despeito das entrevistas em profundidade, essas são, de acordo com Rosélia Duarte (2004, p. 215), técnicas qualitativas “[...] fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. Ou seja, a entrevista em profundidade permite a coleta de informações que contribuem com a compreensão das relações que ocorrem no interior de um grupo social. Ela é uma “técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado [...]” (DUARTE, 2005, p. 2).

Partindo do pressuposto de que o uso da entrevista em profundidade como técnica prevê a utilização de procedimentos metodológicos específicos, a sua utilização na pesquisa passou pelas seguintes etapas: (1) planejamento, (2) condução e (3) tratamento dos dados coletados nas entrevistas.

Durante o *planejamento* das entrevistas, que corresponde à primeira etapa, foi construído um roteiro com perguntas norteadoras que funcionaram como uma espécie de questões-guia. Essas questões foram amplas a fim de que pudessem corroborar para uma discussão mais profunda diante das respostas dos entrevistados. É importante ressaltar que, conforme já esperado, as questões foram adaptadas ao logo da condução das entrevistas conforme as necessidades que apareceram durante a conversa, seja para o melhor entendimento dos entrevistados, seja porque, em conversa, tais questões já haviam sido de alguma forma respondidas (DUARTE, 2005).

Na construção das questões-guia das entrevistas em profundidade, foi necessário abarcar algumas estratégias para atingir o objetivo deste trabalho. Foram elas: (I) antes mesmo de explorar as perguntas que permitiram uma conversa mais profunda, foi inserido no roteiro um quadro de identificação para levantar algumas características dos entrevistados para conhecê-los melhor, tais como, sexo, idade, profissão, escolaridade, posição social na comunidade etc. (DUARTE, 2004, p. 2019); (II) a importância de atentar-se ao problema, bem como aos objetivos da pesquisa durante a elaboração dessas questões-guia, de modo que eles fossem contemplados no roteiro e, durante a condução da entrevista; (III) houve o cuidado de se tocar em assuntos que despertem os sentidos dos entrevistados, pois eles são importantes para a

percepção sobre os lugares. Logo, a estratégia foi explorar os diferentes sentidos do corpo humano nos comandos direcionadores/orientadores durante a entrevista; (IV) Houve também o cuidado de agrupar as questões, principalmente no caso das entrevistas em profundidade, de forma temporal, assim sendo: foram agrupadas em passado, presente e futuro. Além disso, houve um tópico apenas com discussões sobre o MST, nesse caso, algumas perguntas foram estrategicamente colocadas a respeito dos lugares de afeto, de medo e das alterações desses lugares. Isso foi pensado, pois os lugares não são estáticos e podem mudar acompanhando as mudanças de suas paisagens, e essas transformações transcorridas temporalmente podem não estar relacionadas à ocupação do MST. Nesse sentido, perguntas sobre o lugar foram mencionadas no tópico do passado, no tópico do presente, e, novamente, no tópico da ocupação do MST. Assim, foi possível identificar os lugares que mudaram essencialmente após a ocupação do MST e os lugares que seguiram seu fluxo de transformação, bem como aqueles que se confundem entre mudanças anteriores e mudanças pós-chegada do Movimento na Fortaleza de Sant'Anna.

Como ressaltado anteriormente (capítulo 1), os estímulos sensoriais provocam emoções que nos aproximam (ou não) dos lugares. Tuan (1983) fala da importância do paladar na infância, da comida preferida ao relacionar o espaço, a criança e o lugar. O cheiro, por exemplo, pode fazer uma pessoa se lembrar de um lugar “querido” ou, mesmo, querer nunca mais voltar “lá”.

Os sentidos podem despertar tanto a alegria, a felicidade e o bem-estar, quanto o medo, o pavor e a tristeza. Por isso, na estratégia III, os estímulos sensoriais foram utilizados para aguçar a memória dos colonos, seja verbalizadamente pela pesquisadora durante a entrevista, seja na utilização da *visão* (fotografias que podem representar lugares, ver anexos), da memória sobre os cheiros e do paladar (questionamento sobre a comida preferida na infância).

Essa pesquisa é qualitativa, então para a seleção dos entrevistados não foram utilizados critérios estatísticos de amostragem, mas uma seleção dentre a população total de moradores de Sant'Anna conforme as necessidades do problema de pesquisa. Além disso, a escolha por esses sujeitos se deu pela possibilidade de variar entre os territórios de morada na Fazenda; pela acessibilidade a esses sujeitos no que diz respeito à prontidão e interesse em participarem da pesquisa como voluntários; e por acreditar que são pessoas que poderão contribuir com as necessidades do tema de investigação.

Assim que, com relação à faixa etária, que pode ser verificado na tabela 1, foram selecionados adultos e idosos. A escolha por adultos é justificada pelo fato de ser um público que, certamente, pôde vivenciar estes três momentos históricos na Fazenda e que são

importantes para a pesquisa: antes, durante e pós-ocupação do MST. Justifica-se, ainda, pelo fato de terem vivido mais recentemente o vínculo empregatício com a Fazenda. Os idosos foram escolhidos porque se espera que esses sujeitos consigam trazer informações acerca de suas experiências na Fazenda ainda no século passado. Desse modo, segundo a Associação dos Moradores de Sant'Anna (AMS), na Fazenda existem, atualmente, 43 famílias de colonos que representam um total de, aproximadamente, 110 pessoas²⁹. Desses, 13 famílias possuem os critérios estabelecidos até aqui e, portanto, alguns membros dessas famílias foram selecionados.

É válido mencionar que tais entrevistas foram agendadas e, preferencialmente, realizadas no local em que os entrevistados se sentiram mais confortáveis. Além disso, a fim de que se possa assegurar a integridade dos sujeitos dessa pesquisa ao manifestarem suas ideias, opiniões e sentimentos, os nomes dos entrevistados não serão mencionados em nenhum produto desta pesquisa. O anonimato foi assegurado aos respondentes no momento anterior à entrevista (durante a realização do convite) e durante a realização delas. Antes da aplicação da entrevista, foi realizado o esclarecimento prévio dos objetivos da pesquisa, bem como foi solicitada a assinatura de duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que uma delas ficou em posse do participante e outra foi arquivado pela pesquisadora. Vale ressaltar também que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFJF (CAAE: 70134223.1.0000.5147) e a investigação em campo foi iniciado apenas mediante sua aprovação. Portanto, na espera pela aprovação do Comitê, as pesquisas puderam ser realizadas apenas no segundo semestre de 2023 e se estenderam de setembro a janeiro de 2024.

No que diz respeito à segunda etapa, a saber, a própria *condução* da entrevista em campo, foi utilizado um caderno de anotações, pois, no intuito de preservar a fluidez das entrevistas e de deixar os voluntários à vontade, optou-se por não utilizar o gravador de voz.

Nesse momento de entrevista, foi realizado um movimento de escuta em seu amplo sentido, considerando os silêncios, os sorrisos, os olhares, os gestos, as palavras etc., que, segundo Juliana Dias (2022, p. 54) são atitudes presentes na Geografia da Escuta, pois nela “a proposta é de [se] deixar tocar pela palavra. [...] Somos seres de linguagem, seres falantes, então vamos escutar.”

Assim que, a entrevista pôde ocorrer de forma mais livre, tentando-se não estender um tempo maior do que 2h, para que o encontro não se tornasse cansativo para os entrevistados. Todavia, vale mencionar que a duração das entrevistas não ocorreu conforme o esperado, em boa parte dos casos, principalmente nas entrevistas em profundidade, o tempo foi excedido,

²⁹ Informação obtida através da Secretaria de Saúde de Goianá-MG

fazendo com que o agendamento com outros voluntários fosse reorganizado de acordo com suas disponibilidades. Isso, na verdade, prolongou o período de idas a campo, porém, baseados na Geografia da Escuta, foi respeitado a vontade dos entrevistados de usarem o tempo que julgassem necessário para conversar sobre as questões abarcadas nas entrevistas. Isso foi um ponto positivo. Isto é, entre outras coisas, o fato de, enquanto pesquisadora, também pertencer a uma família de colonos, deixou os voluntários confortáveis para se expressarem na pesquisa.

Por fim, na terceira e última etapa, que corresponde ao *tratamento dos dados levantados em campo*, foi realizada a transcrição das falas dos entrevistados o mais breve possível depois dos encontros, juntamente com uma conferência de fidedignidade. Isso pressupôs uma verificação das anotações em campo (ver modelo de caderno de campo em anexo) com o que foi dito pelo entrevistado, e da forma como foi dito, durante as entrevistas para que elas fossem transcritas da forma mais fidedigna possível.

Ainda sobre as transcrições, Duarte aponta que as “entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se faz análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacofonias, erros gramaticais etc. devem ser corrigidos na transcrição editada” (DUARTE, 2004, p. 221). Logo, esse foi o modo pelo qual as transcrições foram realizadas: de forma fidedigna e literal, quando possível, mas com as devidas edições nas transcrições para fins de uso na pesquisa. Inclusive, nos dizeres dos entrevistados, por vezes aparecem informações entre colchetes, essas foram inseridas no momento da transcrição a partir do caderno de campo, a intenção foi acrescentar o que foi omitido pelo entrevistado no intuito de deixar compreensível o que quiseram dizer.

As pesquisas com o MST e com a AMS também seguiram todas as etapas aqui já mencionadas (planejamento, condução e tratamento dos dados), com a exceção do fato de as questões não possuírem estratégias para aprofundamento das conversas, já que essa não foi a intenção, a priori, desse tipo de entrevista para esse público específico. Isso não quer dizer, todavia, que a geografia da escuta não fosse aqui trabalhada, pois enquanto sujeitos, independentemente dos instrumentos e das técnicas de pesquisa, o tratamento foi o mesmo: cordial e humano. Inclusive, houve membro do MST que se permitiu enunciar situações que lhe arrancaram lágrimas, sorrisos, desabafos, tristezas, alegrias. Ou seja, se permitiu aprofundar nas questões mediadas pela pesquisadora. Isso merece destaque, pois, embora muitas vezes a escrita não consiga registrar tão bem os sentimentos despertados durante expressões humanas, numa geografia da escuta é importante, de fato, escutar e isso também requer escutar o choro e o que ele representa para o sujeito.

O critério de escolha para os cinco trabalhadores do MST obedeceu à ideia de que (a) fossem trabalhadores que estivessem presentes na ocupação inicial da Fazenda, em 2010, que (b) atuaram nas frentes de luta desse movimento social no território santanense e que, atualmente, (c) se encontram assentados nessas terras. Nesse sentido, objetivou-se fazer um movimento de escuta não só sobre as suas vivências no novo local de morada, mas da sua vivência enquanto membro de um movimento social.

Na etapa I, foi ressaltada a importância de adicionar aos roteiros, informações cuja relevância está no posterior tratamento dos dados. Isto é, tais informações permitem traçar um perfil de entrevistados para posteriormente verificar o que há de semelhança e de diferenças entre os grupos, na certeza de que isso contribui para a análise dos resultados.

Feito isso em campo, é possível dizer que 24 pessoas foram entrevistadas, dentre elas 18 se identificam como colonos (incluindo o presidente da AMS) e 6 como trabalhadores vinculados ao MST (incluindo a dirigente do MST). A tabela a seguir mostra o perfil dos sujeitos da pesquisa de campo. Dentre as características retratadas estão a distribuição por faixa etária, registrando pessoas de 43 a 77 anos.

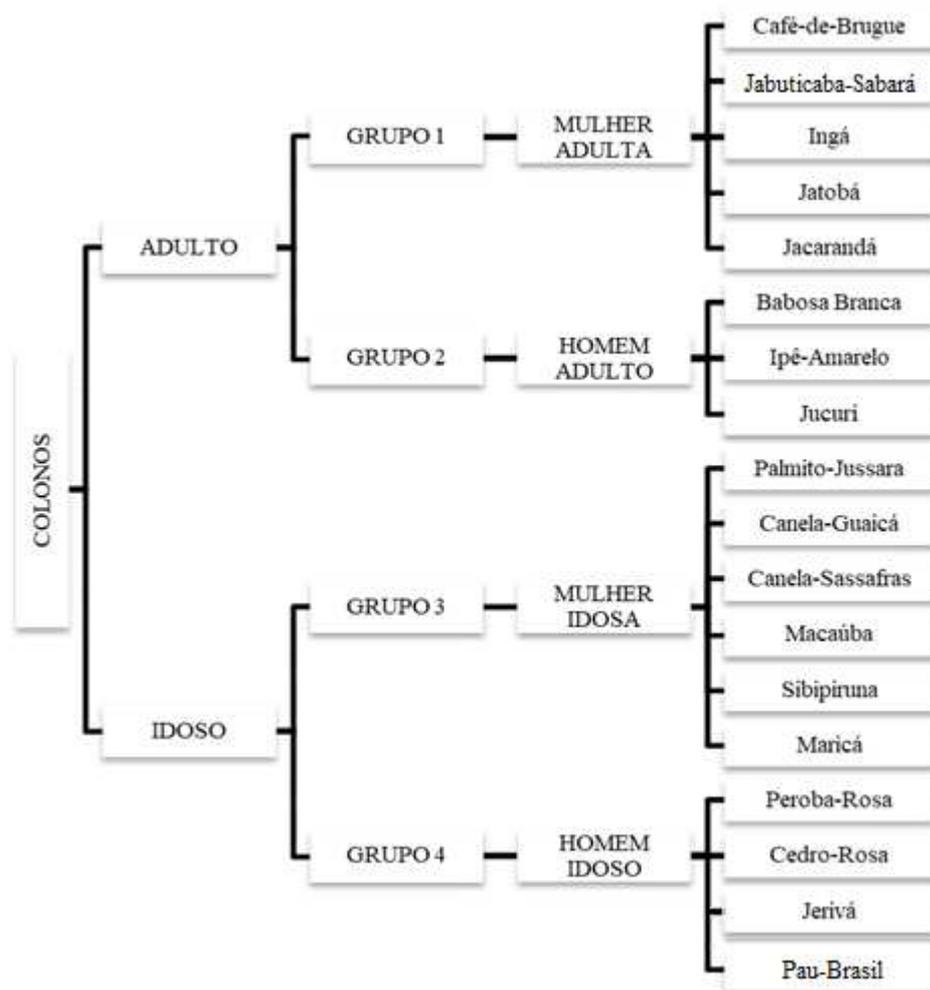
Tabela 1 – Quantitativo de entrevistados na pesquisa de campo: colonos, trabalhadores do MST, Presidente e Dirigente da AMS e do MST, respectivamente

<i>GRUPOS DE ANÁLISE</i>		
<i>CRITÉRIOS</i>	<i>GRUPOS</i>	<i>QUANTIDADE ABSOLUTA</i>
<i>IDENTIFICAÇÃO</i>	Colono	18
	MST	6
<i>FAIXA ETÁRIA</i>	Adulto	13
	Idoso	11
<i>SEXO</i>	Mulher	14
	Homem	10
<i>TOTAL</i>	Entrevistados	24

Fonte: dados da pesquisa (2023–2024).

Com o grande volume de informações no retorno do campo, o tratamento dos dados se deu da seguinte forma, após as transcrições: foram separados grupos de análise para as informações serem melhor sintetizadas e, ao mesmo tempo, posteriormente comparadas. Logo, as análises partiram da separação dos entrevistados em 7 grupos, que tiveram como critério a diferenciação da faixa etária (adulto, idoso), do tipo de identificação (colono, MST) e do sexo (feminino “F”, masculino “M”). A visualização desse agrupamento pode ser observada nas figuras 4 e 5.

Figura 4 – Perfil dos colonos entrevistados na pesquisa de campo



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Como pode ser observado, os nomes dos entrevistados foram substituídos neste trabalho por nome de árvores. O motivo pela escolha dos nomes figurativos observados nas figuras 4 e 5 está relacionado às próprias características dos sujeitos de pesquisa, e também ao recorte espacial. Abarcada por uma região de domínio morfoclimático de mares de morro em que fragmentos de Mata Atlântica aparecem preservados, foram escolhidas espécies da flora, não necessariamente endêmicas, mas de ocorrência nesse bioma. Para além dessa justificativa espacial, justifica-se também pelo fato de que uma característica importante de uma árvore, dentre outras, é a de possuir raízes bem profundas e de, ainda, utilizar-se da terra (solo) para se manter alimentada e segura. Ou seja, possui um vínculo forte com o solo.

Os colonos são as árvores que se alimentam dos solos de Sant'Anna a ponto de estabelecerem com ela um vínculo umbilical. Logo, assim como uma mãe se conecta ao filho, ou, como uma árvore se conecta ao solo. Fazendo uma analogia com os sujeitos santanenses, a utilização desses pseudônimos pareceu a melhor escolha.

Figura 5 – Perfil dos trabalhadores rurais do MST entrevistados na pesquisa de campo



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Também foram estipulados parâmetros de análise com base em três divisões temporais, a saber: passado, presente e futuro.

Essa divisão se deu, sobretudo, por acreditar que o passado influencia diretamente na relação dos sujeitos com o lugar por meio da característica que Tuan (1980) chama de estabilidade. Ou seja, aquela que está relacionada ao tempo em que o sujeito permanece em “pausa” e um recorte espacial, tempo o suficiente para poder dotá-lo de valor, de sentimento, conformando uma identidade. Portanto, foi analisado nessa divisão temporal os lugares de infância, as relações trabalhistas, os lugares de medo e de tristeza, os costumes e tradições do passado etc.

No presente estão os lugares de afeto, de medo, de tristeza, de saudade, de memória e tantos outros espaços vividos pelos colonos que, possivelmente, estão atrelados ao passado, pois o lugar, segundo Tuan, por vezes, requer “pausa”, requer estabilidade, tempo, um passado. Portanto, foi trabalhado aqui os atuais lugares de afeto; lugares de medo; a rotina atual; foram inseridas aqui os questionamentos em relação à ocupação do MST e quais as repercussões dessa ocupação nos lugares dos colonos; as mudanças provocadas, mais uma vez, aos costumes e às tradições dos colonos etc.

E, não menos importante, para que se possa entender as projeções futuras em um território em que agora vivem dois agentes territoriais (colonos e MST), foram analisadas as possíveis mudanças a médio e a longo prazo, principalmente pensando nas repercussões nos sentidos de lugar para os colonos.

CAPÍTULO 3

UMA GEOGRAFIA CHEIA DE HISTÓRIA

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar³⁰

*Ser colona?
Não sei ser outra coisa sem ser colona.
Nasci e vivi aqui a vida toda.*

JATOBÁ, 52 ANOS

Como descrito nessa epígrafe, percebe-se na geograficidade dos colonos, no amor pelo solo indissociável à sua existência (DARDEL, 2015), uma conexão muito forte também com o passado e que se torna a base da relação com Sant’Anna no presente. Esse passado, geralmente, envolve uma ligação com a terra para além do curso de uma vida (“[...] *vivi aqui a vida toda*”). Portanto, o sentido de lugar dos colonos está relacionado também com a história e com a geograficidade de pessoas que os antecederam em Sant’Anna.

Em outras palavras, a exemplo dessa colona citada na epígrafe, percebe-se que para compreender o seu vínculo com o seu lugar, é preciso extrapolar a data do seu nascimento. Suas experiências também estão relacionadas às experiências de seus pais e que, por já se encontrarem em Sant’Anna antes do seu nascimento, tiveram também suas próprias experiências e suas próprias relações com o lugar.

Obviamente, as relações com a terra vão se modificando com o tempo, mas essa mesma relação passada, e que se modificou, é também o motivo da conexão dos trabalhadores com o lugar, como se pode ser observado nesta fala recoberta de experiências na Fortaleza de Sant’Anna:

A tradição dos antigos acabou... Meu pai morava aqui na Serra, em Sant’Anna, depois Bom Jardim. Por exemplo, a dona Joaquina era benzedeira, o pai foi picado de cobra. Ela meteu o dedo na boca, deu um assobio, apareceu um monte de cobra pra todo lado. Ela disse: “não assusta não, preciso ver a cobra que mordeu nele”. A fé nossa acredita. Tem que confiar.

³⁰ A frase que intitula este texto foi retirada da obra Topofilia de Yi-Fu Tuan (1980, p. 114) ao explicar como se dá a familiaridade, que pode gerar desprezo ou afeição, mas que têm relação importante também com o tempo. Segundo ele, é o que explica o porquê de às vezes, especialmente, pessoas idosas se recusarem a deixar suas casas “antigas” por novas casas.

Meu pai era antigo meeiro, lavrador, tudo... Cada um era encarregado do seu pedaço. Na lavoura de café, a fazenda era exploradora de empregado. Eu trabalhava no pilão para socar arroz, fazer pó de café... Os encarregados da fazenda eram ruins.

(FIGUEIRA, 59 anos)

Um dos colonos mais antigos atualmente, por exemplo, teve seu nascimento na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna em 1952. Este ano marca o início de uma existência já influenciada pela existência de seus pais. Ele, com sete anos, tem um contato real com o solo, seja tocando-o para brincar ou para andar descalço, seja ao retirar os grãos maduros de café nas lavouras. Enquanto criança, seus sentidos estavam mais bem “despertados” (TUAN, 1980) e permitiram a sua aproximação com a terra. Contudo, essa criança de sete anos não está, nesse caso, indissociável das vivências e das experiências de seus pais, pois, inevitavelmente, esse sujeito enquanto criança pôde “ir incorporando”³¹ os seus costumes, assim como, os seus pais também puderam ter incorporado costumes e práticas dos avós dessa criança. Portanto, não é possível desvincular os sujeitos do passado, caso se procure compreender seus sentidos de lugar (Tuan, 1983).

Ora, nascido em 1952, acrescido de sete anos, significa que em 1959, e nos anos seguintes, as experiências iniciais no campo desse sujeito levam a se questionar: o que ocorria no contexto histórico, econômico e social da época em que se permitia condicionar desde muito cedo a relação dos sujeitos com o espaço por meio do trabalho?

Nesse período, embora o contexto do café tivesse uma queda na participação econômica do Brasil e a produção não estivesse no seu auge como no início do século XX, a necessidade de inserir mão de obra infantil no campo (mesmo sendo uma prática já realizada em décadas anteriores) pode indicar a necessidade de mão de obra na fazenda³². Segundo Francisco, Salustiano e Costa (2023), os moradores de Sant'Anna descendem de pessoas provenientes de várias localidades da região da antiga Zona da Mata Mineira, como São João Nepomuceno, Rio Novo, Chácara, Conceição do Formoso, entre outras, e, também, de vários períodos desde o fim do século XIX. Esses autores ressaltam ainda que, dentre os períodos de chegada de trabalhadores estão as décadas de 1960 e 1970, o que, coincidentemente, corresponde ao período que o colono aqui citado começara a trabalhar nas lavouras de café. Logo, leva-se a supor também que, para além do café, outras atividades eram possivelmente praticadas, já que

³¹ Enquanto processo.

³² Também diz muito sobre a sociedade da época no que diz respeito às relações sociais, à divisão de classes e à superexploração do trabalhador rural.

ainda demandava mão de obra, inclusive, a infantil, e a produção de café já não era tão expressiva, pelo menos, não como era na primeira metade dos novecentos.

Por gerações, ao longo de sua existência, os colonos (e antecedentes) passaram por marcos espaço-temporais que envolviam o ordenamento territorial, a mudança das relações trabalhistas e de poder e, também, possivelmente, mudanças nos sentidos de lugar dentro desse mesmo território. Portanto, eles puderam vivenciar, ao menos, quatro grandes marcos, sempre relacionados a movimentos de forças de poder tanto em escala nacional (fazendo referência ao contexto histórico de governança do território brasileiro), com a influência das ações do Estado, quanto em escala local, passando por ações atreladas à elite local que se manteve no poder enquanto proprietária da fazenda ao longo do tempo.

Todos esses marcos espaço-temporais tiveram como característica o deslocamento de pessoas, seja com movimentos de chegada, como o que ocorre essencialmente no primeiro marco, seja em movimentos de dispersão. Os quatro marcos são: (1) exploração da mão de obra escrava na produção de café, com as famílias Pereira e, sobretudo, Sant'Anna/Ferreira Lage no século XIX; (2) exploração da mão de obra italiana concomitante à escrava e, depois de 1888, concomitante ao trabalho análogo à escravidão na produção de café, no final do século XIX e no início do século XX, marcando também a troca de titularidades das terras, que passaram para a família Tostes; (3) declínio da produção de café e a incorporação de outras atividades agropecuárias, como a produção de gado leiteiro, e a chegada de trabalhadores de outros municípios da região na segunda metade do século XX, ainda com a família Tostes. Por fim, o quarto marco se configura como (4) a exploração das terras por sujeitos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através do início do processo de assentamento de famílias no século XXI, a partir de 2010.

O quarto marco, em um contexto macro, também envolve o poder do Estado e, embora não tenha se firmado, a princípio, nas relações de poder das elites locais, ao emergir de uma força contra-hegemônica, se constitui como uma força externa aos colonos, assim como nos demais marcos. Portanto, todos eles repercutem diretamente no “ser” e no “existir” dos trabalhadores de Sant'Anna e, por sua vez, também nos seus atuais colonos.

Dessa forma, sendo a “consciência do passado” um importante aspecto para a compreensão da relação topofílica dos sujeitos de Sant'Anna, será imprescindível voltar ao passado para que se possa compreender as relações dos colonos com Sant'Anna hoje. Contudo, vale ressaltar que, embora o passado seja importante, o recorte temporal imediato desta pesquisa é de 2010 até o momento, quando há um marco importante para a historicidade e geograficidade dos atuais colonos.

Isso quer dizer que aqui será mencionado um breve histórico da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna para que isso contribua com o entendimento de “quando?” e “por quê?” tais sujeitos chegam a esse território, não se estendendo, no entanto, aos detalhes desse mergulho à história da Fortaleza de Sant'Anna por não ser esse o objetivo da presente pesquisa de mestrado.

Dessa forma, com mais de 200 anos de história, a Fazenda alcança seu terceiro século. Nesse sentido, esse breve histórico pode começar exatamente com a composição territorial da Fazenda, que se deu em torno, possivelmente, do fim do século XVIII e início do século XIX. Logo, as seções a seguir serão divididas conforme os marcos históricos aqui já mencionados.

Porém, é sabido que muito antes da ocupação das terras “brasileiras” por Portugal, havia sujeitos que tinham suas próprias relações com o território. Embora este trabalho não chegue tão longe nesse apanhado histórico, é importante ressaltar a existência dos que foram os senhores primeiros dessas terras e o contexto histórico-social que provocou, possivelmente, a passagem de terras indígenas para os sujeitos da elite aristocrática da época. Então, antes de mencionar os acontecimentos dos quatro marcos históricos, os reais pioneiros dessas terras serão mencionados nos próximos parágrafos.

3.1 Os pioneiros não são os primeiros: o passado indígena nas terras da Fortaleza de Sant'Anna

Ainda no período colonial, no século XVII, por meio do trabalho dos bandeirantes, é que se inicia a ocupação mais significativa da região que hoje compreende Minas Gerais, unidade federativa do Brasil. Além de outras, a principal motivação dos bandeirantes era a busca por metais preciosos. O grande achado dos bandeirantes paulistas nessa região atraiu muitas pessoas para a área, provocando o seu rápido desenvolvimento e, dada a sua importância, em 1720 surge a Capitania de Minas Gerais, a partir de seu desmembramento de São Paulo (BELO HORIZONTE, 2024).

Com a descoberta do ouro em 1690, a fim de receber o imposto referente à sua extração, a Coroa procura se certificar de que, ao longo do percurso entre a Capitania e o Rio de Janeiro (destino do escoamento para Portugal), não houvesse contrabando. Então proíbe a colonização de áreas de mata próximas de Ouro Preto de forma que não houvesse desvios durante o escoamento do ouro para prevenir o contrabando. A Coroa, nesse sentido, mantém as regiões de mata no em torno do caminho de escoamento como uma “terra sem homens”, assim como bem ressalta Rodrigues (2003, p. 225):

Com a intenção de coibir o contrabando do ouro por caminhos “não oficiais” e a existência de lavras imemorais, o governo metropolitano mandou que se fechassem quaisquer trilhas e logradouros existentes nas imediações das áreas mineratórias, tornando algumas regiões “áreas proibidas” à ocupação.

Assim, os Sertões da Mantiqueira/Sertões do Leste da Capitania eram considerados como “áreas proibidas”³³. Contudo, com a decadência da exploração aurífera, vão se criando condições para o desenvolvimento de outra atividade: a agrícola. Então, em 1750, partindo de Ouro Preto, “uma expedição liderada pelo sertanista Inácio de Andrade Ribeiro, partindo de Ouro Preto, alcançou a área próxima ao Rio Coroados, afluente do Rio Pomba” (RODRIGUES, 2003, p. 225).

Logo, pode-se dizer que foram dois grandes processos de ocupação dessa região da Mata Mineira a partir de expedições, uma que se inicia na primeira metade do século XVIII, ligada à abertura do Caminho Novo³⁴, e a outra na segunda metade desse mesmo século, iniciada às margens do Rio Pomba (RODRIGUES, 2003). Portanto, no século XVIII, ainda que incipiente, já existiam atividades agrícolas nessa região de mata. Ou seja, “[...] a chegada do elemento branco nas terras baixas situadas ao longo do Vale do Rio Pomba na segunda metade do século XVIII é indicativo tanto da queda da atividade mineradora quanto da diversificação econômica da região.” (LAMAS, 2006, p. 4).

Conta Rodrigues (2003) que o contato inicial com os indígenas, que se localizavam na região do que veio a se chamar o Pomba, foi conflituosa. Contudo, no desejo de permanecer nas terras, para além da força, outras estratégias foram utilizadas para ser possível conquistá-las, dentre elas, a “pacificação” dos originários dessas terras, os indígenas Coroados e Coropós (RIO POMBA, 2017). Isso acontecia por meio de catequeses dos habitantes originários que tiveram como objetivo a tomada das terras sem o uso da força para inserir a Zona da Mata Mineira na economia colonial, já que a principal atividade lucrativa até nesse momento encontrava-se em declínio (LAMAS, 2006).

Explica Colombo (2014, p. 196), no que diz respeito aos conflitos entre bandeirantes e indígenas, que

esses conflitos foram decorrentes da ausência de controle e da falta de averiguação se as terras dadas à distribuição de sesmarias eram mesmo terras devolutas. Isto aparentemente foi muito comum, como podemos perceber em

³³ Segundo Rodrigues (2003, p. 225) as áreas proibidas eram “terras situadas nas extremidades não povoadas da Capitania, tentando-se evitar extravios do ouro ao impossibilitar a abertura de novos caminhos”.

³⁴ O Caminho Novo é uma das estradas reais abertas no século XVIII, por volta do ano de 1700, por Garcia Rodrigues Paes, para facilitar o transporte do ouro de Vila Rica (atual Ouro Preto) para o Rio de Janeiro, segundo dados da prefeitura de Juiz de Fora (JUIZ DE FORA, 2005).

Rio Novo, onde terras concedidas aos indígenas foram invadidas e se tornaram objeto de conflito [...] (adaptado).

Ainda segundo o autor, com a chegada à região central de Minas, houve descobertas de jazidas de ouro ao longo do Rio Novo e isso atraiu um grande fluxo de pessoas para o local. Porém, o que de fato desponta a sustentabilidade aos posseiros foi a atividade agrária.

A Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna tem sua origem, então, em fins do século XVIII, quando a Coroa, que atualmente já se encontrava permanentemente no Brasil (chegada em 1808), legaliza as explorações das terras na região da Mata. Esta era considerada como “sertões proibidos”, antes que pudessem ser ocupadas por posseiros nos vales dos rios Paraibuna, Pomba e Novo (SARAIVA; GUIMARÃES, 2023).

Ainda que não haja fatos relacionados aos conflitos ou aos diálogos entre indígenas nas terras que seriam a Fortaleza de Sant'Anna (caso houvesse os historiadores estudiosos dessa área teriam mencionado), é inevitável afirmar que nesse território havia presença indígena, mesmo que fosse em décadas anteriores ao da ocupação pelo “branco”.

Essa afirmação é possível porque nas terras da Fortaleza foram encontradas três múmias indígenas que estavam expostas no Museu Nacional e foram estudadas para que se pudessem compreender sua história nas terras que viera a se tornar a Fortaleza (os detalhes dessa descoberta serão mencionados mais adiante neste capítulo).

Figura 6 – Múmia das terras da Fortaleza de Sant'Anna exposta no Museu Nacional em 2011



Fonte: fotografado pela autora (2011).

Figura 7 – As três múmias encontradas na Serra da Babilônia, Fortaleza de Sant'Anna, no século XIX – exposição no Museu Nacional em 2011



Fonte: fotografado pela autora (2011).

Logo, nota-se que as riquezas que envolvem o território de Sant'Anna também estão na história dos povos que nela habitaram. História essa que não é, e nem será, do conhecimento de todos detalhadamente tal como ela foi. Contudo, é necessário mencionar o fato da existência dessas pessoas, sejam elas indígenas, africanas, italianas ou, na mestiçagem, o povo brasileiro (DARCY RIBEIRO, 1995).

Feitas as considerações iniciais a respeito do contexto histórico da região da Zona da Mata Mineira, será possível fazer uma breve leitura da formação territorial da Fortaleza de Sant'Anna, bem como, das relações de trabalho dos sujeitos que ao longo de dois séculos habitaram este local. Desde o início de sua história de ocupação, várias famílias assumiram como propriedade as terras por meio da concessão de várias sesmarias e que hoje conformam Sant'Anna. As seções a seguir apontarão um breve histórico, dando ênfase, sempre que possível, aos trabalhadores que habitaram/habitam esse território.

O PRIMEIRO MARCO

3.2 A chegada do trabalhador africano em Sant'Anna: a primeira descendência dos colonos

Supõe-se que um dos primeiros trabalhadores rurais do que veio se tornar a Fortaleza de Sant'Anna possam ter sido os trinta trabalhadores de origem africana que vieram da África para o trabalho braçal sob regime de escravidão. Segundo Francisco, Salustiano e Costa (2023), o

censo populacional de Rio Novo (antiga Conceição do Rio Novo) relata que os primeiros posseiros dessas terras, Alferes José Pereira de Souza e Rita Joaquina do Sacramento, tinham em posse cerca de 30 pessoas escravizadas. Sendo esse Censo datado no ano de 1806, pelo número de trabalhadores em posse desse casal, supõe-se que as primeiras ocupações nas terras da Fortaleza tenham ocorrido nessa época, ou mesmo antes.

Como estratégia para a conquista de mais uma sesmaria, já que cada uma não poderia passar de 10,89 km², um ano após a solicitação do Alferes, Rita, sua esposa, solicitou uma sesmaria vizinha. Dessa forma, a ambos foi concedido o direito de posse em 1811. Essas terras ficavam nas mediações da Serra da Babilônia e em 1815 já eram chamadas de Fortaleza do Rio Novo (COLOMBO; BARBOSA, 2007; FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023). Possivelmente, “Fortaleza” devido à Pedra da Babilônia, que sendo um afloramento rochoso que exprime sua beleza e sua “imponência”, também é uma das feições geomorfológicas que separam a parte baixa do terreno da Serra da Babilônia (ver figura 8).

Figura 8 – Pedra da Babilônia - Goianá, Minas Gerais



Fonte: fotografado pela autora (2023).

Assim como, estrategicamente, o casal Pereira conseguiu duas sesmarias, outra foi concedida a Joaquim Pereira de Souza, irmão de José. Joaquim solicitou a posse de terras no alto da Serra da Babilônia, que tempos depois foi adquirida pelo genro de José (João de Souza Pereira) e veio a se chamar Fazenda da Cachoeira. Nela, mais oito pessoas eram mantidas escravizadas e, por meio do trabalho, começaram sua história e existência em “Sant’Anna”,

(FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023), deixando marcas ao mesmo tempo, em que também eram marcados pelo contexto social, econômico e pela própria terra.

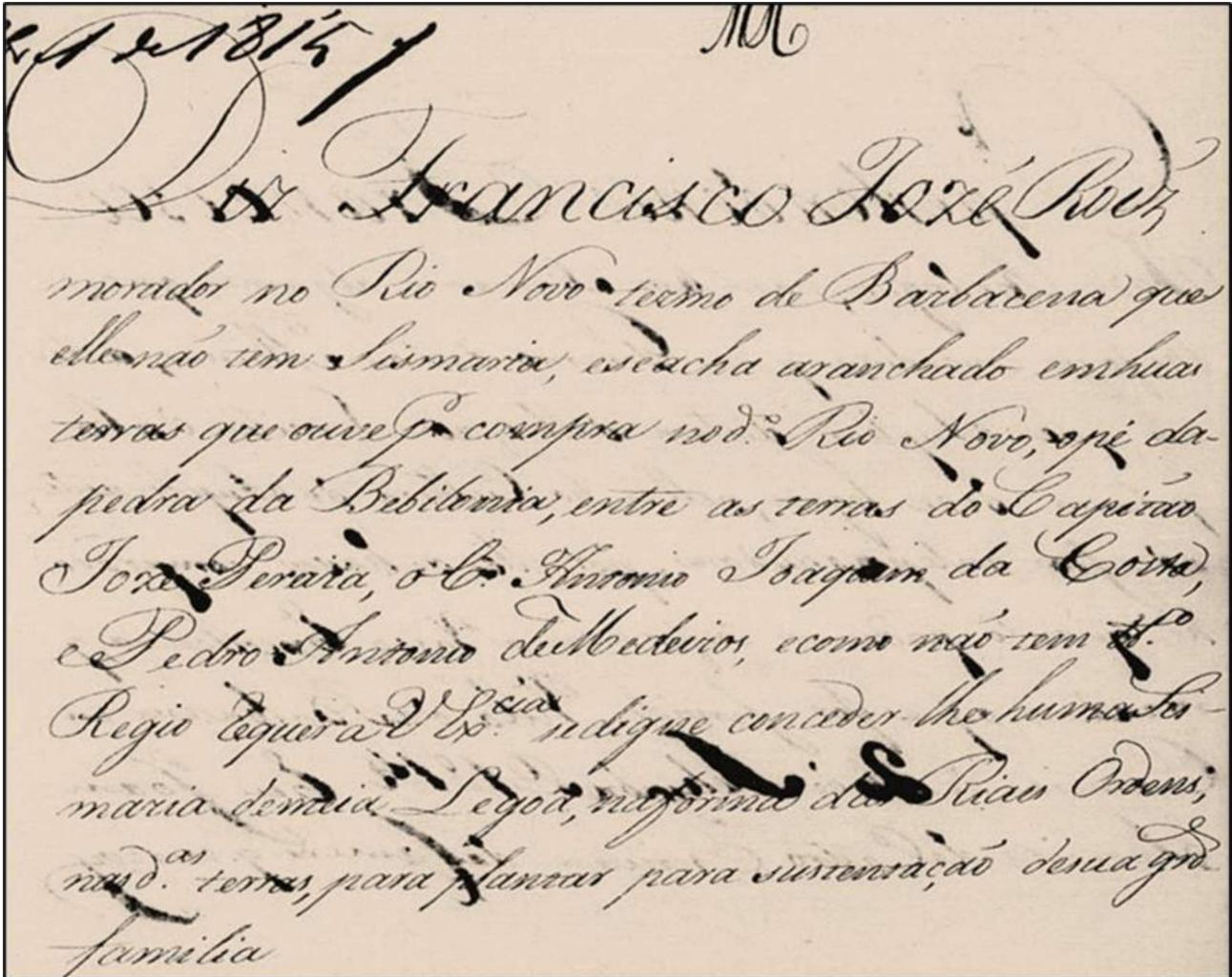
Figura 9 – Localização do Marco de Sesmarias no território que viria a se tornar a Fortaleza do Rio Novo (Fortaleza de Sant’Anna, anos depois), 1811-1815



Fonte: fotografado pela autora (2023).

Na figura 9, encontra-se um dos marcos de sesmarias na Fortaleza de Sant’Anna. Este fica próximo à primeira entrada do Campo de Futebol, da Rodovia MG-353 em direção ao Centro Histórico. Contudo, o que veio a se tornar a Fortaleza de Sant’Anna é um território muito maior do que esta sesmaria nos arredores do marco retratado. Várias sesmarias foram concedidas na região, alguns dos posseiros tinham parentescos, outros não (COLOMBO; BARBOSA, 2007). Ao longo do tempo, a partir da incorporação de novas sesmarias e por meio da compra de outras, foi se conformando a Fortaleza de Sant’Anna. A figura a seguir, por exemplo, retrata um pedido de concessão de Sesmaria também próximo à pedra da Babilônia. Nele, Francisco José Rodrigues pede a concessão oficial de uma Sesmaria que já explorava, contudo, não obtinha ainda sua carta régia (ver figura 10).

Figura 10 – Trecho do requerimento de Carta de Sesmaria a favor de Francisco José Rodrigues ao “pé” da Pedra da Babilônia -1814



Fonte: Arquivo Público Mineiro (1814).

Retomando a discussão sobre as posses de terras dos Pereira, para além dessas “conquistas” da família, José Pereira de Souza ainda adquire, por meio da compra, parte das terras de sesmarias concedidas a outras pessoas no alto da Serra. Isso, obviamente, aumentou ainda mais a dimensão de posse da família, segundo Francisco, Salustiano e Costa (2023). Obviamente que, tais terras teriam um destino possível: a atividade agrícola. Fato que se torna mais plausível pelo número de posses de pessoas, das quais foi comentada no primeiro parágrafo.

Com a morte do Capitão José Pereira de Souza³⁵ em 1835, o seu filho mais velho herda suas terras, o Coronel Maximiano José Pereira de Souza, que

³⁵ Antes era Alferes, mas sobe de patente, ao que parece.

Já havia recebido como doação, no inventário de seu pai, metade de uma das sesmarias da família. E quando sua primeira esposa faleceu na Fazenda do Rio Novo em 1838, Maximiliano declarou possuir a sesmaria no Ribeirão do Limoeiro em sua forma inteira. Não se sabe se ele já havia adquirido anteriormente a outra metade do terreno diretamente do pai, ou como resultado de negociações com os irmãos. Mas o fato é [que] o latifúndio era composto de matas virgens e capoeiras, e avaliado na época em 9.800 contos de réis (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023, p. 38).

E interessante também mencionar o que acontecia em um contexto regional. Nessa época, a conformação territorial da Zona da Mata estava em constante transformação, logo, os limites administrativos também foram alterados com o tempo. Nesse período, por exemplo, as terras da Fortaleza concedidas por meio de sesmarias pertenciam à Barbacena³⁶, como descreve a Carta da Lei no 147, de 6 de abril de 1839, que eleva a Distritos de Paz algumas localidades, também definem seus limites e define, ainda, a quais municípios tais territórios passam a pertencer. Segundo o artigo sexto dessa Lei:

Art. 6º — Os limites meridionais entre os Municípios de Barbacena, e da Pomba serão desde a barra do Rio Cágado no Paraibuna, seguindo pelo veio daquele acima até as suas cabeceiras defronte da Serra de Domingos Ferreira Marques, e por esta seguindo as águas, que se encaminham diretamente a Serra da Babilônia à Fazenda de Antônio Joze Gonçalves, e desta Serra a fechar no Rio Novo, chamado também Piau; ficando para o Município de Barbacena as Fazendas do **Capitão Maximiano José Pereira**, João de Souza Pereira, e do Alferes Ignácio da Silva Campello, sitas na margem do dito Rio Piau [grifo nosso] [mantida a ortografia original] (MINAS GERAIS, 2023).

De acordo com Francisco, Salustiano e Costa (2023), logo depois, Maximiliano, investindo na produção de café em Carangola, vende a propriedade que herdara do pai e, um tempo depois, seu cunhado também o faz. Logo, as terras de baixo e do alto da serra da Babilônia mudam de proprietários e, por sua vez, de configuração.

Foi dessa forma que a família Sant'Anna chega à região, apropriando-se das terras que pertencera ao então falecido Capitão José Pereira de Souza. Joaquim José de Sant'Anna, proveniente de São João Del Rei, compra as terras de Maximiano em 1841, em 1844 compra as de seu cunhado, João de Souza Pereira, e logo dá início ao legado dos Sant'Anna (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023, p. 38).

Ainda segundo Francisco, Salustiano e Costa (2023, p.39), “suas aquisições também incluíram 180 alqueires de terras na Fazenda de Algodão, que pertenceram ao Capitão José

³⁶Vale ressaltar que Barbacena nessa época tinha uma conformação muito mais abrangente do que é atualmente no século XXI (MACHADO, 2023).

Pereira, terras que abrigam as cabeceiras do Cágado, por trás da Serra da Babilônia”. E, no momento em que as terras passam a se tornar posse dos Sant’Anna, seu nome é mudado para **Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna**. A propriedade passa a ter, então, Santa Ana como padroeira.

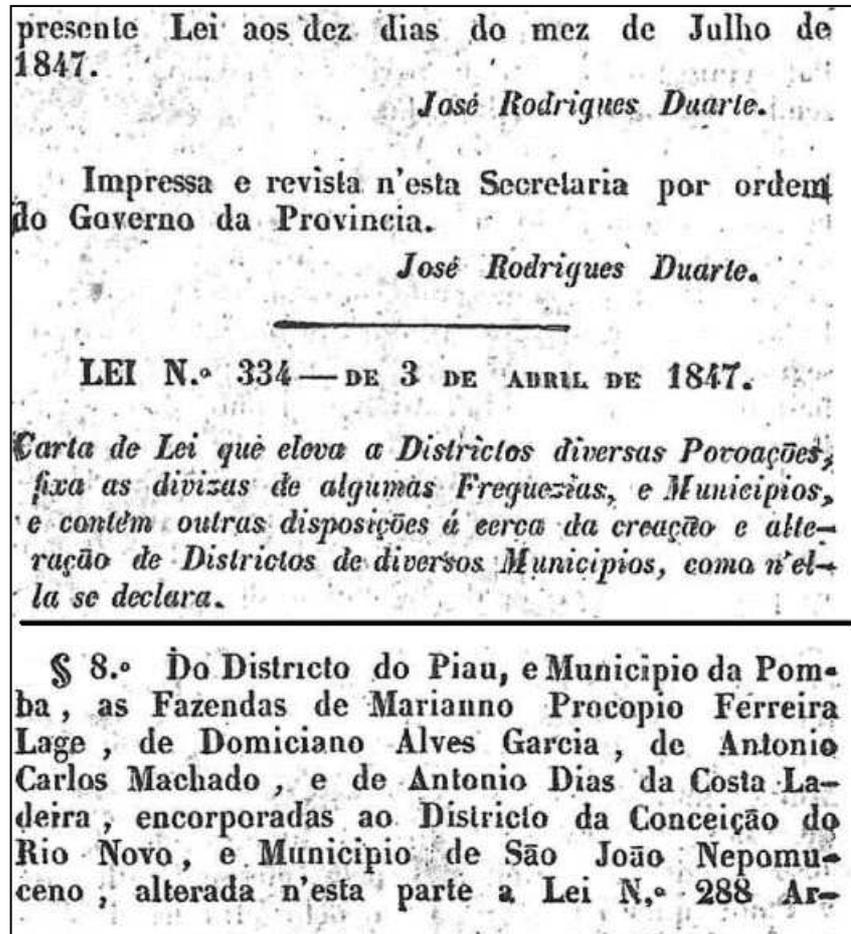
Contudo, um ano depois, em 1845, Joaquim de Sant’Anna falece e deixa como herdeira a sua filha Maria José de Sant’Anna, que, casada com Armond, tem como primogênito Mariano Procópio Ferreira Lage. Este, posteriormente, terá o papel fundamental na administração da fazenda que, entregue aos Sant’Anna, contava com 488 alqueires de terras (o que corresponderia ao valor do tamanho de um pouco mais de duas sesmarias, já que o tamanho padrão de uma equivaleria a 225 alqueires) e 13 mil pés de cafés plantados com um número de 65 pessoas em situação de trabalho escravo (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023).

Ao estudar a formação e o ordenamento territorial de Juiz de Fora, que hoje fica à, aproximadamente, 44 km da Fortaleza de Sant’Anna, Machado (2023, p. 49) diz que

a lei provincial nº 334, de 3 de abril de 1847, promoveu inúmeras alterações em muitas paróquias, vilas, distritos e municípios, alterando substancialmente as divisas administrativas. Para a região em estudo, ocorrem importantes modificações, desde aquelas mais específicas ao município de Barbacena, até aquelas mais específicas que pertencerá ao futuro município de Juiz de Fora.

Interessa para este trabalho a parte dessa lei que faz referência à Fortaleza de Sant’Anna. Segundo ela, no seu artigo 8º é dito que do distrito de Piau e do Município do Pomba, a fazenda pertencente à Mariano Procópio Ferreira Lage passa a ser incorporadas à Conceição do Rio Novo, que, na ocasião, era distrito do município de São João Nepomuceno (ver figura 11).

Figura 11 – Lei nº 334, de abril de 1847– Governo da Província



Fonte: gentilmente cedida por Pedro Teixeira Machado (2023).

Deste reordenamento, é importante para a Fazenda o fato de, naquele momento, vincular-se territorialmente à Conceição de Rio Novo. Embora também se enquadrasse como pertencente à São João Nepomuceno, este em 1851 rebaixou-se a distrito de Mar de Espanha e, mais tarde, distrito do Município de Rio Novo, criado pela Lei provincial n.º 1.644, de 13 de setembro de 1870 (IBGE, 2023).

Sobre sua extensão territorial, pode-se afirmar que a Fazenda não permaneceu com a mesma conformação inicial. Nas palavras dos autores Aline Francisco, Dulcineia Salustiano e Wendel Costa,

no registro de terras de 1855, a Fazenda Fortaleza de Sant'Anna já era tão extensa que fazia divisa com ao menos doze propriedades rurais, sendo elas as terras de Maria Dias dos Anjos, aonde viria a ser o povoado dos Dias, além das fazendas Capoeirinha e Bom Jardim, as três aonde viria a ser o município de Goianá. Também as fazendas Estiva e Barra Mansa, no atual distrito de Carlos Alves, em São João Nepomuceno. Do lado aonde veio a se formar o município de Chácara, fazendas do Retiro, as terras da família Figueiredo e a fazenda da Laje, e por último, aonde veio a se formar o município de Coronel

Pacheco, as fazendas de Joaquim Antônio Afonso, Santa Tereza, Carambi e Patrimônio [mantida a ortografia original] (2023, p. 41).

Certamente, com o número tão grande de extensão de terras, obrigatoriamente, os proprietários necessitariam de mais mão de obra para a produção de café. Esta era a cultura predominante não só na fazenda dos Sant'Anna, como em outras fazendas na região da Mata, ou seja, precisariam de mais pessoas escravizadas.

Segundo Rosa (2001, p. 55), “as senzalas da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna abrigavam um plantel escravista considerado grande. A avaliação realizada em 1870 [...] assinalou a presença de 214 cativos na propriedade”. Os números que citam a autora, possivelmente chegaram a ser maiores um pouco depois que Mariano, sob procuração assinada pela mãe, conduziu as atividades da fazenda.

Em seus estudos, Rosa constata que os trabalhadores da fazenda durante o período dos Sant'Anna, mantinham relações de parentesco nas Senzalas, esta era, aparentemente, organizada e possuía uma divisão entre as pessoas casadas e as pessoas solteiras. Rosa cita o exemplo de uma senhora de 82 anos, no que diz respeito à questão de parentesco:

A família encabeçada por Joana, matriculada com 82 anos é a mais extensa do plantel. A partir de sua filha Generoza, casada com Fidellis, foi possível estabelecer a genealogia desta família constituída no cativo. Generoza e Fidellis foram pais de seis filhos. A filha mais velha do casal — Carolina — casou-se com Felisbino, sendo Olympio e Clemente nascidos desta união. Alexandrina — segunda filha de Generoza e Fidellis — deu à luz à Eugênia após a Lei do Ventre Livre. Não foi possível apurar [...] se Carolina uniu-se a algum escravo formalmente ou se a criança é fruto de uma união consensual. Joana, a velha escrava parteira, faleceu em 26/11/1872 [...] [mantida a ortografia original] (ROSA, 2001, p. 63).

A autora ainda faz um resgate de vida de outras pessoas contando a história de Sebastião e Umbelina, por exemplo. Ela diz que o casal era

[...] pais de 3 filhos [...]. O filho primogênito, Felisbino, 33 anos era viúvo de Bernardina e pai de Gonçalo, também falecido em 24/11/1871. A segunda filha do casal — Francelina, 31 anos era casada com Inocêncio, sendo o casal pais de Carlota, 6 anos. No entanto, Francelina possuía uma filha natural Maria Francelina, 16 anos, nascida no Rio de Janeiro. Tudo faz crer que Maria Francelina nasceu quando a mãe, ainda solteira, se encontrava na Corte, uma vez que Carlota, sua meio-irmã, foi matriculada como filha do casal: Francelina e Inocêncio. Maria Francelina era parda, cor diferente de sua mãe e dos demais parentes de seu núcleo familiar. [...] nota-se que a Dona Amália Ferreira Lage, costumava levar para a Corte escravos pertencentes à sua sogra, a Baronesa de Sant'Anna. A jovem mucama, Maria Francelina, filha de Francelina teria sido fruto de algum relacionamento de sua mãe no Rio de Janeiro? É uma interrogação difícil de ser respondida: Francelina foi

matriculada como roceira. O trabalho no eito seria uma punição? [Mantida a ortografia original] (ROSA, 2001, p. 63).

Essas citações de Rosa permitem que se tenha ideia das relações entre famílias posseiras e as pessoas escravizadas e, por conseguinte, as consequências do que a elite aristocrática provocou na vida dessas famílias escravizadas. Logo, os proprietários da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna não fugiam à regra do contexto social e econômico daquela época, muito menos no que diz respeito à escravização de seres humanos. Apesar de a Fortaleza de Sant’Anna ser elogiada pelas condições de tratamento ao qual seus senhores davam aos seus escravizados, um episódio de violência ocorrido em Sant’Anna demonstra que nenhuma relação de pacificação, e bom trato, escapam ou justificam a “monstruosidade” de se condicionar como cativo um ser humano.

Tal episódio é descrito em um processo criminal referente ao “2º officio em 20 de agosto de 1853”, em que o administrador da fazenda aciona os oficiais de justiça contra escravizados da Fortaleza de Sant’Anna. Nos autos do processo constam as falas dos depoentes. Na primeira, depõe o administrador da fazenda, que disse:

Participo a V. S. que ás cinco horas da madrugada de hontem 30 do corrente, descendo eu do sobrado d’esta Fazenda onde móro com minha familia, na qualidade de administrador, achei embaixo na grade da escada pr. mim esperando o arreador da tropa da Fazenda, Camillo José de Araujo, o qual convidou-me pa. qe. chegasse com elle ao terreiro em frente do Sobrado [...]. Dirigindo-me eu com o dito arreador ao lugar indicado no dito terreiro proximo as senzalas [...], encontrei e vi com effeito o dito feitor Joaquim Marianno estendido morto, acabando de se esvaír em sangue das feridas frescas que acabara de receber e que lhe derão a morte instantânea [...]. Os escravos n’essa ocasião em que mandei recolher o cadaver tinhão hido buscar o segundo caminho de cana pa. o engenho, e chegando ja dia claro, tocou-se o signal de forma como he de costume pa. se distribuirem pa. seus respectivos serviços, e todos comparecerão, mas faltando algum, nem n’essa occazião nem pelo decurso de todo o dia, parecendo qe. tal crime não tinha acabado de praticar. A vista pois de um attentado tão gave, e qe. deve trazer o susto e o temor aos qe. vivem entre estes inimigos [...] ³⁷ [mantida a ortografia original].

Em resposta ao depoimento do administrador da fazenda, uma das pessoas escravizadas envolvidas respondeu que

na madrugada de hontem quando elle respondente e outros conduzião cana para o Hengenho; na oCasião que voltavão para o Segundo Caminho de Canna Viu o feitor passar hum repasse de xecote nas Jentes que consuzião canna; e nomesmo tempo vio muita jente abatter no [...] Feitor Joaquim Mariano; a que

³⁷2º officio em 20 de agosto de 1853 — Teixr^a. de Carv^o. Autos criminais. 1853. **Arquivo Central da Cidade de Juiz de Fora — UFJF.**

neste auto elle respondente tambem entrou nesta festa com hum purrete e tambem deu suas Cacetadas no dito Feitor e pença ser tudo quem baterão no dito Feitor de que lhe resultou amorte [mantida a ortografia original].

Embora o administrador tenha ficado “horrorizado” com o que disse ter sido um “atentado tão grave”, os depoentes disseram que esse feitor não os tratava bem. Tal feitor despertou a ira das pessoas escravizadas, e talvez, tenha sido esse o motivo pelo qual outros trabalhadores que já o vira no chão fossem atacá-lo também. No que diz respeito a esse grupo que ataca o feitor, mais do que sentimento de raiva, tal ação pode ter caracterizado o sentimento de proteção e união diante dos maus tratos recebidos de tal feitor. Isto é, esse processo criminal explicita certamente com detalhes as relações trabalhistas da época em que a brutalidade, na verdade, não vem do escravizado, mas sim de “seus senhores”, os civilizados.

Durante o período em que a família Sant’Anna esteve nessas terras, outros acontecimentos são válidos de serem mencionados. O primeiro é que a família tinha grande influência junto à Corte, principalmente devido aos feitos de Mariano, que eram muito admirados por Dom Pedro II, tais como a construção da estrada de rodagem União & Indústria, do qual veio pessoalmente na inauguração. Além disso, Dom Pedro II esteve em sua propriedade em Juiz de Fora e algumas vezes na Fortaleza de Sant’Anna, onde gostava de caçar.

A relação entre a família e a Corte era tamanha que foi concedido a Mariano Procópio o título de Barão. Contudo, ele o cedeu à sua mãe ainda em vida que, assim como Dom Pedro II diz a seguir, passa a ser chamada de Baronesa de Sant’Anna com todas as honrarias deste título:

Dom Pedro, por Graça de Deos e Unanime Acclamação dos Povos, Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, Faço saber aos que esta minha Carta virem, que Attendendo aos serviços prestados por Mariano Procopio Ferreira Lage; e querendo dar-lhe um testemunho de particular distinção: Hei por bem fazer Mercê à sua mãe D. Maria José de Sant’Anna do título de Baroneza de Santa Anna, em sua vida. E Quero e Mando que a dita D. Maria José de Sant’Anna de agora em diante se chame Baronesa de Sant’Anna e que com o referido título goze de todas as honras, privilégios, isenções, liberdades e franquias que hão e tem, e de que usam sempre usarão as baronesas, e que de direito lhe pertencerem. E por firmesa de tudo o que é, lhe mandei dar esta Carta, por Mim assignada, passada pela Chancellaria, e sellada com o sello pendente das Armas Superiores. Pague de direitos cincoenta mil reis, e de emolumentos quarenta e sete mil reis como consta do respectivo conhecimento em forma. Dado no Palácio do Rio de Janeiro em doze de Julho de mil oitocentos e sessenta e um, quadragésimo da Independencia e do Imperio [mantida a ortografia original] (BASTOS *apud* ROSA, 2001, p. 17).

A ligação da família da Baronesa de Sant’Anna com a Corte também traz à fazenda o interesse de naturalistas e viajantes. Durante uma expedição em 1865, o naturalista Agassiz

registra em seu livro umas expedições feitas pelo Brasil e um lugar, dentre os locais desse imenso território brasileiro, foi a Fortaleza de Sant'Anna. No livro, que foi escrito com o auxílio de sua esposa Elizabeth Agassiz, ele descreve com riqueza de detalhes as construções e a vida dos nobres senhores da fazenda.

Como se pode ver até aqui, esse lugar, certamente, é visto de forma diferente a partir do olhar de diferentes sujeitos. Por muito tempo, foi enxergado como espaço voltado à dimensão econômica e de reprodução do *status* da elite aristocrática dessa época, como é bem descrito pelo do naturalista Agassiz (1975, p. 120) em *A Viagem ao Brasil*. Segundo ele, a fazenda era, em 1865,

[...] uma construção comprida, baixa, pintada a cal, fecha incompletamente um espaço retangular onde, sobre vastas áreas quadradas, espalha-se o café em grão. Uma parte somente desse edifício é ocupada pelos apartamentos da família o resto é destinado aos diferentes serviços que comporta a preparação do café, o aprovisionamento dos negros, etc. [mantida a ortografia original].

Figura 12 – A casa de vivenda da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna retratada em “Viagem ao Brasil: 1865-1866”, no século XIX



Fonte: Agassiz (1975, p. 123).

Com exceção do branco em cal e do cafezal, que não mais se encontra na paisagem, as demais estruturas que existiam em função da produção cafeeira da época permaneceram por muitos anos, mesmo que hoje se encontrem em ruínas. Agassiz fez uma descrição detalhada da atividade do café na fazenda no seu auge de produção:

Era a época da colheita e o espetáculo que tínhamos diante dos olhos era verdadeiramente pitoresco. Os pretos, homens e mulheres, estavam espalhados pela plantação, trazendo às costas, amarrados às suas roupas, uma espécie de cesto feito de caniços ou de bambus. Dentro dele é que amontoam os grãos de café, uns vermelhos e brilhantes como cerejas frescas, outros já escuros e meio ressequidos, e, de quando em vez, alguns ainda verdes, não de todo maduros, mas não devendo tardar em amadurecer sobre o solo abrasado do terreiro. Pretinhos pequenos, sentados na terra ao pé dos arbustos, ajuntam as cerejas caídas, cantando um estribilho monótono que tem sua harmonia e seu encanto; um deles faz o canto e os outros o acompanham. Uma vez cheios os cestos, vão mostrá-los ao administrador que lhes dá uma ficha de metal onde está marcado o valor da tarefa executada. Cada qual deve uma quantidade certa de trabalho: tanto por homem, tanto por mulher, tanto por criança, e cada qual é pago do excedente que produz; o que se exige deles é verdadeiramente moderado e aqueles que não são preguiçosos podem facilmente juntar um pequeno pecúlio. Todas as tardes eles entregam as fichas recebidas no decorrer do dia e recebem o valor do excedente de trabalho livremente executado. Do terreno em que se procedia à colheita, nós acompanhávamos os carrinhos até o lugar em que o seu conteúdo é esvaziado. Aí, os negros dividem em lotes a colheita do dia e a arrumam em pequenos montículos no terreiro. Quando o café está bem seco, e por igual, espalham-no em camadas de pouca altura sobre a extensão toda do terreiro, onde ainda recebe por algum tempo os raios do sol; os grãos são em seguida descascados com auxílio de máquinas muito simples que se usam em todas as fazendas, e a manipulação está concluída (AGASSIZ, 1975, p. 131).

Figura 13 – Colheita de café na Fortaleza de Sant'Anna retratada em “Viagem ao Brasil 1865-1866”



Fonte: Agassiz (1975, p. 130).

O detalhamento das descrições espaciais de Agassiz no século XIX já revelava quão rica era a história e a geografia dessa fazenda e, também, quão nobre era, em todos os sentidos que

envolvem essa palavra. Na economia da região, a fazenda era destaque devido à magnitude de sua produção porque obtinha lucro a partir da utilização de mão de obra escrava (mais de 200 pessoas) mobilizando os recursos que, dos efeitos às causas, contribuíram para a industrialização de Juiz de Fora.

Posteriormente, outro naturalista na companhia de Dom Pedro II chega à propriedade. Dom Pedro II teria empreendido uma viagem de uma semana por Minas Gerais com o Conde de Gobineau em 1869. Diz o Conde em uma passagem do livro que “depois de um dia muito cheio, não contente em ter visitado toda a fazenda de Santana, o Imperador quer ver, depois do jantar, as plantações ao luar [...]”. O Conde recusa o passeio com destreza. Em alguns momentos deixou clara a insatisfação com “o clima” do Brasil, mostrando-se crítico, ao mesmo tempo, cordial diante do que vivera ao lado do Imperador nessa visita ao país. Apesar da condição dos escravizados da fazenda, ressalta as palavras seguintes:

Fiquei bastante contente em visitar a fazenda de Santana, a cerca de nove léguas de São João. Para dar uma idéia da importância deste estabelecimento, basta dizer que ele é cruzado em todos os sentidos por uma rede de estradas de carroça de doze léguas de extensão; aí se cultiva especialmente o café, cujas plantações extremamente cuidadas cobrem as montanhas ao longe.

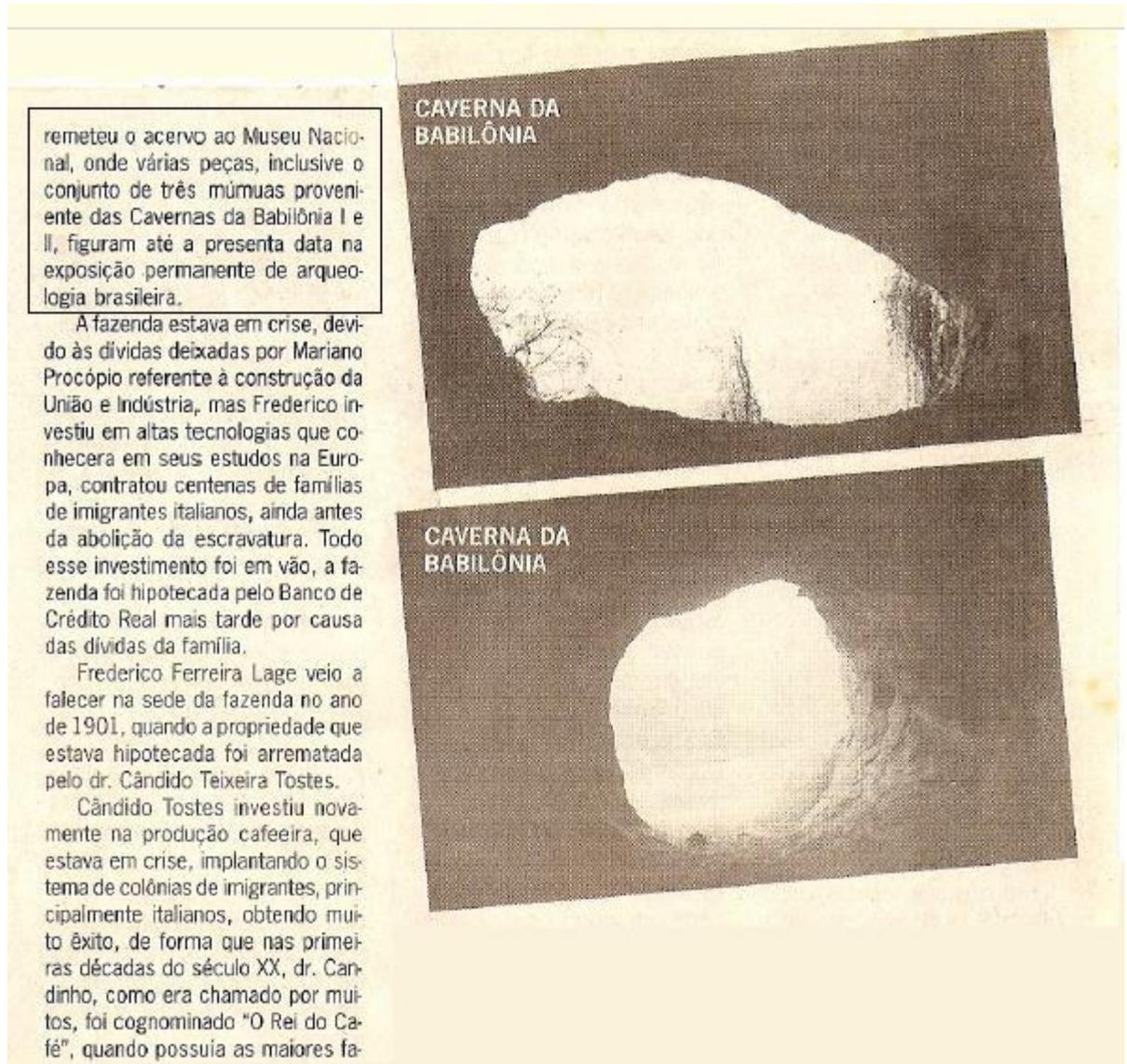
Empregam-se máquinas para o debulho dos grãos, resultando que todo o trabalho é assegurado por intermédio de apenas duzentos e dez negros, submetidos às melhores e mais amenas condições de vida, e a um labor bem moderado. O hospital, de excelente aspecto, só abrigava dois doentes, as crianças estão em boa saúde e cuidadas. Infelizmente, nem todas as fazendas do Brasil oferecem uma visão tão satisfatória [...] [mantida a ortografia original] (READERS, 1988, p. 209-210).

Como se vê, há um nítido elogio à organização da fazenda e ao trato que seus proprietários dão às pessoas que estavam nela escravizadas. Talvez tal relação com essas pessoas tenha mudado na fazenda devido ao episódio com o feitor na década passada, ou talvez fosse uma estratégia para manter os cativos pacificamente, de forma que mantivesse o seu trabalho com boa qualidade, ou talvez, ainda, seja por conta da valorização das pessoas escravizadas no mercado, já que, com a proibição da comercialização de escravizados, o valor de cada um subia constantemente. Seja como for, ressaltava o Conde Gobineau que, em suas palavras, “a escravidão não é mais que uma questão de tempo. Um dia ou outro ela deve acabar e acabará [...]” (p. 210).

Logicamente, nessa volta ao passado, não poderia ser deixado de mencionar que, por volta de 1870, um ano após a visita do Conde Gobineau, foi encontrada na Fortaleza de Sant’Anna, mais precisamente no alto da Serra da Babilônia, um sítio arqueológico onde foram encontradas três múmias indígenas, esqueletos de outros indígenas e seus artefatos. Segundo Colombo

(2014), supõe-se que tal achado tenha ocorrido por volta de 1871, embora a caverna na qual foram encontradas as múmias já fossem de conhecimento das pessoas. Nas terras da Fortaleza de Sant'Anna. Foi encontrado, então, um cemitério indígena.

Figura 14 – Caverna da Babilônia e as múmias indígenas



Fonte: Mundo Rural (2002).

Nas palavras de Colombo (2014, p. 199)

Apesar da grande relevância que tiveram os vestígios encontrados, somente um conjunto formado por três corpos mumificados e parte de seus acompanhamentos funerários resistiram à passagem do tempo e permanecem conservados e identificados até hoje em exposição no Museu Nacional. Consta dos autos da instituição que tal conjunto teria sido doado em 1875 ao imperador D. Pedro II pela baronesa D. Maria José de Sant'Anna. Porém, no período da doação a baronesa já era falecida, assim como Mariano Procópio,

e a doação foi feita como menção honrosa à baronesa, que tinha grande prestígio junto ao Império.

O Museu Nacional sofreu um incêndio e perdeu, além de boa parte de seu acervo, também as múmias de Sant'Anna. Contudo, antes do incêndio, Colombo aponta que múmias que estavam no Museu Nacional passaram por estudos mais recentes que chegaram à conclusão de que as três múmias se tratava de três mulheres, sendo uma adulta, uma recém-nascida e uma criança de um ano. Ambas foram mumificadas por processos naturais:

um quadro arqueológico até o momento constituído essencialmente por sítios relacionados a duas tradições arqueológicas. De um lado os sítios em abrigos, essencialmente de caráter funerário, que são normalmente relacionados a populações produtoras de cerâmica da tradição Una, associada a populações falantes de línguas Jê e sítios habitação relacionados às populações produtoras de cerâmica da subtradição Tupinambá [...] (COLOMBO, 2014, p. 202).

Isso comprova a existência de populações indígenas na localidade antes mesmo da chegada das primeiras famílias contempladas pelas Cartas de Sesmarias.

O SEGUNDO MARCO

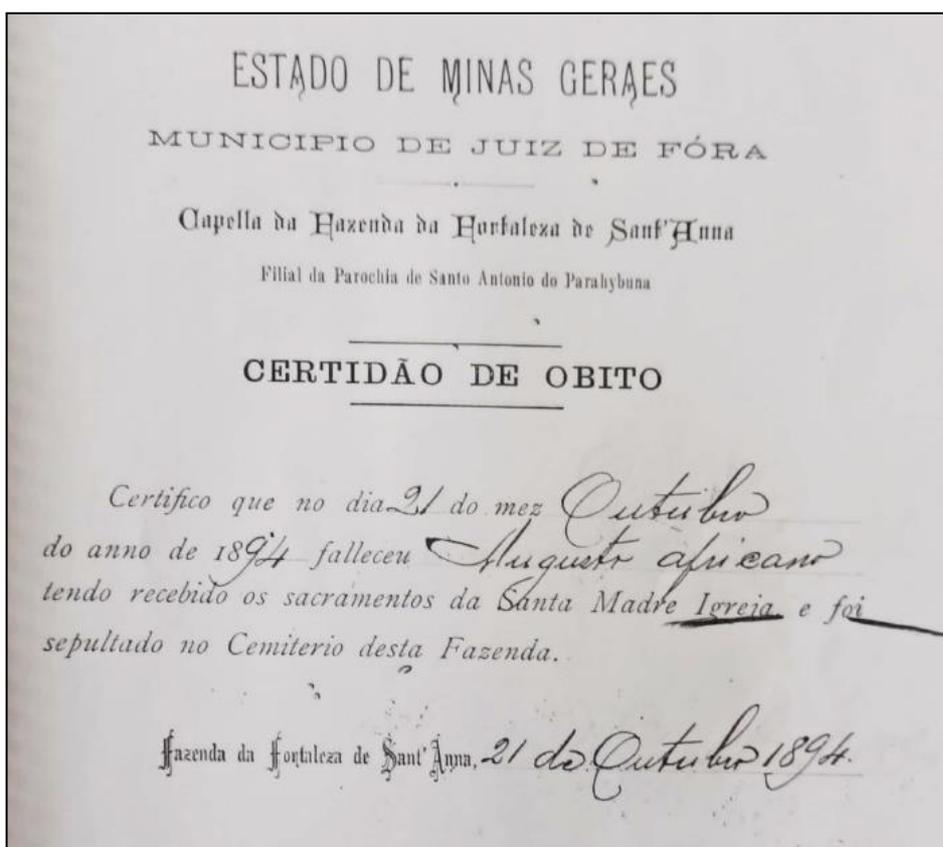
3.3 A abolição da escravidão, a chegada de novos trabalhadores e a troca de titularidade das terras em Sant'Anna

Antes mesmo de 1888, ano da Abolição da Escravatura no Brasil, outra leva de povos estrangeiros chegou à localidade: imigrantes italianos em busca de condições melhores de vida. Então, habitações com a arquitetura italiana passaram a ser levantadas, deixando resquícios desse passado na paisagem (GOIANÁ, IPAC, 2009), como a vila dos colonos, chamada por eles hoje de “Avenida”. Mesmo com a liberdade garantida, através do livro de óbito da fazenda de 1891 é possível concluir que os que antes possuíam a condição de escravizados, ainda permaneciam nessas terras. Concluindo, ainda, que pessoas imigrantes de outras localidades conviviam com os trabalhadores que ali já permaneciam como cativos.

Após a morte de Mariano Procópio, em 1872, os seus filhos Alfredo e Frederico Ferreira Lage assumiram a missão de continuar mantendo a administração da fazenda. Contudo, com dívidas, não contando mais com o trabalho escravo e, no contexto regional, com a diminuição

do valor das sacas de café, a fazenda logo perdeu a rentabilidade, caiu em declínio. Em 1890, Frederico fez um empréstimo com o proprietário da Fazenda São Mateus, hoje localizada próximo de Juiz de Fora, o Cândido Teixeira Tostes. Ao fazer o empréstimo, deixou a fazenda como garantia. Naquela época esse tipo de negociação entre proprietários era comum e, normalmente, pagava-se com a produção do café. Contudo, Frederico morre em 1901 antes de quitar a hipoteca da fazenda e, dessa forma, a fazenda vai a leilão e Cândido Tostes arremata (SILVA, 2007). Portanto, começa a Era Tostes na Fortaleza de Sant’Anna após exatos 60 anos da apropriação pela família Sant’Anna/Ferreira Lage. Em 1902, Cândido Tostes assume a Fortaleza de Sant’Anna, preservando, contudo, o seu nome. Foram arrematados cerca de 740 alqueires. Em 1913 a família já tinha 600 mil pés de café plantados e produzia 20 mil arrobas desse grão (COLOMBO; BARBOSA, 2007; FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023).

Figura 15 – Registro de óbito de Augusto “africano” no livro de óbitos da Fazenda em 1894



Fonte: Livro de Óbitos (1891-1894).³⁸

³⁸ livro de óbitos. Cúria de Juiz de Fora.

Segundo Francisco, Salustiano e Costa (2023), Cândido, além de produzir café, produzia também “cereais, feijão, arroz, fumo, e cana-de-açúcar, com produção de 100 a 200 pipas de aguardente [...]” (p. 44), atrelado a isso, a fazenda ainda produzia leite.

O século vira e a relação escravista fica a cargo do século passado com a Abolição em 1888. Contudo, a transição não foi tão simples quanto parece. A reintrodução de trabalhadores escravizados e seus descendentes na sociedade não acontece. A própria lei de terras em 1850 torna-se um dificultador dessa inserção social antes mesmo que a proibição de escravizar seres humanos fosse enunciada. Aliada a isso está o comportamento de muitos fazendeiros resistentes à abolição e às mudanças que ela ocasionara no campo, eles queriam atribuir ao trabalho dessas pessoas um valor muito baixo e, assim, era comum ocorrerem conflitos nas fazendas (SARAIVA; GUIMARÃES, 2023).

Em Sant’Anna houve um episódio com um trabalhador durante a administração de Cândido Tostes. Nele, um trabalhador é assassinado após exigir que a fazenda pagasse a ele o que devia pelo trabalho realizado. Tempos depois foi aberto um processo criminal que acabou por absolver o réu, mas que dá detalhes do ocorrido:

Antonio Pereira de Oliveira, empreiteiro de serviços rurais nas fazendas da Zona da Mata. Prossegue dizendo que o inquérito realizado pelo Tenente Alcides Amaral tornou evidente o crime perpetrado contra Eduardo de tal, no ano de 1922, quando Pereira era empreiteiro na Fazenda de Santana, pertencente a Candido Teixeira Tostes.

Eduardo revoltou-se, pediu suas contas e professou que não mais trabalharia porque lhe não pagassem os salários; por esta atitude lhe deram maus-tratos e o obrigaram a seguir para o trabalho sob a imediata vigilância dos denunciados Raymundo e Venâncio; interrompido o trabalho para a refeição, Eduardo aproveitando-se da distração dos que o vigiavam, conseguiu foragir, porém perseguido foi preso horas depois, perto da Fazenda do Coronel Pedro Procópio e conduzido à presença de Antônio Pereira; aí fora ele amarrado em um esteio e espancado demoradamente a chicote e cabresto por todos os denunciados que o fizeram até que Eduardo desfaleceu; findo este bárbaro e covarde espancamento, praticado à vista de todos os contratados de Pereira, que fazia do pavor a sua melhor arma para os dominar, foi Eduardo sem sentidos e em verdadeiro estado de como, quase sem vida, levado para uma cafua, onde lhe deram um banho em água com sal e o deitaram em uma tarimba, no dia seguinte Raymundo Luiz, quando pela manhã foi levar café para Eduardo, encontrou-o morto e deste facto deu conhecimento a Antonio Pereira, o qual recomendou que guardasse toda reserva a respeito; não tardou muito e era feito o enterro de Eduardo, cujo corpo totalmente envolvido em um cobertor e metido em um caixão feito pela testemunha Julio Ambrósio Ribeiro, era dado à sepultura sem as formalidades legais, como vítima de morte natural, em o cemitério da fazenda [mantida a ortografia original].³⁹

³⁹ Processo criminal 19250310 — Antônio Pereira, gentilmente cedida por Everton Lage.

Como se vê, essa detalhada denúncia de um empreiteiro da fazenda registra bem o pós-abolição e os tratamentos que os fazendeiros davam aos que trabalhavam para eles. Os trabalhadores eram vigiados e trancados durante à noite, trabalhando como se o período da escravidão ainda reinasse nos noventa. O processo criminal exemplifica o quão difícil foi para as pessoas pretas, descendentes de escravizados, sobreviver nessa época, e por muitos anos mais, em uma sociedade que permanece racista e cruel.

O TERCEIRO MARCO

3.4 A chegada de novos trabalhadores e a troca de proprietários em 1937

Com a morte de Cândido Tostes, assumem as fazendas São Mateus e Sant'Anna seus filhos João e Sebastião Rezende Tostes em 1927. Em 1937, com a morte da matriarca da família, houve uma troca de irmãos nessas duas fazendas, João Rezende Tostes assume a Fortaleza de Sant'Anna, traz seus empregados de confiança e permanece à frente da fazenda até a sua morte em 1950 (ver anexo X).

É nesse momento que o colono mais antigo dentre os entrevistados nessa pesquisa nasce, em 1952 (como já mencionado anteriormente). Tal colono pega, justamente, a transição entre a administração de João Tostes e Layr Tostes. No seu caso, seus pais chegaram à Fazenda ainda na época de Cândido Tostes. Logo, suas vivências na Fazenda, certamente, foram influenciadas pelas vivências e costumes do seu pai, bem como pelas relações que mantinha com a Fazenda. Como se vê, embora a produção de café não tivesse a mesma proporção de antes, nesse período, a Fazenda ainda era produtora (ver figura 16), fato que comprova a necessidade do trabalho dessa criança no campo, em 1959.

Figura 16 – Secagem dos grãos de café produzidos na Fortaleza de Sant'Anna no século XX



Fonte: autoria desconhecida [ca. 1960].

Muitos dos colonos que residem hoje em Sant'Anna descendem de famílias que chegaram a essas terras, desde a posse de Cândido Tostes, mas também vindos da Fazenda São Mateus com João Tostes (ver anexo X) (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023, p. 38).

Em 1950, Layr Palleta de Rezende Tostes, casado com Lourdes Tostes Mascarenhas, assume a fazenda com a morte de seu pai João. Porém, como ressaltam os autores Francisco, Salustiano e Costa, já em 1970 a fazenda perde o mercado internacional, embora continue produzindo café e leite, sobretudo. E assim segue a produção e as relações trabalhistas até 2001.

Figura 17 – Fotografias do casarão da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna



Fonte: autoria desconhecida (1997).

Em 2001, uma eventualidade ocorre na fazenda centenária. 2001 prenunciava o então fim da era Tostes na Fazenda. A casa de vivenda chamada de casarão sofreu um incêndio que queimou toda sua estrutura feita de pau a pique (ver figura 18).

Figura 18 – Incêndio na casa de vivenda da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna



Fonte: Mundo Rural (2002).

No jornal⁴⁰ Mundo Rural de 2002, Colombo e Barbosa anunciam o incêndio que acomete o casarão, deixando-o totalmente destruído, como pode ser observado na figura 18. O incêndio levou com ele todos os móveis, livros, registros antigos da Fazenda da Fortaleza, deixando na paisagem um “vazio” (ver figura 19), como indicam os colonos atuais desse lugar. Pode-se considerar o incêndio ao casarão o marco simbólico da decadência dos Tostes.

⁴⁰ (COLOMBO; BARBOSA, 2002).

Figura 19 – Localização do antigo casarão pós-incêndio



Fonte: Ana Carolina Lage (2023).

Lhayr permanece à frente da Fortaleza de Sant’Anna até a sua morte em 2004 (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023). Assumem a fazenda os irmãos Fábio Tostes e Antônio Carlos Tostes, segundo os colonos de Sant’Anna. Estes permanecem à frente, contudo, já não visitavam a Fazenda com frequência, deixando as tarefas cotidianas a cargo do administrador e de encarregados. Em 2009 o Incra declara essa propriedade improdutiva.

Embora os herdeiros proprietários da Fazenda não tivessem mais o contato diário da administração dessas terras, assim como ocorria com os demais fazendeiros até o João Tostes, os seus “funcionários”, aposentados ou atuantes (até 2010) permaneciam com o contato diário nas lavouras pessoais, onde, antes, eram estabelecidos sistemas de meia e terças. Os colonos cuidavam de suas hortas e de suas criações nos quintais, cuidando, também, das construções da Fazenda, dentro do que era possível se fazer (e era ordenado pelo então administrador da Fazenda, Silvio).

As relações interpessoais entre os colonos, seja nas lavouras, seja nos momentos de socialização, os uniram de tal forma que mesmo os “não próximos” eram conhecidos por todos. Essas pessoas desenvolveram sistemas de ajudas mútuas que, com o tempo, foram se tornando um costume como o de, por exemplo, compartilhar a carne do porco que acabara de ser abatido para os compadres, em que as crianças tinham a tarefa desse compartilhamento. Esse que compartilhou, quando menos esperava, recebia um agrado também, depois de algum tempo, quando outro colhia frutas e compartilhava.

Outra tradição que não começou com os colonos (ver capítulo 4), mas foi apropriada por eles, merece ser destacada: a Festa de Sant'Anna. Esta possui todo um ritual que vai se desencadeando durante todo o dia de 26 de julho, da manhã até à noite, uma vez ao ano.

E assim, os colonos de Sant'Anna se relacionam com ela por meio do trabalho, por meio da fé e da tradição, por meio do companheirismo, do parentesco e por meio da ligação com o passado. São eles os sujeitos que viveram por toda uma vida nessas terras e, ainda, descendentes de pessoas que também viveram em Sant'Anna, chegando, em muitos casos, a cinco gerações.

Francisco, Salustiano e Costa (2023) apontam, por exemplo, que existem famílias de colonos hoje que são provenientes de famílias que viveram em Sant'Anna desde o início do século XX, ou seja, que, por mais de um século, manifestam suas relações com os solos de Sant'Anna.

Em seus estudos sobre a genealogia das diversas famílias que passaram por Sant'Anna ou vivem em Sant'Anna, na obra “Resgate”, esses três autores aqui já mencionados (dos quais dois são descendentes primeiros de colonos) revelam que, possivelmente, a Família Procópio permaneceu nessas terras depois da abolição; após a virada do século; e, ainda, depois da mudança de titularidade das terras. Esses adotavam tal sobrenome por descenderem de pessoas escravizadas, ainda na época em que as terras pertenciam à Mariano Procópio. Assim, a família permaneceu, pelo menos, até 1935. Nas palavras dos autores:

[...] Antônio Procópio, o último remanescente que a história oral alcançou, faleceu na Fazenda por volta de 1935.

Embora já tenha tido um casamento anterior, do qual tivera ao menos três filhos, a família conta que em determinado momento ele raptou uma jovem de nome Maria Antônia Procópio, nascida por volta de 1899, e falecida em Juiz de Fora em 09/05/1969. [...]

Moradores no alto da Serra da fazenda, quando Maria Antônia estava grávida de quatro meses da filha caçula, seu esposo veio a óbito [...]. Após a morte de Antônio Procópio, sua viúva passou a ser assediada por um dos homens que tomavam conta da fazenda, o que a forçou a se mudar para Juiz de Fora com os filhos menores, enquanto dois mais velhos permaneceram casados com suas famílias, na fazenda de Sant'Anna [...] (FRANCISCO; SALUSTIANO; COSTA, 2023, p. 187).

Ou seja, essa família atravessou não só momentos diferentes da história da Fazenda, como permaneceu ligada ao solo em um período muito maior que os próprios “donos” da propriedade, revelando-se assim que, inevitavelmente, os tipos de relações entre Sant'Anna, sujeitos trabalhadores e sujeitos proprietários ganham sentidos e ligações completamente diferentes.

O QUARTO MARCO

3.5 A chegada de novos trabalhadores às terras de Sant’Anna e o processo de reforma agrária

*A GENTE QUER DIZER QUE A GENTE EXISTE.
Nunca trocaria minha roça pela cidade.*

COLONA DE SANT’ANNA

O formato caixa alta, tipografia escolhida para destacar a frase de efeito que consta na epígrafe acima, reproduzida em um diálogo com uma colona de Sant’Anna, expressa o impacto da fala naqueles que a ouviram. Ela não alterou o tom de voz, como sugere o uso desse recurso na escrita, mas o “como” dizia, era tão profundo que, no momento da conversa, soava como se cada palavra fosse reproduzida por meio de um único grito engasgado e penetrante: EXISTIMOS. Em seguida, complementou reafirmando o SEU lugar: “*nunca trocaria minha roça [...]*”.

Tal fala, que traz desconforto [eufemismo] e incômodo, é apresentada no título deste trabalho. Este, embora seja um amaranhado de palavras que, por sua vez, é limitado para expressar a complexidade dos sujeitos, carrega consigo a pretensão de direcionar o olhar, mais do que voltado para a história, voltado para a geograficidade de um povo.

Os colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna são os sujeitos dessa pesquisa, são os que se dizem existir. Assim, mais do que ex-funcionários, são moradores dessa localidade há anos, quiçá, séculos, ao viverem há gerações no mesmo lugar, podendo apresentar uma linhagem que data, pelo menos, a segunda metade do século XIX.

Em 2010, não mais produtiva como ao longo de dois séculos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocupou essas terras que, historicamente, foram cedidas a um grupo específico de sujeitos e, em seguida, herdadas. Os últimos proprietários em sua maioria não residiam na fazenda no momento da ocupação e da desapropriação (exceto por um membro). Por anos, a fazenda já não produzia atividades que a sustentasse inteiramente, no entanto, nunca foi um lugar de vazios.

Os colonos, moradores aposentados e funcionários da fazenda, paralelamente às suas atividades laborais, em sua maioria, executavam atividades de ‘lida’ com a própria terra, contribuindo para a segurança alimentar de suas famílias.

Bem por detrás da casa, sobre a encosta da colina; acha-se o laranjal. Não me cansava de contemplar esse pequeno bosque de arbustos de frutos “doirados”, que era de admirável beleza. As pequenas tangerinas de cor carregada, reunidas às trinta e às quarenta; as grandes seletas que se acumulam às dúzias num galho só, que o seu peso faz vergar até o chão, o pálido limão-doce, quase insípido, mas tão apreciado por sua frescura, todos esses frutos e muitos outros ainda da mesma espécie (pois a variedade de laranjas é bem maior do que supomos, nós os habitantes dos países frios) formam uma massa colorida onde o “doirado”, o alaranjado escuro, o amarelo pálido se casam maravilhosamente bem com os tons carregados da verdura. Em frente às grades da casa e do outro lado da estrada, está o jardim, com um aviário e viveiros no centro. A não ser isso, tudo o que não é floresta é consagrado à cultura do café, e as plantações cobrem os flancos das colinas muitas milhas em redor. (AGASSIZ, 1975, p. 128–129)

Assim, embora as lembranças na citação de Agassiz sejam de um período em que o funcionamento da fazenda se dava de outro modo, é bem verdade que o verde dos fragmentos de mata, assim como, a beleza das jabuticabeiras; das bananeiras; das goiabeiras; dos cajueiros; das laranjeiras; das tangerineiras; e demais árvores frutíferas; deixam na paisagem o cheiro doce e a beleza desses cultivos ainda hoje.

A abertura da vegetação para a produção de café, sem dúvida, modificou a paisagem. Obviamente que, onde havia cafezais, hoje há pasto. Onde há fragmento de Mata Atlântica, revela a resistência da natureza à ação humana ao longo de tanto tempo.

Os colonos são trabalhadores rurais que não são legalmente os proprietários, mas fazem parte desse lugar. O “*A gente quer dizer que a gente existe*” é uma fala de uma colona de Sant’Anna que nasceu em Sant’Anna e que se movimenta para dizer sobre algo: sua existência. Considera-se os sujeitos em suas amplas dimensões e, portanto, reconhecendo o lugar como uma dessas dimensões. Ele é o elemento constituinte da existência do *ente* e do ser. Isto é, entende-se que a existência é o *ser-aí* de Heidegger, é a dimensão do *estar-aí* em sua estrutura relacional e simbiótica com outros *entes* (MARTINS, 2007), e, por tanto, volta-se para o lugar enquanto categoria geográfica.

Fruto das políticas do governo colonial (1530–1822) e imperial (1822–1889), após a institucionalização da Lei de Terras em 1850, reafirmou-se o não acesso às terras agricultáveis enquanto propriedade à maioria dos sujeitos que empregaram, até então, sua força de trabalho no campo. Isso significa que a partir desse momento é ratificado legalmente o ordenamento agrário de concentração de terras, que vinha se formando desde a concessão das capitâneas hereditárias e sesmarias. Tal medida tornou vulnerável a vida de muitos trabalhadores rurais no campo, pois se viam suscetíveis às ordens dos grandes proprietários de terras para a sua

sobrevivência. Alguns desses descendentes de trabalhadores rurais, atualmente, estão articulados em movimentos sociais em defesa da reforma agrária, como o MST.

Desde o início do século XXI, em termos de produção econômica, a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna já não representava a mesma relevância do passado, por isso grande parte de suas terras estava em estado improdutivo, ou seja, não havia utilização para a produção primária. Em função disso, houve em 2010 a ocupação desse território pelo MST, que, devido às suas reivindicações, recebeu o reconhecimento de sua causa a partir de um decreto⁴¹ assinado pela então presidenta da república Dilma Rousseff. Assim, mais uma vez na história, Sant'Anna recebe outros imigrantes, porém, dessa vez, trabalhadores rurais nacionais.

A permanência do MST em Sant'Anna trouxe benefícios aos trabalhadores rurais que lá residem, no sentido de ser reconhecido por lei o uso e a ocupação daquele território sem a relação de trabalho assalariado mantida anteriormente. Contudo, as consequências dessa ocupação também tiveram repercussões negativas quando o movimento, de certa forma, ameaçou o exercício de territorialidade de sujeitos que não eram os proprietários da Fazenda, mas que ali já residiam há gerações: os colonos.

Logo, essa convivência inicialmente se deu por meio da existência de tensões entre os trabalhadores do movimento e os trabalhadores colonos da Fazenda. Nesse momento inicial, o MST construiu barricadas e proibiu o acesso à Fazenda, inclusive, dos moradores sem a devida identificação. Foram levantadas barracas ao longo das estradas que margeavam a propriedade, principalmente, na estrada e no portão principal da Fazenda que se situam próximos à rodovia MG-353.

A convivência se comportou, então, ora de forma amigável, a partir da contribuição dos colonos com os novos moradores, ajudando-os em necessidades primárias, em virtude das dificuldades de os trabalhadores sem-terra se manterem em barracas e da própria integração de alguns colonos ao movimento; ora conflituosamente, em função da ocupação de locais considerados comuns aos colonos: ocupação da Sede (local construído pelos colonos para sua socialização festiva, principalmente); ocupação da Capela de Sant'Anna e do Centro Histórico; e ainda, ocupação nos limites territoriais das habitações dos colonos.

Para além do estranhamento inicial e da incerteza diante da situação desses novos sujeitos circulando pela propriedade, se instaurou um sentimento de medo do iminente despejo. Isso porque as informações que chegaram aos colonos eram as de que os moradores aposentados da

⁴¹ O decreto de 23 de dezembro de 2011 “declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado “Fazenda Fortaleza de Santana”, situado nos Municípios de Goianá, Coronel Pacheco, Chácara e São João Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, e dá outras providências. (BRASIL, 2011).

comunidade deveriam deixar as terras, já que a Fazenda estava passando por um processo de desapropriação. Assim, o acordo de permanência nas terras pós-aposentadoria entre ex-proprietários e colonos já não teria validade, embora, aos trabalhadores com vínculo empregatício, havia possibilidade de permanência no território e de participação na redistribuição das terras.

À vista disso, foi criada a Associação dos Moradores de Sant'Anna (AMS), que visa defender os interesses e direitos dos colonos diante da mudança devido à apropriação das terras pelo MST. Por meio da AMS, foi possível apresentar ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) os sujeitos pré-existentes à ocupação do MST, que não se caracterizavam como posseiros legais das terras e, tampouco, apenas funcionários dos antigos proprietários da Fazenda. Foram apresentados como pessoas que estabeleceram vínculos com o lugar para além da relação trabalhista. É a partir daí que tais sujeitos começaram a ser reconhecidos pelo Incra como **colonos**, ou seja, aqueles que cultivam a terra, que povoaram primeiramente o local e que estabelecem nesse território relações (i) materiais, fundadoras de seus modos de ser e ver (n)o mundo. Nesse sentido, é importante ressaltar que os chamados colonos tiveram uma relação com os antigos proprietários determinada pela venda da sua força de trabalho. Todavia, mantiveram nas terras outras relações com o lugar de forma que, embora os 43 km² de terras tenham sido consideradas improdutivas e historicamente uma propriedade particular que representa a materialização da concentração de terras no Brasil, a Fazenda nunca foi uma terra de vazios. Lá viveram e vivem trabalhadores rurais que se apropriaram dessas terras e que fizeram delas, para além de um local de realização do seu trabalho, o seu lugar de morada.

Por conseguinte, o MST reconheceu a existência da AMS, e se propôs, inclusive, a abertura do movimento, ao permitir a participação dos colonos em frentes de organização dessa nova comunidade composta por trabalhadores do MST e moradores colonos da Fazenda em uma coexistência territorial.

Atualmente, com o processo de assentamento reconhecido pela União, a redistribuição das terras se efetivou, de modo que a ocupação em massa do Centro Histórico por barracas do MST deixou de existir quando essas pessoas ocuparam seus novos lotes. E aos colonos foi “dada” a possibilidade de permanecerem com as casas até então ocupadas e, ainda, o direito de ocupar lotes, seja ao redor de suas casas, ou em outro recorte espacial, desde que se comprometessem a fazer uso dessas terras para fins produtivos. Portanto, na partilha das terras, os colonos passam a reafirmar a sua permanência no território, agora garantindo o direito de

propriedade (atualmente, em processo de reconhecimento pelo Incra), numa perspectiva comunal.

Embora a recente transição pareça nova e desafiadora para as famílias assentadas nas terras (tanto para a AMS quanto para o MST), esses trabalhadores rurais permanecem coabitando o mesmo território, expressando um marco histórico da luta dos trabalhadores rurais no Brasil e, também, a conquista legal de um território ao longo do tempo apropriado pelos sujeitos santanenses.

Alferes José Pereira de Souza foi um dos primeiros donatários documentados na história da Fazenda. Ele foi beneficiado pela concessão de sesmarias. Depois, vieram para a localidade, em forma de posse de propriedade privada, as famílias de: Baronesa de Sant'Anna (Ferreira Lage) e, no século XX, os Tostes.

A história das ilustres famílias, de certa forma, foi registrada em livros e nas paisagens da Fazenda, com as construções de arquitetura germânica, voltada para o processamento e beneficiamento do café, muito sofisticado para a época; com as construções das capelas da Fazenda, fruto da materialização da religiosidade da Baronesa de Sant'Anna; e ainda, com construções de arquitetura italiana, que vieram servir de habitação para os primeiros imigrantes italianos do local (GOIANÁ, IPAC, 2009).

Assim, conclui-se o mergulho na história da Fazenda do qual foi proposto no início do capítulo. E, mesmo com limitações pela escassez de informações, houve também um rápido mergulho na história dos trabalhadores de Sant'Anna: os colonos e seus antepassados.

Agora é possível conhecer um pouco mais sobre esses sujeitos do presente, os chamados colonos. Já que, pode-se conhecer um pouco do que Tuan chama de estabilidade, ou seja, pausa no lugar, que no caso dos colonos, em sua maioria, essa pausa corresponde a toda uma vida.

Contudo, a partir dessa volta ao passado, algumas questões são levantadas: quais, de fato, são seus sentidos de lugar nessas terras? O que conecta os colonos ao solo? Seus sentidos de lugar permanecem intactos, ou mesmo reforçados a partir da ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) em 2010? A relação entre ambos permanece a mesma desde o processo de ocupação? O que aconteceu/acontece no contexto social, econômico e das relações sociais na Fazenda que move uma colona manifestar a frase que leva o título dessa dissertação?⁴²

São muitas perguntas. Para o tratamento delas foi realizado uma pesquisa de campo e seus resultados são mencionados no capítulo a seguir.

⁴² “A gente quer dizer que a gente existe”.

CAPÍTULO 4

O CAMINHO NO PERCURSO

4.1 Os achados do pré-campo e o direcionamento para os lugares de afeto e para os lugares de medo

Dentre as atividades da disciplina de “Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata”, ocorreu um reconhecimento de campo na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. A proposta era de que, *in loco*, o professor e os discentes pudessem contribuir de alguma forma para o processo de estudo dos recortes espaciais de todos os mestrandos da turma. Como o objeto de estudo que envolvia o território da Fortaleza de Sant'Anna era a relação entre os colonos e o lugar, nesta visita de campo, foi solicitado a uma colona que apresentasse através do seu próprio olhar alguns lugares de afeição e, também, de medo durante a infância.

Nesse sentido, a pedido dessa colona, o ponto de partida foi a própria **casa** dela, que também foi o local de morada de seus avós desde a primeira metade do século XX. Trazendo à memória os seus lugares de afeto e de medo, ela conseguiu mostrar os lugares significativos de sua infância. Segundo ela, seu melhor lugar de infância é uma das mais antigas casas de colonos da Fazenda e é o local que ela mais gostava de estar. A colona mostrou a sua casa contando histórias vividas no seu interior, contou que seus pais também moravam na Fazenda durante a sua infância, mas o vínculo com a avó fez dessa casa o seu lar, embora, oficialmente, morasse com os pais.

De sua casa, partimos para outro lugar e, enquanto caminhávamos pela estrada, ela ia contando as histórias sobre suas memórias da Fazenda e dos sujeitos que se relacionaram com o território ao longo do tempo.

A segunda parada foi no *tanque de café*, logo acima da máquina de café (ver figura 20). Ali ela contou como o café era transportado do alto da Serra até a parte mais baixa da Fazenda. Segundo ela, a produção de café na Serra era escoada para a sede por meio de um sistema hidráulico em que um operador controlava a quantidade de café que descia pela “tubulação”. Esse café percorria alguns quilômetros até a chegada no tanque próximo aos terreiros de secagem do grão.

Figura 20 – Sistema hidráulico de transporte de café – parte superior da Máquina de Grãos



Fonte: fotografado pela autora (2024).

A próxima parada foi no **cemitério da Fazenda**. Esse encontra-se atualmente desativado. Nesse momento, ela pediu para que um colega, também colono, levasse os pesquisadores ao cemitério. Isso porque, para ela, esse era um lugar não só de medo, mas de pavor. Contou ela que, quando tinha aproximadamente 14 anos, sua avó a levou no cemitério como companhia e lá experienciou um fato que a fez nunca mais retornar⁴³. A Figura 21 retrata uma imagem do interior do cemitério, já tomado pela vegetação por falta de manutenção.

Figura 21 – Interior do cemitério desativado da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna



Fonte: registrado pela autora (2023).

⁴³ Tal fato é mencionado mais adiante em “lugar de medo”.

A próxima parada foi no *Engenho* (ver figura 22), por se encontrar no caminho entre o seu próximo lugar de afeição do percurso. Em seguida, passamos pela antiga *Senzala*. E, por fim, a próxima parada foi a “**Igreja**” de Sant’Anna, que representa o outro extremo de solo sagrado para ela, que seria a morada divina e a simbolização da vida. Essa capela não foi a primeira construída na Fazenda, ela foi inaugurada apenas em 1930, contudo carrega consigo uma simbolização da devoção à Santa Ana de sujeitos que viveram nessa localidade muito antes a sua construção. Foi na capela de Sant’Anna que essa colona se casou, que realizou a sua e a Primeira Eucaristia de seus filhos e, também, foi ali que durante a infância pôde estar em contato com as Festas de Sant’Anna.

Figura 22 – Engenho, 1893, e “Igreja” de Sant’Anna, inaugurada em 1930



Fonte: registrado pela autora (2023).

Após a passagem pela “igreja”, a próxima parada foi (passando por um dos *terreiros de secagem de café*) a **máquina de café**, que embora não tenha sido verbalizado pela colona como lugar de afeição, percebeu-se na sua fala a importância desse lugar, por ser o local onde seu avô trabalhou no tratamento dos grãos. Foi o local, também, que fazia parte de seu cotidiano ao passar incansavelmente por esse elemento da paisagem para chegar à casa da avó, que hoje é sua própria casa de morada.

Figura 23 – Máquina de tratamento de grãos



Fonte: registrado pela autora (2023).

Por fim, a parada final foi o ponto de partida, onde alunos e professor conversaram a respeito do que foi visto no percurso. Dessa forma, as contribuições da visita de campo para a pesquisa de mestrado serão mencionadas a seguir.

Sant'Anna configura-se em um lugar de experiências pessoais. Portanto, além da relação pesquisador-sujeito-objeto, há a experiência do vivenciar a Fazenda como filha de uma colona. Pesquisar os sujeitos desse local tem sido um grande desafio devido ao vínculo com o recorte espacial selecionado.

Logo, foi importante enxergar a visão do “outro” sobre aquele que é o tema de estudo de mestrado. Nesse momento do campo foi possível identificar os **lugares de medo** como um campo interessante de se explorar na pesquisa, já que a relação dos sujeitos com o lugar nem sempre é de afeição. Nesse sentido, o livro do Yi-Fu Tuan intitulado “*Paisagens do medo*” foi indicado pelo professor responsável pela disciplina aqui já mencionada⁴⁴ do qual a leitura muito contribuiu para esta dissertação. Desse campo, surgiu um produto a despeito dos lugares de medo: o artigo “Para gelar a alma dos vivos”.⁴⁵

Além disso, outra questão importante pôde ser observada: uma problematização acerca do futuro dos colonos. As casas históricas desse lugar estão em ruínas. Desde a entrada do movimento social nessas terras, sem manutenção, cada resquício histórico da paisagem residual está se deteriorando. Não existe mais a casa-sede da antiga fazenda, as terras foram repartidas

⁴⁴ Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata.

⁴⁵ Artigo sobre lugar de medo disponível na Revista Territorium Terram.

em lotes e, diga-se de passagem, a maioria desses lotes não são de colonos, mas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A Festa de Sant'Anna, como enfatizou a colona que nos apresentou alguns pontos da Fazenda no pré-campo, não é mais a festa realizada tradicionalmente. Os colonos não têm se mostrado interessados em realizá-la, porque ela vem sendo descaracterizada. Todavia, de uma forma ou de outra, esse mesmo movimento social acaba por ser o responsável em reativar o sentimento de identidade dos sujeitos, que já moravam nessas terras. Foi responsável, também, por “contribuir” com a possibilidade da titulação de terras para os colonos que nunca, legalmente, foram donos de suas próprias moradas.

Essas problematizações foram responsáveis por mudar alguns pontos do roteiro e da condução das entrevistas em profundidade ocorrida meses depois da visita de campo, mas, sobretudo, fizeram refletir sobre o futuro das famílias que há gerações vivem nessas terras. Dessa forma, levantou-se uma questão, incorporada aos roteiros de pesquisa de campo: até quando as famílias que se dizem existir, de fato, existirão, dadas as transformações territoriais ocorridas ao longo da última década?

Claramente o conceito de lugar foi evidenciado nesse momento ao acreditar que as subjetividades de um sujeito possam evidenciar sua intrínseca relação, que é espacial, com o lugar e nessa relação constatar a sua existência, que, aliás, é a chave dessa pesquisa de mestrado.

Observou-se nas falas da colona o desejo de que essa relação com o lugar permaneça para que as gerações futuras também possam desfrutar dos lugares de seus ascendentes.

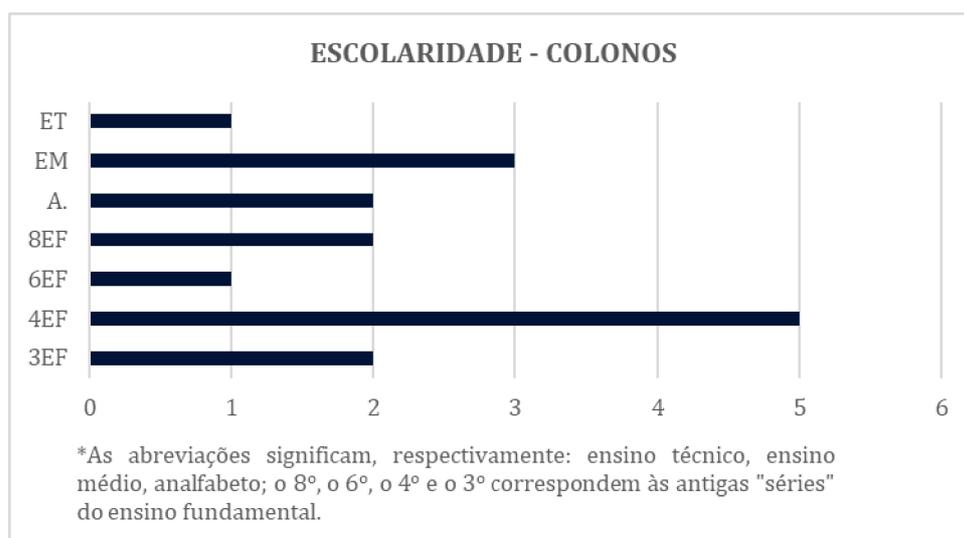
A PESQUISA DE CAMPO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.2 “Eu apresentaria os colonos, diria que são meus irmãos, meus contemporâneos”⁴⁶

Sant'Anna é Sant'Anna.
IPÊ-AMARELO, 43 ANOS

Não podendo chamá-los pelos seus nomes próprios, os chamaremos de: Palmito-Juçara, Canela-Guaicá, Babosa-Branca, Jacarandá, Jatobá, Macaúba, Jucuri, Maricá, Jerivá, Peroba-Rosa, Ipê-Amarelo, Sibipiruna, Canela-Sassafrás, Jabuticaba-Sabará, Cedro-Rosa, Café-de-Bugre, Ingá, Araçá-Amarelo, Embaúba, Pessegueiro-Bravo, Grumixama, Cereja-do-Mato, Figueira e Pau-Brasil. Estes são, então, os 24 sujeitos entrevistados na pesquisa de campo. Destes, no que diz respeito aos colonos, a maioria teve acesso à escola apenas nos anos iniciais do que se chama hoje de ensino fundamental. Alguns se consideravam, em alguns casos, como analfabetos e semianalfabetos. Houve também, pontualmente, colonos que completaram ensino médio e o ensino técnico (ver gráfico 1). No caso do MST, o perfil é muito parecido, com exceção de que possui um membro com o ensino superior completo e título de mestre.

Gráfico 1 -Perfil dos colonos entrevistados: escolaridade por quantidade de entrevistados na pesquisa de campo



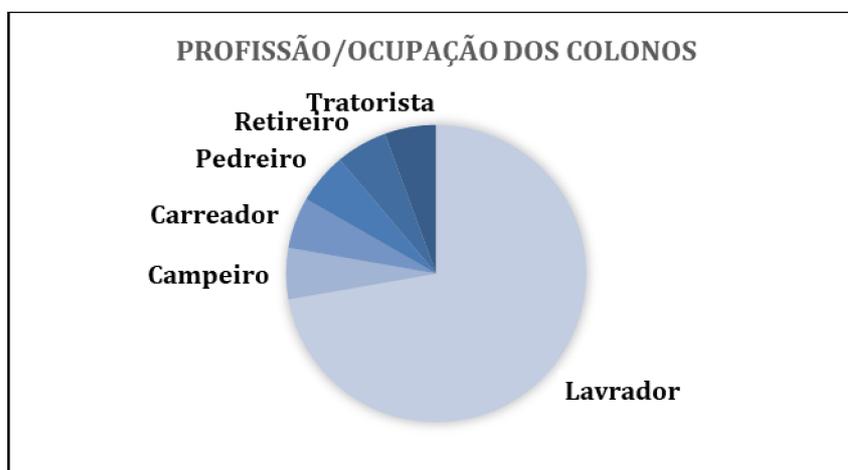
Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

⁴⁶ Título criado a partir de um dizer de Cedro-Rosa, um colono de Sant'Anna. A frase na íntegra é esta, sendo que o que se encontra entre colchetes é introduzido na pesquisa para facilitar a compreensão do leitor: “Apresentaria os colonos, [diria que são] meus irmãos, meus contemporâneos... [Levaria] na Serra, no paredão de arrimo feito por escravos, levaria para o Cemitério.”

Antes de iniciar as discussões por meio das perguntas organizadas nos roteiros, em campo foi perguntado aos respondentes colonos as profissões que desempenharam nessas terras antes do processo de ocupação pelo MST. A seguir, no gráfico 2, é possível observar algumas profissões levantadas em campo. Todavia, o interessante é que, ainda que dissessem o nome da ocupação/função específica, a maioria trabalhou nas lavouras de café da antiga fazenda, seguidas das lavouras de milho, de arroz e de feijão dos colonos que trabalhavam em sistemas de “meia”. Estes consistiam no cultivo das terras da Fortaleza de Sant’Anna, com a participação da fazenda através dos meios de produção (que arava o solo, por exemplo). Após cultivar e colher os frutos da terra, no momento da colheita, os trabalhadores cediam a metade da produção para a fazenda.

Além disso, muitos colonos executavam múltiplas atividades, como serviços de copeiro, cozinheiro, eletricista, motorista, atrelados a outras funções. Trabalhavam nas lavouras da família e nas lavouras da antiga fazenda, como relata Palmito-Juçara, que areava panelas em casa desde seus 5 anos: *“meu trabalho era na enxada (risos). “Panhava” café, varria, depois soprava na peneira. Toda vida gostei de mexer na roça. Melhor do que mexer em casa.”*

Gráfico 2 – Ocupação dos colonos na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna antes de 2010



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

Considerando-se que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980, p. 114), a Geografia da Escuta tornou-se, por meio da pesquisa em profundidade, um caminho possível para se chegar ao objetivo desta investigação. Diante dessas escolhas técnicas de investigação, eram esperadas que informações acerca do problema de investigação poderiam assumir caminhos diferentes dos pressupostos que alimentavam uma hipótese, a que de fato ocorreu e será pontuado mais adiante. Nesse sentido, foi importante estar

atento e aberto às surpresas e ao imprevisível durante a condução das entrevistas em campo e durante as análises dos dados, considerando não só aquilo que o sujeito responde, mas *como* responde, assim como enfatiza Thompson (1998, p. 258) a seguir:

o argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência de que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista [...].

Vale dizer que a experiência em campo possibilitou registrar uma gama de informações. Embora muitas puderam ser sintetizadas, muitas demonstram as subjetividades de cada sujeito, e que não poderão ser trazidas em sua totalidade no corpo do texto. Entretanto, são dizeres importantes que indicam o que é particular de cada um, como, por exemplo, o jeito de falar e de se expressar e as vivências íntimas com o lugar. Dessa forma, para que suas subjetividades sejam registradas, aqui será procurado mencionar o modo como os sujeitos se expressaram da forma mais fidedigna possível.

Na pesquisa de campo, adianta-se que algumas surpresas nas relações entre o MST e colonos aconteceram. Elas serão abordadas mais detalhadamente na sequência deste capítulo. Contudo, antes de relatar os resultados do campo e de revelar, enfim, como foi resolvido a questão da “pedra” de Drummond no meio do caminho (citada na epígrafe do capítulo 2), é necessário responder a outra questão que envolve a historicidade (não somente dos colonos), da antiga fazenda que passa a se tornar um assentamento do MST. Portanto, primeiramente, será feito o apanhado histórico com a geograficidade dos atuais colonos de Sant’Anna e, em seguida, será apresentado uma reflexão sobre os resultados da pesquisa de campo.

Na pesquisa de campo, ao apresentar aos colonos uma situação hipotética em que um turista chegando de muito longe, de repente, os encontrasse interessado em saber não somente a história da Fortaleza de Sant’Anna, mas as histórias de vida dos sujeitos moradores dessa localidade, um colono cujo pseudônimo é Cedro-Rosa, disse exatamente o que consta no título que abre este capítulo: *“Eu apresentaria os colonos, diria que são meus irmãos, meus contemporâneos”*. E como irmãos que são, se divertem, se amam. *“Tinham brigas de moleque”*, como disse Cedro-Rosa, mas todos viviam na amizade, faziam as pazes e, no fim, juntos sempre estão. Como uma grande família, possuem também um grande lar que eles continuam

chamando de Sant'Anna e, por vezes, de Fazenda ou até Fortaleza de Sant'Anna⁴⁷. Então, quem são os colonos? Eles mesmos podem dizer:

Os colonos são umas famílias ótimas que recebem as pessoas muito bem, com uma recepção muito boa para os outros. Até fora daqui, as pessoas respeitam a gente “'Cê' é de onde? De Sant'Anna? O 'cê' tem cara de ser de Sant'Anna!”, dizem.

(IPÊ-AMARELO, 43 anos)

[a] pessoa que trabalhou a vida toda [nesta fazenda] gosta de ser chamado de colono. [Aqui] tudo faço um pouquinho: cuidar das galinhas, das criações, pegar lenha, ajudar meu filho lá atrás, fazer doce [rapadura].

(PALMITO-JUÇARA, 71 anos)

De acordo com Tuan (1980), para compreender o lugar dos sujeitos, é necessário observar as suas heranças biológicas, sua criação, sua educação, seu trabalho e o território que o circunda. Também, por conseguinte, é necessário observar as suas experiências, a sua história e sua cultura. Por isso, foi feito um convite aos colonos, o de que, durante a entrevista em profundidade, pudessem fazer uma viagem no tempo. O convite foi aceito e, nessa viagem, vivências do passado foram resgatadas, experiências do presente foram mencionadas, assim como projeções para o futuro. Nesse sentido, as próximas seções deste capítulo foram organizadas em: *passado, presente e futuro*.

Resta continuar dizendo que o viajante/turista hipoteticamente mencionado neste capítulo é você, leitor. E como visitante repare: os colonos são receptivos, gostam de prostrar, gostam de, na simplicidade, oferecer não só a broa com o café na sua melhor caneca esmaltada, mas a sua humildade, a sua solidariedade, a sua ajuda e seu companheirismo. Afinal, segundo Jabuticaba-Sabará:

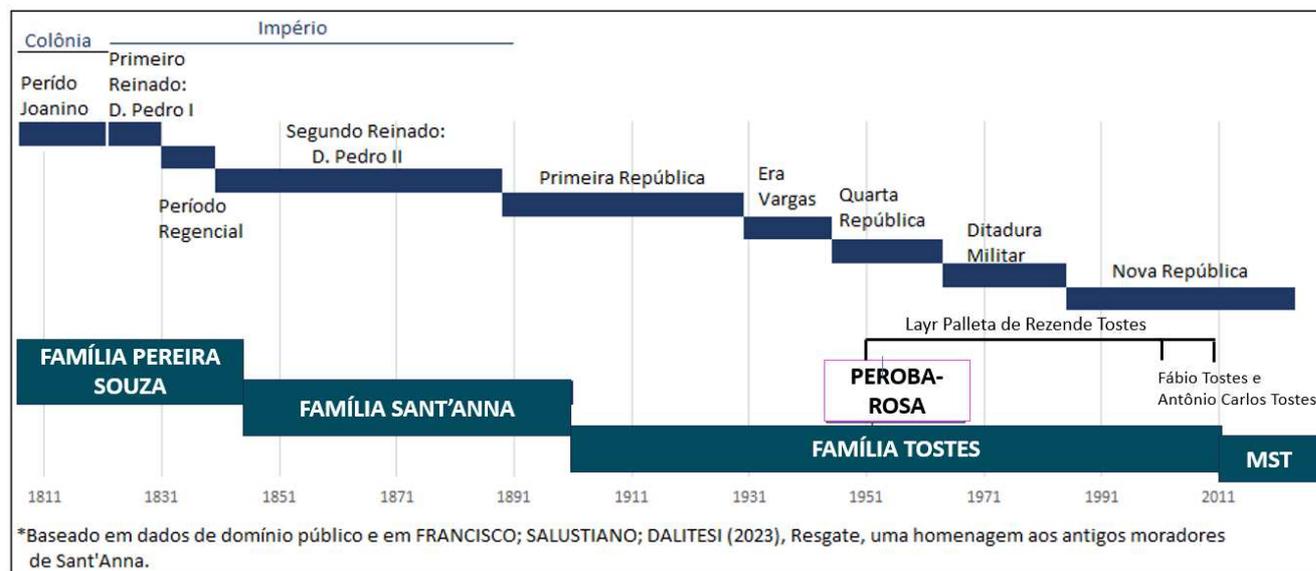
A Fazenda foi um lugar de muita gente, bom de ir. Os antepassados muito cativantes queriam contar histórias dos colonos. Os colonos recebem muito bem [os visitantes], se deixar, chamam até domingo em casa (risos). Somos nascidos e criados na fazenda [...].

Além de apresentar um panorama temporal breve do território santanense, a “linha do tempo” abaixo indica o nascimento do colono mais antigo dentre os entrevistamos. Nesta

⁴⁷A postura adotada por este trabalho foi a de referir-se ao recorte territorial estudado da mesma maneira que os colonos por serem estes os sujeitos da pesquisa (sobre essa postura, verificar, mais adiante, a seção 4.2.5 A necessidade da autoafirmação da identidade e a criação da AMS).

ilustração, é possível, então, identificar o quão longe foi possível chegar durante essa viagem ao passado na pesquisa de campo: há pelo menos 71 anos.

Gráfico 3 – Indicação do nascimento do colono mais antigo da Fortaleza de Sant’Anna dentre os entrevistados na pesquisa de campo



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Sabendo-se do tipo de recepção encontrada nessa grande casa chamada Sant’Anna, entre, sirva-se dos bolinhos de chuva da Bigó⁴⁸, do angu doce da Bastiana, dos doces do Sr. Waldemar, das frutas dos pomares, do cafezinho colhido, secado, torrado e moído da casa da Fernanda... Enfim, adentre os espaços vividos desses sujeitos trabalhadores que se identificam como os colonos de Sant’Anna.

A seguir, será apresentado o mergulho no passado que foi realizado juntamente com os colonos durante as entrevistas para que se dê início a esta prosa com broa e café.

⁴⁸ Antigos colonos de Sant’Anna já falecidos, mas presentes nas memórias dos entrevistados.

“PASSADO”

O QUE UNE OS COLONOS AOS LUGARES?

4.2.1 Lugares de infância e relações trabalhistas

O ser humano é uma espécie dita espacial que se reconhece como tal ao sentir seu o “estar” no espaço geográfico, isto é, ao aprender na prática a dinâmica gravitacional da Terra com as quedas da cama logo enquanto bebê; ao sentir as características do chão duro e frio no engatinhar; ao aprender noções de distâncias quando o berço já não mais dá conta de segurar a necessidade de explorar novos espaços etc. Nesse sentido, pode-se dizer que suas experiências com o lugar começam logo na infância.

De acordo com Tuan (1980), enquanto criança, o ser humano experiencia o espaço de tal forma que um recorte espacial vai tornando-se um lugar dotado de sentimento e/ou de experiências que podem trazer ao homem (ou à mulher) a aversão; o medo; a tristeza; o amor; a saudade; a afeição; o pertencimento; a identidade etc. E, apesar de não se perceber, até que se é provocado a mergulhar em memórias adormecidas, tais lugares no passado possuem relação com lugares do presente, mesmo que separados por uma questão temporal. Logo, os lugares sofrem transformações, mas na memória (ou no inconsciente), muitos lugares permanecem íntegros assim como foram na infância. Com isso, supõem-se dizer que os lugares do passado se apontam como partes que constituem o ser.

Um exemplo seria a “casa de vó⁴⁹”, que, aliás, como será visto a seguir, foi apontado como um lugar de afeição para alguns colonos. Na “casa de vó” da infância, a mesa realmente parecia gigante, as portas eram gigantes, para não falar então dos cômodos gigantes, que no presente parecem não ser o mesmo lugar, mesmo “sendo”. E a casa da vó, que parecia tão gigante quanto o seu coração, reflete um lugar de acolhimento e afeição, que o neto lembrará ainda que não se recorde conscientemente do porquê da ligação com esse lugar. Isso acontece para aqueles que tiveram esse tipo de experiência com o lugar, seja por meio da relação afetiva com a mãe, avó, pai, avô ou qualquer outro cuidador desse adulto enquanto criança.

É nesse sentido que o roteiro de entrevista em profundidade com os colonos permitiu uma condução pautada em uma “viagem no tempo” por meio da memória. Nessa viagem, foi possível identificar alguns lugares importantes para os colonos, suas relações de afeto com tais

⁴⁹ Expressão utilizada para se referir a todo lugar em que há uma afetividade despertada na infância.

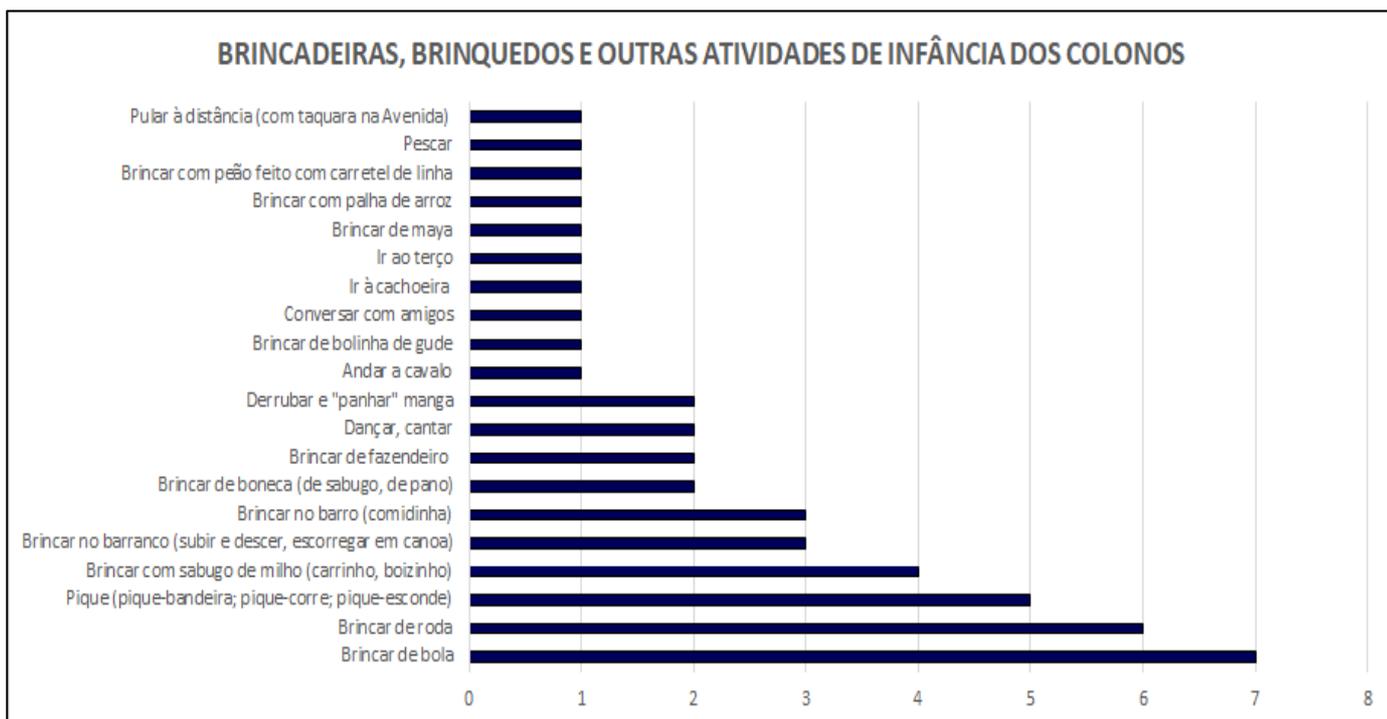
lugares e, ainda, foi possível resgatar alguns lugares de medo. Todos eles frutos de experiências na infância e contribuem para o entendimento da relação desses sujeitos com a Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna e, por consequência, para a formação dos vínculos identitários.

Desse modo, nesta seção, serão apresentados os lugares de infância e as relações trabalhistas com a família Tostes, antiga proprietária da fazenda.

4.2.1.1 Os lugares de infância dos colonos: entre o brincar e o capinar

Foram perguntados aos colonos: “fazendo uma viagem ao passado, me conta, como foi sua infância na Fazenda? O que costumavam fazer? Como eram as brincadeiras, as tarefas?” E, de prontidão, além de outros assuntos, falaram sobre estas brincadeiras retratadas graficamente a seguir.

Gráfico 4 – Brincadeiras, brinquedos e atividades que os colonos mais gostavam na infância



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

Como é observado nesse gráfico, as vivências que os colonos trouxeram da viagem ao passado foram elencadas por meio das brincadeiras/brinquedos/atividades preferidas na infância que são variadas, porém, na coletividade, chamar mais atenção. Percebe-se que as brincadeiras se tornam comuns enquanto se repetem nas falas dos colonos. O brincar de bola,

assim como o brincar de roda cantando, seguidos pelas brincadeiras de pique, foram as mais mencionadas.

A agrupar os colonos por faixa etária e por sexo na pesquisa, foi possível verificar que entre meninos as brincadeiras mais ressaltadas foram aquelas atreladas ao “jogar bola”. E no caso das meninas, brincadeiras como fazer comidinha de barro e brincar de fazendeiro, embora, as meninas também indicassem, em alguns casos, gostar de brincar de bola. Nota-se que as brincadeiras até aqui citadas eram realizadas em grupos, assim como, o brincar de maya, o brincar/ir na cachoeira, o conversar com as outras crianças, e, o derrubar manga das mangueiras. Em tais brincadeiras, em quase todas foram indicadas a parceria de outras crianças.

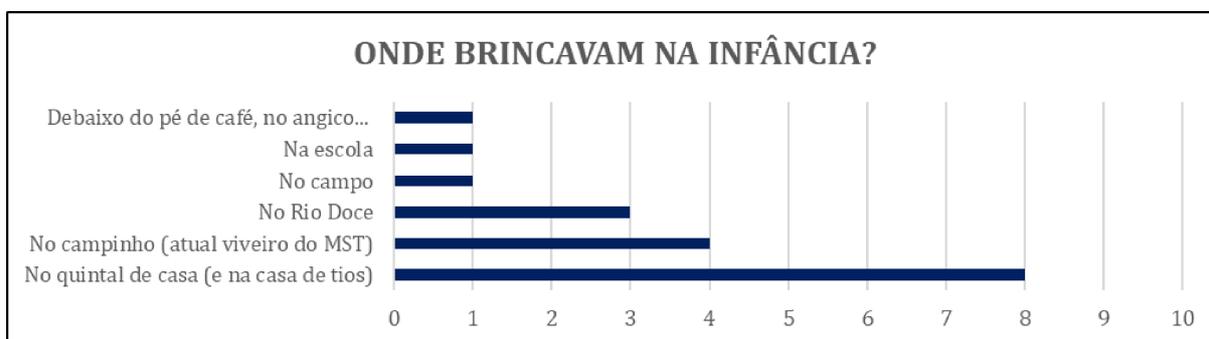
Notou-se, ainda, a criatividade na construção de brinquedos, que diante da ausência material, indicando as limitações financeiras dos colonos nessa época, o fato da não existência dos brinquedos “comprados” não inibiu o ato do brincar, do criar e do imaginar. Isso pode ser verificado nos relatos seguintes como exemplo de brincadeiras coletivas e de brincadeiras com o uso de brinquedos confeccionados pelos colonos:

Ingá: Brincava de pique-bandeira; bola; maya (parecida com bete) era uma roda de ferro. Era uma equipe, dois grupos.

Jabuticaba-Sabará: Brincava [...] de comidinha de barro, colocava fogo em folha de banana seca [para simular o ato de fazer o cozimento da comida]; brincava de criação de roça, as galinhas e os pintinhos eram feitos de barro [...].

Jatobá: Brincava de fazendeiro sozinha. O bezerro era o sabuco de milho, o leite era o barro branco, [fazia] o curral no meio do terreiro, numa casinha de pau a pique. Ela caiu, a gente veio pra cá. [...].

Essas foram as primeiras respostas mediante à primeira pergunta da entrevista. Foi inevitável observar os sorrisos e as gargalhadas dos entrevistados ao questioná-los sobre suas brincadeiras favoritas durante a infância. Observou-se também que, mesmo explicando os motivos da pesquisa e como ela seria conduzida, se notava certa apreensão quando dizia que ela iria começar. Alguns diziam sorrindo: “é muito difícil?”, certos de que talvez não pudessem contribuir com a pesquisa, embora estivessem dispostos a ajudar. Logo, após a primeira pergunta, notava-se a mudança de semblantes, como se representassem uma espécie de alívio ou de pensamentos como, “essa eu consigo responder, a entrevista será tranquila”. Posteriormente notou-se, durante o processo de resgate do passado na memória, as respostas faciais, o uso de interjeições prolongadas (Ahhhhhhh... Ihhhhh etc.), que traduziam bem as sensações que acabaram de sentir diante de uma lembrança de outro “lugar”, outro tempo.

Gráfico 5 – Lugares de infância dos colonos por meio da brincadeira

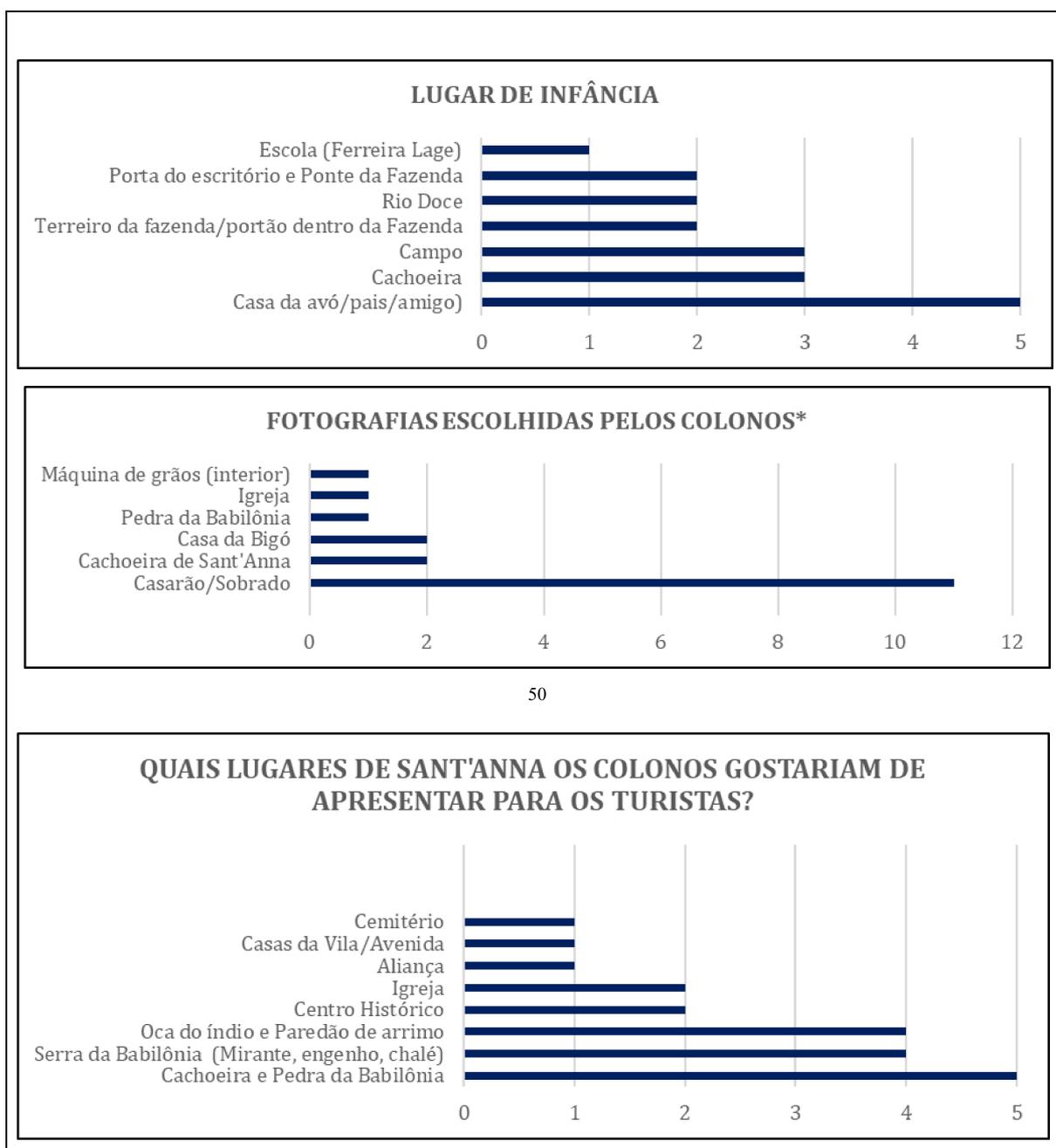
Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

É preciso dizer também que em muitos casos, embora com o sorriso na face, as primeiras palavras dos entrevistados foram atreladas às relações trabalhistas logo na infância, seguidas somente depois das brincadeiras. Isso remete à ideia do quão significativo foi o “trabalhar” para essas pessoas nessa fase da vida, mas também demonstra que o brincar, de fato, despertou vínculos com seus pares e, por conseguinte, o vínculo com Sant’Anna.

Diante dos dizeres sobre os brinquedos, lhes foi perguntado “em que lugar brincavam?”, dentre os lugares, o quintal, seja da própria casa ou de avós e de tios, foi, sem dúvida, o lugar mais mencionado por eles, seguidos do campinho e do Rio Doce (gráfico 5).

Falavam com alegria dos lugares em que brincavam com os amigos. Lembranças do Rio Doce apareceram em diversas falas com muito carinho, porém, com pesares e tristezas. Isso porque, segundo os colonos, quando um morador encerrava o vínculo trabalhista, a fazenda derrubava as casas. Então, o local chamado de Rio Doce na Fazenda foi gradualmente também sendo preservado apenas na memória de quem vivenciou o local. Segundo os colonos, muitas famílias dessa localidade foram comprando lotes da parte urbana de Goianá, por serem lotes próximos um do outro, o bairro Garnisé foi sendo formado por antigos moradores de Sant’Anna. Por fim, mas não menos importante, as casas dos colonos também foram mencionadas. Certamente, foram palcos de acontecimentos importantes para os colonos durante a infância.

Gráfico 6 – Os lugares de infância, os lugares despertados pelo sentido da visão (fotografias) e os lugares que os colonos gostariam de mostrar aos visitantes em Sant'Anna



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

Nesses três últimos gráficos ficam evidentes os traços mais pessoais de cada um, já que as preferências são individuais. Contudo, não se pode deixar de notar que alguns lugares se repetem entre as falas dos colonos e, alguns, ainda, se materializam na escolha das fotografias utilizadas nas entrevistas (ver anexo VIII). Obviamente, as fotografias eram representativas de

* As fotografias estão em anexo, organizadas na ordem em que foram apresentadas aos colonos durante as entrevistas (anexo VIII).

alguns lugares, não abarcando todos os lugares anteriormente mencionados pelos colonos como lugares de infância, caso fosse, é provável que mais lugares de infância se conectassem aos lugares das fotografias. Seja como for, dentre os lugares pessoais de cada indivíduo, a cachoeira e o campo merecem um destaque: “*o campo era o lugar que mais gostava, e, a cachoeira também, embora o pai não gostasse que fosse lá*” (BABOSA-BRANCA, 59 anos). Além disso, a casa das pessoas foi também destacada pelo número de vezes mencionada. O que Ipê-amarelo disse a respeito de sua escolha pela fotografia da casa da Bigó representa bem o que os colonos podem ter pensado ou sentido ao mencionarem suas casas: “[*escolho*] **a casa da Bigó**, porque as casas eram assim, tudo parecidas. Lembra mais a vida da gente. Beleza, beleza mesmo são as casas da Fazenda, mas sentimento, são as nossas casinhas [...]”.

A despeito desses dizeres de Ipê-Amarelo, é possível perceber também nos últimos gráficos que uma foto massivamente escolhida pelos colonos foi a da casa-sede, chamada pelos colonos ora por “casarão”, ora por “sobrado”. É uma escolha intrigante, e requer uma consideração. Embora atraísse os olhares pela beleza, ao que parece e o que foi pontuado algumas vezes pelos colonos, nem todas as pessoas tinham acesso à casa-sede de vivenda dos antigos proprietários. Todavia, ainda assim, quando os colonos mencionam a ausência da tal casa, visto que foi destruída em um incêndio que aconteceu em 2001, demonstram amor e, ao mesmo tempo, a tristeza ao verificar que ela não está mais “lá”. Isso fica mais claro quando, de dezesseis, onze colonos escolheram a fotografia do sobrado/casarão. Ao perguntar-lhes o motivo, alguns disseram:

Canela-Guaicá: Quando chegavam [os donos] no casarão, parece que [ele] ganhava vida. Não tinha nada com isso, não era nosso, mas ganhava vida.

Jerivá: [Dá] Tristeza a paisagem do casarão. [Antes] assistia novela na TV da Fazenda com o Bené.

Canela-Sassafrás: Dá tristeza. Brincava em baixo, em frente ao casarão com a Márcia, Tininho (patrões). Ah, emocionei!

Sibipiruna: Entrava no sobrado, o Waldemar dava café, era uma casa bonitinha.

Cedro-Rosa: Gostava muito desse casarão, na infância brincava com o Joãozinho. Também fazia muito trabalho lá como eletricitista. [quando pegou fogo] foi muito triste. Morava ali perto, esperei o corpo de bombeiro, que veio de Juiz de Fora, [a casa era feita de] pau a pique, [tinha] o assoalho de cera. [A gente jogava] futebol no terreiro...

Jaboticaba-Sabará: gostava de brincar com as meninas da Fazenda no Casarão, com as filhas dos donos de ping-pong.

Babosa-Branca: era o lugar que trabalhava, conhecia tudo na casa... Era um lugar bom. Tinha uma sala de jantar muito bonita, talher de prata, copo de cristal. A gente encerava a casa, metia o joelho no chão e encerava.

Jucuri: Saudade de ver. Só ali dentro trabalhei 15 anos. O cozinheiro fazia cada coisa boa pra gente comer pra mais de 50 pessoas... Era Carnaval, Semana Santa, Festa de Sant'Anna.

O casarão expressava materialmente relações diferentes de poder dos diferentes sujeitos de Sant'Anna, mas isso não impediu que os colonos obtivessem certa relação com ele, revelando-se assim uma dimensão simbólica de apropriação do território e do relacionar com o lugar.

Os lugares para os colonos são percebidos enquanto crianças, mas também enquanto adultos numa relação que se dá com o contato com seus pares, sobretudo, influenciada pelo trabalho. E, quando se diz trabalho, não é uma referência da ocupação dos pais, pelo menos, não só isso, mas sim as relações que mantiveram com os lugares por meio do seu próprio ato de trabalhar, mesmo enquanto crianças. O brincar, muito comum em crianças, na verdade, é o que se espera de práticas sociais/individuais nessa fase da vida, mas, em Sant'Anna, o brincar nem sempre foi possível e o trabalho bateu à porta muito cedo:

Palmito-Juçara: Trabalhava desde muito cedo, primeiro em casa, desde os 5 anos areando panela na bica do brejo.

Canela-Guaicá: [A] infância [foi] apertada com relação ao serviço, auxiliava no serviço de casa, cuidava dos bichos, da lenha...[no] tempo que tinha de brincar, até gostava de dançar, de [brincar] de roda [...].

Jerivá: Não brincava. Desde 6 anos [eu] trabalhava na roça com o pai, que era meeiro. Tinha que ajudar [...], puxando carrinho de lenha [...].

Ipê-Amarelo: Comecei a trabalhar na Fazenda vizinha com uns 16 anos, aí os donos me chamaram pra cá. [...] Geralmente eles [antigos donos da Fazenda] davam serviço quem é de casa.

Macaúba: [Eu] tinha seis irmãos, estudava. Não tinha muita condição de brincadeira. [Mas gostava de brincar de] peão [feito] com carretel de linha [...]

Jatobá: Trabalhava na lavoura, soprava café, panhava...

Sibipiruna: [Eu] capinava na lavoura de milho, cana, arroz. Era difícil, dava uma dor nas cadeiras... Sábado, nós não queríamos trabalhar, jogávamos o milho tudo no buraco de tatu. [A gente] brincava [era] com a enxada.

Ingá: Depois da escola, cada um tinha sua obrigação em casa: cuidar da casa, cuidar do irmão pequeno, encher o balde de água...

Cedro-Rosa: Catava café em casa, escolher o café, enquanto não catasse não podia sair.

Jabuticaba-Sabará: Com sete anos, mais ou menos, já ia para a lavoura “panhar” café, os grãos que caíam, tinha que varrer o café. Plantação tinha perto da Jaciula, mais para a entrada da Fazenda, e na Serra. Não podia sobrar um grão de café no chão. Varria, depois soprava. Chegava em casa com a cara cheia de terra. Tinha café para todo lado, até no terreiro da Fazenda tinha café.

Jacarandá: trabalhava na roça. Primeiro a obrigação. Trabalhei no sobrado ainda era menor de idade.

Babosa-Branca: Com 12/13 comecei a trabalhar na roça. Pelejei estudando.

Tuan (1980) ressalta serem os sentidos das crianças, mais intensos nesta fase da vida, que permitem também laços de afetividade com os lugares na infância. Ao enunciar a questão sobre a infância durante a entrevista, o “trabalho” veio em um plano secundário. Curiosamente, nas respostas dos colonos, o trabalho na Fazenda foi o que frequentemente lembravam e enunciavam primeiro, às vezes, até mesmo, se perdendo nos detalhes das lembranças do “brincar”. Em todos os casos mencionados, os entrevistados faziam referências entre 5 e 7 anos, com exceção de um colono. Este começou aos 16 anos, e, não coincidentemente, é o colono mais jovem dentre os entrevistados (43 anos).

Essa forma de retomar o passado dando ênfase ao trabalho sugere algo a ser considerado. As expressões da maioria dos colonos eram de alegria ao contar sobre o passado, mas no que diz respeito ao trabalho não, a menos que expressassem frases como: *“eu gostava da hora de ir embora”* (INGÁ, 56 anos), as falas vinham geralmente acompanhadas de interjeições, e de semblantes mais carregados, do tipo: Hã! Hum! Ah! (*para dizer que “não era fácil não!”*). Jabuticaba-Sabará, por exemplo, contou que *“[quando trabalhava na roça] às vezes jogava um monte de arroz no buraco [pra acabar rápido (risos)] quando nascia, o pai fazia arrancar tudo. Ele sabia que era eu porque era onde eu passava. Eu não queria ir, ué!”*.

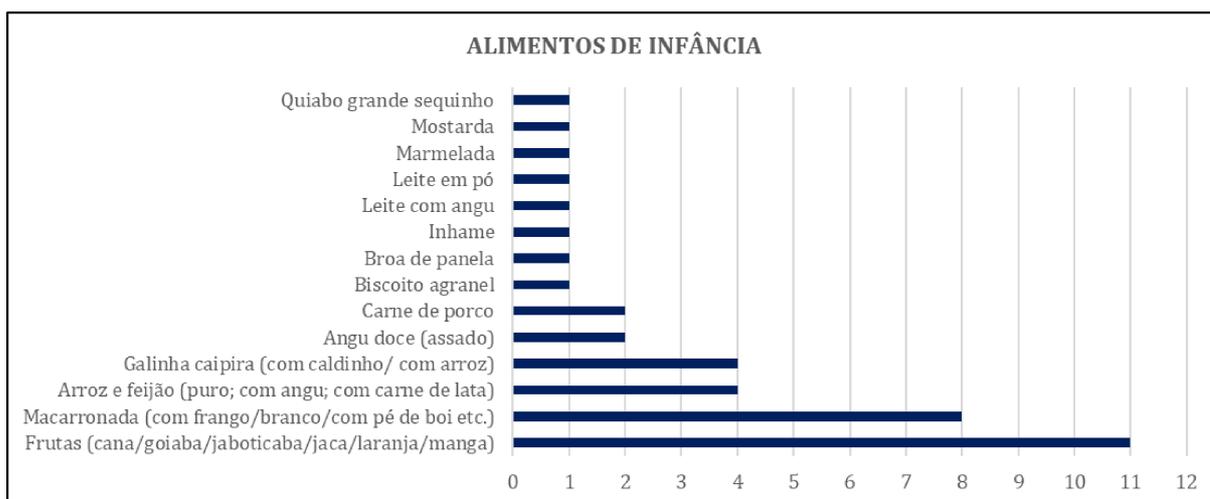
Ainda que as experiências com o lugar sejam individuais e subjetivas, enquanto uma comunidade podem apresentar lugares de afetos em comum, como o que aconteceu diante desse resgate de lugares por meio da memória. Isso também pode ser explicado pelo convívio social, pelo brincar, pelo trabalhar, pelo se alimentar conjuntamente. Então não somente o vínculo afetivo com as pessoas é despertado, mas, também, o vínculo espacial.

Por falar em memória, pare, se permita **lembrar** e responda para si às perguntas seguintes: você se lembra daquela comida preferida de vó? Ou daquela que aos domingos tinham, assim, um gosto especial? Lembra-se do cheiro desse alimento, e da sensação de “Hum... Que delícia!”? Lembra-se com quem comia e de como sorria com essa pessoa, que também parecia sentir o mesmo prazer que você ao comer?

Se durante essas perguntas você conseguiu lembrar o gosto bom da comida preferida e, de repente, até mesmo do cheiro dela, e do quanto era bom ‘aquela companhia’ do passado, possivelmente essa lembrança o levou a algum lugar. Para qual lugar você acabou de se transportar agora?

No caso dos colonos, a casa da vó, a casa dos tios, a casa da mãe, a casa do pai e a casa do amigo foram resgatadas pela memória. Geralmente, as feições dos entrevistados carregavam interjeições acompanhadas das falas, tais como, por exemplo: “hummm, como era bom”; “ahhh, que saudade”; “ah, eu gostava muito “ou “ah, eu não tiro isso da cabeça”.

Gráfico 7 – Lugar e o paladar na infância dos colonos de Sant'Anna



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

Dentre os alimentos retratados no gráfico 7, as frutas disponíveis nos pomares da Fazenda receberam um destaque em algumas entrevistas ao serem mencionadas pelos colonos, dentre elas foram mencionadas a jaboticaba, a goiaba, a jaca e a manga. Para além das frutas, foram mencionadas as comidas de domingo, da Semana Santa, todas elas fazendo referências carinhosas a pessoas e a lugares. As palavras de alguns colonos foram aqui registradas. Segundo eles, diziam gostar:

das comidas de domingo: macarronada e frango. [Isso] não me sai da cabeça. A comida era da minha mãe. [Gostava] de jaboticaba, no pé, goiaba também, do quintal.

(CAFÉ-DE-BUGRE, 56 anos)

do arroz, feijão e angu da casa da mãe; A mostarda da casa do Bené; e do quiabo grande, sem caldo, sequinho, da casa da mãe. Quando vejo dessa forma, lembro dela, mas [hoje] não como. Gosto com bastante caldo. Minha mãe gostava sem, por que eu não gosto? Gostava quando matava porco, compartilhávamos... Era tarefa dos moleques [crianças] distribuir a carne para a comadre, compadre etc. [Não sei] qual mais gostava.

(CEDRO-ROSA, 66 anos)

[de] laranja; manga. Roubava laranja no terreiro, jabuticaba... Do lado de dentro elas eram mais bonitas, era proibido! Macarronada com ovo cozido do domingo, feriado de semana santa, era comida difícil de comer, minha mãe fazia. Não é a mesma macarronada hoje.

(PEROBA-ROSA, 71 anos)

Nas respostas dos colonos, já se nota algumas das relações de vivência trabalhista e as separações entre dono e trabalhador. Um exemplo disso seria a existência do “alimento proibido” ou do suposto início de “mitos” criados “pelos antigos”, conforme dito em entrevista, para justificar às crianças o porquê de não poderem comer as frutas que, “coincidentalmente” ficavam na parte “proibida” da Fazenda.

Segundo Macaúba, tais mitos são, por exemplo, o fato de as crianças não poderem misturar leite com manga, não comerem banana à noite, evitarem comer jaca, tudo com a justificativa de que faria mal à saúde. Ela descreve a questão dos mitos desta forma: “[na parte central da Fazenda] só fazendeiro podia comer certas coisas, como a manga, então, para os colonos não comerem, inventava que passava mal”. Essa afirmação também é mencionada por Peroba-Rosa, quando disse que “*Roubava laranja no terreiro, jabuticaba... Do lado dentro eram mais bonitas, era proibido!*”, confirmando a possibilidade dessa construção do que Macaúba chama de mito.

Conforme os colonos disseram, quando os proprietários chegavam à Fazenda, (não permaneciam no território por longas temporadas), os colonos eram proibidos de circular no que hoje chamam de Centro Histórico. Esse local era composto pela antiga senzala; pelas baias; pelos terreiros de café; pela capela; pela máquina de grão; pelo paiol; sobrado; pelas casas de alguns colonos sobre a antiga senzala; também era composto pela casa de vivenda, onde os proprietários se acomodavam ao irem para o território (ver anexo IX). Esse Centro Histórico possui quatro portões de acesso, dos quais ficavam fechados à noite, a partir das 18h, com rodantes na área e somente eram abertas à circulação pela manhã, exceto nos momentos em que a família proprietária permanecia na localidade (ver figura 24).

Figura 24 – Centro Histórico da Fortaleza de Sant'Anna -indicação dos quatro portões de acesso à área



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Nessa figura, o portão 1, ou portão oeste, é o principal, é o portão da entrada da antiga sede, do lado esquerdo da imagem, essa entrada é para as pessoas que chegam pela rodovia MG-353. Já o portão 4, ou sudoeste, é a principal entrada para os que chegam de Chácara, passando-se pela Serra da Babilônia. O portão 2, ou norte, fica ao lado da casa do administrador e aos fundos da “Igreja” de Sant’Anna, é atualmente o que possui menos trânsito de pessoas, o que no passado poderia ter sido diferente, já que direciona para uma região de currais e de antigas plantações de café. No portão 3, ou sudeste, o mais interessante em termos de edificações, dá acesso a outra área de antiga plantação de café por dentro da máquina de grãos.

Certamente, as relações entre colonos e Sant’Anna em seu passado não remetem apenas ao que é bom, às relações afetivas entre seus pares, mas, também, perpassam pela condição de estarem presentes na propriedade de alguém. Logo, seus lugares também estão impregnados de lembranças das relações trabalhistas do passado. Fazendo uma simplória comparação, diferente dos trabalhadores urbanos que se deslocam para suas casas após o expediente (com exceções, claro), no caso dos moradores de Sant’Anna, eles viviam o trabalho, repousavam no trabalho e

moravam no trabalho e, mesmo enquanto repousavam em suas casas, eram funcionários no trabalho.

Tais relações entre colonos e Sant’Anna podem ser melhor compreendidas a partir dos relatos evidenciados por eles a despeito das relações trabalhistas mantidas na Fazenda nos anos anteriores à ocupação do MST e serão mencionadas a seguir.

4.2.1.2 O trabalho e as relações trabalhistas na Fortaleza de Sant’Anna

Meu trabalho era na enxada.

PALMITO-JUÇARA

No perfil de entrevistados traçado no capítulo 2 foi mencionado que, para a análise dos dados produzidos em campo, os entrevistados foram divididos em grupos conforme a faixa etária e o sexo. Retomando essas características dos entrevistados, vê-se que os grupos de adultos e idosos ficaram igualmente distribuídos, sendo Ipê-amarelo (43 anos) o colono mais novo e Sibipiruna a colona com a maior idade (77 anos).

Tabela 2 – Perfil de entrevistados colonos

ENTREVISTADOS COLONOS		
CRITÉRIOS	GRUPOS	QUANTIDADE
Faixa etária	Adulto	9
	Idoso	9
Sexo	Mulher	11
	Homem	7
Mulher	Adulta	5
	Idosa	6
Homem	Adulto	4
	Idoso	3

Fonte: dados da pesquisa (2023-2024).

O colono que há mais tempo encontra-se em Sant’Anna é Peroba-Rosa, isto é, dentre os colonos entrevistados para esta pesquisa. Sendo assim, em entrevista, quando dizem começar a trabalhar nas lavouras de café ajudando suas famílias apenas com sete anos, significa que, no caso de Peroba-Rosa, em 1959, ele já frequentava as lavouras de café. Era comum as crianças ajudarem suas famílias, por isso, alguns colonos que trabalharam em lavouras não aparecem em registros de colheitas, como ocorreu nesta safra de 1983, em que embora estivessem lá na

lavoura, no registro em folha, não constavam seus nomes, mas de suas mães e avós, que eram na época as que tinham vínculo de trabalho com a Fazenda.

Figura 25 – Folha de controle da Fazenda – “A Panha de Café (Sede)” - 1983

Nome	Balaios	Reais
Reza Maria	11	4.600.00
Maria Palanena	6	2.400.00
Ana Frederico	6	2.600.00
Maria da Paula	8	3.200.00
Orinda Rufino	5	2.200.00
Vilma de Santos	10	4.000.00
Paulina Rufino	6	2.600.00
Fernanda Alves	10	4.000.00
Luiza Alves	12	5.000.00
Luiza Alves	9	3.700.00
Quarta Pedro	12	4.800.00
Paula Vasconcelos	6	2.600.00
Alina Alves	5	2.000.00
Margarida Maria Joazeiro	3	1.400.00
Paulina Inocência	2	1.000.00
Ana Almeida	4	1.600.00
Total	112	46.900.00

Total 112 balaios, 20 colheitas

Fonte: caderno de anotações da Fazenda (1983-1985).

Nessa imagem da folha de controle da produção de café é indicada a quantidade da colheita de cada colona. Observe que uma das maiores quantidades de balaios foram de duas colonas em uma “panha” de 12 balaios. Perceba que umas mulheres possuem uma “panha” significativamente menor (2, 3 balaios). Supõem-se que isso possa estar relacionado à ajuda de crianças e adolescentes na lavoura, contribuindo com o aumento de grãos colhidos para ajudar suas famílias, nos casos das mulheres que colheram mais.

Ainda sobre a colheita de café, a contagem era feita por balaios, conforme verificada na imagem e reforçada por Jabuticaba-Sabará. Ela disse haver vários locais na Fazenda onde concentravam essa colheita, tais como, na Serra, próximo à entrada da Fazenda, atrás da casa

da Bigó, no Rio Doce, até mesmo no terreiro da Fazenda tinham pés de café. Ainda segundo Jabuticaba-Sabará:

Era melhor trabalhar com café, não tinha luva, trabalhava com meia na mão porque tinha muito espinho. A medida era por balaio (60 kg) e depois colocava no saco. A carreta com o trator ia no tanque de café despejar e, o café da Serra, vinha pela canaleta e caía no terreiro. Quando a colheita era [próximo à entrada da fazenda] ou no Rio Doce, a careta fazia 2 ou 3 viagens. Para a Serra a gente ia de trator. Quando o pé de café era bom, a gente enchia de 6 a 10 baldios por dia. Os donos cobravam 25 cruzeiros pela moradia, acho. “Broaaa?” a gente ficava gritando, porque cada um pegava 2 ou 3 carreiras de café. Ficava um distante do outro. Lá a gente marcava de ir ao baile, [isso mais grandinha]. A gente gritava: “Broa, quem troca broa por pão?” (risos).

Percebe-se nessa fala como era o cotidiano dos colonos na lavoura. A jornada de trabalho era todo o dia, gastando-se cerca de 2h de deslocamento quando a colheita era na Serra. Como a jornada durava todo o dia, os colonos permaneciam no cafezal mesmo nos intervalos para almoço e lanche, em que cada um era responsável pelo seu. Por isso, algumas pessoas trocavam entre si as “merendas”, como os colonos dizem.

Dessa forma, ao serem questionados como era trabalhar na Fazenda, como era seu trabalho e como era a sua relação com os donos da fazenda, uma colona disse: “‘Panhava’ café, varria depois, soprava na peneira. Toda vida gostei de mexer na roça. Melhor do que [mexer]em casa.” E, assim como ela, Maricá disse:

Em todo local que tinha café, aqui [nos cafezais mais próximos à sede], no Rio Doce, colhia, limpava e carregava. Eu, irmãos, o papai colocava pra trabalhar. Os donos não achavam ruim porque cada um ajudava um pouco a família. Era difícil, mas era bom. [Eu] batia feijão com vara, arroz no pilão... Papai pra animar a gente [falava]: “depois compro um arquinho pra vocês”.

Além da colheita de café, também havia outras funções na Fazenda como, por exemplo, a de Peroba-Rosa, que “Carreava boi enquanto moleque. Trabalhei até 28 anos com boi. Plantava de meia, ajudava a plantar e parte da produção era para a Fazenda”. Como ele disse, além dos empregos que a Fazenda oferecia, havia o sistema de “meias” e “terças”, além, é claro, das funções atreladas ao gado de leite, e o trabalho da parte administrativa com a manutenção das construções da Fazenda, na sede (hoje o Centro Histórico).

Quando as crianças não ajudavam na colheita de café, auxiliavam nas roças de feijão, milho, arroz. Jabuticaba-Sabará disse: “às vezes, [meu pai] deixava ir pra escola, mas depois ia à tarde para a roça. [Ou] ficava em casa tomando conta das crianças [menores], fazia comida, cuidava da casa” e contou ainda que, na plantação de arroz,

tomava conta da plantação no quintal, ficava igual espantalho para não deixar os pássaros pretos comerem. Ficava sentada no barranco do arrozal, enchia a bacia de passarinho para o pai comer. Por isso sei atirar bem. Era arroz das águas e o seco, ele [pai] plantava o arroz das águas.

A despeito de como era a interação entre os colonos e os antigos proprietários da fazenda em relações interpessoais, de trabalho, os acordos e sobre o processo produtivo, os colonos disseram ser uma relação muito boa. Disseram ainda que, na época, havia, aproximadamente, 200 famílias de colonos, existiam 25 currais de leite. No entanto, com o tempo, as pessoas foram se deslocando para a cidade para os filhos estudarem e, depois que foram reduzidas significativamente o número de pessoas, a fazenda começou a não dar emprego para todo mundo:

Já não estavam mais plantando café, foi dando doença de ferrugem, os pés de café secaram e já tinha muita vaca, na Serra tinha curral de carneiro etc.

(JABUTICABA-SABARÁ, 55 anos).

Inicialmente, os colonos pagavam uma espécie de aluguel descontado no salário para se manterem nas terras, com o tempo o aluguel passou a não existir e os colonos ficaram nas casas. Mas a casa era da fazenda, ressaltou Jabuticaba-Sabará.

E a respeito das relações interpessoais com os donos, segundo os colonos, eram relações tranquilas, quando havia algum tipo de contato entre eles:

Canela-Guaicá: Nunca considerei eles [os patrões] ruins, nunca. Tínhamos uma certa liberdade. O pagamento era correto... [podíamos] plantar o que quiséssemos. [Era sistema] de terças, quando a fazenda arava, era bom, [mas] era meia [sistema de meia].

Cedro-Rosa: Era uma relação boa, eles eram legais. Tratavam a gente como gente mesmo, tratavam bem, pediam por favor... Muitos gostavam de se divertir, de fazer medo nos outros.

Canela-Sassafrás: Não havia discussões. Havia mais problema entre encarregado e colonos.

Jatobá: os donos vieram aqui em casa uma vez. Eram pessoas legais, simples, gostavam de comer a comida da gente.

É válido ressaltar que em relações trabalhistas em que, por exemplo, crianças de sete anos começam a trabalhar no campo, como os colonos que hoje habitam Sant'Anna, não há uma relação que possa ser romantizada. Mesmo que as relações entre donos e empregados seja pacífica, parecendo até, muitas vezes, como uma relação paternalista, há uma diferenciação de

exercícios de poder em que não há igualdade das relações. Nas falas dos colonos a seguir essa questão fica melhor exemplificada:

Macaúba: Não tinha liberdade de conversar de igual para igual. Quando chegavam, não podíamos passar pelo terreiro... [a não ser] para brincar com os filhos dos donos, [aí] chamavam os colonos. Faltava comunicação entre patrão e colono, mas [eles, os patrões] não eram ruins também.

Jaboticaba-Sabará: só de um eu não gostava, era abusador de meninas e antigamente [as pessoas se calavam]. Eu não calava. Ele ficava querendo passar a mão na gente [...]. Por isso só fiquei um ano no Rio como copeira. Depois voltei do Rio pra roça. Não usurpavam, pagavam direitinho quinzenalmente. Se não desse para pagar todos, eles vendiam vaca para inteirar.

Nas palavras de Paul Claval (2003, p. 34), “*El espacio de los geógrafos ya no es una extensión natural o un soporte de la vida social. Es un dato sensible donde se yuxtaponen zonas repletas de objetos y seres, y áreas que parecen vacías. Se compone de lugares y territorios a los que los hombres otorgan su afectividad [...]*”. Assim sendo, o *Dasein* de Heidegger, o *estar-aí*, que possui relação com a essência do ser que é espacial, pode ser verificado nos colonos ao falarem de suas infâncias, vivências e da comida preferida de criança. Os laços com a terra têm início aí, na infância, essa relação com os lugares de infância faz parte do *Dasein* de cada um. Importante ressaltar que esse *Dasein* não é sempre “doce”, em outras palavras, o existir não é pautado apenas por boas relações, pelo afeto, pelo amor, mas também pela dor, pela exploração do trabalho humano, pela conformação do medo e da sua materialização no espaço etc.

4.2.2 Lugar de medo

*Em verdade temos medo.
Nascemos escuro. [...] E fomos educados para o medo.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Você tem medo?

Se encorajado, de alguma forma, a resposta para tal pergunta for “não, eu não tenho medo”, abre-se um campo para o questionamento e para a reflexão da audácia da sua resposta corajosa.

O medo é um substantivo masculino que significa um “estado psíquico provocado pela consciência do perigo, real ou apenas imaginário, ou por ameaça.” (MEDO..., 2024) que traduziria, por conseguinte, a fobia, o pavor, o terror. Ainda, acrescenta o dicionário Priberam (2024) que o medo poderia significar uma preocupação com o acontecimento de determinado fato, ou, no sentido popular, poderia significar uma espécie de ‘sinônimo’ de “alma do outro mundo”, de fantasma.

Acerca do medo, Yi-Fu Tuan tece ideias que vão ao encontro dos versos desse poema de Carlos Drummond de Andrade ao dizer que, as paisagens do medo são inúmeras e variam desde o medo do escuro ao pavor dos mortos. Tuan reforça, as paisagens do medo só são inúmeras porque “os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, [os medos] são subjetivos” (2005, p. 8). Portanto, se os sujeitos são únicos, inúmeros e subjetivos, os medos também os são.

O medo do escuro, embora individual, é o sentimento mais comum entre os humanos. Isso, obviamente, não seria diferente com os colonos:

Eu tinha pavor do escuro... Para circular pela Fazenda à noite tinha que andar com lanterna, tocha, sair com mais gente...

(MACAÚBA, 66 anos).

Nunca fui medrosa, mas tinha medo do escuro, [principalmente] no trecho entre a árvore perto da minha casa até a Igreja. Mas se tivesse com a lanterna, o medo não vinha.

(CAFÉ-DE-BUGRE, 56 anos)

De acordo com Tuan (2005, p. 25), “O medo do escuro é mundial”. Desde os primeiros meses de vida tem-se um estranhamento ao escuro e o medo cresce à medida que a criança cresce. O medo, assim como outros sentimentos, é aprendido. No caso específico do medo do

escuro, perturbando os sentidos humanos, ele está ligado à sensação de isolamento e de desorientação. Segundo Tuan, com a dificuldade de se enxergar os detalhes visuais nítidos no escuro, a locomoção é limitada. Essa sensação por si só já traz sentimentos de angústia e de impotência, e, atrelado a isso, “a mente está livre para fazer aparecer por mágica imagens [...] com o mais leve indício perceptível” (p. 25). Logo, o instinto da proteção e o perigo da ameaça são despertados. Incrivelmente, ao serem questionados sobre seus medos de infância, os adultos podem esquecê-los, contudo, se lembram do medo da escuridão.

Reporta-se aqui um dado interessante, a noite está intrinsecamente ligada à escuridão. É durante esse período do dia que há ausência da incidência de raios solares. Com o advento das novas tecnologias, o ser humano quebra a escuridão da noite com iluminação proveniente de outras fontes de energia, logo, com luz, sem a escuridão, o medo da noite tende a cessar. E então, um lugar de medo, torna-se um lugar feliz, segundo Canela-Guaicá.

Canela-Guaicá disse que seu medo de infância era curioso, pois o lugar que lhe vinha à cabeça, quando lembrava de boas sensações, de prazer e de afeto, era o mesmo que lhe dava medo. Era um dos portões da Fazenda: o portão sudoeste. Isso porque, durante o dia, ele ficava aberto e significava que ela podia brincar no terreiro de café, significava para ela um momento alegre, de diversão. Mas, ao mesmo tempo, o portão fechado lhe emanava o medo, medo do escuro, uma sensação ruim do “não brincar, do proibido” e, ainda, o medo de ficar do outro lado do portão e não conseguir chegar em casa. O lugar de medo dessa colona era do portão no período da noite, quando ele estava fechado: “*de noite era medo, de dia era feliz*” (CANELA-GUAICÁ, 72 anos).

As ações humanas, consciente ou inconscientemente, movem-se pela busca por contornar desde os medos mais simples aos mais complexos e obscuros (TUAN, 2005). O que seria uma casa, em primeira instância, senão um abrigo e uma proteção?

Ora, quem precisa de abrigo e proteção, certamente se preocupa com a proteção do corpo humano diante da dinâmica da natureza (variações do tempo atmosférico, por exemplo), se protege contra o ataque de animais predadores e peçonhentos, se protege da violência dos centros urbanos. Ou seja, a construção de abrigos é a mais antiga forma de o ser humano expressar o seu medo, o seu temor é a resposta imediata que contorna ou amenizará o perigo. O medo existe, embora se manifeste de forma diferente para as pessoas (TUAN, 2005), então, isso significa que o eu-lírico no poema de Drummond, na epígrafe, foi seguramente preciso ao dizer que “em verdade temos medo/Nascemos escuro [...]”, pois os serem humanos têm medo.

[...] De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. [...] cada moradia é uma fortaleza construída para defender seus ocupantes humanos dos elementos; é uma lembrança constante da vulnerabilidade humana (TUAN, 2005, p. 12).

Segundo Tuan, os seres humanos não são os únicos, pois os animais superiores também sentem medo. Portanto, o medo indica uma emoção atrelada ao perigo e, “[...] para viver, os animais devem ser sensíveis aos sinais de perigo; eles precisam conhecer o medo. Individual e coletivamente [...]” (TUAN, 2005, p. 57).

Pode-se concluir dessa ideia de Tuan que o medo é também espacializado, não fica apenas no campo das emoções, ele se (i)materializa espacialmente nos lugares. Assim sendo, onde o medo se materializa no espaço? Como os medos são únicos, inúmeros e subjetivos, porque assim é o ser humano, os lugares poderão também adquirir tais características.

Ao se falar espacialmente do medo da escuridão, o interessante é que o medo se estende onde houver a escuridão, logo, até mesmo um lugar de afeto pode se tornar um momentâneo lugar de medo. Mas, a despeito dos lugares, onde são materializados os medos “fixos”?

Partindo de uma das dimensões do significado de medo, nota-se que as sociedades modernas, principalmente fazendo referência às culturas ocidentais (embora cada uma tenha uma concepção diferente), possuem um nítido medo da morte, por ser a principal ameaça dos seres vivos. Por isso os humanos assumem esforços para controlar não só o medo, mas a fonte dele: o perigo. Nesse sentido, um dos lugares que materializam espacialmente a morte é o cemitério. Este é o lugar primeiro dos mortos.

O medo dos seres humanos em relação ao cemitério pode estar atrelado à sensação de perda, à sensação de impotência diante de uma perda, ao medo de morrer e, também, ao medo dos mortos, ou, ainda, às diversas experiências vivenciadas nele. Tais experiências aconteceram com uma colona. Ela disse que, no cemitério, hoje desativado, da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, enquanto ela esperava a avó, agachada, começou a ler os nomes das pessoas enterradas nesse local. Muitas delas foram enterradas ainda no século XIX, e, então, ela disse:

De repente vi uma nuvem de pernilongos. Estava uma ventania, os bambus balançando tanto... E minha avó? Minha avó, que também estava lá, não viu nem pernilongo, nem ventania e muito menos bambuzal balançando! Então corri de lá e nunca mais voltei⁵¹ (JABUTICABA-SABARÁ, 55 anos).

⁵¹Registro de campo do relato de uma colona da Fazenda da fortaleza de Sant’Anna, durante o pré-campo realizado na disciplina Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UFJF) em 3 de maio de 2023.

Retomando-se aqui a ideia de Tuan sobre os estímulos sensoriais, que podem ser despertados o suficiente para provocarem emoções que aproximam os sujeitos dos lugares, ou os afaste deles. Esses sentidos são muito bem marcados na infância, podendo despertar na criança a afeição, mas também o medo (TUAN, 1980). Assim que, o cemitério para essa colona continua sendo hoje o seu lugar de medo.

Durante a pesquisa pôde-se observar que este mesmo cemitério é o lugar de medo de outros colonos que diziam ter medo, principalmente, pelo fato de os bambus que se entrelaçam acima do local, balançarem, como o que diz Babosa-Branca:

Tinha medo do cemitério. Eu buscava bambu por aqueles lados, eles estavam balançando, dava medo...

(BABOSA-BRANCA, 59 anos).

Durante o reconhecimento de campo (pré-campo), a colona Jabuticaba-Sabará dizia que “o cemitério estava tomado por mato e bambus. Acima, esses bambus se cruzavam entre si e, embaixo, ruínas de túmulos e várias cruzes de metal compunham esse solo sagrado”, após 40 anos em que esteve no Cemitério, onde nunca mais entrou, o local estava exatamente como descreveu. Na primeira fotografia da figura 26 é possível verificar, ao fundo, o entrelaçamento dos bambus e, no chão, restos do lugar sagrado dos mortos.

Jabuticaba-Sabará reconhece que apesar do medo, o cemitério é uma parte importante da Fazenda. Segundo ela, o que o torna sombrio são os horrores que sofreram os trabalhadores de Sant’Anna durante a escravidão.

Figura 26 – Cemitério da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna



Fonte: fotografado pela autora (2023).

Essa fala da colona vai ao encontro de informações levantadas por historiadores acerca desse cemitério. Entre 1891 e 1901, foram registradas cerca de 100 pessoas, dentre elas, pessoas africanas, italianas e portuguesas, de 1 a 91 anos de idade (GOIANÁ, IPAC-4, 2009) que foram enterradas nesse lugar.

Quadro 3 – Quadro de pessoas sepultadas no Cemitério da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna entre 1891 e 1901

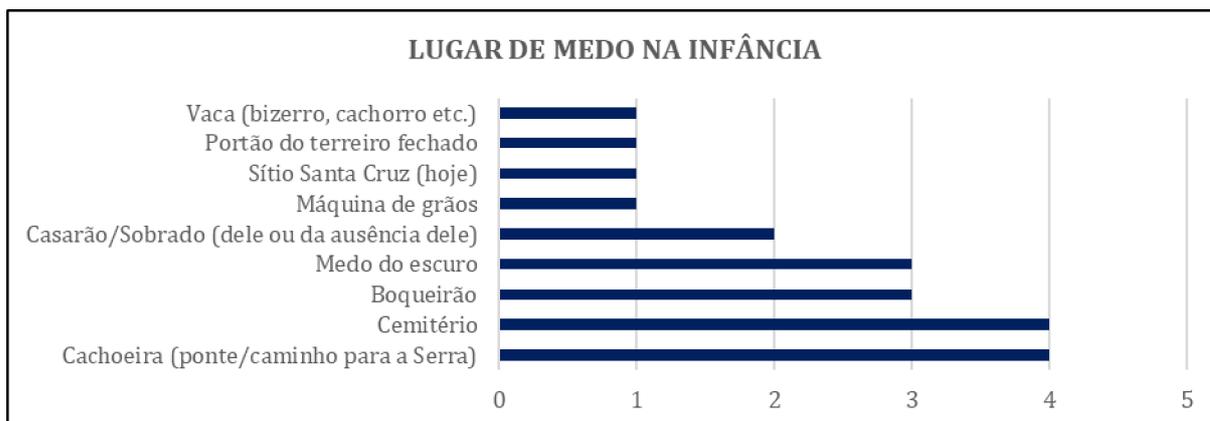
Nome	Origem e idade	Falecimento
Maria Gertruta	Preta, 75 anos, empegada de Maximiano Ivo	04/03/1897
Emilia	1 ano e meio, filha de Demétrio Geminiano	08/10/1896
Fernando	Preto, 18 anos, filho de Rodolpho	10/02/1897
Eleotério	Africano, 73 anos	10/08/1896
Antônio da Costa	Português	15/01/1895
Viriato	Africano, 70 anos	22/02/1897
Leonora	Preta, 52 anos	23/02/1897
Cipriano	Africano, 72 anos	23/02/1897
Giovanni Passarotte	Italiano, 43 anos	24/03/1897

Fonte: adaptado de Goianá, IPAC-4 (2009).

Como se vê, depois da abolição, em 1888, ainda existiam trabalhadores que foram escravizados, possivelmente, na Fortaleza de Sant’Anna, e durante toda uma vida.

Relph (2008) em *Place and placelessness* diz que o *ser* do ser humano seria o ato de permitir-se viver em um espaço cheio de lugares significativos. O Cemitério da Fazenda é um dos lugares de repulsa e de medo de infância dos colonos na infância, não só no plano individual, mas no coletivo. Como o medo é sentido, mas também aprendido, possivelmente o que os trabalhadores africanos passaram nessa época não foi esquecido pelos que os sucederam em Sant’Anna.

Para além do medo do escuro e do medo do Cemitério (ver gráfico 8), outros lugares merecem destaque por serem mencionados algumas vezes pelos colonos. São estes: o boqueirão, as imediações da cachoeira e o casarão.

Gráfico 8 – Lugar de medos dos colonos entrevistados na infância

Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

No que diz respeito ao boqueirão, uma abertura de estrada na Fortaleza de Sant’Anna, próximo ao Curral do Alto, os colonos dizem o que se segue:

Até hoje, tenho medo do **Morro do João, do boqueirão**. Tinha barulho de corrente batendo, achei que era carroça de boi, chegando lá, não tinha nada. [Hoje], se for preciso, vou, mas...

Tinha medo do **boqueirão**, não gostava de lá. Uma vez fui sozinha buscar remédio. Tive uma visão da Nossa Senhora que me acompanha. Uma imagem linda, e com muitas rosas coloridas, parecia a Santa Ana. Eu estava assustada, deu medo, mas quando vi a imagem, eu fui andando e ela aproximando, aí cheguei na casa da Carolina, mãe da Cacilda, antes do Goiabal. Tinha medo, mas era obrigada. Até hoje tenho medo de andar lá de noite.

(CANELA-SASSAFRÁS, 70 anos)

Nota-se que o medo do lugar está ligado a vários fatores, mas o mais importante deles remete à escuridão e à baixa circulação de pessoas. Nesse caso, as feições do ambiente também os tornam medonhos para as pessoas, assim como acontecia na infância de Maricá, que tinha em uma feição natural, o caminho para a Serra da Babilônia, o seu lugar de medo. Esta é cercada de vegetação em ambos os lados, deixando a estrada uma pouco mais escura, sombria. Atrelado a isso, segue a imponência das forças das águas da cachoeira, que, ao mesmo tempo que causam alegria e felicidade, a força do volume das águas também desperta medo, constituindo-se ali, como diria Dardel, em um espaço aquático dotado de vivências, nem sempre positivas: “*Desde pequena tenho medo daquela curva na Serra, que vai para a Titih. Aquele bambu lá, cruz*

credo! Parece que escutei uma voz atrás de mim. Parece assombrado, cruz credo!” (MARICÁ, 60 anos).

Além desses, outro lugar de medo da infância mais sentido pelos colonos é o antigo casarão, antiga casa de vivenda da Fazenda. Segundo Jacarandá, o casarão era um lugar de medo porque aparecia para ela “uns trem feio”, fantasmas. Ao questionar de que forma apareciam, ela disse: *“Tinha medo do Casarão, não gostava. Um dia vi um homem com chapelão. Ouvia som de tamanco no assoalho, mas não era ninguém”*.

A materialização do medo, nesses casos específicos, ocorreu por meio de uma experiência na infância. As construções desses lugares de medo conformam relações dos colonos com a Fortaleza de Sant’Anna, que nem sempre foram positivas, mas indicam uma longa caminhada desses sujeitos nesse recorte espacial, alimentando, sobretudo, a estabilidade de Tuan, isto é, o tempo contribuindo para o vínculo com lugar.

Como Tuan afirma, os lugares de medo são diversos, pois os medos são diversos, contudo, vivendo em sociedade, em comunidade, vê-se que, ainda que os medos sejam diversos, seus lugares de medo se aproximam.

Obviamente, não se pode supor que os colonos vivam amedrontados o tempo todo ou que pensem, dessa forma, em seus medos o tempo todo. O medo existe, é útil para o ser humano, ele move o ser humano para o aprendizado na busca pela proteção.

Seja como for, além do escuro, o medo dos colonos está envolvido com o medo de assombrações de fantasmas. Tuan já explicitou como a mente pode imaginar situações de adversidades quando o corpo sofre limitações. Contudo, não é o objetivo deste texto explicar o medo desses sujeitos, mas, como esse medo sentido na infância pode contribuir para o vínculo dos colonos aos lugares de Sant’Anna também no presente. Sigamos com os vínculos do passado no próximo tópico.

4.2.3 Lugar sagrado

*Mãe da Mãe de Jesus, ó, Sant'Ana [...]

Abençoi as nossas famílias,

fortalecei o laço de amor que as une,

dai-lhes a graça de crescerem na fé,

no perdão e na oração.

Livrai-nos, ó, gloriosa Sant'Ana,

de todos os males [...]*

ORAÇÃO À SANTA ANA

Assim como nas palavras de fé dessa epígrafe, o sagrado é uma categoria de interpretação de contextos religiosos (GIL FILHO, 2010). Posto isso, de que forma o espaço do sagrado (e/ou profano) ou a geografia mítica, ou profética contribuem com a percepção do sujeito sobre o lugar?

Para responder a essa pergunta é necessário fazer algumas considerações sobre o que se entende por sagrado, por geografia mítica, por Terra na interpretação profética e, não menos importante, por lugar.

O geógrafo francês Eric Dardel, em seu livro “*O homem e a Terra*”, ao falar sobre a História da Geografia, dá destaque, além de outras, a estas geografias que serão de grande valia para a presente discussão: *mítica e profética*. No seu livro, Dardel faz referências aos diferentes períodos históricos da humanidade dando a eles representações também geográficas. Em relação a essas duas abordagens, Dardel as utiliza para falar dos diferentes períodos históricos. Aqui as utilizaremos para fazer referência ao tempo cronológico que não ultrapassará a duração de uma vida humana e, ao contrário de Dardel, que parece as colocar em um antagonismo de significados, aqui serão feitas algumas aproximações.

A Geografia Mítica de Dardel é o momento da história em que o ser humano está mais conectado à terra, diz respeito às sociedades primitivas, ao mundo mágico-mítico, àquilo que o ser humano não é mais. Contudo, hoje, no presente, ainda existem diferentes e possíveis relações com a Terra (e com a terra) desse período, então, assume-se que os povos originários, povos quilombolas e o povo camponês, por exemplo, possuam uma relação com o solo diferenciado do ser urbano. Ao contrário deste, segundo Dardel (2015), para aquele, a Terra, no seu universo mítico, é origem, é a fonte de vida.

Mas algo persiste do ser mítico mesmo no homem urbano: o hábito de dar à tumba um aspecto de casa e enterrar o familiar em um solo conhecido, pátrio, é a mais intrínseca relação

dos seres com o lugar, diz Dardel (2015). Tal qual uma herança mítica de tempos de uma geografia dessa natureza em que o ser era mais lugar, mais conectado com a terra do que se faz agora.

É esse tipo de conexão primeira com o solo, aquela que aproxima o ser humano do lugar intimamente, que a Geografia mítica se constitui e é a que este texto tem em vista fazer.

Em uma História da Geografia, na passagem de uma geografia mítica para uma interpretação profética da Terra, o autor reforça: há uma quebra, há um rompimento da “ligação orgânica entre o homem e a Terra” (DARDEL, 2015, p. 67). Contudo, há de se pensar que no caso de um trabalhador rural que incorpora a religiosidade, não se perde por completo essa a conexão com a natureza, com o cosmos, ainda que ela se dê intermediada pela ideia profética, logo, questiona-se: pode-se aqui haver uma relação entre a geografia mítica e a interpretação profética em um trabalhador rural?

Parece haver no trabalhador rural de Sant’Anna esses dois momentos entre o “homem mais primitivo e ligado à terra” e o camponês que se constitui nessa ligação profética pela ideia de um criador. Dessa forma, fazendo referência às geografias do passado, se essas enunciações que Dardel faz sobre a História da Geografia não conseguirem ser complementares, tem-se duas realidades conflitantes agindo em um mesmo ser no presente. Isso porque, no que diz respeito ao ser camponês (religioso), eles não somente dependem das relações trabalhistas das que o circunda, mas dos valores culturais, das relações de poder manifestada até mesmo na religiosidade.

No caso dos sujeitos santanesenses, a ligação com o solo é consideravelmente forte e, por sua vez, o espaço do sagrado contribui para essa ligação. Tanto que, a fé e os aspectos religiosos, culturalmente falando, fizeram com que esses sujeitos trabalhadores rurais fossem ressignificando a igreja, a religião, a Santa Ana. Ou seja, o campo simbólico do sagrado também constitui essas pessoas atualmente.

De acordo com Rosendahl, sobre o sagrado, o lugar sagrado significa algo à parte, distinto do comum, do que é o profano (contrário de sagrado) e que, por si só, se remete obrigatoriamente ao religioso. Segundo a autora, no Brasil, os lugares sagrados “[...] variam em tamanho e importância, incluindo desde um pequeno crucifixo à beira da estrada até santuários requintados [...]” (ROSENDAHL, 2012, p. 21). Logo, dotado de simbolismo, a capela de Sant’Anna se constitui como um lugar sagrado.

O Brasil é influenciado pela igreja católica desde seus primórdios ordenamentos territoriais. Logo, ainda que hoje seja um país laico, qualquer brasileiro diante de uma igreja católica consegue reconhecer que “ali” se encontra um espaço sagrado. Ao observar a capela

de Sant'Anna (figura 27a), certamente, um turista brasileiro reconhecerá que “ali” se encontra um espaço sagrado de um povo atrelado à fé católica. Porém, o povo santanense, ao olhar essa mesma capela, a enxerga com os olhos completamente diferentes desse “qualquer brasileiro”. Isso porque a capela de Sant'Anna não representa apenas um símbolo, ela é O LUGAR sagrado, é a referência do sagrado na vida dos colonos moradores daquele local. As palavras escritas no seu altar não completam apenas uma frase (figura 27b), é uma oração aos seus olhos e, claramente, a capela, muitas vezes chamada por eles de **igreja**, é dotada de valor, simbologia, e de sentimento. E é nesse sentido que a geografia mítica e profética, interpretadas para esse grupo social em específico, parecem se complementar em uma mistura de aproximação inata com a natureza, pautada também pela intermediação de uma reapropriação do profético, do religioso.

Figura 27 – Partes externa e interior da capela de Sant'Anna – Goianá, Minas Gerais – 2023



Fonte: [a] os autores (2023); [b] adaptado de Glauber (2020).

No entanto, reforçando a ideia de Relph (2008, p. 2), ao dizer que devido à integração de diferentes elementos da natureza e da cultura, os lugares são únicos: “[...] *This clearly implies that every place is a unique*”, não quer dizer que a capela de Sant'Anna signifique o mesmo e com a mesma intensidade para todos.

Enquanto elemento da paisagem, a capela faz parte da geograficidade⁵² dos colonos; está presente na memória; nas relações sociais, seja em dias festivos, seja para o aviso de algo importante na comunidade quando em casa, um colono ouve as badaladas do sino. Isto é, assim

⁵² Conceito de Dardel (2015) que significa amor ao solo, a íntima relação dos sujeitos com a Terra/terra. Estes, segundo Dardel não são apenas sujeitos sociais e históricos, são também espaciais.

como reforça Gil Filho (2010), é possível falar racionalmente de um fenômeno do sagrado, como a capela de Sant'Anna, que é cultural, é social, tem implicações no lugar e, portanto, é espacial.

Ao longo de seus 94 anos de existência, muitos casamentos, missas, cultos, batizados, comemorações de aniversários foram celebrados nessa capela, como retrata o registro de um casamento em 1988. Uma colona entra na “Igreja” na companhia de seu pai, colono nascido na Fortaleza de Sant'Anna, em uma comunidade em que a união, o parentesco e a aproximação amiga e fraterna são presentes. Neste casamento, por exemplo, estiveram presentes 60 padrinhos, sendo a maioria colono de Sant'Anna.

Como é possível perceber, as relações sociais na Fortaleza de Sant'Anna no passado, muito para além das relações puramente trabalhistas, se estabeleciam no campo da convivência social. Esta, certamente, esteve muito influenciada pela dimensão religiosa e pelo lugar sagrado que os colonos chamam de Igreja de Sant'Anna ao se referirem à capela.

Figura 28 – Eventos na Capela de Sant'Anna: Casamento (1988) e Primeira Eucaristia (2000)



[a] Casamento em 1988, o colono leva a filha para o altar na Capela de Sant'Anna; [b] Primeira Eucaristia da filha mais velha da noiva (criança de 11 anos que aguarda na fila para comungar) onze anos depois do casamento na mesma capela, durante a Festa de Sant'Anna.

Fonte: repositório pessoal de uma colona (a: 1988; b: 1997).

4.2.3.1 O lugar do sagrado e o lugar do profano na Festa de Sant'Anna

A Festa de Sant'Anna era muito boa. Demorava pra chegar... A gente vendia milho, o que tivesse pra comprar roupa... Nem no natal as pessoas se preocupavam tanto, mas na Festa de Sant'Anna, ahhh... Tinha baile, churrasco, mas primeiro a missa!

PEROBA-ROSA, 71 ANOS

É bem verdade que as palavras não são grandes o suficiente para que se caibam todas as expressões humanas do dizer. Contudo, especialmente as informações detalhadas dessa epígrafe não vão apenas ao plano das informações grafadas, mas além, conseguem dizer ao leitor aquilo que ao dizer demonstra o sentimento, a emoção, a ansiedade e felicidade por um momento aguardado. A Festa de Sant'Anna era a que os colonos mais esperavam durante todo o ano e, não apenas esperavam por ela, como, também, se preparavam para ela, seja na organização da casa coletiva (a Fazenda), da casa individual (de cada colono), e da casa corporal (o próprio colono).

Os sujeitos santanenses encaravam essa festa como um ritual de renovação, em que se prepara, se organiza, e se espera pelo novo santificado. E assim, os colonos de Sant'Anna se relacionam com a Fortaleza de Sant'Anna: por meio do trabalho; por meio da fé; por meio da tradição; por meio do companheirismo e do parentesco; e por meio da ligação com o passado, pois todos, além de viverem por toda uma vida nessas terras, estão nelas há gerações.

Segundo a história oral, nesse lugar, tal festa tradicional é celebrada todo o dia 26 de julho desde há, pelo menos, 173 anos, época em que a família Sant'Anna conduzia a propriedade. Tãmanha era a distância social entre brancos e pretos que o provável é que não houvesse participação dos trabalhadores dessa época na Festa, ao menos não enquanto os protagonistas, se imagina. Porém, é válido fazer o registro de que os naturalistas que visitavam a Fazenda contavam as boas relações que pareciam observar entre os proprietários e as pessoas escravizadas, deixando uma questão a se pensar, será que, mesmo segregadamente, os trabalhadores também comemoravam esse dia?

Logo, criada pela Baronesa de Sant'Anna, a Tradicional Festa de Sant'Anna, com o tempo, é incorporada também por trabalhadores, que foram se apropriando a ponto de classificá-la como o acontecimento mais esperado durante todo o ano.

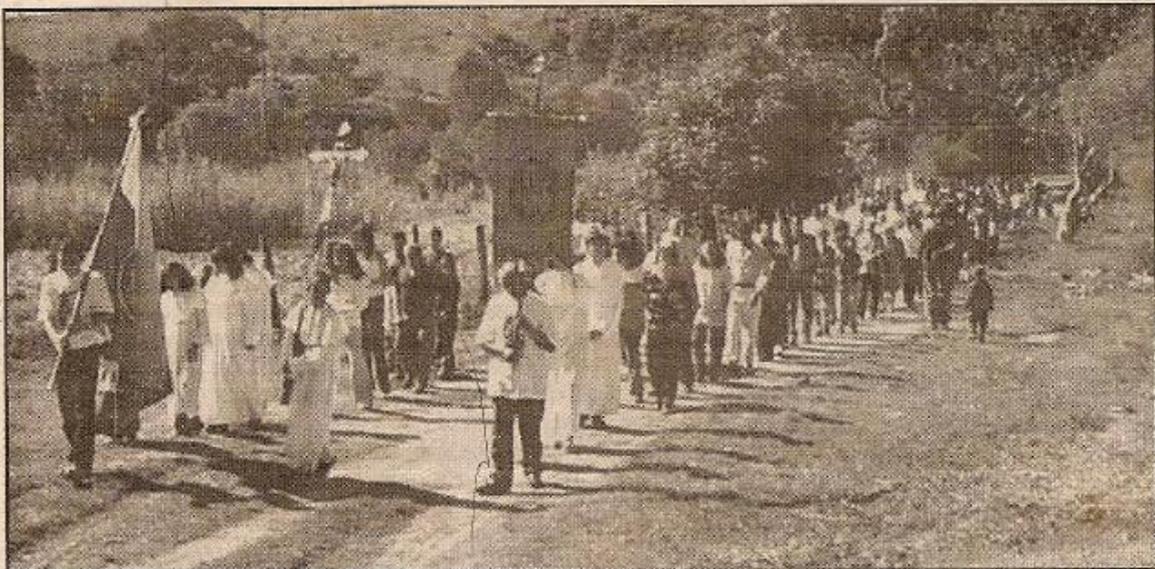
Uma mudança nos exercícios de territorialidade na Fazenda pode justificar essa maior aproximação e envolvimento dos atuais colonos com a Festa de Sant'Anna. Segundo os colonos, a relação da família proprietária com a Fazenda, muda, sobretudo, no século XXI. Esta

continuou sendo a morada dos colonos, mas não a morada dos proprietários. Esses tinham residência fixa no Rio de Janeiro. Logo, ao que parece, com a fazenda os proprietários mantinham uma relação muito mais de expropriação econômica e material do que simbólica e de morada. Então faz sentido que, inicialmente, a Festa de Sant'Anna não fosse popular, como têm sido, sobretudo, nas últimas décadas, pois os exercícios de territorialidade mudam.

No que diz respeito à Festa de Sant'Anna, antes mesmo do dia 26 de julho, há todo um ritual de preparação que envolve todos os colonos em três grandes esferas: (1) preparação coletiva dos espaços da Fazenda; (2) limpeza individual das casas de colonos; e (3) preparação individual dos colonos.

Figura 29 – Fragmento de jornal -reportagem sobre a Festa de Sant'Anna

Festa de Sant'Anna
Tradição Centenária que Sobrevive a Todas as Dificuldades



Muitos nos perguntam: Por que tanto interesse pela Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna? Realmente pode parecer um interesse um pouco exagerado para quem não conhece aquela comunidade e principalmente para quem não conhece a nossa ligação com ela. Muitas são as razões. Do ponto de vista histórico, Sant'Anna é uma das mais importantes propriedades rurais da Zona da Mata. Do ponto de vista cultural

Essa comemoração foi introduzida na propriedade pela matriarca da família Ferreira Lage, D. Maria José de Sant'Anna, mais tarde Baronesa de Sant'Anna, aproximadamente em 1850. Depois disso, não há relatos na história em que essa festa tenha falhado um só ano. O mais interessante é que toda essa tradição vem passando por verdadeiras "provas de fogo". Não bastasse a tristeza que é

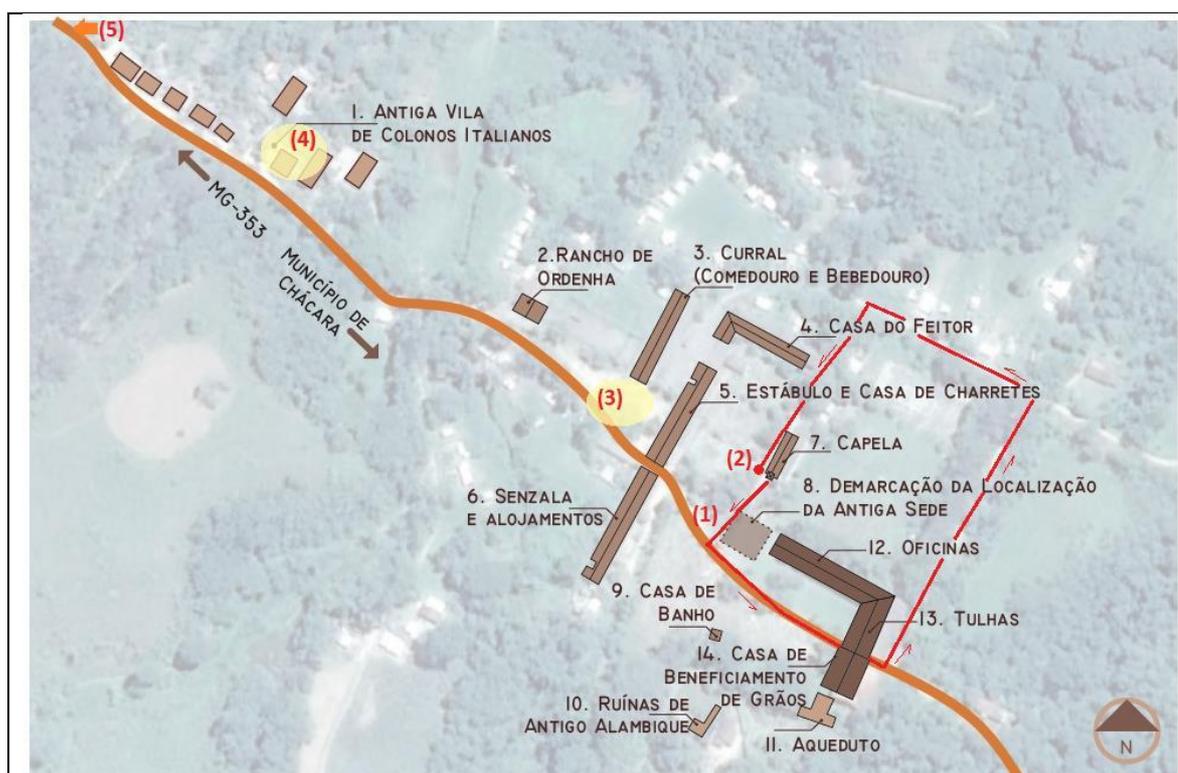
Enfim, a festa aconteceu e foi mais que nunca, emocionante. Entre as festividades, a participação já tradicional da Banda de Música de Goianá, que abrilhantou ainda mais a festa. O próprio sermão do Pe. Theodoro emocionou muita gente. Mesmo lembrando a tragédia de 16 de março, mas falando com muita firmeza, enquanto empunhava a tradicional cruz da procissão, pediu em primeiro lugar que ninguém desista de ver

Fonte: Colombo; Barbosa (2002).

Na **primeira esfera** de preparação, a coletiva, os colonos se organizam em mutirões de diferentes frentes. Essas frentes estão relacionadas aos diferentes momentos da festa, quais sejam: (a) procissão e missa; (b) churrasco; (c) festival de futebol e (d) baile. Logo, para cada momento se ocupa um recorte espacial da Fazenda (figura 30) que necessita de cuidados, de limpeza e de preparação. Nesse sentido, dias antes a Prefeitura de Goianá, geralmente, contribui com a melhoria das estradas enviando equipe com tratores, os colonos se juntam para a capina, roçagem e pintura das áreas construídas, bem como da limpeza e decoração da “Igreja”, limpeza e instalação de parte elétrica e iluminação do salão do qual chamam de Sede.

No que diz respeito à *igreja*, ainda há preparação organizativa dos louvores, ensaios da banda e do coral, da organização e preparação das peças e dos santos “exibidos” durante à procissão etc.

Figura 30 – Lugares utilizados para a realização da Festa de Sant’Anna em representação gráfica



- [1] Início da procissão durante a missa de Sant’Anna, sentido sul-sudoeste, depois sudeste, norte, oeste-noroeste, depois sul-sudoeste novamente. [2] Término da procissão, ponto de chegada. [3] Curral da Varanda, onde fica a estrutura da churrasqueira pós-missa; [5] Mais adiante, seguindo na estrada em direção à MG-353, localiza-se o campo de futebol, onde acontece, à tarde, o Festival; [4] Localiza-se a Sede, lugar onde os bailes de Sant’Anna tradicionalmente ocorrem.

Fonte: adaptado de Carvalho (2018, p.226).

Para o momento do *churrasco*, dias antes, há todo um preparo com a carne que vai desde o abate do garrote cedido pelos proprietários até à construção do cercado com taquara de bambu para a delimitação da área da churrasqueira e da distribuição para as pessoas durante a festa.

Já para o Festival no *Campo*, há também, organização do futebol com as quatro quadras (times), a busca por equipes para a competição durante o Festival, bem como o patrocínio para os custos com camisetas, bola, troféu etc. Da mesma forma, funcionava com o *baile*, que a partir da busca por apoio financeiro, muitas vezes concedido pelas prefeituras (antes financiados pelos proprietários), permitia a realização de shows com bandas locais durante à noite na Sede, já organizada pelos colonos que, do lado de fora, distribuíam barracas oferecendo alimentos que poderiam ser adquiridos pelas pessoas enquanto se divertiam. Essa era uma forma, também, de os colonos conseguirem alguma renda no dia de Sant'Anna.

A despeito da **segunda esfera de organização** ao receber uma visita, o primeiro a se fazer é arrumar a casa, certo? Com a Fazenda não era diferente. O dia de Sant'Anna também era dia de receber gente. Época de Festa de Sant'Anna é época de faxina, logo, a segunda esfera diz respeito às casas dos colonos. É momento de pintar a casa, de limpar as esteiras de bambu do teto, de varrer o quintal para receber aqueles que virão para apreciar a festa.

A Fortaleza de Sant'Anna foi morada de muitos trabalhadores, que ao longo dos séculos XX e XXI se dispersaram em rumo às áreas urbanas em um processo de êxodo rural, já que ela não era mais capaz de acolher mão de obra, logo, foi voluntária ou involuntariamente expulsando esses trabalhadores do campo. Estes veem um momento de retorno e de contato às raízes durante à Festa de Sant'Anna. Esse é um dos motivos pelos quais a Festa sempre atraiu muita gente, independentemente do dia da semana em que o 26 de julho fosse cair. Isso porque, mais do que qualquer festa, ela movimenta a identidade santanense dessas pessoas, desperta saudade, memória, possibilita reencontros e, por isso, se faz tão importante.

E, por fim, **na terceira esfera**, como algo que se tornou tradição, é a época do ano que se compra roupas novas para a Festa de Sant'Anna, que se corta o cabelo, que se faz a barba. É o dia mais esperado do ano.

Então, assim como se prepara a casa, se prepara também, na esfera pessoal, a melhor roupa, o melhor corte de cabelo, a melhor maquiagem, o melhor sapato, sempre o melhor que se pode, como se pode verificar nas palavras da colona de pseudônimo Canela-Guaicá:

Antes ninguém podia ver a roupa do outro. Isso foi passando de geração em geração. Teve uma época que o pano não deu pra mim, improvisaram e acabou ficando mais bonito do que os vestidinhos das outras meninas. E uma vez que o sapato ficou grande (risos)! Aí tinha uma vergonha! Achava que

todo mundo ficava olhando pra mim, não via a hora de a missa terminar pra ir embora (risos).

Figura 31 – Término da procissão e churrasco pós-missa – Festa de Sant'Anna



Fonte: Carlos Henrique (publicada em 2013).

Logo depois da missa, o churrasco (figura 31b) feito pelos colonos com a carne cedida pela Fazenda era distribuído gratuitamente à comunidade no espaço em frente ao Curral da Varanda e, em seguida, no campo da Fazenda, à tarde, ocorria o Festival de Futebol entre times do perímetro urbano de Goianá, Juiz de Fora e demais times da região contra os jogadores da Fazenda.

Figura 32 – Campo de Futebol de Sant'Anna



Fonte: Carlos Henrique (a: 2015, b: 2013).

Às vezes, o profano se confunde com o sagrado e os colonos mostram na união o amor e compartilham a dor, como o que aconteceu em 2015 durante uma homenagem ao colono Rodrigo Lage. Em oração, sob intercessão de Santa Ana, os colonos entram em campo mais uma vez sem o companheiro de vida e de luta em matéria, contudo, eternizado nos solos sagrados desse chão chamado Sant'Anna, segundo acreditam.

Assim como disse a colona cujo pseudônimo é Babosa-Branca “*Era primeiro a missa, depois a diversão*”. Esta frase traduz muito bem o que é a Festa de Sant’Anna: uma festividade carregada de tradição, ressignificação, mútua ajuda, de realização através da mão trabalhadora, mesmo quando ela não era necessariamente uma festa dos trabalhadores, um lugar do sagrado e do profano.

Figura 33 – Sede da Fortaleza de Sant'Anna, o salão dos bailes



Fonte: fotografado pela autora (2024); fotografia de domínio público ([1990?], postado em 2014).

Por fim, acontecia o momento final da festa: o baile. Este ocorria na sede, construção feita pelos próprios colonos, cuja dona Bigó (colona nascida em Sant’Anna) até seus 92 anos de vida frequentava e não deixava de dançar. Durante os bailes, um cavalheiro, ao tirar uma dama para dançar, não poderia, no entanto, deixar de conduzi-la até que a música parasse. Assim seguiu Bigó até seus últimos momentos de vida em Sant’Anna e, assim, seguem seus descendentes esperando que a tradição permaneça viva.

“O PASSADO PRESENTE”

Avistei um monte de gente, vermelho e branco. Depois eu soube.

PALMITO-JUÇARA, 71 ANOS

Cerca de 150 integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) ocuparam, na madrugada de ontem, a centenária fazenda Fortaleza de Sant’Anna, em Goianá, na Zona da Mata [...]. A propriedade de 4,2 mil hectares pertence aos descendentes da família Tostes, uma das fundadoras do município de Juiz de Fora. A coordenação do MST alega que um laudo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), emitido há dois meses, aponta que a fazenda é improdutivo. Ocupamos para acelerar o processo de desapropriação.

CB. RICARDO BEGHINI,

26 março 2010.

Assim como as informações contidas nessa epígrafe, outras de mesmo teor foram transmitidas no *Tribuna de Minas*, no *Estadão*, no *G1*, no *Canal Rural* e em outros veículos de comunicação em março de 2010. Também foi o que disse uma senhora colona, cujo pseudônimo nomeamos de Palmito-Juçara: “*Avistei um monte de gente, vermelho e branco. Depois eu soube*”.

Certamente, dona Palmito-Juçara não saberia que sua miragem significaria um marco que traria consigo grandes e significativas mudanças. Em 2010, não mais produtiva como ao longo de dois séculos anteriores, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocupou as terras que, historicamente, foram cedidas a um grupo específico de sujeitos e, em seguida, herdadas: a Fortaleza de Sant’Anna. Os últimos proprietários, em sua maioria, já não residiam na Fazenda no momento da ocupação e da desapropriação. Por anos, a Fazenda já não produzia atividades que a sustentasse inteiramente, no entanto, nunca foi um lugar de vazios, pois os colonos nunca deixaram de estar lá.

O Movimento manteve-se em acampamento próximo à entrada principal da Fazenda em barracas por quase um ano, quando foi expedida uma ordem de despejo. Isso ocorreu porque os proprietários da Fortaleza de Sant’Anna receberam a reintegração de posse em janeiro de 2011, logo, os canais de comunicação também registraram toda essa movimentação de retirada dos trabalhadores do MST. Este permaneceu às margens da Rodovia MG-353 até 6 de agosto de 2013, quando, a imprensa também começa a registrar mais um fato inédito na história da Fortaleza de Sant’Anna: a ocupação definitiva do MST no interior do que veio a se tornar o

futuro Assentamento Denis Gonçalves. Primeiramente, o Movimento ocupou a parte central da Fazenda; capela; máquina de grãos; antigo estábulo; terreiros; casa de colono; além de levantarem barracas provisórias nesse entorno da sede central até que o parcelamento das terras ocorreu e, com a redistribuição feita, cada trabalhador assentado passou a se dirigir ao seu respectivo lote por volta de 2015/2016. Assim, brevemente transcrito nessas palavras, passaram-se 14 anos da primeira vez que dona Palmito-Juçara “avistou” pela primeira vez os trabalhadores de vermelho e branco, foram quatorze anos que reservaram nítidas mudanças, quais sejam boas ou não, a depender do ponto de vista.

Utilizando-se da analogia inicialmente realizada neste capítulo, funcionando como uma máquina do tempo, as malas estavam prontas para mais um mergulho no passado, porém, dessa vez, para um passado mais recente na história, precisamente há quatorze anos. Nesse momento, houve um marco na história da Fazenda: sua ocupação pelo MST, que repercutiu em mudanças, ressignificações ou mesmo interrupções em um caminho seguido até esse momento.

4.2.4 O choque do primeiro contato (2010–2013)

Eu estava levando o meu pai ao médico, de charrete [quando houve a ocupação, bem no início]. Disseram, “O MST tá aí, não vai dar para passar”. Aí começou a me irritar. Os repórteres me perguntaram, eu disse: “não acho nada, não conheço”, e fui levar meu pai. Achei uma coisa muito estranha, nunca vi isso, a gente nem sabia o que era, ficou assustado.

IPÊ-AMARELO, 43 anos

Medo. Quando vi aquele pessoal entrar ali, eles me cercaram, não me deixaram passar. Sou moradora daqui, nunca precisei de documento para entrar aqui. Minha irmã não vem aqui ainda hoje.

CANELA-SASSAFRÁS, 70 anos

Os colonos passam a conviver com outros sujeitos, também trabalhadores rurais, desde 2010. Assim como a chegada de mais trabalhadores em Sant’Anna, este trabalho convida a entrada de mais alguns sujeitos para essa então viagem por meio da memória. Nesse sentido, além dos colonos já mencionados, nesta subseção haverá um diálogo entre trabalhadores do MST e, representantes de ambos os lados. Dessa forma, eles poderão contar como foi o contato inicial desses povos tão semelhantes no que diz respeito às relações com o espaço rural.

Figura 34 – Sem Terra colocam faixa sobre o nome da Fazenda no portão principal em 2015



Fonte: fotografado pela autora (2014); Carvalho, foto de 2015 (2018).

A troca de nomes na figura 34 é emblemática e cheia de significações. Significa uma luta conquistada, um direito conquistado. Por outro lado, significou também uma ameaça aos colonos, que não enxergam o nome da Fazenda apenas tal qual ela também representa, um latifúndio, uma grande propriedade privada. Sant'Anna, além disso, está associada às vivências desses sujeitos. Logo, ao mesmo tempo que a troca de nome é uma conquista, foi sentida como uma imposição.

Por que a escolha pelo território da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna? Qual o objetivo do MST nessas terras? De forma bem certa, a resposta foi: o MST “queria terra”. Já a dirigente do MST explica que não participou da ocupação em 2010,

mas como a gente estuda, a fazenda já não estava tão produtiva, vivia com dívida, decadência do café e do leite. O Incra fez o levantamento. O MST não pode ocupar terra produtiva. Em 25/03/2010, houve a ocupação e depois a reintegração de Posse. Em 2013 emissão da posse e retorno para a fazenda para então começar o processo organizativo.

Em qualquer ocupação é ocupar para fazer reforma agrária, luta pela terra, é a reforma agrária, é uma transformação social. Como você sabe, o nosso país é desigual, continua tendo muitas pessoas com muito pouco. A luta não se inicia com o MST. Aqui [Denis/Sant'Anna] é significativo, era uma fazenda grande, com acesso à água, clima bom, solo, biodiversidade grande, é possível construir uma comunidade sólida.

Do mesmo modo, outra trabalhadora do movimento explicou que:

Quando faz ocupação, a terra deve ser improdutivo, ouvimos falar que era produtora, mas caiu em situação de União. Se não paga impostos, passa a ser do governo, então o povo tem direito. Isto é, com o objetivo de colocar pessoas para viver melhor, plantar, colher, são muitas pessoas sofridas. O MST tem essa compreensão, uma posição de viver melhor [...].

(PESSEGUEIRO-BRAVO, 59 anos)

Logo, em 2010, o MST ocupou a Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna para fins de reforma agrária. Nesse momento, durante o início da ocupação, os colonos que, por toda uma vida, estiveram nessas terras, também estavam neste dia. A chegada do MST foi um choque, como explicam os colonos:

Palmito-Juçara: Ficamos com medo.

Canela-Guaicá: [senti] revolta, raiva, desconforto que custava a passar. A gente não podia fazer nada, a gente só queria ficar aqui.

Jerivá: Não entendia. Fiquei nervoso com as “bobeiradas” deles. Não fiquei triste porque não tinha nada aqui. Se viessem numa boa, explicando. Mas vieram fazendo medo.

Macaúba: [tivemos] contato nenhum [inicialmente], nem queriam, aterrorizaram, [foi] apavorante, eles não queriam deixar terras pra gente. [Foi] muito difícil a convivência no início, os dirigentes eram horríveis.

Como foi dito pelos colonos, a entrada do MST na Fazenda foi um momento conturbado, eles dizem que não tinham informação, inicialmente. Também não foram procurados pelos proprietários nessa época e, assim, se iniciou a história do MST na Fazenda. Sobre esse contato inicial com os colonos, os trabalhadores foram questionados se o Movimento estava ciente da presença de moradores que habitavam essas terras ou se, de repente, também teria sido um susto para eles esse encontro. Nas palavras desses trabalhadores rurais:

Araçá-Amarelo: Eles falaram que não era pra gente se misturar com os colonos. Eles sabiam.

Embaúba: No início foi conturbada a relação entre MST e colono. Veio carro de reportagem e carro da polícia. Esse negócio é uma mentirada danada. Não explicaram o porquê, saltavam foguete, diziam “isso daqui é nosso!” Podiam ter entrado em contato com as pessoas, foi falta de comunicação.

Pessegueiro-Bravo: Sabia que existia. Foi falado que tinha moradores. Os colonos tinham direito também, têm, inclusive, o direito de permanecer mais do que o nosso. Primeiro de junho, assentamento, tinha [moradores também], mas foram indenizados [falava de situação de outros acampamentos]. É muito nas mãos de poucos. Fomos criados na roça, já fui pra rua, mas a gente se sente presa.

Grumixama: O MST sabia da existência. O pessoal já chegou humilhando. Como se não tivessem lugares. Os primeiros moradores foram eles. Para os colonos foi muito ruim. Alguns de nós tentamos convencer outros do MST que os colonos são importantes como os primeiros moradores, apoiamos os colonos. O MST queria tirar os colonos daqui. Tem que ter limite! Igreja invadida, querer empurrar idoso, quebrar as imagens, não têm respeito.

É necessário fazer algumas retomadas conceituais aqui sobre território e a desterritorialização, bem como as disputas de poder. A primeira retomada importante é com relação ao poder, quando foi dito do seu caráter de execução, de ação. A segunda retomada diz respeito ao território em sua dimensão integradora, onde se considera suas dimensões políticas, econômicas e culturais. Relembrando esses questionamentos anteriormente discutidos, vê-se aqui um dado interessante. O MST, dentre os agentes territoriais de poder, pode ser considerado uma força contra-hegemônica, um grupo composto por indivíduos socialmente excluídos e, por isso, a organização em um movimento social se faz tão importante.

Logo, dentre os dois agentes territoriais envolvidos na disputa territorial na Fortaleza de Sant'Anna, antigos proprietários e MST, claramente o MST faz parte dessa força contra-hegemônica aqui mencionada.

Acontece que, as margens dessa disputa, encontra-se também outro grupo social e economicamente excluído que ficou totalmente alheio e não parece ter sido considerado por nenhum desses grupos em disputa. O interessante é que, com a retirada dos ex-proprietários, nas relações reais de exercícios de poder, quem passa a assumir uma concepção que ameaça a desterritorialização de sujeitos socialmente já excluídos é o próprio MST, que, aliás, tem em sua base os trabalhadores rurais, agindo assim, de forma contraditória. Ao falar de desterritorialização, lembra-se que Haesbaert aponta para sua aplicação exatamente para fenômenos de exclusão e de ameaças territoriais.

Sobre esse contato inicial, a dirigente do MST disse que não saberia falar exatamente sobre o primeiro contato com os colonos, pois ainda não havia chegado ao território, isso só foi acontecer depois já no processo organizativo do assentamento. Mas, disse também que:

Cereja-do-Mato: Com certeza [o MST] estava ciente. Acho que o primeiro contato assustou. Aqui na Zona da Mata não é cultura de ocupação de terras. Perto de Barbacena está difícil, por exemplo, ainda mandam os Andradas. Além do susto, o primeiro o acampamento foi bem na frente da Jaciula.

A dirigente disse ainda que o MST teve uma preocupação com os colonos com acordos de convivência: *“senão a relação não suportaria se não houvesse a convivência. Acordos,*

convivência. A parte que pegou era de 2013, antes do acampamento 2013. Quando entra, o assentamento e as relações começam a aprofundar. Teve a festa da vó Bigó na máquina...”. Ou seja, concorda com os demais talhadores do MST e com os colonos no que diz respeito ao contato inicial, mas diz que as relações se tornaram mais pacíficas.

Obviamente, para autoafirmação e controle do território, os agentes territoriais acionam estratégias que justifiquem a manutenção do poder. Estratégias que, no primeiro momento, foram desestabilizadoras para os colonos, como bem foi reconhecido por seus colegas trabalhadores do MST.

O processo de ocupação, segundo a dirigente do Movimento, ocorreu da seguinte forma: (1) a ocupação e a construção de barracas/acampamento; (2) A reintegração de posse e o deslocamento do MST para “fora” da Fazenda, que passam a ocupar as margens da Rodovia, MG-353; (3) a entrada definitiva do MST por meio do decreto de posse: nesse momento o MST ocupa as instalações do Centro Histórico da Fazenda:

Das estruturas era o que não estava sendo utilizado, a parte acima dos colonos a partir do hospital a Baía para a cozinha da escola para reunião, festa, foi utilizado para a escola, a casa de moradores. Curral dos carneiros que virou escola na serra que eu me lembro é só. O que a gente parou de utilizar caiu, fazendo referência ao Centro Histórico.

(CEREJA-DO-MATO, 45 anos)

Por fim, com o parcelamento das terras e distribuição dos lotes, os trabalhadores do MST se retiram lentamente dos espaços construídos da Fazenda e ocupam seus lotes. Grumixama diz que o Assentamento passa a se chamar Denis Gonçalves porque em Visconde do Rio Branco, o menino de mesmo nome foi atropelado ao atravessar a rua, é o que também afirma a dirigente do Movimento, acrescentando que:

A cultura de quando ocupa é trazer presente a memória de algum lutador ou lutador histórico, algum filho de assentado... Em Visconde do Rio Branco, um jovem sofreu um acidente, deram o nome dele, assim como deram o nome do Kaká para a escola. São escolhas coletivas.

(CEREJA-DO-MATO. 45 anos)

4.2.5 A necessidade da autoafirmação da identidade e a criação da AMS: colonos e uma territorialidade em questão

Nunca gostei do jeito que eles entraram. Existiam pessoas de idade, famílias aqui dentro. Não cumprimentavam a gente (foram orientados assim), não queriam os colonos, 18 famílias, não queriam aqui, [queriam] botar a gente pra fora daqui. Esse tipo de coisa me desagradou muito. Pregam respeito, mas nunca fizeram isso conosco. A Associação [foi criada] para proteger essas 18 famílias, se não fosse a Associação...

CAFÉ-DE-BRUGUE, 56 ANOS

O leitor mais atento, possivelmente, percebeu que nesta dissertação a palavra “Fazenda” ora aparece com inicial maiúscula, ora não. Isso teve um propósito e, certamente, tem uma explicação. Os colonos possuem um lar e este lar é chamado por eles de Fortaleza de Sant’Anna; “Fazenda” de Sant’Anna; “Fazenda”; carinhosamente chamada por Sant’Anna; e quando necessário, assim como uma mãe chama seu filho pelo nome seguido do sobrenome, de “Fazenda” da Fortaleza de Sant’Anna/Assentamento Denis Gonçalves.

É importante chamar a atenção para essas diferentes nomeações do território, porque os três grupos vinculados a ele (colonos, MST e antigos proprietários), certamente, possuem distintas relações com essas terras, resultando em diferentes entendimentos sobre o uso dos termos mencionados e, obviamente, os trabalhos a respeito desse recorte espacial e dos sujeitos vinculados a ele. Por conterem objetivos diferentes, terão intencionalidades diferentes acerca do uso desses termos.

O termo “fazenda”, por vezes, é considerado quase que um sinônimo de latifúndio, especialmente no Brasil. Logo, em fazendas como a Fortaleza de Sant’Anna, é frequentemente associado ao símbolo da desigualdade social, que, por sua vez, é fruto da grande concentração fundiária no país. O território da Fortaleza de Sant’Anna se encaixa exatamente nesse significado social, mas também, territorial. Certamente, as relações trabalhistas que envolvem os colonos estão cercadas de contextos de outras escalas geográficas. Em uma escala macro, regional e local das relações de poder, indiscutivelmente (quando dizem “*meu brinquedo era a enxada*”; “*não brincava, desde 6 anos trabalhava na roça com o pai, que era meeiro*”), tais trabalhadores foram explorados pelo capital e pelas famílias das oligarquias aristocráticas da época, mas, ainda em escala local, no mais íntimo desses sujeitos, outras relações foram se constituindo diante do espaço cotidianamente vivido, ao passo que, hoje, dificulta-se separar o lugar do sujeito.

É importante ressaltar também que mesmo entre aqueles cujo contato com o processo de escolarização é escasso (ou inexistente), os colonos percebem e, mais que isso, disseram em entrevistas que compreendem a injustiça histórica do fato de muitos trabalhadores rurais não terem sequer um pequeno “quintal” para plantar (enquanto outros sujeitos possuem tantas terras que, muitas vezes, são incapazes de eles mesmos cultivarem). Como salienta Cedro-Rosa: “*nesse ponto foi bom... dividir as terras. Era muita terra para uma pessoa só. Aí foi bom...*”. Como resultado, os colonos passaram a ter seus direitos territoriais reconhecidos. Para eles, o termo “Fazenda” (aqui expressada com inicial maiúscula), que sai tão naturalmente de suas bocas, é o lugar de morada, o **lugar de vivência**, é o recorte espacial da intimidade e da sua identidade, pois não só viveram a terra, como se tornaram a terra, são a terra, são, portanto, seu próprio lugar.

O mesmo ocorre com o termo “Sant’Anna”, este não representa para eles a devoção de uma Baronesa “exploradora de gente” do século XIX, embora tal devoção tenha começado com a ela. “Sant’Anna” é para os colonos sim o local que abriga o símbolo do sagrado (materialmente, a capela; imaterialmente, a fé), só que de sua própria devoção e, mais que isso, é, também, o seu lar. Eis um exemplo do que é o mais íntimo das relações espaciais humanas.

Da mesma forma, não é possível deixar de compreender o que representa para os trabalhadores do MST o nome “Denis Gonçalves”. A desapropriação de um latifúndio improdutivo e a concessão de uso para os trabalhadores do espaço agrário, considerados muitas vezes apenas como forças de trabalho, significa, no mínimo, o início de uma reparação social.

Contudo, da mesma maneira, não é possível desconsiderar as histórias de vidas dos trabalhadores, também rurais, que vivenciaram estas terras mais do que qualquer outro grupo de sujeitos. Logo, sem deixar de considerar o significado da renomeação do território pelo MST, nesta dissertação, cujos sujeitos de investigação são os colonos, optou-se por utilizar a forma como esses sujeitos se referem ao seu lar. Então, aqui, “Fazenda”⁵³, com inicial maiúscula, não fará referência ao latifúndio dos Tostes, dos Ferreira Lage ou dos Pereira Souza, mas à concepção de lugar dos colonos, pois, retomando a epígrafe, Sant’Anna não é qualquer uma, “Sant’Anna é Sant’Anna”.

Conforme o atual presidente da Associação, embora a documentação indique o ano de 2015, a Associação passou a existir anos antes, em 2013, com o motivo de, segundo ele, “*garantir os direitos dos colonos, que estavam sendo excluídos pelo MST. Não deixavam os colonos se cadastrarem, foi preciso a intervenção do Incra.*” O MST excluía os colonos

⁵³ Assim como Sant’Anna.

“*expulsando os cavalos dos colonos dos pastos para que o MST pudesse alugar; expulsando colonos de sua casa, da casa que ocupavam, né! Como o que aconteceu com um colono. Por isso nasceu a AMS*”. Por tanto, em 15 de setembro de 2015 foi criada e documentada oficialmente a Associação dos Moradores de Sant’Anna (AMS):

Ata da Assembleia Geral de Fundação da Associação dos Moradores de Sant’Anna

Após convocação da Comissão Provisória, foi realizada aos quinze dias do mês de setembro [de] dois mil e quinze, às 17hs00min, na sede da histórica Fazenda de Sant’Anna, no Município de Goianá–MG, Assembleia Geral, tendo como pauta a criação da Associação dos Moradores de Sant’Anna [...] (AMS, 2015).

Retomando-se novamente os conceitos trazidos no capítulo 1, diante de uma ameaça de desterritorialização, os colonos tomam uma consciência identitária a partir de exercícios também de poder, isso acontece quando, se sentindo excluídos, passam a se organizar por meio da Associação. Dessa forma, enxerga-se pela primeira vez tais sujeitos enquanto agentes territoriais, que deixaram de estar passivamente alheios ao processo, para se tornar um agente territorial também em disputa.

Segundo Pau-Brasil, hoje existe cerca de 43 Famílias, 40 pertencentes ao município de Goianá e 3 na Serra, que corresponde ao município de Chácara. Todos se identificando como colonos. Segundo ele, quando a AMS questionou sobre o processo de assentamento, soube que o direito às parcelas de terras ocorre, nesta ordem: os antigos proprietários; os colonos/trabalhadores rurais/quilombolas (quando é o caso); e depois os trabalhadores vindos de fora. Isto é, a permanência desses sujeitos não deveria, com base nesse pensamento, ter sido questionada.

Questionados sobre a postura dos donos da fazenda no que tange o processo de desapropriação, os colonos disseram que não houve nenhum contato dos proprietários com eles, nem antes, nem mesmo durante o processo de ocupação do MST. Nas palavras de Café-de-Brugue, o dono da fazenda teria orientado apenas duas pessoas, sendo uma delas o administrador da fazenda. Segundo ela, “*ninguém sabia, nunca, em nenhum momento [nos informaram]. A gente estava perdido...*”. Cedro-Rosa ainda completa:

Venderam o resto do gado. Em Goianá [parte urbana] fizeram uma reunião com advogado, aconselharam a entrar na justiça para receber... Foram o que eles falharam. Só o advogado esteve presente, só foram os que tinham vínculo trabalhista. Uma ONG apareceu aqui e aconselharam a [nos] organizar, [e] surgiu a ideia da Associação.

Questionados sobre o processo de ocupação, se em algum momento houve entrada do MST nas casas em que os colonos já ocupavam, os entrevistados do MST disseram:

Pessegueiro-Bravo: Não sei. Não tocamos nada deles. Mexemos nas criações, única coisa que ainda mexemos, porque tinha o excesso de animal. Tem uma certa quantidade.

Grumixama: A ocupação primeiro foi na Jaciula, ficamos em barracas por um ano. O despejo aconteceu e fomos para zonas no meio da rodovia, e na terceira ocupação foi nos espaços históricos até a divisão dos lotes. Porém, houve, o caso do Itamar e a ameaça, no caso da Marília.

A despeito de questões sobre conflitos entre MST e colonos, percebe-se que, segundo o que os entrevistados disseram, o contato inicial foi mais intenso. Os entrevistados do MST seguiram dizendo que:

Embaúba: uma vez peguei o pessoal do MST querendo cercar um menino dos colonos, dizendo que ele mexeu com o MST (eram os moleques que não tinham medo de enfrentar o MST), conversei com eles [MST] e disse que ninguém ia tocar ninguém dos colonos enquanto eu estivesse lá.

Pessegueiro-Bravo: Teve uma tensão certa vez em que houve uma assembleia, uma roda, em tempo de entrar tiro, devido à criação. [...] tinha gente de chicote, facão, arma.

Grumixama: “Vamos ter que arrancar os colonos”, diziam, mas alguns de nós não concordamos. Viemos ocupar terra, não vim aqui para aborrecer um colono [sequer].

Cereja-do-Mato: não vou entrar em detalhes, não sei te dizer, percebo que alguns momentos têm discordância em concepções de ideias. Não conflito. Tem a ver com a identidade da igreja, forte para os colonos e a questão da identidade. “fazenda” é muito forte para nós porque representa o latifúndio. É “antiga” [fazenda] porque não é mais, a gente tem que ter esse cuidado. Hoje consigo compreender um pouco mais a história deles e com isso a gente não vai mais brigar.

Vê-se a partir dessas falas que, conforme já mencionado, o processo de ocupação na Fortaleza de Sant’Anna ocorreu com uma certa violência, não física, mas ameaçadora. O que mais uma vez parece ter acontecido na necessidade de o MST se autoafirmar enquanto poder absoluto no território. Contudo, sobretudo pós-criação da AMS, no que culminou no assentamento também dos colonos, as tensões que se desenvolveram nos primeiros anos foram diminuindo.

Recuperando a fala de Cereja-do Mato sobre conflitos de ideias e sobre o vínculo dos colonos com a igreja, uma fala de uma colona representa bem o sentimento que tiveram ao dizerem que, quando retornaram após o decreto sancionado pelo Estado, o Movimento se

instalou “no meio da Fazenda. No Centro Histórico. Foi um dia chuvoso. [Eles disseram]: ‘a gente entra em qualquer lugar’ e dormiram na sacristia. [Eu disse]: tanto lugar coberto pra vocês enfiarem, lá em baixo tem um salão, aqui [na capela/igreja] não é lugar disso.” (Canela-Guaicá, 72 anos). Os colonos disseram que entendem que a religião poderia não ser nada importante para o MST, mas que era importante para os colonos e que, por isso, deviam respeitar o lugar sagrado deles.

Logo, embora essa disputa territorial mais intensa tenha passado, ruídos desse primeiro contato parecem permanecer.

“PRESENTE”

AS MUDANÇAS NOS SENTIDOS DE LUGAR E NOS EXERCÍCIOS DE TERRITORIALIDADE DOS COLONOS PÓS-OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO MST

*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo*

CAETANO VELOSO

Toda relação espacial ocorre em um dado momento. Tempo e espaço não são só conceitos primos, são irmãos, adam juntos. Como disse Tuan (1980), por vezes, Dardel (2015), e pontuando algumas vezes nesta dissertação, o tempo também é um componente fundamental para a ligação entre o ser humano e a (T)terra. O tempo também, às vezes, pode ser um amigo quando “permite” apaziguar um conflito latente, pois a vivência, os acordos, a compreensão de ambos os lados e a naturalidade do respeito mútuo, às vezes, requer tempo.

Contudo, às vezes, o tempo parece um pouco “cruel” diante da efemeridade de vidas humanas. Logo, se torna quase que um bem escasso e, por isso, precioso. Dessa forma, como indicado na canção de Caetano Veloso, desperta nos sujeitos a necessidade de pedir ao tempo cronológico (como se pudessem), que pare de correr tão depressa.

Por falar em tempo, já se passaram quase uma década e meia da Ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em Sant’Anna (agora também, Denis Gonçalves). Diante disso, o que foi mudado com o tempo? O que, das relações com os lugares, muda?

4.2.6 Quatorze anos do quarto marco histórico do território de Sant'Anna: o que muda?

Passaram-se 14 anos desde que o último marco ocorreu em Sant'Anna. É um marco histórico, como já visto anteriormente (capítulo 3), por ascender o protagonismo de sujeitos que, apesar de serem a engrenagem que movimentou a produção econômica com a sua força de trabalho, sempre apareceram como coadjuvantes em suas próprias histórias, estes são os: *trabalhadores rurais sem-terra*, sejam eles, ou não, pertencentes a movimentos sociais.

O processo de ocupação, de assentamento e de parcelamento das terras de Sant'Anna é um marco, afinal. Como todo marco histórico, impacta o curso da história, reestrutura as relações sociais, e, nesse caso, também territoriais, a exemplo do que ocorreu em Sant'Anna. Isto é, alguns anos depois do decreto sancionado em 2011 para fins de reforma agrária, que decretava a desapropriação dessas terras.

Como explica uma dirigente do MST, 137 famílias foram assentadas, dentre elas, quarenta famílias de colonos. Segundo ela:

[...] acho que alguns foram embora, depois do levantamento do Inca para dizer qual era a quantidade de assentados. Vieram do Vale do Rio Doce, Sul de Minas, Goianá, Coronel, Piau, Rio Novo. Primeiro, quem ajudou a ocupar foram estudantes da UFJF, da UFV; segundo o levantamento já havia sido feito pelo Inca. Sobre ocupação, o MST só faz pressionar, acelerar o processo, os proprietários são indenizados e isso é publicado, mas a gente leva o nome dos “vagabundos”, mas não é verdade. Roubo de terreno não é a gente. O MST faz força para distribuir. A Terra é sagrada, não deveria ser mercadoria.

Dessa forma, passados quase uma década e meia de reestruturação das relações em Sant'Anna, hoje, como é a relação entre MST e colonos? Desenvolvem alguma atividade em conjunto? Permanecem os conflitos do passado?

Isso é o que foi perguntado aos entrevistados. E, como em uma espécie de diálogo entre ambos, serão aqui mencionados tais mudanças e ressignificações das relações sociais e, também, territoriais, bem como mudanças nos sentidos de lugar dos colonos, com base no que pensam esses dois grupos distintos e, ao mesmo tempo, semelhantes.

Como se o pedido na música fosse atendido: “tempo, tempo, tempo”, as relações entre MST e colonos, muito diferentes do contado inicial e do conflito de interesses iniciais, tornou-se mais amistosa com o passar do tempo. Como disse Canela-Guaicá, tornou-se uma relação “*amigável com uns, com outros não. [Estamos] mais ou menos em paz*”; ou o Ipê-amarelo quando diz: “*lido com eles, mas não abaixo para eles... Hoje tá melhor. Quando chegaram eles*

tinham muita arrogância, pessoal daqui era mais fragilizado, pessoal deles, muita gente”; ou Jatobá ao dizer que tem com os trabalhadores do MST “*a mesma relação que era com os colonos, não perturbam a gente.*”; ou quando Ingá diz: “*boa, nós temos o nosso espaço. A parte pior é que às vezes chegam a marcar as pessoas, se acham que não prestam, deixam de correr atrás. [Aqui] não [se] consegue dar um passo sem o MST”;* ou, ainda, Maricá ao dizer que: “*hoje as pessoas se envolvem mais, misturou. Mas até arrumar uma comunidade igual à nossa vai demorar*”. Por fim, como salienta Peroba-Rosa: “*nem sei explicar se é bom ou ruim. Cada um tem a sua casa, isso é bom [...] se fosse pra outro [comprador da Fazenda], teríamos que sair... É, não sei porque não temos documento... Não foi tão ruim pra nós... No início ficamos aborrecidos, mas depois fazer o quê?”*

Percebe-se pelas falas dos colonos que a relação com o MST tem sido mais amistosa, embora haja alguns ruídos, afinal, o contato abrupto inicial, certamente, deixou marcas profundas, apesar de as relações atuais serem de pacificação. De fato, a forma como o Movimento teve o primeiro contato com essas famílias de Sant’Anna, segundo disseram até aqui, foi significativo e trouxe consequência para as relações entre ambos. Os colonos acreditam que tais relações poderiam ser melhores atualmente caso o processo inicial fosse também diferente.

Contudo, hoje, já assentados, os moradores de Sant’Anna e do Denis Gonçalves vivem em função de seus lotes. Alguns colonos se integram mais nitidamente com o movimento, participam mais ativamente de suas atividades, se envolveram no intuito de construir conjuntamente condições de uma vida melhor nas terras, outros ainda têm dificuldade com essa aproximação.

A despeito das articulações entre AMS e MST, o presidente da Associação disse que

Em outra diretoria do MST, era tudo negociado. Depois disso, trocou os dirigentes, voltaram os ‘mal pensantes’ do MST [fazendo referência aos primeiros], infelizmente. Individualmente. A AMS ofereceu vários cursos profissionalizantes através do Senar; promoveu palestras com bancos, para que entendessem formas de aplicação e o que os bancos poderiam oferecer a produtores rurais etc.

(PAU-BRASIL, 61 anos)

Ainda segundo Pau-Brasil, muitos colonos plantavam, produziam milho, feijão, criação de porco, galinha e horta (mais para subsistência) e no que diz respeito à parte cultural, a Festa de Sant’Anna era tradicional, assim como a peregrinação da Santa e o futebol. Hoje, a peregrinação da Santa permanece e o futebol também, ainda que esporadicamente, mas a festa

sofreu impactos pós-ocupação do MST, “*que tentou mudar a festa, os colonos não concordaram e acabaram deixando pra trás*”.

Gráfico 9 – Costumes e tradições atuais por entrevistados



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

O gráfico 9 retrata os costumes e tradições mencionados pelos colonos atualmente em Sant'Anna. Nele, está descrito não apenas o que permanece, mas o que, por algum motivo, deixou de existir e, dentre eles, o que mais foi mencionado foi a Festa de Sant'Anna.

Logo, hoje as maiores preocupações dos colonos estão atreladas a isto: descaracterização da Festa de Sant'Anna. Ainda que possa parecer mais intensa para uns ou mais amistosa para outros, é esperado o estranhamento entre grupos diferentes no mesmo território. Assim como, se espera o conflito de ideias, que são passíveis de resolução, a depender do respeito mútuo entre os diferentes sujeitos. Contudo, no que diz respeito à Festa Tradicional dos colonos, a dimensão de tal problema pode ser considerada relevante e talvez seja o ponto que, ainda, distancie os colonos do MST. Pois, para os colonos, a Festa tornou-se um solo sagrado, que envolve reprodução de cultura, com costumes passados de geração em geração e, que hoje torna-se motivo de grande tristeza, enquanto antes era o motivo de alegria. Assim como em uma escola de samba que se prepara o ano todo para um único momento do ano, os colonos assim o faziam no que diz respeito à Festa de Sant'Anna. E isso não tem “existido” mais.

Segundo uma trabalhadora do MST, o Movimento, inicialmente, tinha certa preocupação com os colonos, pelo menos no que diz respeito a alguns trabalhadores do Movimento e a alguns dirigentes, contudo reforça que:

*Os dirigentes do MST tinham essa preocupação, sim, [com os colonos]. O povo daqui não era muito familiarizado com o MST. Entendo que eles ficaram com medo, sem saber o que estava acontecendo afinal. Tem uns que também entraram [para o MST], a direção tinha preocupação de dar conflito. **A gente***

tem que se colocar no lado do outro, mas também tinha preocupação de firmar as pernas nas terras [grifo nosso].

(PESSEGUEIRO-BRAVO, 59 anos)

Compreende-se que a forma como o MST ocupou faz parte de sua organização de luta, principalmente, no que diz respeito à pressão para a desapropriação da Fazenda. Apesar disso, como os próprios trabalhadores do MST destacaram, essa disputa de poder, pós-desapropriação, no sentido de amedrontar e ameaçar a desterritorialização dos colonos não condiz com o esforço para a causa do MST.

Atrelado a isso, tem-se o vínculo dos colonos com Sant'Anna, e quando se diz vínculo, não é a apenas a dimensão do trabalho, mas também o vínculo afetivo, tornando esse embate ainda mais doloroso. No caso de Sant'Anna, as terras não apresentam apenas um valor econômico ou o meio para o sustento, ela representa a vida dos colonos. Por isso, certamente, esse contato inicial com o MST foi, como disse uma colona, aterrorizante.

A despeito das mudanças que os colonos enxergam hoje em Sant'Anna, foram elencadas não só mudanças negativas, mas positivas também, como pode ser observada no quadro 4.

Quadro 4 – Mudanças positivas e negativas na concepção dos colonos no pós-ocupação do MST

MUDANÇAS POSITIVAS	MUDANÇAS NEGATIVAS
Consegui um pedaço de terra, embora não tenha título.	Não tinha tanto mato
A estrada melhorou um pouquinho.	Acabou tudo, tudo caindo.
Foi bom dividir as terras. Era muita terra para uma pessoa só.	Achava iam ajudar, achei iriam arrumar, consertar, mas tá ficando pior
Comemorações com os moradores antigos participando, interagindo, melhorou muito (por agora)	Ninguém cuidou, deixou tudo cair. Achei que ia melhorar, mas piorou.
A gente tem nossas terras.	Agora tem muito mato.
Tem alguns que são gente boa, mas são poucos.	Bom, acho que não ficou bom não. Perdeu... Não tem aquela... Tem certa tristeza... Não tem aquele entrosamento. Os próprios sem-terra não tem afeto com eles mesmos.
Mudou que a gente tem a nossa terrinha, só não planta quem não quer, ganhamos eucalipto...	Está tudo em ruínas, destruído...
Ninguém tinha mais plantação, voltaram a plantar nas casas onde não tinha. Contribuíram financeiramente [incentivo do governo] ...	Mudou a liberdade da gente. [tirou] um pouco da paz, da tranquilidade.
	Mudou tudo, as festas, piorou, mudou tudo.
	Não mistura colono com MST de jeito nenhum, são água e óleo.

Fonte: dados da pesquisa de campo (2023–2024).

Percebe-se que o que mais incomoda diante das transformações provocadas pelo processo de ocupação em Sant'Anna diz respeito a, sobretudo, três mudanças significativas: (1) Ao

processo acelerado de degradação da sede da Fazenda; (2) A descaracterização da Festa de Sant'Anna; (3) a mudança de comportamento no que diz respeito a não andar à noite, sozinhos, trancar a casa (pois, tem acontecido episódio de roubos), relataram também aumento de atividades ilícitas como, por exemplo, tráfico de drogas. Contudo, apesar de todos os aspectos negativos desse contato, a maior mudança depois da chegada do MST, segundo os colonos, foi o acesso à terra, ainda que através da luta da AMS.

4.2.6.1 Acordar, levantar, trabalhar e dormir.

Assim como em um movimento contínuo da vida humana, em um deslocamento de cima para baixo e de baixo para cima, em um ciclo completo de afazeres diários, o que os colonos têm feito nesses 14 anos de assentamento? O quadro abaixo descreve coletivamente o que os colonos disseram durante a entrevista.

Figura 35 – Rotina dos colonos durante a semana em Sant'Anna, 2023/2024



Fonte: dados da pesquisa de campo (2023-2024).

Mas, falta o quê? Percebe-se que a rotina dos colonos segue muito parecida para alguns e totalmente diferente para outros. Os colonos e moradores do Denis Gonçalves não possuem a titularidade efetiva dessas terras, então, certamente possuem algo em comum com o MST: não

“têm” terras, apenas a concessão de uso. E isso é um problema. São 14 anos de assentamento e alguns colonos necessitam gerar renda para sobreviver. Por isso, necessitam trabalhar, uns como autônomos, especialmente no espaço urbano, outros com vínculo empregatício, já que o que lhes empregava era a Fazenda, hoje desapropriada. Ademais, sobre essa figura, algo de mudança positiva não poderia deixar de ser mencionado, os quais são os cuidados com os lotes já distribuídos.

Contudo, é notável também que, nessa rotina diária, não haja menção a momentos de socialização entre os sujeitos santanenses, seja entre eles mesmos, seja com o MST. Isso faz considerar o quão importante seriam os resgates desses momentos de convívio, não só para a continuidade da reprodução dos costumes e da cultura dos colonos, como, também, para a construção de novas relações entre esses dois grupos que ainda parecem tão distintos, embora sejam semelhantes: são trabalhadores rurais.

4.2.6.2 Mudança territorial e territorialidade

De um território de cerca de 6000 campos de futebol, aproximadamente, onde uma única família era proprietária dos 43 km² de terras, hoje, 137 famílias estão assentadas em 137 partes desse montante inicial. Os lotes dividem-se em Para-Rural e lotes comuns. Esses últimos são os que, comumente, as famílias do MST são assentadas, e, o primeiro, são tipo de lotes de famílias de colonos contempladas apenas com o entorno de suas próprias casas, por escolhas próprias, já que não se sentiam capazes de cultivar um lote maior. Essa escolha ocorreu em famílias cuja idade avançada comprometia o desejo do “cultivar”.

Logo, uma transformação que não pode deixar de ser mencionada é a territorial enquanto dimensão física, como pode ser observada no mapa 2. Agora, o território encontra-se fragmentado. Boa parte dele são de Áreas de Preservação Permanente. As áreas em verde-claro são as divisões de lotes e as de vermelho as áreas destinadas aos lotes de colonos.

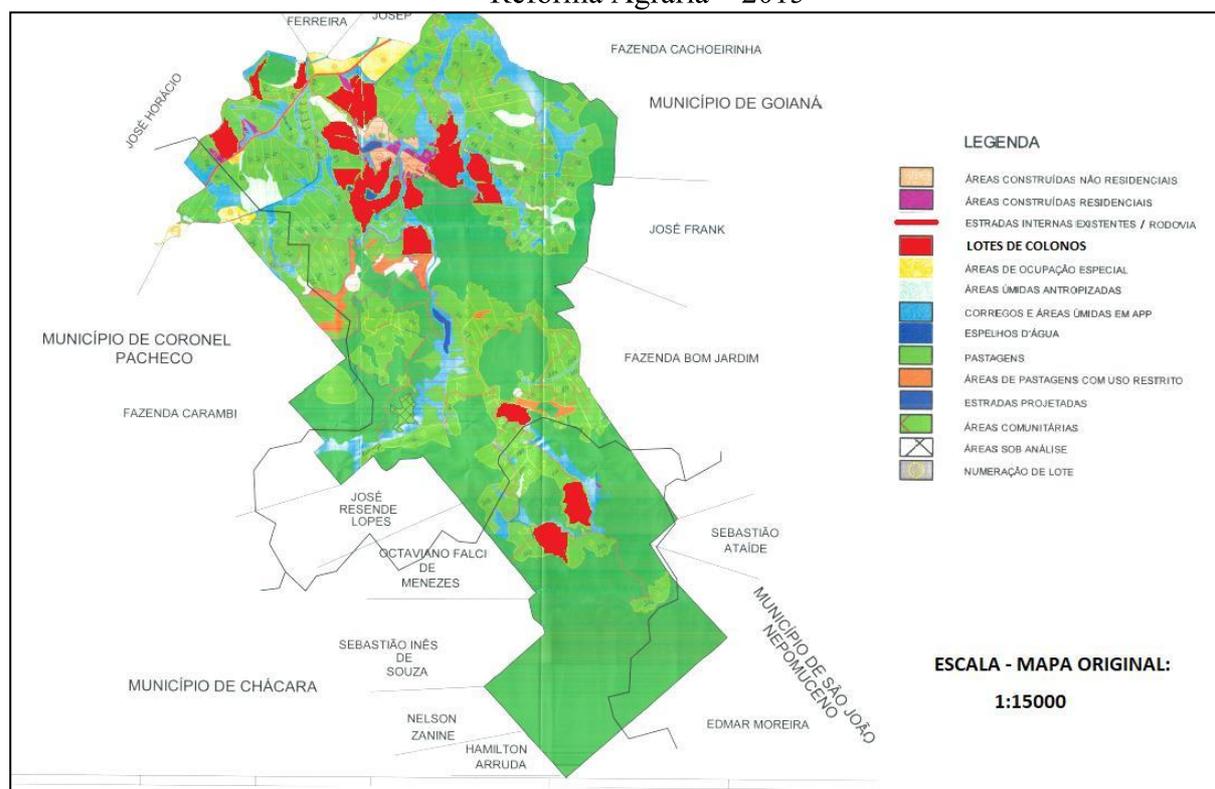
Outra transformação significativa em termos de território são os espaços que antes eram destinados à socialização dos colonos, seja na Sede da Fazenda, onde corresponde ao Centro Histórico, seja por meio da reestruturação do uso do local que os colonos chamam também de Sede. Esta, segundo eles, foi um local construído pelos próprios colonos no intuito em que fosse utilizado como ponto de encontros. Era comumente utilizado para momentos festivos, tais como, para os bailes da Festa de Sant’Anna e dos demais bailes ocorriam durante o ano, bem

como em datas comemorativas como, a festa das crianças, o Natal, sendo um ponto de distribuição de brinquedos para as crianças, muitas vezes.

Esse salão foi ocupado pelo MST, que inicialmente abrigou a escola do Assentamento sob uma condição provisória e, atualmente, é oferecido neste local atendimentos médicos, ou seja, abriga estruturas de um consultório médico.

Em todos os dois usos que o MST faz da Sede beneficia tanto moradores do MST como moradores colonos, contudo, estes ficaram sem um local destinado à socialização. Outro aspecto de mudança são as construções do Centro Histórico, que atualmente encontra-se em ruínas e com poucas estruturas ainda de pé. Este pedaço do território abrigava construções que remontam ao início da colonização na Fazenda e, segundo os colonos, poderiam, inclusive, ter sido ressignificado por eles, dando uso comum aos trabalhadores que por uma vida só teve acesso em função do trabalho.

Mapa 2 – Mapa preliminar do parcelamento de terras da Fortaleza de Sant’Anna para fins de Reforma Agrária – 2015



Fonte: adaptado de Inkra (2015)⁵⁴.

⁵⁴ Mapa faz parte do acervo pessoal de uma colona de Sant’Anna.

Ainda que o Centro Histórico fosse o “local proibido”, a circulação de pessoas neste local ocorria frequentemente, era inclusive o ponto de encontro de muitas pessoas, o ponto de concentração para conversas dos idosos, locais dos encontros amorosos de jovens. Um colono chegou a dizer, como já retratado em gráficos de momentos anteriores desta dissertação, que a porta do escritório era seu lugar de afeto, isso porque, segundo ele, era o ponto de encontro para as conversas com os demais colegas. Este local ficava exatamente sobre a antiga senzala e hoje encontra-se em ruínas.

Retomando a epígrafe que abre este capítulo, o tempo para os colonos é muito mais que precioso, pois desde 2010, como em um ciclo natural da vida, viveram perdas irreparáveis de muitos dos antigos colonos. Os colonos são os que vivenciavam essas terras de tal forma que se confundiam com elas, sendo eles, e elas, os sujeitos dos quais as novas crianças (os “coloninhos”, como têm sido chamados pelos colonos), não têm mais como referência, assim como passarão a não ter referências de alguns dos lugares afetivos de seus ascendentes. E nesse tempo, que é precioso e que tem passado, os encontros não acontecem mais, os mais idosos estão falecendo e os vínculos sociais estão se perdendo.

Isso, na perspectiva cultural, é um ponto importante, pois a descaracterização de costumes, bem como a ruína dos lugares, pode também significar o fim da existência de um grupo, de uma coletividade, se, com isso, não há um resgate cultural de lugares, afetos, costumes e tradições.

4.2.6.3 A transformação da Tradicional Festa de Sant’Anna: os colonos e os novos agentes territoriais, o MST

Segundo Werther Holzer (2013), para se discutir território é necessário se discutir os lugares. Na sua concepção, territorialidade seria expressão do comportamento vivido, material e/ou imaterial, englobando também as relações com os sujeitos externos a esse lugar. Indo ao contrário da ideia de Holzer, mas não se opondo a ele, para se discutir os lugares é necessário antes se discutir o território e os exercícios de territorialidade dos agentes envolvidos na dinâmica territorial da Fazenda.

Esse é o caso dos colonos de Sant’Anna, que veem no marco histórico de 2010 — ocupação do MST — uma ruptura de relações passadas; uma transição de novas relações; perdas de relações territoriais; perdas de sentidos de lugares, mas também novas possibilidades de ressignificar o território e o amor pelo lugar:

A Fazenda significa muito. Fiquei a minha vida inteira nesse lugar. Até gosto da cidade, mas é o lugar que a gente gosta de viver: nosso cantinho, nossa senhora de Sant'Anna...

(CANELA-GUAICÁ, 72 anos)

A Fazenda significa tudo de bom, se eu sair daqui é capaz de morrer de tristeza.

(SIBIPIRUNA, 77 anos)

Aqui significa a minha vida. É um pedaço da minha vida.

(PEROBA-ROSA, 71 anos)

Retomando o pensamento de Tuan (1980) sobre a estabilidade e sobre os laços temporais, a respeito do significado desse território para os colonos, foi possível perceber por meio da própria palavra desse sujeito colono o que essas terras significam para eles: significam a própria vida.

Ao longo do percurso de suas vidas, a Fazenda passou por mudanças e os colonos foram ressignificando seus lugares a partir desses acontecimentos. Porém, na lógica territorial anterior esses acontecimentos eram mais ou menos estáveis, pois, assim como os colonos viveram nessas terras por toda uma vida, tais terras permaneceram com a família Tostes por mais de um século. Eram 43 km² de terras pertencentes a uma única família que, inicialmente, com a fazenda mais rentável, conseguia empregar mais pessoas, absorvendo mão de obra nas lavouras de café, e no trato com o gado. Atrelado a isso, o estabelecimento dos sistemas de meias e terças foram as relações de trabalho mais duradouras.

Segundo os entrevistados, existia uma relação pacífica entre proprietários e trabalhadores da segunda metade do século XX até 2010. Nessa relação, os colonos possuíam certa autonomia para escolher as culturas a serem priorizadas, sejam elas mais fáceis ou mais rentáveis para si (milho, arroz, feijão, mandioca, amendoim etc.). Estes, escolhiam inclusive os locais da fazenda em que faziam tais plantações. O senhor Zezinho, por exemplo, tinha o costume de plantar na roça, na região da cachoeira, outros já plantavam na região da Aliança, assim como outros escolhiam os “lados” da Argentina ou da Olaria.

Além disso, os colonos podiam cultivar nos seus quintais e permanecerem nas casas sem o pagamento de aluguel ou taxas. Logicamente que essas pequenas autonomias não ocorreram sem haver autorização dos proprietários. E, dessa forma, estabelece-se aí uma forma de organização territorial que “permitia” arranjos também de vínculos com a terra, de conexões. É

importante, contudo, não empreender a romantização de tais ligações trabalhistas, pois elas se realizam por meio de diferentes relações de poder, embora detivessem ‘pequenas’ e restritas autonomias, os colonos não eram “donos” legais das terras.

É válido mencionar ainda os laços de cooperação existentes entre os colonos, que se organizavam coletivamente para momentos de socialização em festas como bailes e leilões, discutiam formas de melhorar a convivência em comunidade nas plenárias, circulavam livremente pelos espaços da Fazenda (desde que os patrões não estivessem). Isto é, como as terras pertenciam ao mesmo dono, os colonos transitavam livremente na área dos 43 km² da Fortaleza de Sant’Anna, incluindo-se margem de ribeirões, cachoeiras, matas, estradas, serras etc. Atualmente isso não é possível, pois com os cercamentos, o que era acessível, se tornou particular. Incluindo-se cachoeiras, açudes e rios, que embora sejam públicos, boa parte do acesso a eles hoje fica em lotes privados.

Por fim, mas não menos importante, os colonos não somente participavam como, também, organizavam a Festa de Sant’Anna. Eles moravam em terras emprestadas, conforme dizem, e têm essa consciência. Contudo, embora não fossem donos de “nada”, segundo eles, desempenhavam pequenas autonomias que estavam atreladas, sobretudo, à Igreja e à Festa de Sant’Anna. Autonomia esta que se torna questionada com a chegada do MST.

Durante a ocupação do MST na Fortaleza de Sant’Anna, os colonos, que por toda uma vida tiveram uma conexão com esse local, não participaram do processo de ocupação, de reintegração de posse, de despejo, e, por fim, de desapropriação das terras da Fortaleza. Isso porque tal processo se deu no âmbito da ideia de território enquanto recorte espacial material, uma propriedade oficialmente reconhecida pelo Estado (HAESBAERT, 2021). Nesse sentido, como os colonos eram empregados na Fazenda, não participaram ativamente do processo de disputa territorial entre a família proprietária da Fazenda e o MST. Isto não significa, contudo, que os colonos, por gerações, não exerceram seus exercícios de territorialidade, conformando seus vínculos identitários e seus processos de apropriação do ponto de vista material e simbólico (HAESBAERT, 2021).

Portanto, em termos de direito territorial, a ação do MST resultou no reconhecimento legal dos colonos como detentores de parte do território da Fazenda diante de sua desapropriação, que, embora ainda não seja título de propriedade, apenas a concessão de uso, o parcelamento das terras, de fato, ocorreu. E isso é, sem dúvida, uma mudança positiva.

Contudo, no caso específico dos colonos, houve outra repercussão, para além do ganho de terras, que tem relação direta com o lugar do sagrado para os colonos. Como já comentado anteriormente, a capela de Sant’Anna é para o “ser colono” uma parte de si, não só por questões

religiosas, mas, também, por questões paisagísticas e de sentidos de lugar. Quando, na ocupação do MST, a capela é invadida, aqui há não só um grande ruído, como há uma demonstração de força e de poder:

Ocuparam o meio da Fazenda. No Centro Histórico. Foi um dia chuvoso. Eles disseram: “a gente entra em qualquer lugar” e dormiram na sacristia. Eu disse: tanto lugar coberto pra vocês enfiarem, lá em baixo tem um salão, aqui [na capela/igreja] não é lugar disso (citação retomada da seção “o passado presente”).

(CANELA-GUAICÁ, 72 anos)

Tradição daqui... Acabaram com ela [Festa de Sant’Anna], sobrou só a missa, nem comemoração direito tem mais. Entristece a gente bastante. Uma tradição que hoje não tem mais, pra quem é daqui, sente muito. A festa o ano passado (2022) foi até boa. Apareceu algumas pessoas de fora. Foi feito de última hora com as pessoas daqui. Essa data comove muita gente ainda. Pode tá fora, em qualquer lugar, esse dia move pessoas pra cá. O Movimento acabou com esse vínculo. As pessoas me perguntam [até hoje] “pode ir lá? Como tá lá?”

(IPÊ-AMARELO, 43 anos)

Em termos de relação de poder, o que poderia ter significado para o MST ter invadido a capela e, ao mesmo tempo, ter recuado nessa ação? Muito provavelmente há uma demonstração de poder, pois, nitidamente, ambos são agentes territoriais (MST e colono). Para tanto, nesse caso, o recuo pode ter significado que as estratégias de embate do MST não estavam sendo condizentes com as estratégias que o Movimento geralmente produz: ações contra o latifúndio, contra o opressor, uma luta a favor do trabalhador, nunca contra ele. Vê-se que esse foi o caso, invadir a igreja foi invadir o espaço sagrado, não de um território opressor. Diante das novas relações de convivência e dos exercícios de territorialidade outro fato apontado nessas falas merece destaque: a descaracterização da Festa de Sant’Anna.

Era esperado pelos colonos que, com o fim do território enquanto fazenda, alguns momentos da Festa fossem quebrados, modificados ou ressignificados, tanto que as primeiras festas que ocorreram pós-ocupação sob organização dos colonos já aconteceram com essas nítidas mudanças. Contudo, algumas descaracterizações por parte do MST culminaram no afastamento dos colonos da Festa de Sant’Anna. Ora, houve um marco histórico em Sant’Anna que trouxe consigo uma abrupta mudança. Todavia, no que diz respeito à Festa de Sant’Anna, que possui uma história, tais transformações necessitam de um aval de seu grupo (maioria representativa de colonos) para tais mudanças ocorrerem, para a Festa poder seguir preservada. Isso, porém, não é o que têm ocorrido nos últimos anos.

Do ponto de vista cultural isso representa um problema, um obstáculo à reprodução das tradições e dos costumes já que são eles também os responsáveis por constituir um povo, por unir os sujeitos. Diante das novas lógicas territoriais e das dinâmicas de relações de poder em Sant’Anna, quais seriam as repercussões nos sentidos de lugar sagrado dos colonos em Sant’Anna? O topocídio, diriam os geógrafos humanistas-culturais?

Desse modo, o MST tem uma grande responsabilidade junto aos companheiros trabalhadores desse local, o de repensar de que forma contribuirá para a história e para a geograficidade dos colonos: “findando” ou contribuindo para a preservação de uma cultura popular e, por conseguinte, pela preservação de um povo.

4.2.6.4 Lugar de tristeza

*Tomara
Que a tristeza te convença
Que a saudade não compensa
E que a ausência não dá paz [...]*

VINÍCIUS DE MORAES

Sobre os lugares, lembra Relph (2008, p. 38), são ambientes em que os sujeitos têm profundo contato cotidiano em uma multiplicidade de experiências, e, essas experiências são responsáveis por gerar afetos:

The places to which we are most attached are literally fields of settings in which we have had a multiplicity of experiences and which call forth an entire complex of affections and responses. But to be in place involves more than having a concern for it that is based on certain past experiences and future expectations — there is also a responsibility and respect for that place both for itself and for what it is to yourself and to others. [...]

De fato, o cuidado com o lugar pode envolver preocupações acerca de experiências passadas não somente enquanto indivíduo, mas enquanto indivíduo em sociedade. Talvez isso ajude a compreender o sentimento de comoção dos colonos durante o incêndio da casa de vivenda. Esta, era uma representação do espaço não habitado por colonos, todavia, foi um elemento presente no seu cotidiano e suas experiências estão atreladas às experiências de outras pessoas, à presença delas, como é possível notar na fala abaixo:

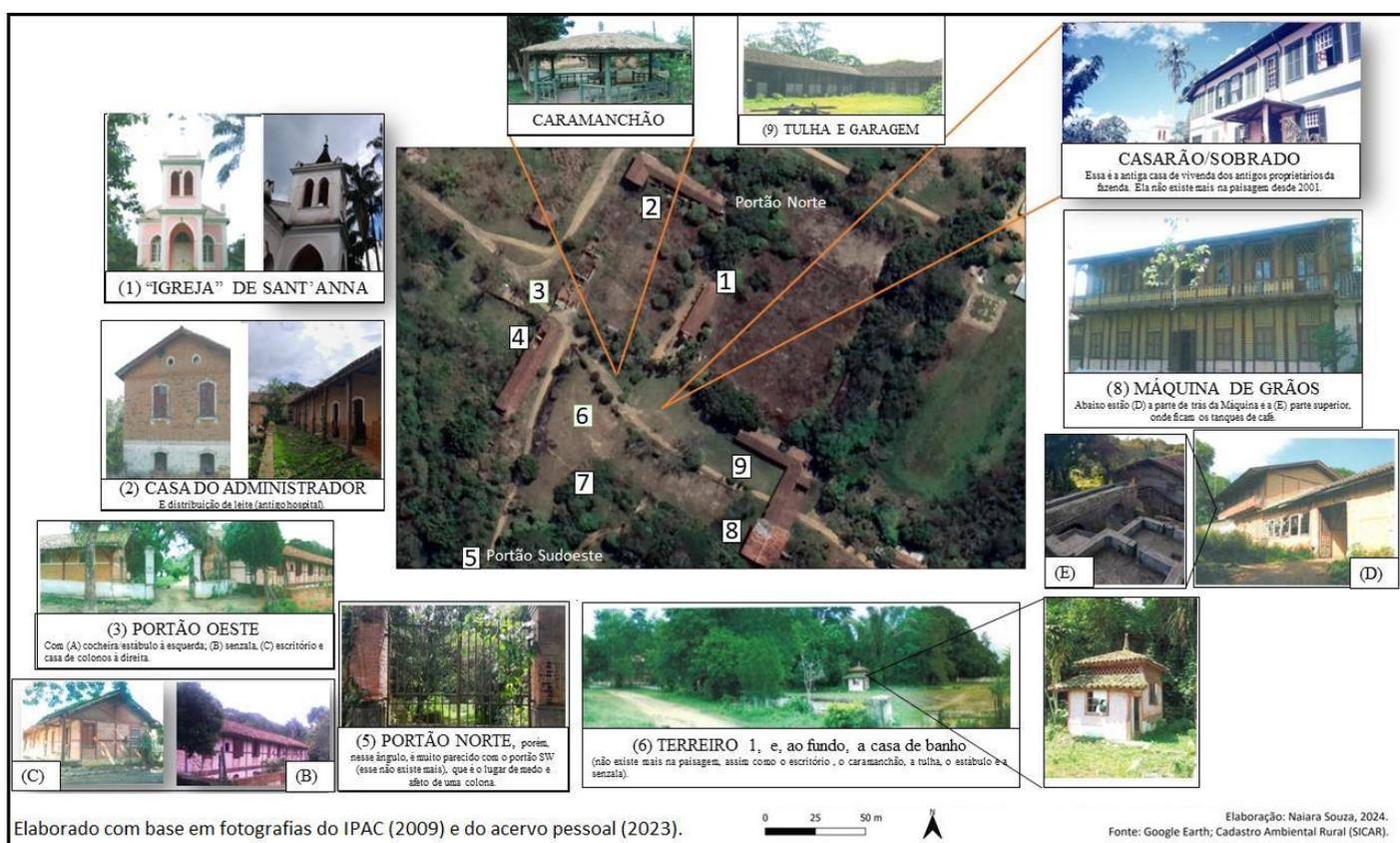
Aquele quadrado dá medo, a máquina... Caiu tudo! Dá angústia, tristeza, não era pra tá assim... Se a sede não tivesse queimado, não estava assim. A luz quando ficava muito tempo ligada dava curto. A fazenda estava pegando fogo. Desceu todo mundo, nem água tinha na fazenda nesse dia, corpo de bombeiro

chegou vazio. Foi triste. Deu um aperto no coração. Entrei muito lá dentro, comia a comida do Bené...

(PEROBA-ROSA, 71 anos)

O compromisso com a escuta dos colonos também se deu por meio da leitura do que não diziam, do que diziam e como diziam, gesticulando, expressando de formas diferenciadas o seu sentir. Notou-se que ao questioná-los sobre as mudanças em seus lugares de medo, muitos se referiram ao medo, como, principalmente, o medo do escuro, o medo de “pessoas estranhas” (integrantes do MST, às vezes chamados pelos colonos de contemporâneos) e, obviamente isto merece uma atenção. Contudo, far-se-á outra consideração que se mostrou como algo não esperado na pesquisa, mas que chegou com um grande impacto durante as idas a campo. Algo saltitou nas falas dos colonos, com profunda melancolia, aparece em seus dizeres o surgimento de um lugar “novo” e em comum para todos. Talvez essa seja uma das repercussões mais expressivas nos sentidos de lugar dos colonos. Desde a ocupação do MST, em 2010, surge em Sant’Anna um lugar de tristeza (ver figura 36, ela contém alguns elementos da paisagem que, atualmente, não existem mais ou existem apenas ruínas).

Figura 36 – Centro Histórico da Fortaleza de Sant’Anna – o lugar de tristeza para os colonos



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa documental (2024).

Este lugar de tristeza é a antiga sede da Fazenda, o centro que abrigava suas principais construções e o local onde a Fazenda se convergia no que diz respeito às relações sociais. Mesmo sendo também uma demarcação de diferentes usos de poder atrelados à separação entre proprietário e empregado, e mesmo que o acesso dos colonos a esse local fosse limitado, para os colonos “*dá uma tristeza ver as ruínas do Centro Histórico...*” (MACAÚBA, 66 anos).

De acordo com Relph (2008), a preocupação com o lugar não está atrelada apenas as vivências do passado, mas às expectativas para o futuro. Todavia, algo é quebrado na relação entre colono e o lugar: “*Um lugar de tristeza para mim é o Centro Histórico, abandonado, destrinchado.*” (IPÊ-AMARELO, 43 anos). Assim, como se vê, os colonos falavam em entrevista sobre o Centro Histórico era notável a tristeza e o peso desse falar.

Há um tempo, os proprietários da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna já estavam afastados diretamente de sua administração e convivência diária. Contudo, segundo contam os colonos, a área da antiga sede da Fazenda, que abrigava todas as principais construções, dentre elas a casa de vivenda, passavam por manutenções, conforme o surgimento de um problema ou outro, que exigia reparo:

Jaboticaba-Sabará: O senhor Sílvio administrava e comunicava com os donos. Depende dos problemas encontrado, se era dinheiro, se era medicação. Limpeza? O Juquinha era o jardineiro, tio Dorico plantava rosa. A pintura era o Walter, Laginho, Dirceu, que eram os pedreiros da fazenda. Juntava uma turma, mutirão e a fazenda dava tudo (o material para o conserto).

Em 2013, com a entrada definitiva do MST nas terras de Sant’Anna, seus integrantes passaram a ocupar o Centro Histórico, fazendo uso para suas necessidades primeiras: o estábulo tornou-se a cozinha do MST; a casa de um colono que ficava na estrutura acima da antiga Senzala foi ocupada pelo MST; o terreiro principal e, por vezes, o espaço em frente à “Igreja”, antes ocupado pelo casarão, era utilizado pelo Movimento para socialização por meio da capoeira, festas, mística etc.

Por volta de 2015–2016, o parcelamento das terras pelo Incra passa a ser realizado e, o acesso às terras, uma realidade. Com a divisão dos lotes, os membros do MST passam a ocupá-los. São 6 mil campos de futebol para a ocupação, logo, as famílias assentadas começam o processo organizativo para estabelecerem-se em seus lotes e desvinculam-se do Centro Histórico. Em estado de total abandono, sem manutenções básicas, as estruturas começam a desabar, dentre elas está (1) as antigas casas dos colonos, escritório da Fazenda e o local de armazenamento de ferramentas que inicialmente foi construída como uma Senzala; (2) o

estábulo e a garagem de charretes; (3) a casa de banho; (4) as tulas de café e a oficina de carroças; (5) o caramanchão. Para além dessas estruturas em ruínas, existem aquelas que estão com profundos desgastes e também podem desmoronar: (6) a máquina de grãos; (7) a casa do administrador e antigo hospital; (8) os três terreiros; (9) e a capela.

Foi observado nos colonos, por conta da tristeza, o medo. Alguns não gostam de se aproximar dessa área da Fazenda pelo simples fato de lhe remeter a dor do lugar ausente (*placelessness* de Relph), o medo de que as estruturas terminem de cair, parece estar associado ao medo de perder o que já foi perdido. Se antes a topofilia era o que conectava os colonos ao lugar, observa-se agora o surgimento de sentimentos topofóbicos. Retomando a epígrafe que abre essa seção, a ausência parece não dar paz.

Assim, o lugar de afeto de Peroba-Rosa, por exemplo, não existe mais. Suas estruturas materiais estão em ruínas, não é um lugar seguro para poder sentar-se junto aos amigos e conversar, como gostava de fazer, não só ele, mas muitos outros colonos (ver figura 37, em que os colonos Sr. José Matheus (Hermógenes) e Sr. Olympio sentavam-se para conversar).

Figura 37 – Porta do escritório – casa de colonos, estrutura da antiga Senzala



Fonte: Goianá, IPAC (2009); Carlos Henrique (publicada em 2014).

O escritório e as casas dos colonos foram avaliadas em uma espécie de inventário dos bens construídos da Fazenda para fins de patrimonialização em 2008-2009. Nesse momento, como indica a figura 37, já apresentavam estruturas danificadas e uma leve inclinação para um dos lados. No inventário, o relatório dizia que

[...] a edificação preserva ainda a atmosfera rústica e as características originais da época de sua construção, no entanto, foram detectados alguns problemas de ordem física e estrutural que necessitam de intervenção, como a presença de insetos xilófagos [...], apodrecimento das extremidades dos barrotes, perda ou apodrecimento de encaixes das peças de madeira, apodrecimento por umidade de partes dos tijolos das paredes, arqueamento, selamento e ressecamento de algumas das peças que compõe a estrutura, [...] (GOIANÁ-IPAC, 2009)

Sem intervenção, o lugar de afeto de Peroba-Rosa está hoje apenas na memória. O MST, por meio de uma intervenção da engenheira civil Ilse Regina Heydt, aponta para o impedimento do trânsito de pessoas, principalmente na área de construção da máquina de grãos, com risco de morte.

Figura 38 – Porta do Escritório e Máquina de grão em 2023



Fonte: Ana Carolina, colona de Sant’Anna (2023); terceira imagem fotografada pela autora (2023).

Além dos relatórios para fins de patrimonialização do Centro Histórico, que relatava as exatas condições das construções, em 2009, Naiara Maira Amorim Carvalho fez em sua dissertação de Mestrado em arquitetura, um estudo da área apontando quais pontos deveriam sofrer intervenção, já alertando para o risco de desmoronamento das estruturas.

Todavia, as ideias e as propostas não foram utilizadas. No croqui de Naiara Carvalho (adaptado), é possível observar as estruturas que ainda permanecem no local, a saber: a casa do administrador no canto inferior esquerdo da imagem e a capela.

Segundo Naiara Carvalho (2018), para realizar a proposta foram consideradas não somente o uso futuro dos colonos e dos moradores do MST, mas optou-se pela preservação das estruturas, dado a sua importância histórica e, sobretudo, à valorização emocional dos antigos moradores com o local. Segundo ela pôde constatar em sua pesquisa:

Todas as pessoas com as quais conversamos enxergam o conjunto da sede como o — coração do território. É lá que elas combinam de se encontrar para conversar, para fazer reuniões coletivas e debater questões comunitárias, é onde as crianças se reúnem para brincar, jogar capoeira e futebol, é o ponto de referência na paisagem (CARVALHO, 2018, p. 183).

Ainda de acordo com Naiara, o que chama de coração do território, na concepção dos colonos, diante das propostas de uso e adequações, ela pôde perceber uma resistência dos colonos em dar novos usos para o Centro Histórico que não fosse o sentido museológico. Em suas palavras: “[...] acreditamos que esta resistência reside, também, no medo de uma desconfiguração das preexistências, que como vimos, são um prolongamento de sua própria identidade e a materialização de suas memórias” (CARVALHO, 2018, p. 184).

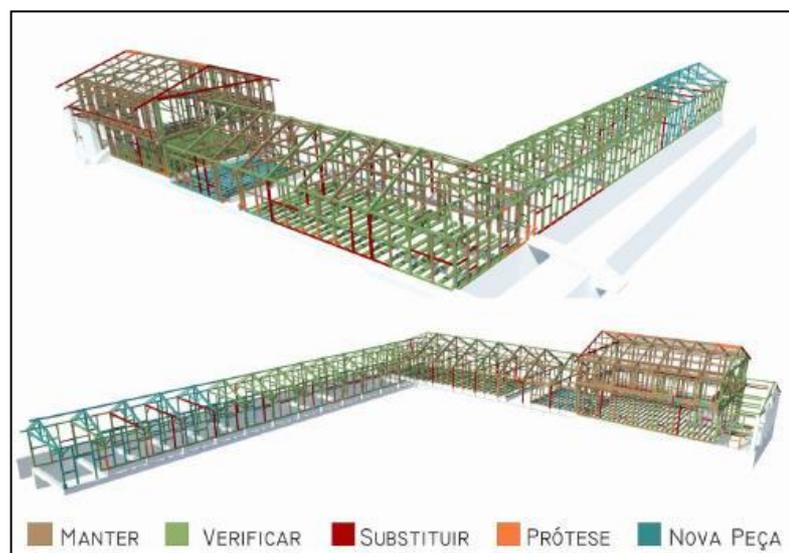
Logo, este é um trabalho que considera os sentidos de lugar dos colonos, contudo, ao não ser viabilizado, acaba por não impedir o surgimento de um lugar de tristeza. A imagem computadorizada da proposta de revitalização da máquina de grãos, detalhadamente retratada por ela na dissertação, pode ser observada nas figuras a seguir:

Figura 39 – Proposta de intervenção de Carvalho na máquina de grãos em 2018



Fonte: Carvalho (2018, p. 181).

Figura 40 – Modelo virtual de edificação da casa das máquinas, tulhas de café e oficina proposta por Carvalho (2018)



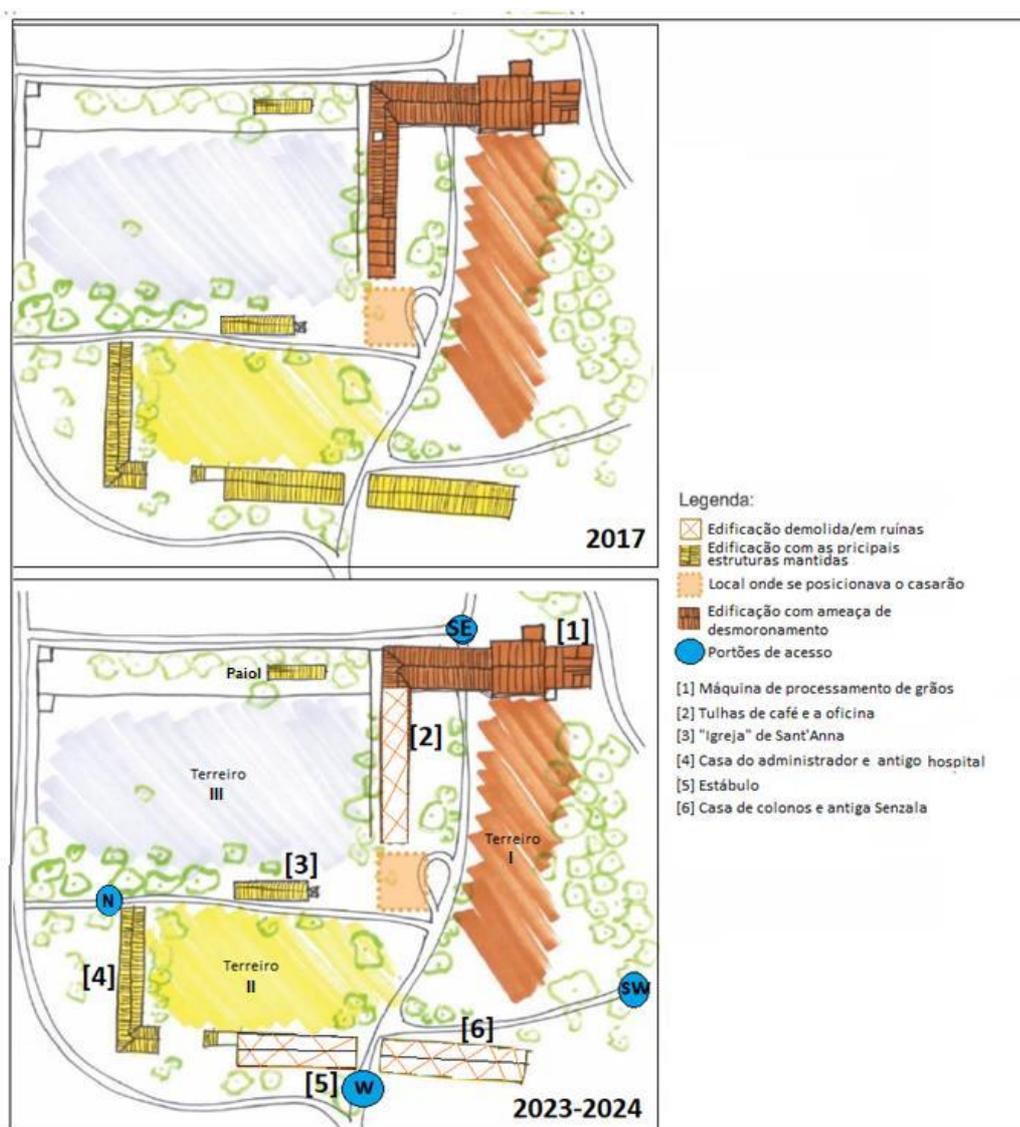
Fonte: Carvalho (2018, p. 192).

A despeito do abandono do Centro Histórico, Cereja-do-Mato diz que o MST entrou com processo para buscar preservar a área. Não houve, contudo, ajuda das prefeituras, disse que o Movimento não pode mexer na área e que ficou muito caro para restaurar.

A AMS disse que chegou a levar formas de tentar solucionar o problema do abandono do Centro Histórico junto ao MST, que não apoiou nenhuma delas.

Seja como for, a área hoje em ruínas se constitui como um lugar de tristeza para os colonos.

Figura 41 – Mudanças territoriais no Núcleo da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna



Fonte: adaptado de Carvalho (2018, p.174).

O lugar é fundamentalmente um fenômeno da experiência cotidiana, diz Relph em *Place and placelessness*, e, dessa forma, precede aos conceitos e às interpretações acadêmicas. De acordo com ele, a fenomenologia é uma abordagem cujo objetivo é esclarecer a complexidade desta experiência sem, com isso, reduzi-la a algum modelo ou média. Isso significa dizer que no campo individual, o que Naiara chama de “coração do território” é para os colonos uma representação de diferentes vivências, contudo, certamente, na coletividade apontam para um tipo de convivência diferente das que seus antepassados puderam ter experienciado nesse lugar ou as que o MST possui hoje com ele.

Hoje, para os colonos, independentemente do tipo de vínculo e da concepção de lugar, há uma convergência para o surgimento de um lugar de tristeza. Este surge em meio a escombros e ruínas do que um dia foi, mas, também, do que poderia ter sido e ressignificado caso o “coração” ainda permanecesse vivo.

No ponto de vista dos sujeitos e no ponto de vista cultural, Sant’Anna sofre uma grande perda material, mas também imaterial. Abrindo-se para o questionamento da sobrevivência dos que umbilicalmente se conectam a ela: os colonos.

“FUTURO”

*TUDO ESTÁ ESCRITO NOS RUÍDOS. O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO
HOMEM*⁵⁵

4.2.7 “*Sant’Anna nunca vai deixar de existir. Meu orgulho ser moradora daqui.*”⁵⁶

Só saio daqui quando Deus achar que não dá mais. Meu umbigo foi enterrado aqui...

INGÁ, COLONO, 56 ANOS

Daqui não saio, só saio morto.

BABOSA-BRANCA, COLONO, 59 ANOS

Aqui é minha vida. Só morrendo...

Tenho paz na minha casa.

MARICÁ, COLONA, 60 ANOS

Os vínculos com o lugar nem sempre são resultados de experiências de afeição e prazer, há um forte sentido de lugar baseado numa estreita experiência geográfica também por meio de sentimentos caros aos seres humanos, e, dentre eles, se encontram a dor e a tristeza. Nas palavras de Tuan (1980, p. 113), “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção”. Assim, o enraizamento do nascimento, o crescimento e a morte são representativos e, assim, se mostram para os colonos, como se pode observar nas falas em epígrafe. O amor ao solo os conecta de uma forma que mesmo endurecidos ou entristecidos diante da morte de um lugar, tais trabalhadores permanecem conectados a ele.

Assim, como nas palavras de Peroba-Rosa e de tantos outros, “*esse é o lugar que nasci, gosto daqui, meus meninos também gostam daqui, não tenho aonde ir mais não. Cidade é muito ruim. Cê bobo, rapaz!*”. Vê-se que a tendência é que os colonos continuem no território enquanto existirem. Observando os laços dos colonos com Sant’Anna, alguns entrevistados do MST manifestaram a mesma constatação, como se pode verificar nos dizeres de Embaúba (trabalhador do MST, 60 anos), “*Os colonos? É difícil sair... Só ouvi uma pessoa dizer que quer sair, o resto é tudo agarrado aqui. E a Fazenda está em ruínas*”.

⁵⁵ Verso do poema “Conselhos” de Paulo Coelho, publicado em 25 de setembro de 2009 no portal de notícias disponível em: <https://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2009/08/25/conselhos/>. Acesso em: 2 de fev. 2024.

⁵⁶ Frase de Jacarandá, 53 anos, colona de Sant’Anna.

Dita a necessidade de permanência dos colonos em Sant'Anna, a nova realidade aponta para a convivência de ambos os grupos de trabalhadores. Os dois grupos reconhecem que necessitam, além de integração, de parceria, de respeito mútuo e de acordos para que a sonhada distribuição de terras não pare apenas na divisão dos loteamentos. É necessário que haja condução e permanência nas terras, pois, se sabe, no Brasil, ainda há grande dificuldade de os trabalhadores rurais permanecerem no campo por falta de incentivo financeiro, principalmente.

No caso de Sant'Anna isso é uma realidade. Sem o vínculo trabalhista com a fazenda enquanto propriedade privada, sem a ajuda com os meios de produção para o cultivo das terras, os colonos mais jovens necessitam buscar empregos formais (ou não), nas áreas urbanas das imediações, principalmente, em Coronel Pacheco, em Goianá e em Juiz de Fora. Sem a titularidade das terras o acesso a créditos é substancialmente diminuído, e, por conseguinte, o que se percebe é que boa parte das terras da Fortaleza ainda permanecem improdutivas.

Maricá (colona, 60 anos) alerta: *“vamos acabar se a gente não fizer nada. Ficar afundando no meio de tudo. Precisamos arrumar a Associação. Até a festa, a gente não pode mais. Tinha as festas das crianças. Era tão bom”*.

Aqui vale ressaltar que os colonos tinham uma relação de extrema dependência com a parte administrativa da Fazenda, como já mencionado outras vezes ao longo dessa dissertação. Com a retirada dos antigos donos, cessa uma relação de poder para dar espaço a outra. Acredita-se que os colonos ainda têm dificuldade de enxergar as estruturas da antiga sede da Fazenda, que hoje é uma área comunal, ou seja, também pertencentes a eles. Logo, assim como o MST, seus direitos e responsabilidades para com ela são assegurados desde a desapropriação e do assentamento das 43 famílias de colonos pelo Incra.

Como Maricá manifestou, é preciso haver consciência do luto, porque, de fato, há um lugar morto, em ruínas. Mas, para a re-territorialização desse mesmo lugar, assentando-se, sobretudo, no resgate das construções que se mantém de pé: Igreja e casa do administrador, é necessário movimento, ação.

Sobre os lugares de afeto, a escolha das fotos durante a entrevista, embora aponte o surgimento do lugar de tristeza, também aponta para os lugares de afeto que permanecem em Sant'Anna. Esses são lugares onde os elementos da natureza estão mais presentes, onde a ocupação humana, bem como o abandono não desestruturou seus aspectos físicos. Podem ser esses também a motivação para a corrida em busca da preservação dos seus lugares.

Dentre esses lugares, destaca-se um que não só representa a imponência da natureza, mas um ponto de referência: a pedra da babilônia. Este afloramento rochoso pode ser visto de longe,

encontra-se no segundo plano de muitas paisagens de Sant’Anna, é um elemento de referência na paisagem assim, como também são, as casas dos colonos e os próprios colonos.

Morando em uma zona rural, sem “rua”, sem número de casa, sem pontos de referências dos quais são comumente usados nos espaços urbanos, em Sant’Anna as pessoas se conhecem pelo nome, ou melhor, pelo apelido dos colonos. Logo, é comum a utilização da casa das pessoas como ponto de referência: “Morro do João”; “Casa da Bigó”, “Lá para os lados da cachoeira”, “casa do Bené” etc.

Então, as casas dos colonos também são referências e são, também, familiares, são dotadas de sentimento, porque *“as casas eram assim, tudo parecidas. Lembra mais a vida da gente. Beleza, beleza mesmo são as casas [construções] da Fazenda, mas sentimento, são as nossas casinhas”* (retomando novamente essa fala de Ipê-Amarelo para exemplificar o sentido das existências das “casinhas” de colonos para ele).

Figura 42 – Lugares de afeto dos colonos – as casas de colono



Fonte: fotografado pela autora (2022-2023).

A cachoeira também é um elemento bastante mencionado como lugar de infância dos colonos e segue sendo, embora alguns a considere como lugar de medo. A cachoeira da Serra da Babilônia, bem como a vista do mirante da Serra são outros lugares comentados. Nestes lugares em que há o predomínio da vegetação, do afloramento rochoso e de cursos d’água, a associação com o lugar ultrapassa o campo visual, aquele acerca da beleza, mas outros sentidos são despertados, conformando assim espaços aquáticos, aéreos e telúricos de Dardel (2015). O “existir” também está no contato com a mata, no contato com o solo, nos “diálogos” com a cachoeira, no uso de vocabulários afetivos na conversa com o que não é humano, como, por exemplo, atribuindo sentimento às plantas, às árvores, à cachoeira, à Pedra da Babilônia etc.,

quando, por exemplo, associa-se esta a um grande rosto indígena que ora está muito bravo, ora reporta a calma.

Figura 43 – Lugares de afeto dos colonos com o referencial paisagístico da Pedra da Babilônia



[a] Vista da Rodovia MG-353 com a Pedra da Babilônia ao fundo. [b] Pedra da Babilônia próxima à Cachoeira de Baixo



[c] Vista do Campo de Futebol com a Pedra da Babilônia ao fundo, primeira formação rochosa da direita para a esquerda.

Fonte: fotografado pela autora (a e b: 2023); Carlos Henrique (c: 2019).

Dessa forma, os lugares de afeto são a consciência diária de que cada um de nós está sempre situado em algum lugar, e sempre participando de relações sociais que se dão no espaço. E a casa, tem a ver com “a proximidade do ser” com o mundo (RELPH, 2008).

Figura 44 – Cachoeira de Baixo em Sant'Anna



Fonte: fotografado pela autora (2022-2023).

Talvez seja essa conexão de que Relph fala ainda faça os colonos enxergarem um futuro nessas terras, mesmo depois de algumas perdas:

Bom, meu futuro? O futuro a Deus pertence, mas tomara que seja um lugar melhor para todo mundo. De uns anos para cá tá tudo muito esquisito. Mas enxergo um futuro bom. Se os filhos dos colonos não correrem atrás pra conquistar os lotes, vai acabar porque os colonos mais velhos estão morrendo. Se eles não cuidarem vai acabar, já tá tudo em ruína. Eu já não sei o que se pode fazer. Quem tem que correr atrás são os mais novos.

(JABUTICABA-SABARÁ, 55 anos).

Tanto trabalhadores do MST quanto os colonos expressaram em entrevista o mesmo objetivo: buscar, por meio do trabalho, uma vida melhor nas terras da Fortaleza de Sant'Anna. Grumixama ainda completa, que se possa ter “mais condições financeiras para melhorar, está difícil. No caso, o governo precisa liberar os títulos para dar liberdade de cuidar mais das terras”.

Esses trabalhadores ainda enxergam problemas no percurso para esse futuro, como, por exemplo, a ameaça de exploração das terras por uma mineradora:

Araçá-Amarelo: A mineradora vai entrar. E eu vou te explicar como, vão vender muitas terras, usar laranjas, se você viveu aqui até hoje é porque você ama isso aqui. Eles vão entrar pelo particular, as mineradoras.

Araçá faz essa suposição com relação à entrada de mineradora no território por acreditar que alguns colegas do MST irão vender seus lotes.

Acredita-se que, assim como foi pontuado pelos entrevistados, para haver uma convivência pacífica entre os assentados em Sant'Anna, deverá haver também a recuperação da Associação dos Moradores de Sant'Anna, para que se faça valer também a vontade e os direitos dos colonos enquanto moradores assentados. E, ao mesmo tempo, uma melhor estruturação do MST, entendendo que seja ele um movimento democrático; legítimo, em que sua luta seja pela defesa do trabalhador rural, na sua luta diária, uma forma de garantir o respeito pelo trabalhador a fim de que se possam melhorar os apontamentos que a trabalhadora rural do MST faz a seguir:

Aqui falta transparência nas coisas, pulso mais forte. Vejo um futuro muito bom aqui se as pessoas quiserem. Pessoas sábias, com um projeto na ideologia. Quando você vê as ruínas, mas ninguém não faz nada, você se sente inútil. Nós vamos interditar, mas ninguém faz nada. Quando chegamos, no início, tinha um núcleo que limpava. O assentamento foi formado assim: cada coordenador pegou a família de outro assentamento. Eu trouxe famílias de respeito, outros pegaram pessoas que eles queriam tirar de lá (outros

assentamentos). Veja só como esse assentamento foi formado. A maioria das pessoas boas criaram raízes, vieram muitas raízes boas. A escola é um marco muito bom no assentamento, os próprios moradores não querem colocar pessoas na escola, vejam só.

(PESSEGUEIRO-BRAVO, 59 anos)

Pessegueiro-Bravo reforça sua fala dizendo que o Movimento para o qual lutou mais de 30 anos precisa ser transparente com as pessoas. Ele possui grande responsabilidade e necessita ter uma coordenação condizente com os princípios do Movimento. Em suas próprias palavras:

Acho que o projeto do movimento continua muito pequeno. Com CCU não consegue empréstimo, o tempo passa rapidamente, a cooperativa tem que ser um projeto muito bem estruturado. Sabendo quais as dificuldades, nesse tempo poderia fazer mais, muita coisa ficou a desejar. Aqui eles [coordenação] foram se perdendo. Acho que poderia ter tirado um pedaço de terra para se trabalhar coletivamente. Teria que ter alguma produção que sustentasse Goianá, distribuir, vender, penso que enquanto movimento, depois do título, o trabalho deles se torna em vão e a concessão de uso não pode passar pra frente. O movimento pode procurar saber. Uns mexe com leite, outros plantam, outros produzem leite e plantam, psicultura, a agricultura, boi, o povo era muito festivo, era um tanto de festa, folclore, sempre mexendo com isso, festa do arroz no Rio Grande do Sul, capoeira, aglomeração na escola do MST. Parece que vai mudando de dirigente, parece que vai esfriando. Quando iniciou tinha mais interação com todo mundo, coordenador veio de fora, mais estudado naquilo dali, um puxa para o lado, outro puxa para o outro. Eu já não procuro ir mais, praticamente não chamam mais. No dia da ocupação tem que ser uma festa grande, festiva, muita festividade, mas vai se perdendo.

(PESSEGUEIRO-BRAVO, 59 anos)

Para que Grumixama tenha um convívio melhor nas terras, uma velhice sem preocupação, como deseja; para que a netinha de Pessegueiro-Bravo vivencie a colheita dos frutos que as terras da Fortaleza podem dar; para que os “coloninhos” vivenciem o contato com a terra, tal como seus avós e pais, algo precisa ser feito no presente. Acredita-se que os acordos de convivência, bem como a preservação da Tradicional Festa de Sant’Anna e o retorno das festividades do Movimento, contribua para a aproximação de um povo que se une por, pelo menos, dois motivos: pela terra e pela vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas considerações dessa dissertação, coloca-se a necessidade de retomar uma fala dos colonos que não só moveu a busca pelo estudo do tema aqui abordado como, também, traz consigo o peso significativo da relação entre colono e Sant'Anna. Não à toa, essa relação trata-se do objeto desta pesquisa de mestrado. Tal fala será retomada da epígrafe introdutória deste trabalho: *“Fui criado aqui dentro, tenho amor por um lugar que nunca foi meu, mas tenho amor. [...] Quero ficar na minha terra. Não dá pra adaptar. Só sair, ir e voltar. Sair daqui só se for pra morrer”*.

Não houve a pretensão de romantizar o “ser” colono e o “estar” dos colonos, porque, bem se sabe, as relações trabalhistas na Fortaleza de Sant'Anna nem sempre se deram de forma pacífica e o trabalho pesado das lavouras deixaram marcas em cada trabalhador dessas terras. Contudo, foi chamada a atenção para mais uma dimensão desse trabalhador, que também enquanto “ser” é subjetivo, possui sentimentos. Então, salientou-se uma das formas do vínculo com a terra, que é subjetiva e também constitui os sujeitos, influenciando o seu *ser* e o seu *estar* no mundo, no lugar. Não se confia para quaisquer pessoas os seus segredos ou a sua vida, mas as águas da cachoeira são testemunhas de confidências de diversos colonos. Sant'Anna, assim, não é qualquer lugar, é o lugar no mundo para esses sujeitos.

Logo, desmembrando a primeira fala, ressaltando-se os termos sublinhados, começemos pelo “lugar que nunca foi meu, mas tenho amor”, emanando-se assim uma questão: é possível amar um lugar que nunca foi meu? Este trabalho fez uma aproximação das diferentes formas de “posse”, da literal posse de propriedade e da apropriação simbólica do território. A partir dessas discussões, será mesmo que o lugar nunca foi dos colonos? Seguindo-se na mesma fala, o “quero ficar na minha terra” parece responder a essa última questão, pois, a “minha terra”, embora seja uma apropriação simbólica, é, de fato, uma apropriação real.

“Sair daqui só se for para morrer” é a frase final dessa fala que também emana questionamentos: Cogitou-se a possibilidade de não estar em algum momento de sua vida em Sant'Anna? Enquanto um cemitério ativo, os sujeitos com diferentes vínculos com a Fazenda tinham a possibilidade de até mesmo na morte permanecer conectado a ela. Contudo, com a desativação do cemitério, os colonos saem desse lugar para serem enterrados no cemitério municipal de Goianá. Esse fato permite compreender o porquê de “sair daqui para morrer”, e atrelado a isso, mais uma vez uma importante constatação, a de que sair do lugar, implicaria em morte. Morte de quem? Do sujeito desterritorializado, pois o lugar é parte condicional de sua existência.

O medo do amor morrer, de se perder, parece, afinal, mais que um incômodo, uma batalha do *ser* colono que, na pausa, se movimenta também como uma condição existencial (preciso sair, não preciso sair, o que será do meu “eu” colono se houver a necessidade de sair?). Se o lugar é o amor dos colonos, como se faz uma adaptação do amor diante de uma desterritorialização?

Percebe-se que o texto “*A gente quer dizer que a gente existe*” fala de amor e de conflito quando esse amor, não somente, é questionado, mas ameaçado no campo da existência. Isso porque o amor parece ser uma condição dessa existência.

Retomando-se, ainda, a epígrafe que introduz essa dissertação: *O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela* (TUAN, 1980, p. 108), e após as discussões que envolveram o objeto dessa pesquisa, percebe-se o quanto o apego e o amor são profundos. Contudo, as terras que hoje passam por um processo de redistribuição chegando às mãos dos trabalhadores não foram ganhas, mas conquistadas por meio de uma história de muita luta. Luta do MST, mas, sobretudo, da luta diária e histórica dos colonos que existiram, resistiram existindo e, ainda, passam por um processo de reconquista das terras a partir do processo de desapropriação em 2010.

A topofilia dos colonos é uma relação de filiação com o lugar, é uma relação geracional e, ainda que seus corpos pós-morte não estejam enterrados no lugar, seus umbigos⁵⁷ (literalmente) o foram, seus ascendentes o foram. Logo, sua história permanece viva enquanto os solos, as águas e os ares de Sant’Anna permanecerem igualmente “vivos”.

Nesta pesquisa, mais do que a escuta dos atuais colonos, procurou-se escutar a sua ascendência por meio da escuta documental, focando nos trabalhadores reais dessas terras, os quais são os que habitaram; os que trabalharam nas terras; os que modificaram o espaço, sendo modificados por ele.

Portanto, o “*A gente quer dizer que a gente existe*” é uma pesquisa que propôs discutir os sentidos de lugar e, com eles, a existência de um povo. Essa frase que intitula o presente texto foi dita por uma colona da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna. Na ocasião, ela pôde traduzir bem a sua busca (na esperança de ser escutada) por uma necessidade existencial, a de existir e a de permanecer existindo.

Em vista disso, este texto que inicialmente disse que “a gente quer dizer” de uma existência teve como cerne o **Dasein** de Heidegger, o **estar-aí**, a existência dos sujeitos existindo. Isto é, aqui foi observada, na tentativa de compreender o sentido de pertencimento a

⁵⁷ Há uma prática entre os colonos de enterrarem os umbigos das crianças nos solos de Sant’Anna.

um lugar, onde um dado recorte espacial foi se tornando pausa, estabilidade e provocando uma identidade nos sujeitos, que também é espacial.

Essa necessidade e incômodo do “existir” suscitou um problema de pesquisa, que visou ser trabalhado e respondido ao longo dessa dissertação. Reconhecendo-se o vínculo “umbilical” dos colonos com a Fortaleza de Sant’Anna, procurou-se melhor compreender os sentidos de lugar desses colonos e, por sua vez, as mudanças associadas ao processo de ocupação do MST. Buscou-se, ainda, compreender os exercícios de territorialidade desses colonos antes e depois de tal processo da passagem de poder de propriedade dos Tostes para o MST.

Percebeu-se ao longo desse trabalho que tal processo se caracterizou como um evento externo, que provocou uma consciência da identidade territorial já latente nos colonos. Tal evento, entendido como um marco histórico na Fortaleza de Sant’Anna (2010), trouxe repercussões para os exercícios de territorialidade dos colonos, que, até então, não tinham seu direito à propriedade reconhecido, embora já tivessem uma história e uma geograficidade de longa data com o território.

Em umas das importantes repercussões nos exercícios de territorialidade dos colonos, emergiram lugares de tristeza, de saudade, novos lugares de medo, e, também, surgiu um ruído causado por conflitos de ideias e por diferentes demonstrações de poder na Fortaleza de Sant’Anna/Denis Gonçalves: a descaracterização da Tradicional Festa de Sant’Anna. Esta é uma manifestação que ocorre desde o século XIX, seguindo até o momento, porém descaracterizadamente desde a ocupação em 2010. Do ponto de vista cultural, isso representa um problema à reprodução das tradições. Diante das novas lógicas territoriais e das dinâmicas de relações de poder, as repercussões nos sentidos de lugar dos colonos em Sant’Anna voltar-se-ão ao topocídio e o apagamento cultural, caso algo contrário a esse movimento não seja feito.

Contudo, é importante ressaltar que a desapropriação das terras da Fortaleza de Sant’Anna pelo Incra diante da luta do MST pelo movimento de reforma agrária não trouxe apenas repercussões negativas. Pela primeira vez na história, os colonos passaram a ter direito às terras onde sempre plantaram (e, antes deles, seus pais, antes deles seus avós, trisavós, tataravós etc.). Logo, a redistribuição de terras pelo Incra abriu margem para essa esperança do acesso à terra para os colonos e para trabalhadores do MST. “Esperança” porque, embora o parcelamento das terras já tenha ocorrido, hoje os trabalhadores têm uma concessão de uso apenas, não a titularidade.

O amor, o ódio, a afeição, o medo, o choro, o sofrimento, os anos, os amores, os senhores, os companheiros, a terra, o cativo, o sol, a terra, a mata, as plantações, a terra, a chuva, o abrigo, a terra, a “liberdade” do escuro, a prisão do “abrigo”, a terra, ligações trabalhistas,

ligações com as pessoas, ligações com a terra e tantos outros sentimentos fizeram de Sant'Anna um lugar singular para os colonos. Mais que amor e afeição, mais que medo e aversão, é “tudo”, para eles, “é a vida”, é como uma colona disse em entrevista: “colona? Não sei ser outra coisa sem ser colona!”.

Obviamente, para a conformação desse tipo de relação espacial, necessitou-se tempo e, no caso dos colonos, esse tempo de enraizamento ultrapassa a duração de suas próprias vidas e está atrelado às vidas de trabalhadores que já não existem materialmente nessas terras. Contudo, a conexão desses antigos trabalhadores com a terra permanece, a ancestralidade também conecta Sant'Anna aos colonos.

Sendo o lar o centro mais profundo da existência do viver e significado de ser (TUAN, 1980), Sant'Anna sempre conformou, mas hoje conforma oficialmente, um grande lar para os colonos. Um lar em que não há mais lugares proibidos ou frutas que não possam ser comidas; um lugar em que à frente da capela possam se sentar os mais velhos, em respeito, e não os senhores mais ricos e detentores de poder; um lugar em que crianças de sete anos troquem a enxada por lápis; um lugar onde a sabedoria popular e idosa é de grande valor; um lugar sem troncos de torturas, sem amarras ou cativeiros; um lugar livre e o lugar do livre trabalhador.

O “*A gente quer dizer que a gente existe*”, portanto, evidencia a existência dos atuais colonos de Sant'Anna, mas os atuais são também os que já foram e os que já foram hoje são a terra, o solo, são Sant'Anna, sendo Sant'Anna. Os antepassados hoje podem estar em memória. Assim, a Belmira; o Adão; o Catão; a Joana; o Fernando; o Viriato; o Cipriano; a Leonora; a Maria Gertruta; o Julião; o Manuel João; o Matheus; a Clementina; a Polucena; o Arthur; o Malaquias; a Simplicia; o Juvêncio; o Augusto; o Zeferino; a Luiza Conga; o Jeremias; a Magdalena; o Satyro; a Clara; e o Catão podem estar livres também.

Ou seja, esses trabalhadores podem descansar nos solos libertos da Fortaleza de Sant'Anna, deixando aos seus ascendentes, um século depois, a esperança de uma nova reorganização; de mútua cooperação; com novas e futuras conexões, com problemas a serem resolvidos, mas com a possibilidade de a terra ser cultivada pelos trabalhadores que ‘sempre’ estiveram nela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Louiz; AGASSIZ, Elisabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1975.

BEGHINI, Ricardo. MST invade fazenda histórica na Zona da Mata. CB. 2010. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/03/26/interna-brasil,182126/mst-invade-fazenda-historica-na-zona-da-mata.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2024.

BELANDI, Caio. 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. **Agência de Notícias IBGE**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022> Acesso em: 3 dez. 2023.

BELO HORIZONTE. Fundo - Secretaria de Governo da Capitania (seção colonial). **Secretaria de Estado de Cultura, Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=31 Acesso em: 2 jan. 2024.

BRASIL. Decreto de 23 de dezembro de 2011. Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado “Fazenda Fortaleza de Santana”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília–DF, n. 247, p. 165, 26 dez. 2011.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; SANTOS, Roseli Alves dos Santos. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos, experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 315-340.

CARVALHO, Naiara Maira Amorim. **Entre Fazenda Fortaleza de Sant’Anna e Assentamento Dênis Gonçalves: Projeto de Intervenção no Conjunto Edificado da Sede**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

CLAVAL, Paul. O território da transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**. Universidade de Paris-Sorbonne. a. 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

CLAVAL, Paul. “A volta do Cultural” na Geografia. **Mercator: Revista de Geografia da UFC**. a.1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio **Mercator: Boletín de la A.G.E.** n 34, p. 21-39, 2003.

COLOMBO, A. V. BARBOSA, C. H. R. Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna. *In*: **JORNAL MUNDO RURAL**. São João Nepomuceno, 20 jan. de 2002. Ano 1, n. 10

COLOMBO, A. V. BARBOSA, C. H. R. História do patrimônio cultural na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna. *In*: SILVA, Wesley Daniel (org.). **Aspectos históricos e culturais do município de Goianá**. Conselho Municipal do Patrimônio Histórico: Goianá, 2007. p. 57-68.

COLOMBO, André Vieira; CORRÊA, Ângelo Alves Corrêa. “Cavernas da Babilônia” Narrativas E Intervenções: vestígios funerários pré-coloniais na microrregião de Juiz de Fora. **LEPAARQ**. Vol. 11, n. 21, 2014.

CORREIA, Marcos Antônio. Ponderações reflexivas sobre a contribuição da fenomenologia à Geografia Cultural. **RA'E GA**, Curitiba, n. 11, p. 67-75, 2006.

CRUZ, V. C. Uma proposta metodológica para o uso/operacionalização dos conceitos na pesquisa em geografia. *In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos*, 2010, Porto Alegre. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010.

CUCHC, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. 256p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159p.

DIAS, Maddalena Trifilio. **Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram**. 2.ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2 ed., 2022, 220 p.

DUARTE, Jorge Antonio Menna. Entrevista em profundidade. *In: Jorge Antonio Menna Duarte. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 1ed., São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/43DhozF>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/r8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ETIMOLOGIA DE MEDO. *In: VESCHI, Benjamin. Origem do conceito*. 2019. <https://etimologia.com.br/medo/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

FRANCISCO, Aline Maria; SALUSTIANO, Dulcineia Aparecida; COSTA, Wendel Alexander. **Resgate: uma homenagem aos antigos moradores da Fazenda Fortaleza de Sant'Anna**. Juiz de Fora: André Colombo, 2023. 252p.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 5, p. 1-15, 2010.

GOIANÁ. **Dossiê de Tombamento: Livro de Registro de Batismo da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna**. Goianá: Centro Cultural, 2009.

GOIANÁ. **Inventário de bens culturais da Seção 1 - Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna: IPAC 1-7**. Goianá: Centro Cultural, 2009.

HAAS, Guilherme. Os 10 sites mais acessados do Brasil e do mundo em 2023. **Canaltech**, 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/os-10-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo-em-2023-273797/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2021. 395p.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Londrina: Eduel, 2016.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**. n. 7, 1997.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, a.1, n. 7, p. 67-78, 1999.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**. UERJ, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232>. Acesso em: 15 out. 2021.

IBGE. **Rio Novo: História**. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-novo/historico>. Acesso em: 2 de jan. de 2024.

JUIZ DE FORA. Demarcação do Caminho Novo em Juiz de Fora deve iniciar dentro de três meses. **Prefeitura de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://encr.pw/Dhkzo>. Acesso em: 02 jan. 2024.

LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII. **Histórica**. São Paulo: Online, v. único, n. 8, p. 1-9, 2006.

MACHADO, Pedro José de Oliveira. **Formação territorial de Juiz de Fora: um exercício de Geografia Histórico**. Florianópolis: Autores do Brasil, 2023. 265p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, 2005.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MEDO. *In*: DICIONÁRIO da língua portuguesa. **Michaelis**. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/medo/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

MEDO. *In*: DICIONÁRIO da língua portuguesa. **Priberam**. 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/medo>. Acesso em: 8 fev. 2024.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. LEI n.º 147, de 06/04/1839: Texto Original. Belo Horizonte, 2023. <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/147/1839/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Inquérito Civil n.º 1.22.001.000399/2015-91 e Processo IPHAN n.º 01514.001779/2010-33**. Procuradoria da República no Município de Juiz De Fora/MG. Juiz de fora, 2020.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

ORAÇÃO à Sant'Ana. Catedral Metropolitana de Sant'Ana. Bahia. Disponível em: <https://www.catedraldesantana.com.br/oracaos-a-santana/>. Acesso em 11 set. 2022.

PONTE, Patrícia. Ver, ser e estar nas paisagens: trajetórias de um conceito em abertura. **Geo'textos**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 217-238, 2019.

PROTO-EVANGELHO DE TIAGO. A INFÂNCIA DE Cristo segundo Tiago: A Natividade de Maria. Disponível em: http://www.teologiapelainternet.com.br/biblioteca/arquivos/Evangelicos/LivrosApocrifos/Apocrifos_Natividade_Maria.pdf. Acesso em: 29 maio 2023.

READERS, Georges. O inimigo Cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil. Tradução: Rosa Freire d'Aguilar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 273p.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 2008. 155p

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIO POMBA. História da Cidade. **Câmara Municipal de Rio Pomba**. Rio Pomba, 2017. Disponível em: <https://www.riopomba.mg.leg.br/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

RITTER, Carlos. Reflexões epistemológicas sobre os “territórios de identidade”. **Geografar**. Curitiba, v.6, n.1, p.95-109, jun., 2011.

RODRIGUES, André Figueiredo. Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador dom Rodrigo José de Meneses. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n.º 46, p. 253-270, 2003.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. Em terras nobres: Fragmentos do cotidiano da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna sob a ótica de um inventário post-mortem - Juiz de Fora -1870/1888. 2001. **Monografia** (Especialização em História do Brasil.) -UFJF, Juiz de Fora, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. 196p.

SARAIVA, Luiz Fernando; GUIMARÃES, Elione Silva. Fortaleza de Santana, fortuna e infortúnios: a longa duração em uma mega propriedade agrícola no império e república do Brasil (c. 1806–2003). *In*: XV Congresso Brasileiro de História Econômica & 16ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2023, Osasco. XV Congresso Brasileiro de História Econômica & 16ª Conferência Internacional de História de Empresas. Anais [...]. São Paulo: ABPHE, v. 1. p. 1-15, 2023.

SARAMAGO, Lúcia. A aproximação fenomenológica do mundo. *In*: SARAMAGO, Lúcia. **A Topologia do Ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. São Paulo: Loyola, 2008. Capítulo 1. p. 13-52.

SARAMAGO, Lúcia. O espaço como “instrumento de habitação”: ser e tempo e a espacialidade pragmática do Dasein. *In*: SARAMAGO, Lúcia. **A Topologia do Ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. São Paulo: Loyola, 2008. Capítulo 2. p.53-132.

SILVA, Wesley Daniel. À sombra do Limoeiro: uma proposta de estudo. *In*: SILVA, Wesley Daniel (org.). **Aspectos históricos e culturais do município de Goianá**. Conselho Municipal do Patrimônio Histórico: Goianá, 2007. p. 11-56.

SOUZA, N. T. A. **Um lugar, múltiplas vivências e a comunidade tradicional de Sant'Anna**. Orientador: Leonardo de Oliveira Carneiro. 24 f. 2019. Monografia (Especialização em Conhecimentos Tradicionais e Práticas Escolares na Educação Básica). UFJF, Juiz de Fora, 2019.

SOUZA, Naiara Thais Alves; SANCHO-PIVOTO, Altair dos Santos. Para gelar a alma dos vivos: lugar de medo na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, Goianá–MG. **Territorium Terram**, São João Del Rei, v. 6, n. 1, p. 178-190, 2023.

THOMPSON, Paul. A Entrevista. *In*: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Voz e Terra, 1998. p. 254-278.

TUAN, Y. F. **Paisagem do medo**. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 374p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 4-12, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE – COLONOS

OS COLONOS DA FAZENDA DA FORTALEZA DE SANT'ANNA

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO

ENTREVISTADO: (mencionar/assegurar ao respondente o anonimato)	
Idade:	Sexo:
Escolaridade:	
Posição social na comunidade:	
Função trabalhista:	
Há quanto tempo vive na Fazenda:	

QUESTÕES-GUIA

TÓPICO 1: relação entre colono e lugar

[Compreender os sentidos de lugar para os colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna]

“Passado”

1. Sobre o passado, como foi sua infância na Fazenda? O que costumava fazer em relação a trabalho/tarefas (exercícios materiais), lazer/diversão (exercícios imateriais)?
2. Se puder fechar os olhos e imaginar um lugar da Fazenda que mais te fazia bem nessa época, que você gostava ou que trazia uma sensação boa ou de afeto, qual seria e por quê? [como são os lugares de afeto da infância?]
3. Algum alimento do seu cotidiano te faz lembrar da Fazenda da sua infância?
4. Agora, fazendo um exercício contrário, na sua infância, ou em outro momento do passado, você se lembra de algum lugar na Fazenda que te dava medo?
5. Como era o seu trabalho quando esse território ainda era uma fazenda? Como era a sua relação com os donos da fazenda? Como era trabalhar na fazenda?
6. Divisões e usos do território/Acordos entre colonos... tensões e conflitos... ideia de território comum ou cada um tinha (controlava) seu pedaço de terra?
7. Quais eram as principais tradições, costumes, festejos dos colonos na Fazenda? [Como são as festividades tradicionais na Fazenda, como é seu envolvimento com elas?]
8. Como era a relação entre os colonos e os antigos proprietários da fazenda? (relações interpessoais, de trabalho, acordos, processo produtivo...)
9. Como enxergavam os proprietários da fazenda?
10. De forma geral, o que a Fazenda significa para você? [o que significa enquanto território, enquanto história, enquanto lugar de morada, de trabalho]
11. O que é “ser colono” para você?

“Presente”

12. Qual a sua rotina na Fazenda hoje? [entender como é o cotidiano no lugar, quais suas tarefas diárias, o que faz no dia a dia na Fazenda que provoca sentimentos bons, o que não gosta de fazer na Fazenda]
13. Atualmente, como são as tradições de colonos na Fazenda? [Como são as festividades tradicionais na Fazenda, como é seu envolvimento com elas?]
14. Hoje seus lugares de afeto permanecem os mesmos de antigamente? Explique

15. Existe algum lugar na Fazenda hoje que lhe dá medo, aversão?
16. Escolha uma dessas fotografias (ver anexo VIII). Ao olhar para ela, quais sentimentos são despertados em você? Dentre as outras fotografias, por que escolheu essa?
17. Se um turista quiser conhecer a Fazenda, suas histórias de vida e as histórias de vida dos colonos, como você descreveria a relação dos colonos com essas terras?

TÓPICO 2: a ocupação do MST

[Compreender as mudanças nos exercícios de territorialidade e nos sentidos de lugar dos colonos]

18. Qual a sua visão sobre a chegada do MST em Sant'Anna?
19. Vocês tinham informações sobre o processo de ocupação? Na época, entenderam o que estava acontecendo?
20. Como foi para você a ocupação do MST na Fazenda? Como avalia a forma como aconteceu a chegada do MST? O que você pensava naquele momento em relação à entrada do MST no território?
21. Como ficou a relação dos colonos e proprietários da Fazenda quando da chegada do MST? Houve tentativa de resistir à ocupação? Como?
22. Qual parte do território passou a ser ocupado? Vocês deixaram de usar partes da terra que antes tinham o costume de usar? O que isso significou?
23. Hoje, como é a sua relação com o MST?
24. Com a entrada do MST na Fazenda, você enxerga alguma mudança em você e/ou na Fazenda? Se sim, o que mudou?
25. Você continua a desempenhar suas práticas de trabalho, descanso, lazer, diversão, manifestações culturais (DE REPENTE, ESPECIFICAR ALGUNS PONTOS... FESTA DE SANTANA...)? Comente.
26. Houve alterações nos seus lugares de medo e de afeto? O que mudou nos seus lugares?

“Futuro”

27. Você planeja continuar a morar na Fazenda? Por quê?
28. Se puder modificar algo em sua vida, o que faria?
29. Como você enxerga o futuro aqui na Fazenda?
30. Como você enxerga o futuro dos colonos da Fazenda?

Fonte: instrumentos da pesquisa (2024).

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM QUESTÕES
SEMIESTRUTURADAS – MST**

O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO

ENTREVISTADO: (mencionar/assegurar ao respondente o anonimato)	
Idade:	Sexo:
Escolaridade:	
Se identifica como: () Colono () MST () Outro:	
Posição social na comunidade:	
Há quanto tempo vive na Fazenda:	

QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS

“Passado”

1. Por que a escolha por esse território e como foi o processo de ocupação do MST na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna em 2011?
2. Qual era o objetivo do movimento nessas terras inicialmente?
3. Por que nomear o território ocupado por Denis Gonçalves? O que isso representa para o MST?
4. Quantas pessoas do movimento foram assentadas nesse território? Dessas, houve alguma evasão das terras desde 2011? Qual o motivo?
5. O movimento inicialmente estava ciente da presença de moradores que habitavam essas terras antes da ocupação? Para o MST, como foi o contato inicial com esses sujeitos?
6. Houve preocupação em relação aos colonos? Em que sentido?
7. As partes dos territórios já ocupados pelos colonos foram mantidas com eles?
8. Como era a relação entre colonos e trabalhadores do movimento nos primeiros meses do assentamento?
9. Houve situações de tensão ou mesmo conflitos com os colonos? Comente.

“Presente”

10. Quais são hoje os objetivos do movimento nessas terras?
11. Nesse momento, quais atividades econômicas e culturais o movimento realiza nessas terras? Todas as famílias são envolvidas nessas atividades?
12. Hoje, os territórios de cada grupo são reconhecidos e respeitados por todos?
13. Como é a relação entre colonos e trabalhadores do movimento hoje? Como se dá o convívio na Fazenda?
14. Há integração entre colonos e o MST no que diz respeito às atividades econômicas e culturais?
15. O MST e a AMS articulam algumas atividades em conjunto nessas terras?

“Futuro”

16. Como você enxerga o futuro aqui na Fazenda?
17. Se puder modificar algo em sua vida, o que faria?
18. Como você enxerga o futuro dos colonos da Fazenda?

Fonte: instrumentos da pesquisa (2024).

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM QUESTÕES
SEMIESTRUTURADAS – AMS**

A ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE SANT'ANNA (AMS)

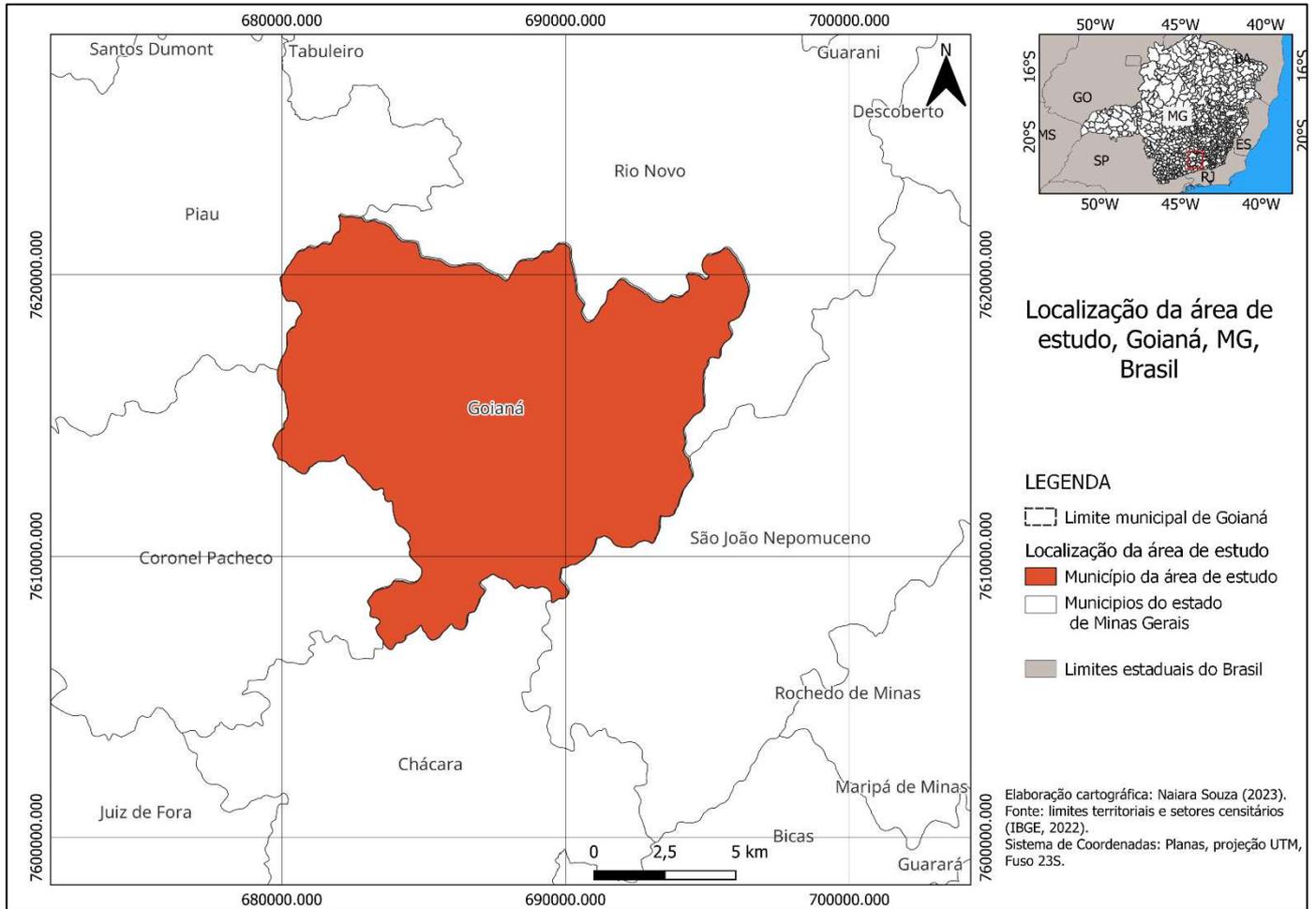
QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO

ENTREVISTADO: (mencionar/assegurar ao respondente o anonimato)	
Idade:	Sexo:
Escolaridade:	
Se identifica como: () Colono () MST () Outro:	
Posição social na comunidade:	
Há quanto tempo vive na Fazenda:	

QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS

1. Quantas famílias residem em Sant'Anna? Há uma contagem populacional dos moradores? Se sim, quantas pessoas se identificam como colonos?
2. Para a associação, os colonos extrapolam os limites de Sant'Anna? Ou todos residem aqui?
3. Quando a AMS foi criada e qual o seu objetivo?
4. O que é “ser colono” para a associação?
5. Todos os colonos foram assentados nas terras depois da ocupação do MST?
6. Os colonos produziam alguma atividade econômica ou cultural em Sant'Anna antes da ocupação do MST? E hoje?
7. Como é a relação entre colonos e trabalhadores do movimento hoje? Desde o início da ocupação foi assim?
8. Há integração entre colonos e o MST no que diz respeito às atividades econômicas e culturais atualmente nesse território?
9. O MST e a AMS articulam algumas atividades em conjunto nessas terras? E individualmente, a AMS articula alguma atividade específica para os colonos?
10. O que muda na relação entre colono e Fazenda após a ocupação do MST para a associação?
11. Como a associação enxerga o futuro dos colonos nessas terras?
12. Há algum movimento interno no que diz respeito a conservação de áreas comuns na Fazenda por parte dos colonos e/ou da associação? [como os colonos enxergam as construções históricas da Fazenda?]

ANEXO I – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GOIANÁ-MG



Fonte: elaborado pela autora (2023).

ANEXO II – O CASO DO EMPREITEIRO ANTÔNIO PEREIRA, JORNAL O SUL DA MATA, 2002

4 - O SUL DA MATA®
Cultura Popular da Região
Sexta-feira, 2 de agosto de 2002

ANO III
Nº 140

O Caso do Empreiteiro Antônio Pereira Goianá - MG.*

A exemplo da *"Lenda da Índia Suicida"* apresentada anteriormente, outra forte ocorrência no imaginário das pessoas da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna é o mito do *"Antônio Empreiteiro"* ou *"Antônio Pereira"*, ou em outros casos conhecido como o *"Homem da Mula Preta"*. São contos de assombrações sempre associadas às lembranças de um fato histórico, também muito marcante para a formação da cultura local. Essas lembranças são cultivadas através das histórias contadas pelos moradores mais antigos ainda vivos, que tem passado essas histórias através do processo da oralidade.

A primeira vez que escutamos este relato, foi quando de nosso trabalho de pesquisa, entrevistamos alguns moradores da Fazenda de Sant'Anna, e então uma moradora comentou sobre um estranho fato. Dizia ela que depois das dez horas da noite, não se podia andar pela Vila dos Colonos, pois podíamos encontrar a *"assombração de um homem pardo, alto, forte, de chapéu preto, muito perfumado, fumando fumo de rolo, montado em uma mula preta, com arreio bem decorado com argolas e fivelas douradas, acompanhado de dois capangas também com mulas pretas e arreios decorados"*.

Depois de escutarmos esta história por inúmeras vezes, começamos a investigar o que tinha de real e o que era apenas ficção. Tão logo encontramos fundamentos de um fato real ali ocorrido e assim pudemos estabelecer mais uma vez, a relação de um fato histórico com o surgimento de uma lenda. Contava-se que Antônio Pereira

tinha sido um assassino de muitas vítimas na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. Atualmente o personagem *"Antônio Pereira"* é um personagem temido; Muitos moradores preferem nem comentar sua história devido aos detalhes cruéis dos fatos narrados.

Após constantes ocorrências de referências em vários depoimentos dos moradores mais antigos sobre o referido *"Antônio Pereira"* na fazenda, partimos para a busca de documentos oficiais que comprovassem os fatos narrados pelos moradores. Ao pesquisar diversos processos-crime de Sant'Anna localizamos o processo referente ao dito indivíduo. Desse documento extraímos vários dados de grande importância para entender o surgimento do mito, Antônio Pereira.

Antônio Pereira era natural de Diamantina. Empreiteiro e contratador buscava colonos em diversas localidades do estado para trabalhar nas lavouras de café da fazenda. Na maioria das vezes estes colonos chegavam em comboios vindos de longe, tendo a frente o empreiteiro e passavam pela Vila de Colonos, quase sempre à noite, em direção a Serra da Babilônia.

Era um homem cercado de mistérios e comentava-se que ele já havia cometido atrocidades em muitas outras cidades.

Entre as atitudes do empreiteiro uma das mais severas era a separação das famílias para evitar que as mulheres tivessem filhos. De acordo com os relatos dos moradores mais antigos, os homens ficavam no pé da Serra, enquanto as mulheres e crianças ficavam no alto da Serra em casas isoladas. Há um relato que

diz ter ocorrido em determinada vez, que durante o trabalho da lavoura, uma mulher teria iniciado trabalho de parto e devido a complicações, ele teria ordenado que a jogassem ainda com a criança no açude.

Com o passar dos dias, os colonos iam sendo praticamente escravizados, eram constantes mortes e inexplicáveis sumiços de colonos. O empreiteiro passa a ser escoltado por dois capangas contratados por ele, temendo retaliações por parte de colonos.

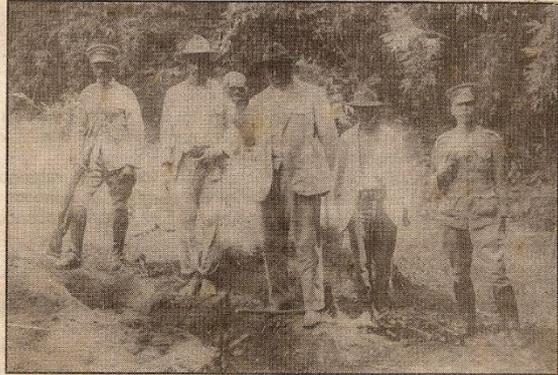
Os castigos a que eram submetidas suas vítimas quase sempre resultavam em morte. Em um dos casos mais famosos, que resultou o processo em que ele foi julgado, consta espancamento e banho de sal na vítima *"Eduardo de tal"* até a morte. Foi aberto processo contra ele e o réu tentou fugir tomando o trem na Estação de Ferreira Lage com destino a Furtado de Campos, onde foi preso pelo Tenente Amaral e levado a julgamento pelos assassinatos cometidos.

Durante os depoimentos o réu confessa esse e mais dezenas de crimes, ali e em outros municípios, como consta de seu depoimento, *"Troquei tiros com a polícia em Curvelo, matei uma mulher em Diamantina..."*.

De acordo com o processo, Antônio Pereira foi obrigado a desenterrar algumas de suas vítimas, e com uma delas foi obrigado a ser fotografado no cemitério da fazenda durante o exame de corpo delicto realizado pelo médico rionovense Dr. Mario Dias Ladeira. A foto que também é citada nos autos de um processo crime fazia parte do acervo do referido médico e foi doada ao Museu de Rio Novo, sendo posteriormente por nós identificada. O documento histórico trata-se de um processo arquivado na Divisão do Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, onde pesquisamos estes dados e muitos outros processos referentes à mesma propriedade e é datado de meados da década de 1920, contendo todas as informações sobre o caso.

O inquérito que durou muitos anos acabou com a absorção do réu-confesso e desse fato surgiu mais uma dessas temidas histórias de assombração da região. São constantes os relatos dos que dizem já terem visto as aparições do cavaleiro e seus capangas a altas horas da noite.





Antônio Empreiteiro exhibe o crânio de sua vítima, no Cemitério da Fazenda de Sant'Anna, escoltado por policiais, durante a exumação do corpo.

(* Esse relato faz parte do Capítulo *"Atrativos Sociais e Culturais da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna"*, do Projeto de Resgate Histórico-Cultural dessa propriedade, por nós idealizado e desenvolvido através da Fundação Chico Boticário - Rio Novo/ MG).
 André Vicira Colombo
 Carlos Henrique dos Reis Barbosa

Fonte: acervo pessoal de Carlos Henrique, estudioso da área (2023).



Antônio Empreiteiro - 1925

Fonte: acervo pessoal de Everton Lage (2023).

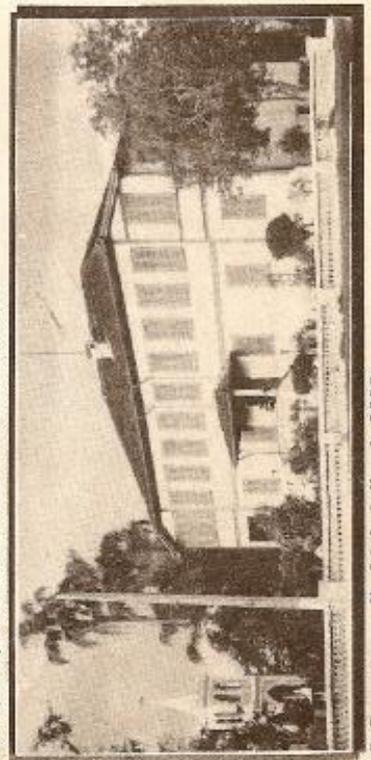
ANEXO III – A HISTÓRIA EM CHAMAS, JORNAL RIONOVENSE – 2001

10

A História em Chamas

Aconteceu no dia 16 de março, um incêndio que destruiu totalmente a sede da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, no município de Goiânia. Essa fazenda histórica é uma das mais antiga e importante da região da Zona da Mata Mineira, desde as primeiras décadas do século XIX. A história desta propriedade começa por volta de 1820, quando varias famílias adquiriram sesmarias na região denominada Serra da Babilônia. Alguns anos após essa distribuição, o Ten. Cel. Maximiano José Pereira de Souza, compra varias quartas de terras, constrói um engenho, casa de morada e capela. Com sua morte, a família vende a fazenda para o Cap. Mariano José Ferreira Armond, que veio morar nessa propriedade com sua esposa D. Maria José de Sant'Anna, e seu filho Mariano Procópio Ferreira Lage. Mariano José investiu na produção de café, transformando essa fazenda em uma das maiores produtoras do século

Foto: Arquivo Projeto Histórico-Cultural da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna



O Casarão no dia 26 de julho de 2000

O Rionovense

ABRIL DE 2.001

fazendas de café da zona da mata: São Mathews e Fortaleza de Sant'Anna. Durante a época que pertenceu a Família Ferreira Lage esse casarão abrigou vários visitantes ilustres como D. Pedro II, Louis Agassiz, Glaziou, Gorceix, Hartt, Ladislau de Mello Netto e o Dr. Basílio Furtado, que realizaram diversos estudos nessa propriedade.

A família Tostes, que sempre teve e tem grande prestígio junto à política brasileira, recebeu também grandes nomes, entre eles, o presidente Getúlio Vargas, os governadores Juscelino Kubitschek e Benedito Valadares, entre outros que durante esses cem anos de história conviveram com essa distinta família. Com esse incêndio, perde-se um acervo histórico de valor incalculável. Móveis antigos, documentos raros, coleções de cristais e porcelanas, uma grande biblioteca com livros raros, obras de arte, troféus, medalhas, diplomas, fotos de época, enfim um dos maiores acervos particulares que havia nessa região. A polícia ainda

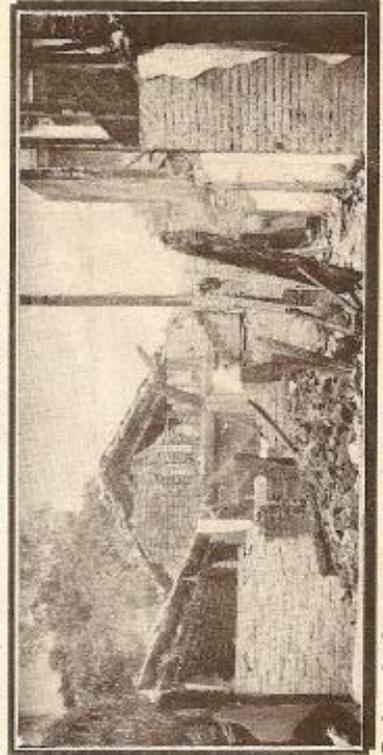
investiga as causas do incêndio, que começou por volta das 4:00 horas da manhã, inicialmente foi aceita a hipótese de tratar-se de um curto circuito nas instalações elétricas da casa, no entanto a possibilidade de incêndio criminoso esta sendo investigada.

Ha algum tempo, idealizamos o Projeto de Resgate Histórico-Cultural da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, e mesmo com essa perda significativa pretendemos levar esse estudo até o fim. Parte do nosso acervo fotográfico esta sendo usado inclusive pela Polícia Técnica, afim de que sejam esclarecidas as causas do incêndio.

Na oportunidade agradecemos aos moradores da Fazenda Sant'Anna pela acolhida durante esse episódio lastimável, assim como durante todos os trabalhos de campo do projeto, à família Tostes, pelo apoio neste projeto de pesquisa, e à Direção do jornal "O Rionovense" pela divulgação, deste fato histórico.

André Vieira Colombo Carlos
Henrique dos Reis Barbosa.

Foto: Arquivo Projeto Histórico-Cultural da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna



Ruínas do Casarão após o incêndio no dia 16 de março de 2001

ANEXO IV – A FAZENDA DA FORTALEZA DE SANT’ANNA E SUA HISTÓRIA, JORNAL MUNDO RURAL –2002

ANDRÉ VIEIRA COLOMBO
CARLOS HENRIQUE R. BAMBOSA
 Fundação Cultural Cisco
 Boticário - Rio Novo/MG

A Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, atualmente localizada entre os municípios de Goiânia, Colíder, Pacheco e Chacarã, tendo pertencido anteriormente a Barrocinha, Rio Pombo, Mar de Espanha, Piau, Juz de Fora e Rio Novo, é uma das mais importantes construções históricas do período áureo do café.

A história desta propriedade começa nos finais do século XVI, quando várias famílias tomaram posse de grandes extensões de terras na região denominada “Sertões de Leste Proibido” nas redondezas dos vales dos rios Paranaíba, Pombo e Novo. Alguns anos após a posse, uma dessas famílias, os “Perera de Souza”, adquiriram legalmente o direito de posse através de “Carta de Sesmaria”, essa propriedade na época “com 3.300 braças em quadro de terras”, esse documento foi expedido em 1811, mas a família já estava instalada há muito tempo, já haviam construído o engenho, a casa de morada e uma capela. Em 1815 a propriedade era conhecida como “Fazenda da Fortaleza do Rio Novo”.

Mais tarde, o afilhado Maximiano José Perera de Souza, que havia herdado a fazenda com a morte do pai, José Perera de Souza, então primeiro proprietário da fazenda, era Juz de Paz e foi um dos responsáveis pela demarcação e expansão do município de Rio Novo, quando elaborou junto com uma comissão o primeiro termo de armariento de Rio Novo, em

julho de 1834.

A denominação de Fortaleza de Sant’Anna, deveu-se à junção do antigo nome com o novo, proveniente do culto à Santa Anna, introduzido na fazenda pela esposa, a Baronesa Maria José de

Em meados do século XIX, Maximiano vende a propriedade para o Capitão Mariano José Ferreira Almeida, que veio morar nessa propriedade com sua esposa, D. Maria José de Sant’Anna e seu filho, Mariano Procópio Ferreira Lage, ambas as famílias, “Amorim” e “Perera de Souza”, tiveram participação decisiva na Revolução Liberal de 1842.

Após a venda da propriedade, Maximiano mudou-se com a família para a região de Carangalá, tornando-se próspero fazendeiro e produtor de café, tendo sido o doador do patrimônio para a construção da primeira igreja da cidade de Tombos. Atualmente Maximiano José Perera de

Souza é considerado um dos fundadores do referido município.

Mariano José, o novo proprietário da fazenda, investiu na produção de café, transformando essa fazenda em uma das maiores produtoras do século XIX, produção esta que foi a razão principal da construção da Estrada de Rosagem União e Indústria, ligando a Zona da Mata à capital do Império. Pela realização dessa obra, Mariano Procópio ria receber o título de Barão de Sant’Anna, mas recusou o título a fim de que fosse concedido a sua mãe, a Baronesa de Sant’Anna.

A denominação de Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, deveu-se à junção do antigo nome com o novo, proveniente do culto à Santa Anna, introduzido na fazenda pela

esposa, a Baronesa Maria José de

Sant’Anna. No ano de 1865, o retratado senhor Louis Agassiz, visita a propriedade e descreve toda sua estadia na propriedade em seu livro “Uma Viagem pelo Brasil”. Agassiz coletou plantas e peixes no rio Novo, por ordem de Mariano Procópio, que foram estudadas e catalogadas pelo cientista, atualmente pertencente ao Museu do Cambridge, nos Estados Unidos.

No ano de 1869, visita a propriedade D. Pedro II, acompanhado da Família Imperial e do diplomata francês “Comte de Golmezar”, que também descreveu os momentos do Imperador que “quis ver

remiter o acervo ao Museu Nacional, onde várias peças, inclusive o conjunto de três múmias provenientes das Cavernas da Babilônia I e II, figuram até a presente data na exposição permanente de arquipélogia brasileira.

A fazenda estava em crise, devido às dívidas deixadas por Mariano Procópio referente à construção do União e Indústria, mas Frederico investiu em seus estudos na Europa, contratou centenas de famílias de imigrantes italianos, ainda antes da abolição da escravidão. Todo esse investimento foi em vão, a fazenda foi hipotecada pelo Banco de Crédito Real mais tarde por causa das dívidas da família.

Frederico Ferreira Lage veio a falecer na sede da fazenda no ano de 1901, quando a propriedade que estava hipotecada foi arrematada pelo dr. Cândido Teixeira Tostes.

Cândido Tostes investiu inicialmente na produção cafeeira, que estava em crise, implantando o sistema de colônias de imigrantes, principalmente italianos, obtendo muito êxito, de forma que nas primeiras décadas do século XX, dr. Cândido, como era chamado por muitos, foi cognominado “O Rei do Café”, quando possuía as maiores fazendas de café da Zona da Mata: São Mateus, Fortaleza de Sant’Anna, Santo Antônio e São Roque.

A família Tostes, que sempre teve e tem grande prestígio junto a política brasileira, recebeu na sede desta fazenda grandes nomes, entre eles, o presidente Getúlio Vargas, os governadores Juscelino Kubitschek e Benedito Valadarez, entre outros políticos regionais, que durante esses anos de história conviveram com essa distinta família.

No dia 16 de março de 2001, um incêndio destruiu totalmente a sede da fazenda, distribuindo assim um dos maiores ícones de sua história.

CAVERNA DA BABILÔNIA

CAVERNA DA BABILÔNIA

ainda uma vasta extensão de terras, com mais de dois mil hectares de terras, também foi anexada a essa propriedade a “Fazenda da Aliança”. A fazenda é cortada pelo rio Novo, pelo rio do Magalhães e diversos ribeirão com belas cachoeiras ao longo da Serra da Babilônia, no entanto, é proibida a entrada não autorizada pelos proprietários.

Atualmente a fazenda possui

Fonte: acervo pessoal de Carlos Henrique, estudos da área (2023).

ANEXO V – A FESTA DE SANT'ANNA, JORNAL O SUL DA MATA – 2002

Sexta-feira, 9 de agosto de 2002

na internet : <http://www.osuldamata.com.br>

Nº 141

4 - O SUL DA MATA® ANO III

Festa de Sant'Anna

Tradição Centenária que Sobrevive a Todas as Dificuldades



Muitos nos perguntam: Por que tanto interesse pela Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna? Realmente pode parecer um interesse um pouco exagerado para quem não conhece aquela comunidade e principalmente para quem não conhece a nossa ligação com ela. Muitas são as razões. Do ponto de vista histórico, Sant'Anna é uma das mais importantes propriedades rurais da Zona da Mata. Do ponto de vista cultural

Essa comemoração foi introduzida na propriedade pela matriarca da família Ferreira Lage, D. Maria José de Sant'Anna, mais tarde Baronesa de Sant'Anna, aproximadamente em 1850. Depois disso, não há relatos na história em que essa festa tenha falhado um só ano. O mais interessante é que toda essa tradição vem passando por verdadeiras "provas de fogo". Não bastasse a tristeza que é

Enfim, a festa aconteceu e foi mais que nunca, emocionante. Entre as festividades, a participação já tradicional da Banda de Música de Golaná, que abrilhantou ainda mais a festa. O próprio sermão do Pe. Theodoro emocionou muita gente. Mesmo relembrando a tragédia de 16 de março, mas falando com muita firmeza, enquanto empunhava a tradicional cruz da procissão, pediu em primeiro lugar que ninguém desista de ver



também não conhecemos outra com tamanho potencial. Sem contar a riqueza natural daquelas mil paisagens e a diversidade social de sua população. Somente para exemplificar. Em 26 de julho, aconteceu naquela fazenda a tradicional "Festa de Sant'Anna". Não somente uma grande celebração religiosa em honra a padroeira da comunidade, mas uma das mais antigas e tradicionais manifestações populares da região. Uma festa que há quase 150 anos reúne aquela comunidade em torno de um objetivo: homenagear a Santa Anna, a padroeira dos avós, por um ano de proteção

para todos passar com a procissão em frente às ruínas da sede, consumidas pelas chamas em março de 2001, a comunidade tem tido muitas dificuldades em manter a festa e a tradição. Os organizadores das comemorações religiosas principalmente, nos últimos dias antes da festa não sabiam se iam poder colocar os andores na procissão, pois os mesmos estavam em péssimo estado de conservação. Entre muitas incertezas e dificuldades, quando alguns já haviam desistido e lamentavam a situação, a questão foi contornada com a doação dos tecidos para a reforma por um dos proprietários.

a sede reconstruída, e ainda que todos rezassem e fizessem o que fosse possível para ver esse sonho concretizado. Que assim seja! Afinal Sant'Anna, não é somente uma grande fazenda, mas um dos maiores patrimônios históricos e culturais da Zona da Mata.

André Colombo
Carlos Henrique Barbosa

Projeto de Resgate Histórico-Cultural da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna

Fotos: André Colombo e Carlos Henrique Barbosa

**ANEXO VI – DECRETO DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011, TRECHO DO DIÁRIO
OFICIAL, Nº 247, SEÇÃO 1 DE 26 DE DEZEMBRO DE 2011**

Nº 247, segunda-feira, 26 de dezembro de 2011	Diário Oficial da União - Seção 1	ISSN 1677-7042	165	
DECRETO DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011				
Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado "Fazenda Fortaleza de Santana", situado nos Municípios de Goianá, Coronel Pacheco, Chácara e São João Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, e dá outras providências.				
A PRESIDENTA DA REPÚBLICA , no uso das atribuições que lhe conferem os arts. 84, inciso IV, e 184 da Constituição, e nos termos dos arts. 2º da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, 18 e 20 da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993,				
D E C R E T A :				
Art. 1º Fica declarado de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado "Fazenda Fortaleza de Santana", com área registrada de quatro mil, seiscentos e oitenta e três hectares e sessenta ares, e área medida de quatro mil, trezentos e vinte e um hectares, trinta e um ares e trinta e três centiares, situado nos Municípios de Goianá, Coronel Pacheco, Chácara e São João Nepomuceno, objeto da Matrícula nº 4.926, fls. 167, Livro 2-X, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Rio Novo, Estado de Minas Gerais (Processo INCRA/SR-06/nº 54170.007010/2009-90).				
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.				

Fonte: Brasil (2011).

ANEXO VII – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “**A GENTE QUER DIZER QUE A GENTE EXISTE: a geografia dos colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant Anna, Goianá–MG, a partir da relação topofílica com o lugar**”. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é “**colaborar com a gama de registros históricos sobre a Fazenda de Sant Anna, mas com o foco nos sujeitos que, ao longo do tempo, manifestaram seus processos de uso e ocupação neste território e, desse modo, manifestaram também a sua história e sua geografia**”. Nesta pesquisa pretendemos “**tentar compreender as mudanças nos exercícios de territorialidade e nos sentidos de lugar dos colonos na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, cidade de Goianá–MG, após a ocupação desse território pelo MST**”.

Caso você concorde em participar, faremos as seguintes atividades com você: **entrevistas para entender seus modos de vida na Fazenda durante a infância e na idade adulta e, também, sua visão, opinião e participação no processo de ocupação da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **constrangimento e revelação da identidade**. O risco de constrangimento se deve em relação a perguntas sobre idade e situações conflituosas envolvendo a ocupação da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna pelo MST. Em caso de constrangimento nesses casos, você poderá encerrar a entrevista a qualquer tempo. Além disso, nenhuma menção pessoal (nome) será realizada na investigação, garantindo-se assim total anonimato. Todas as medidas de confidencialidade e anonimato serão adotadas por parte da equipe de pesquisa, tais como: não menção, em hipótese alguma, dos nomes dos participantes em qualquer documento gerado pelo projeto, com exceção do termo de consentimento livre e esclarecido que exige a assinatura dos participantes da pesquisa; todos os TCLE serão arquivados em local seguro e com acesso controlado nas dependências da UFJF (laboratório de pesquisa sob responsabilidade do pesquisador); os participantes não serão identificados (as) em nenhuma publicação que possa resultar. A pesquisa pode auxiliar a melhor compreender suas experiências e relações socioespaciais na Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, caracterizadoras de seus modos de vida, reforçando assim seus vínculos identitários com o lugar e, ainda, os participantes poderão reconhecer diferentes visões sobre o processo de ocupação da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá nenhuma vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode retroceder ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não trará nenhuma penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não divulgará seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, conforme a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

***Foram disponibilizados aqui os dados pessoais do pesquisador responsável e os dados da Universidade.**

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: _____
Rubrica do pesquisador: _____

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:** CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF/Campus Universitário da UFJF/Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/ CEP: 36036-900/Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br.

Fonte: instrumentos da pesquisa (2024).

**ANEXO VIII – SEQUÊNCIA DE FOTOGRAFIAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA
EM PROFUNDIDADE**

1**MÁQUINA DE GRÃOS**

Fonte: fotografado pela autora (2014).

2**CACHOEIRA DE SANT'ANNA**

Fonte: fotografado pela autora (2023).

3**PEDRA DA BABILÔNIA**

Fonte: fotografado pela autora (2023).

4

IGREJA

Fonte: fotografado pela autora (2023).

5

CASA DA BIGÓ

Fonte: fotografado pela autora (2022).

6

TERREIRO

Fonte: fotografado pela autora (2023).

7 CASA DE MÁQUINAS VISTA DE CIMA

Fonte: fotografado pela autora (2023).

8 PAU D'ÁLHO: CAMINHO DA CACHOEIRA

Fonte: fotografado pela autora (2023).

9 CASA DA CACHOEIRA

Fonte: fotografado pela autora (2023).

10

PORTÃO EXTERNO DA FAZENDA

Fonte: fotografado pela autora (2011).

11

MÁQUINA DE GRÃOS EM RUÍNAS

Fonte: fotografado pela autora (2023).

12

CASARÃO/SOBRADO

Fonte: autor desconhecido (antes de 2001).

13

ENTRADA INTERNA DA FAZENDA



Fonte: Ana Carolina (2023).

14

INTERIOR DA MÁQUINA DE GRÃOS

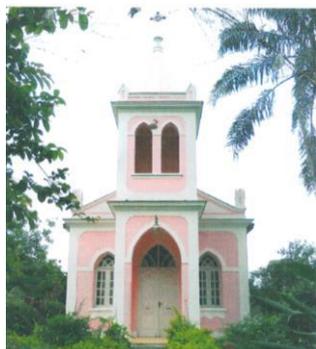


Fonte: fotografado pela autora (2023).

ANEXO IX - O ANTES E O DEPOIS DO CENTRO HISTÓRICO - O LUGAR DE TRISTEZA DOS COLONOS

Lugar de tristeza: o antes (2009) e o depois (2024) dos elementos das paisagens do Centro Histórico da Fortaleza de Sant'Anna

(1) Capela de Sant'Anna



(2) Casa do Administrador



(3) Portão Oeste – portão principal de entrada no Centro Histórico



(4) Baia, estábulo, cocheira



(5) Porta do Escritório



(6) Portão Sudoeste



Este é o Portão Norte, porém, nesse ângulo, o portão Norte (que ainda permanece na paisagem) encontra-se muito parecido com o que foi um dia o portão Sudoeste. Logo foi utilizado para fins de comparação.



Este é o Portão Sudoeste, porém, nesse ângulo, fica muito parecido com o portão Norte (que, ao contrário dele, ainda permanece intacto na paisagem). Percebe-se nessa foto, o que muda nesse lugar de afeto de uma colona.

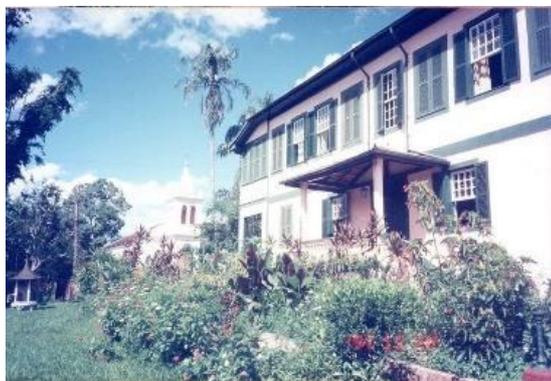
(7) Terreiro 1



(8) Máquina de grãos vista do lado de fora do Centro Histórico



(9) Casa de vivenda: Casarão/Sobrado



(10) Tulha e Máquina de grãos



(11) Garagem



(12) Tulha, vista do Terreiro III



(13) Tanque de café, o sistema hidráulico



Fonte: imagens à esquerda: IPAC (2009); imagens à direita: fotografado pela autora (2024).

**ANEXO X – CARTEIRA DE TRABALHO DATADA E ASSINADA EM 1937 NA
FORTALEZA DE SANT’ANNA – LUIZ PORQUEIRO**



Fonte: acervo pessoal de colonos (2023).

Luís Porqueiro veio da Fazenda São Mateus juntamente com João Tostes no momento da troca das fazendas em 1937, exatamente no período em que a carteira de Luiz é assinada.